

PAULO ROBERTO MICHALISZYN

*Este exemplar corresponde a redação final
da tese defendida pelo Dr. Paulo Roberto
Michaliszyn e aprovada pela Comissão
Julgadora -
Campinas, 14 de dezembro de 1985.*



DA SERRA AO PÉ-DA-SERRA

OU

ESCAVANDO "MEDICINAS"

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Antropologia Social do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

CAMPINAS

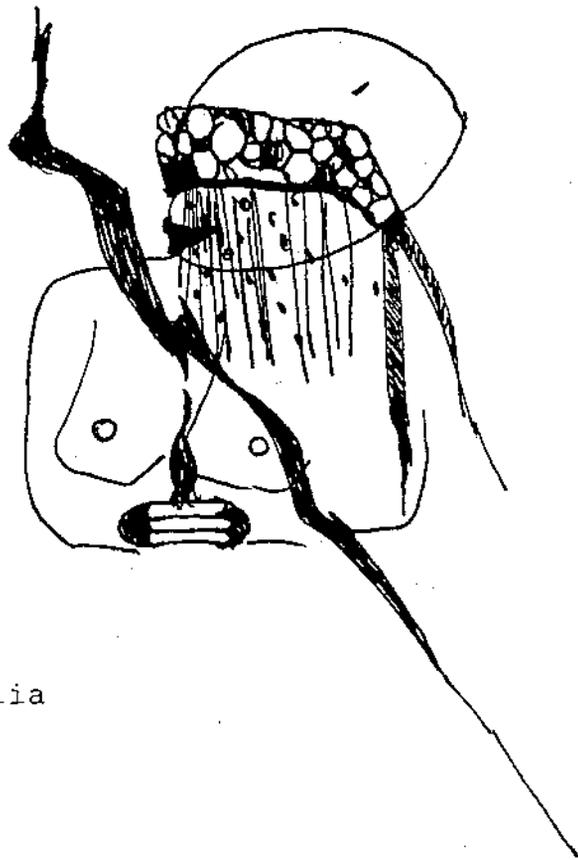
1988

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

M582d

v. 1

ORIENTADOR: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão
CO-ORIENTADOR: Prof^a Maria Sueli Kofes



A meus pais,
Antonio e Eulália

Em memória de minhas avós
Tatiana e Amália

A
IANSĀ



Um estudo sobre o processo histórico da construção de uma "medicina ancestral" de raízes negro-africanas, pelo viés das manifestações operadas pela cultura, num contexto social empírico - Natividade de Goiás -, a partir do relato de um "caso": o de Divina, a louca, "mulher-cabra que endoidou de barriga, em hora de parir".



Oyá

Epa

Ya

Hey



Oyá
Matamba
Yá
Hey



Oyá
Egun
Epa
Hey

Entre silêncios, notas. Inter-calando o romance. No atrás da página, in-verso. No revés da história, casos. Entre-falas. Prosas. Trançando tramas. Traços. Aparentemente, vazios. Tomando formas. Fatos. Tecendo acasos. Cores. E o tempo que se esconde da palavra, escapando ao registro. O que não se disse. Do que não se falou. O que ainda vai ficar por contar. O que apenas se sente. Emoção dizendo muda seu segredo. Alma arrepiada que apreende dos sentidos. O que faz sentido? Do que os olhos viram. Do que as mãos tocaram. Do que, talvez, se tenha calado. Ou do que se deva omitir. Por des-contar, em canto. Fazer de conta que não se passou. Inenarrável a lucidez do sonho. Encantos. E a desenfreada fome da fantasia, insinuando signos sobre a tela branca. Letrando espaços, grafia. Inter-compondo imagens. Re-vertendo aquarelas. Eles e elas. Descompromissando a forma. Sugerindo. Pedindo que, por favor, se entenda como der. Se deu. Se dá. Então, que se deguste a taça. Que se promova o brinde. Que se reconheça cúmplice aquele que, se por acaso viu. Ouviu contar. Que se admita. Apenas por fé se deu. Se dá. Nos interstícios de prosa, o inter-texto.



"VISÃO": OYÁ

Esturra o fogo
Se cuspiendo em labareda

Resvala ao sopro
Chamuscando e gira

Bambeia e chama
Se dançando em vento

Derrete o ferro
Se roçando esguia

Rebela o traço
Bruxuleada em lume

Clareia encanto
Se ardendo ruge

Enleva em lavas
Rebolando o tempo

Da brasa em chispa
Um tição me abrasa

Me incendeia o corpo
Se lambendo inteira

Remexe em dança
Te atiçando mais

É quando o tempo para
Crepitado em canto

E eu vou
Me perdendo todo

Esturra em mim o fogo
Da cuspida labareda

Bambeia a chama
Me dançando vento

Da brasa em chispa
Teu tição me abraça

Me levo em lavas
Re-bolando o tempo

Me sinto tonto
Te lambendo inteira

Me acomodo em cinzas
Te sabendo pedra

É quando o tempo para
Te sentir de novo

AGRADECIMENTOS

Interessa-me, profundamente, explicitar o meu reconhecimento às pessoas com as quais pude privar no curso desta aventura, e das quais, agora, guardo os traços na alma, no coração, na lembrança. De modo especial, agradeço àqueles que me acompanharam, em Natividade, a percorrer caminhos, da serra ao pé da serra, nas tentativas de compreender histórias que as suas pedras contam.

Aos meus orientadores, Professor Carlos Rodrigues Brandão e Professora Maria Sueli Kofes, sou grato pelo acompanhamento que me deram e que se traduz, para além da orientação formal, em atitudes de presença cuja tônica de interesse pessoal de amizade, permitiram que a forma final do meu texto não desfigurasse a imagem do objeto que me levou à pesquisa, e no qual eu próprio me reconheço.

A eles, a nós, a dádiva da amizade.

SUMÁRIO

<u>PREFÁCIO</u>	xv
<u>PRÓLOGO À INTRODUÇÃO</u>	1
<u>INTRODUÇÃO</u>	9
A PRÁXIS DE UM CADERNO	45
<u>ROLANDO DADOS: A MONTANTE AS FONTES A JUZANTE OS FATOS</u> ...	49
OURO E GADO, QUILATES E ARROBAS: AS SEMPRE PEPITAS	83
<u>DA ETNOGRAFIA, ESSA LEITURA - ÉTICAS: SOBRE NATIVIDADE,</u>	110
<u>ÊMICAS: EM NATIVIDADE</u>	110
A "MALA", REGISTRO E FONTE	114
A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS (MÉDICOS) NO CAMPO DA PESQUISA .	150
COSTURANDO PROVISÓRIOS OU BUSCANDO SÍNTESES: O EMPÍRICO.	
QUE É A "MALA"	167
<u>ETNOGRAFIA</u>	171
ABORDANDO ESSAS "PRAIAS"	177
A "RUA", A SERRA	190
GIRA A ROSA TONTA DESTES VENTOS	195
VAQUEIRÍCIA	238
VAQUEIRAGEM	256
O ESPAÇO DOMÉSTICO: TEMPO DE MULHER?	291
ETNOCARTOGRAFIA: MAPEANDO "RUÍNAS"	304
UM TEMPO ANCESTRAL	310
OS EQUIPAMENTOS MÍSTICOS: "ESTILHAÇOS"	327
DIVAGANDO TRAÇOS: NATIVIDADE NA CARA DA GENTE	337
É QUASE HORA DE DESCER	349
<u>PÓST-FACTIO: CABRAS</u>	355
À GUISA DE ARREMATE	362

PREFÁCIO

A pertinência em observar, inicialmente, alguns aspectos particulares que caracterizam o percurso deste texto, prende-se ao desejo de "mapear" a sua leitura, no sentido de possibilitar ao leitor melhor apreensão das idéias que estou querendo comunicar, repassando-lhe, para tanto, algumas "pistas" com que sinalizar aproximações. Orientações de "cruzeiro". Norte.

A opção pela estética literária, por exemplo, com que o texto conforma a sua retórica, funda-se na inspiração de imagens poéticas que se interpuseram entre o meu olhar e o seu objeto, mesclando-se à visão das minhas próprias vivências, enquanto o perseguia, nas várias etapas da pesquisa, seja em campo, seja afastado dele. Vale, então, ressaltar, aqui, a minha escolha de com elas compor, forma que prevaleceu na construção de um texto etnográfico em movimento, como que inacabado, ou como que à espera de mais um toque, de um novo buril.

Assim, esta composição de prosas aparentemente esparsas, dispersas, se interconectam, afinal, por um mesmo fio que as conduz: o olhar que as escolheu, garimpando-as, todas, na pedra bruta que fui escavando, e que enveredou pelo filão dos meus próprios registros. Nele se fragmentam memórias. Misturam-se impressões, cruzando sentimentos que incitam, a cada passo, novas investidas. E o movimento do arquivo, a cada nova abordagem, desvela brancas entrelinhas em que um "continuum" é, a meu ver, evidente: a trajetória dos meus olhares, na relação com o objeto que as anotações de campo conformam, é, também, a trajetória das minhas próprias vivências.

Desta maneira me parece compreensível, então, que, quando a sucessão de imagens e de emoções capazes de provocar o

cinzel no traço de uma composição com cuja forma final nem sempre conseguimos atinar, nos escapam, por assim dizer, dos sítios recônditos de um inventário que é, igualmente, biográfico e etnográfico, que possamos, enfim, ser surpreendidos pelas cores inesperadas de um produto híbrido, em que a etnografia do objeto, por alguns momentos, se confunde com a biografia do pesquisador. Ou seja: um texto cúmplice da paixão motivadora da inspiração literária, que não se acomoda nos limites de um arquivo de campo apertado, insuficiente para abrigar este olhar buscando entre-olhares - o do pesquisador e o da pesquisa -, será reflexo dessa mistura. Nem tanto etnográfico, nem tanto biográfico.

RASTREANDO APROXIMAÇÕES

Meu estudo se baseia numa tentativa de espriar o olhar da Clínica para além do seu objeto apenas aparente - o corpo (de uma mulher) - escandindo a sua leitura para além do diagnóstico da sua "doença". Os avanços da aproximação do leitor ao texto, então, deverão levar em conta a proposta implícita nos interstícios das suas falas, de que se vasculhem dados que, afinal, reunidos, poderão levar à compreensão de um "caso" - mantido às escuras, pelas margens -, que, se fosse a medicina a fazê-lo, tomaria rumos outros, diferentes da escolha sugerida pelo olhar da antropologia, para quem a etnografia é fundamento e base.

Assim, pois, fica desde já explicada a variação quanto à natureza e à forma dos dados arrebanhados em campo (e re-tomados, posteriormente, à memória do arquivo), e que aparecem, agora, espalhados na densidade do texto,

comparativamente àqueles que comparecem, obrigatoriamente, nas histórias clínicas.

Se, portanto, falo de Natividade, e se o faço a partir de lembranças às quais me misturo, entre memórias e registros, também é certo que, das margens, o texto será sempre cruzado pelos olhares desta mulher, - nativitana - de quem busco compreender a identidade, a existência, ainda que a densidade das linhas - as minhas falas - possam parecer encobrir a densidade do seu silêncio. É assim que, com ela, o texto dialoga. Entre falas. entre notas.

O PER-CURSO

Num primeiro capítulo procuro reunir dados sobre a história da cidade, possibilitando que se abram cunhas à compreensão da vida da sua gente, através de tempos que se cruzam, diacrônicamente, misturando espaços, tornando possível, enfim, a transgressão da linearidade que marcaria o desenrolar da mesma história, se no texto predominasse a "intenção" clínica de que também se mescla o meu olhar. Assim, a atualidade da vida desta mulher - "cabra" -, que espia margens que o texto espia, tem a textura urdida no presente, desde o passado, e vice-versa, conforme se verá. Impossível compreender-lhe a "clínica" sem se levar em conta as histórias e os mitos presentes que no seu lugar (etnográfico), há tanto se dizem.

Num segundo capítulo procuro revelar as ambiguidades que a escolha da etnografia comportam quando se pretende, conforme já disse, escandir o olhar da clínica com a visão antropológica. Nesta etapa, então, o primeiro momento traz à

cena a representação de papéis por vezes conflitivos, assumidos pelo pesquisador, como imperativos da pesquisa que se ajeita a partir de identidades assim conferidas, quando o cenário é o "set" da consulta médica. Basicamente, então, procuro girar o caleidoscópio das reflexões em torno da questão da "pertença", alternando espaços através dos quais o texto compõe falas: desde as dificuldades sentidas na apreensão do objeto contido nos registros, já distante das situações experimentadas em campo - quando a interlocução se faz entre os pesquisador e o seu arquivo -, até a vivência empírica da pesquisa quando, de modo especial, o espaço do consultório se abre à exposição do conflito que o estabelecimento de papéis (médico, paciente, pesquisador, pesquisado), engendra, cunhando identidades, marcando diferenças.

Num terceiro capítulo busquei captar instantâneos da vida em Natividade, escolhendo a forma descritiva de uma incursão por lugares que me pareceram marcantes à compreensão da sua vida e da vida da sua gente. Reflexões e andanças, captando imagens, observando. Trata-se, pois, de um percurso, da serra ao pé-da-serra, na simultaneidade de uma coleta de dados que a observação me permite, e de sucessivas leituras desses mesmos dados, re-arranjados sucessivamente, em repetidos jogos sobre um mesmo tabuleiro. Entre-olhares cúmplices me olhando das margens, vou tentando compor um quadro. Nem tanto clínico. Nem tanto etnográfico. Pinçando sombras de arquivo.

Finalmente, acrescento um "pos-factio", à guisa de arremate, para afirmar a identidade "cabra", cujo entendimento só é possível neste entrecruzamento do diagnóstico médico e da compreensão antropológica.

PRÓLOGO À INTRODUÇÃO

PRÓLOGO À INTRODUÇÃO

Expor um texto à leitura, é como se colocar na iminência de uma conversa. E não é raro que se pressinta uma boa conversa. É como me sinto agora. Sobretudo porque sei da emoção que se mistura ao tema com que me coloco neste limiar da comunicação. Penso que a possibilidade que, desta forma, se abre para o diálogo, é a responsável pelo desejo de dar voltas pelo assunto. De estimular a curiosidade. De aguçar o espírito. De criar um clima propício para o encontro. De provocar esse ardor de imagens que estimula o mais querer contar, quando se percebe no outro o mais querer saber. É bem assim que quase que se impõe, neste umbral, a necessidade de um preâmbulo. Como que uma garantia de continuidade. Como que uma certeza prévia de envolvimento, pela mesma emoção, de dois possíveis parceiros de uma possível conversa.

Eu me sinto tentado a um necessário prólogo. Um prólogo à Introdução. E vou me reportar, para tanto, à metáfora de que se utilizam as Ciências Sociais, quando qualificam de "atores sociais", os sujeitos de uma Sociedade. Quero me valer, então, do recurso desta imagem. A do teatro.

No momento de se iniciar um espetáculo, segundo agora me ocorre, o teatro se põe às escuras. Pano fechado. A luz cambiante da sala faz, primeiro, a penumbra. Esmacece. Vai absorvendo a luz. Sorvendo as cores. Difunde o silêncio. Estaca. Neutraliza. Faz cessar o movimento. Apaga figuras. Em laivos somem formas. Borram-se os limites. Desmancham-se os

contornos. Confundem-se os volumes. A nódoa escura desmancha o traço. Mistura. Deslustra. Obscurece. Quase extingue. E, quando, enfim, o pano se abre, o "spot" luminoso, retilíneo, firme, toca o palco, incidindo sobre ele um primeiro golpe da luz que, no procênio se espraia. Vão se re-velando formas. É o des-velar da ação que, na escuridão do palco, se continua. Aquela que, agora, no palco se ilumina.

A platéia parece ter submergido no breu que cobriu a sala, quando já se descortinam, ainda estáticas, as primeiríssimas cenas do espetáculo que é prestes. Logo aparecerão os atores, até aqui embrenhados no labirinto de coxias e de bastidores. A platéia atenta espreita, na expectativa das emoções que, presume, se aproximam.

O preâmbulo à primeira cena, então, nesta metáfora que me auxilia, é aquele instante da luz em que a platéia esmaece, no desmaio das suas cores, e em que o palco se pronuncia, na profusão do seu brilho.

No teatro grego, o espetáculo ideal é aquele que consegue apagar as marcas que sinalizam fronteiras entre os papéis de quem assiste, passivo, e de quem representa, ativo. Aquele que confunde atores, no meio da platéia, com assistência, no meio do palco. Ao ponto da imprecisão de quem é quem, esta forma clássica de comunicar, que é o teatro, mistura sujeitos no drama que os cruza.

No teatro moderno, a ação se acrescenta. Na mistura de formas, de volumes, de luzes, de sons e cores, somam-se recursos tecnológicos surpreendentes, nesse artesanar do gesto e da fala com que homens e mulheres, no esforço da comunicação, redizem falas do real, reeditado por seus símbolos.

Mas eu não sou teatrólogo. Tampouco tenho a pretensão da crítica. Não estou qualificado, pela experiência ou pela vivência, a me por a falar de teatro. Como já disse, pretendi a

metáfora de uma sala às escuras, e de um palco em que atores se movimentam. Pretendi me estimular por imagens de uma ação que me pareceu facilitadora, na tentativa de cruzar o umbral desta comunicação, em que me cabe apresentar um outro contexto de realidade, que não a do palco e da platéia, e mostrar a ação de outros atores: "atores sociais" num contexto social empírico.

Retomando, então, o limiar desta "prosa" construída em torno das imagens de um teatro às vésperas da elaboração de um "discurso dramático", fico pensando nas formas possíveis de participação da platéia, à qual eu próprio me misturo. Gosto de teatro. E me empolgo quando a troca entre a platéia e atores, chega ao clímax da mútua ovação. Vivi poucas vezes esta emoção. Mas vivi. Posso, então, seguramente, me apoiar nela, ao me interrogar quanto ao possível entrecruzamento de possíveis falas, o seu confronto, a demarcação das suas diferenças: as falas que, do palco, se percebem na platéia, e as falas que, da platéia, se percebem no palco. E me chamam a atenção, agora, os mecanismos de que ambas se valem, na elaboração dos seus discursos: o discurso do palco, e o discurso da platéia. Mas é, no entanto, no processo desta última que eu gostaria de centrar mais o foco da metáfora. Penso nas estratégias e nas sutilezas da produção do conhecimento que lhe é próprio, sobre o conjunto da obra do espetáculo, do qual ela, na singularidade do seu "papel de assistência", desempenha e participa. Imagino o intrincado fluxo de emoções a se comporem, no processo desta elaboração: qual é enfim a "produção" da platéia? As imagens que me estimulam, falam de um "apagado" percurso de cochichos, entre-olhares, de olhares, de toques discretos de ansiosos cotovelos e de nervosas pontas de pés; dizem da pontuação de suspiros, da concentração de atenções, deslocando focos, centrando, ora aqui, ora ali; me lembram as apertadas e fumacentas trocas de comentários, nas ante-salas e no saguão;

e tudo isso me parece culminar num "provável produto final": a síntese que o crítico organiza e apresenta, envolvendo, assim, o grande "público", neste processo de comunicação que a luz cambiante parece ter iniciado, introduzindo, primeiro, a penumbra, e a escuridão, depois.

Retrocedendo, agora, no jogo destas imagens, com maior atenção, percebe-se que, quando no teatro às escuras apenas no palco iluminado parecia haver movimento - o dos atores em ação -, a platéia silenciosa, aparentemente calada, também ela desenrolava a ação, representando o seu papel, no circuito das trocas de uma mesma emoção: a emoção do drama. Os atores sabem disso. Percebem. Pressentem. E é assim que, também eles, quando representam, assistem, misturando-se à platéia que, com eles se mistura. Quando, ao final, deixam, enfim, que o caudal da emoção em conjunto construída tenha vazão no aplauso, é o clímax da comunicação. A ovação da apoteóse é o gozo de ambos. Esse, sem dúvida, um produto que é de ambos.

Entretanto, gostaria de levar na conta das reflexões que faço, no paralelo da ação teatral com a ação social, alguns aspectos que me parecem relevantes. O primeiro deles: na vigência de um roteiro que obedece a um plano de direção, em se falando das nuances de claro e escuro que destacam as ações do palco, e em contrapartida obscurecem as ações da platéia, é preciso considerar que a iluminação não se deu ao acaso. A luz que incidiu sobre o palco, bem como a penumbra que se espalhou sobre a platéia, também elas foram dirigidas. A ação do iluminador, ao dirigir os refletores, compondo aquarelas de formas e movimentos, não foi independente. Não procedeu a uma "escolha" de gestos a serem clareados e de outros a serem escurecidos, de maneira isolada e autônoma com relação à determinação prévia da direção. Havia uma norma, ditada na composição do espetáculo, que dirigia, inclusive, o mergulho da

platéia na sua apenas aparente "passividade" de expectadora, alvo final da produção. E como seria se o facho de luz tivesse incidido, por exemplo, sobre um expectador emocionado, seja pelo entusiasmo, seja pelo desdém, pela frieza? Como seria uma contundente vaia, iluminada em cores de ovação? E, se da mais anônima das penumbras, o "spot" arrancasse indiscreto as sombras sorrateiras de algum descontente a se retirar da sala, sem o protesto que só à luz é evidente? Como se diria esta "cena"? Seria assim mesmo admitida como uma das possíveis falas, entre as tantas falas "possíveis" sobre o mesmo espetáculo? Teria legitimidade? Estaria presente, com a mesma fidelidade do gesto ao anonimato da escuridão, caso a produção da crítica, porventura ousasse trazê-lo à "luz" da opinião pública?

Talvez não introduza nada de novo ao dizer que os chamados "atores sociais" não são os únicos agentes de construção no processo de elaboração das "representações" sociais. Seguramente não vai aí nenhuma novidade. Minha intenção neste prólogo, no entanto, é a de chamar a atenção para a possibilidade da existência de mecanismos de produção discursiva, e para modalidades de elaboração de determinados conhecimentos, que se processam por agências e por agentes distantes das classificações usuais dos marcos teóricos convencionais da pesquisa social. Também existe uma "platéia" neste "espetáculo". Às escuras. Ou em diferentes graus de penumbra. Mas cuja distância do facho que ilumina, por si mesma já se constitui em fala. Mesmo se calada. Mesmo se inaudível. Ainda que disforme. Aquém do comum. Para fora do senso. Fala. Talvez além da crítica. Será preciso, no entanto, que se leia. Quem sabe, feito corujas que, notívagas, perscrutam formas na escuridão, vasculhando a noite.

Suponho que se possa estabelecer uma analogia, ou quem

sabe canais de vazão para possíveis metáforas, que nos coloquem nos umbrais de uma reflexão sobre o processo de produção do conhecimento chamado científico, em contrapartida ao processo de produção de "outros" conhecimentos que não gozam da legitimidade conferida pela Ciência, porque não se encontram em consonância com os seus cânones referenciais.

Não sei até que ponto a crítica "oficial" de teatro leva em conta o "conhecimento" da platéia. Aquela que permanece às escuras. Por isso achei interessante este recurso "metafórico". A gente fica mais livre, quando se segue o curso de uma imagem que aflora. Não me parece inconveniente, mesmo quando não se "entende" de teatro, falar de um espetáculo pelo avesso. Ausência de luz não significa falta de brilho. Por isso um necessário prólogo. É que, muitas vezes, uma boa conversa não dá sem preâmbulos...

Aos que vão permanecer calados, tendo participado da ousadia de compor um texto cujas falas são fruto do diálogo que nos é comum, -a mim e a eles,- a esperança de que o atrevimento da escrita possa contribuir na construção da nossa utopia: a de acreditar que sempre será possível mais um verso, uma outra poesia.

Aos "cabras" e às "cabras", estejam onde quer que sejam.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, as sociedades vêm reconstruindo as suas concepções formais acerca dos processos patológicos. A História da Medicina mostra, assim, que a construção dos discursos sobre a "doença", tem variado na mesma intensidade das variações que "acometem" as formações sociais em geral. E, de tal forma que, no dizer de FOUCAULT, "estamos historicamente consagrados à história, à paciente construção de discursos sobre discursos, à tarefa de ouvir o que já foi dito".¹

Assim, na dependência direta do giro sobre o caleidoscópio da história, que altera espaços e formas na inversão dos tempos, nem sempre os homens disseram, em diferentes lugares, as mesmas coisas sobre acontecimentos "patológicos", em muitos casos semelhantes entre si.

A sistematização dos conhecimentos acerca da vida e das suas múltiplas possibilidades, no caso específico da vida humana, obedece os mesmos padrões de natureza política e ideológica que orienta a organização das tensões, o arranjo das forças, o reequilíbrio das pressões, o achatamento das diferenças que gravitam em torno do campo em que o PODER concentra, em redor de si, os códigos a partir dos quais será mantida, perpetuada e reproduzida a configuração social que é conveniente, adequada e viável ao "seu" projeto. A medicina não fica imune ao campo gravitacional da história.

Retomo, pois, por paráfrase do texto, a metáfora do meu preâmbulo: essa "luz diáfana", que torna translúcido no brilho

do palco, qualquer que seja o opaco, de quaisquer que sejam os corpos em cena, que desnuda atores, que percorre e cruza a extensão do proscênio, desvelando até mesmo meandros de coxia, flagrando intimidades da ação escondida, na espreita da ação exposta, em exercício; este espectro que vaga no cenário, apreendendo gestos, destacando, esmaecendo, dando profundidade e ênfase; essa barra de luz que arranca da penumbra a imprecisão da forma, tornando definidos os seus contornos; enfim, essa claridade surgida do alto, onipresente sobre a ação escolhida, que ora se difunde e se espraia, que ora se concentra e se afila em facho contundente, agudo indiscreto, é o mesmo que ilumina e tráz à luz, o "mis-en-scène" dos agentes produtores da fala oficial sobre a "doença" dos homens através dos tempos.

O poder se emiscui nas falas que se somam, não por obra do acaso, no processo de elaboração dos discursos sobre a "doença", em cada uma das etapas do processo histórico. As formas viáveis à produção de conhecimentos "adequados", certamente resultam deste verdadeiro campo de forças, desse lugar de tensões, dessa área de pressão que controla o ritmo das pulsações sociais, onde quer que elas se dêem.

A re-edição, por marcos teóricos que se sucedem, das diferentes concepções acerca dos "processos patológicos" que marcam a história da "doença humana", e que são trazidos, não por obra do acaso, à legitimidade do "conhecimento oficial", por chamadas deste mesmo poder, é, portanto, sujeita à mesma "iluminação", passível dos mesmos "refletores", pelo mesmo "espectro", quando o cenário em que se movimentam os seus atores, é aquele da vida social.

Segundo FOUCAULT, o primeiro momento da Clínica é o primeiro instante do olhar.² A Medicina nasce, assim, desta primeira apreensão da imagem. Nasce do ver. Mas e o que dizer das "escolhas" deste olhar? Mesmo as do primeiro? Em "O Nascimento

da Clínica", aquele autor se refere à relativização histórica possível desse "direcionamento" do olhar da medicina sobre o seu objeto. Ele interroga: "Quem pode assegurar-nos que um médico do século XVIII não via o que via, mas bastaram algumas dezenas de anos para que as figuras fantásticas se dissipassem, e que o espaço liberto permitisse chegar aos olhos o contorno nítido das coisas?" Resta, ainda assim, o problema da "escolha" deste olhar. Permanece a questão de seu direcionamento. E, por fim, mantém-se relativa ao tempo esta "nitidez" de contornos que o olhar dirigido da medicina apreende, de algumas coisas e não de outras. Mais adiante, no mesmo texto, FOUCAULT, referindo-se à ação do olhar que perscruta, percorrendo formas e volumes, condiciona o ato (médico) de VER, à obrigatoriedade do concurso da luz, "anterior a todo olhar", como elemento da idealidade", ou como "o indeterminável lugar de origem em que as coisas eram adequadas à sua essência". E ele continua afirmando que, "atingida a sua perfeição, o ato de ver se reabsorvia na figura sem curva, nem duração, da luz".

A apreensão de "alguns" contornos da vida humana que a medicina vem fazendo através dos tempos, e a sistematização dos conhecimentos que esta apreensão permite, possibilita, também, que, ao longo do desenvolvimento histórico, as sociedades possam ser lidas através da leitura das suas "medicinas". Assim, quando o discurso médico se elabora em torno da "doença", ele também está se elaborando em torno de aspectos especiais da vida humana. Desta forma, a meu ver, fica igualmente possível que as "medicinas", historicamente, possam ser lidas através do exame das suas "doenças", ou seja, a partir das "escolhas" que o "olhar médico" faz. Escolha determinada pela mesma intemporal "luz" que, por fim, "absorve" os seus produtos.

Os homens sempre adoeceram. A "doença", então, também poderia ser entendida como um acontecimento corriqueiro da vida. Como um corolário da multiplicidade das suas inter-relações, e não como fato episódico, sem contexto. Poderia ser dita de modo a inscrevê-la na complexa trama da vida, que estes mesmos homens vão construindo de dentro para fora de si mesmos, com outros homens e com o meio que os cerca. Os homens sempre se deram conta dos sobressaltos que a variedade dessas relações coloca. Mas nem sempre deverão ter chamado isso de "doença". Ou, pelo menos, nem sempre deverão ter falado de modos semelhantes, utilizando-se dos mesmos códigos, atribuindo igual "nitidez de contornos", quando se referiram a este aspecto particular do sofrimento, que é fruto do inter-agir de múltiplos fatores.

Pode-se até afirmar que, ao longo de cada uma das diferentes fases da vida humana, nos seus mais variados contextos, seja em grupos, seja em sociedades, da mais simples às mais complexas, o conhecimento acerca desses percalços de interação, como se poderia falar da "doença", também tem sido estruturado no bojo de processos que o poder engendra. Da mesma forma como interfere na produção discursiva em geral, também sobre este conhecimento específico ele vem jogando a gama multicolorida do seu espectro "luminoso".

Quando se afirma, então, como CASTIGLIONE,³ ser a doença tão antiga quanto os homens, e que com ela as sociedades sempre se relacionaram - e não sem conflitos -, pode-se remeter a reflexão sobre o processo destas relações à idéia de que, da mesma forma, a antiguidade do poder e das conseqüentes alterações que ele provoca na vida dos homens, tem estado sempre presente nos desdobramentos desta história: a história natural da doença acompanha, pois, a história das sociedades, de quem o poder é contemporâneo, porque contemporâneo do homem, como a "doença".

FOUCAULT, no entanto, nos alerta quanto à idéia errônea com que se poderia conceber o poder como se fora uma unidade coesa, um monobloco pétreo e único.⁴ Como se se tratasse de um singular indivisível. Aquele autor ajuda-nos a construir a idéia de microesferas de microuniversos interconectados por elos muitas vezes inaparentes, invisíveis, e nos fala de "micro-poderes": como um fecho espectral - para manter minha analogia - em que a gama de cores funde tons infinitos, do "vermelho" ao "verde", passando pelo aparente "incolor"...

O poder se difunde, pois, em microesferas de dominação, repetindo a criação de idênticos campos de força - como se um estranho código genético o perpetuasse -, neles repetindo os mesmos padrões desta dominação: as microesferas das relações familiares, do par conjugal, das minorias raciais, religiosas, sexuais, culturais, etcétera, são exemplos. Também nelas a "doença" é expressada pelas microimagens das suas manifestações: o que se diz dos chamados "grupos de risco" pode ser um exemplo.

A Antiguidade da "doença" a que CASTIGLIONE se refere, é a mesma que FOUCAULT nos descortina ao olhar: espirais em giro em torno de um alucinado ponto. Onde localizar um centro?

Pressupondo, além do mais, segundo já disse, que cada uma das cores do espectro é o resultado de um amalgamar intenso de nuances e de tons, não é demais ressaltar a idéia de que a cor fundamental exibida, afinal, no conjunto, - como o seu produto-, é apenas a expressão mais superficial e aparente deste intenso processo de misturas. Para FOUCAULT, segundo a idéia que este autor nos comunica, o poder é esse aparente equilíbrio tenso das mais variadas forças que, sob a sua intimidade esconde, na subjacência dos seus processos. Penso que bem assim também é a "doença", esta contemporânea do homem.

Retomando a escuridão da sala em que se abre o palco, percebe-se, agora, que o fecho insiste em escancarar apenas

"algumas" cenas, e não outras. O que justifica esta "eleição"? Como compreender esta "escolha", ainda para além do conhecimento que temos acerca da normatização dada pelo "script" e pela direção? A platéia, no entanto, está indiferente e alheia à orientação do raio de luz sobre o palco inciso. Silente breu a cobre. Contempla o movimento. Capta o gesto. Admira a superfície dos seus contornos. Decifra as falas e se emociona. Tenta melhor compreender e se identifica. Por vezes se projeta sobre o palco em sentimentos. Ama e odeia. E, em meio à escuridão envolvente, os espectadores vão armando, aos poucos, - calados - o seu "saber-a-cena". Quando, ao final do espetáculo a luz já se faz sobre a platéia, comenta-se, trocam-se impressões, aprimora-se o entendimento acerca do que se viu, do que se viveu, do que se experimentou, enquanto a movimentação dramática manteve a todos atentos. Assim, o conjunto das formas, das falas, dos gestos, enfim, da ação sobre a qual incidiu o facho, permitem que estes "conhecimentos" espontaneamente se armem, se estruturem. A comunicação inicial, provocada a partir da ação dos atores, dos cenários, dos efeitos, foi suficiente para instaurar processos dinâmicos de conhecimento que envolvem, agora, outros sujeitos: a platéia, anteriormente às escuras.

Mas e que dizer das formas cambiantes, as que permaneceram na penumbra? E dos vacilos do ator, prestes a zarpar da coxia, singrando inseguro a cena? E os cochichos na platéia? E das mãos crispadas na tensão do "ex-pectare"?* Enfim: e que dizer da infinita variedade de falas e de gestos que ficaram anônimos, mergulhados no breu da escuridão e do

*Expectar: o termo tem, na origem latina um radical "pectore" - peito -, precedido de um prefixo "ex". Assim, ex-pectare: para fora do peito.

silêncio, pelas margens da ação sobre o palco iluminado?

Nem todo o sofrimento humano, repito, tem sido classificado nas catalogações que se seguiram ao longo da história da medicina com o rótulo de "doença". E, mesmo assim, no compasso de mudanças igualmente históricas que marcam as alterações, às vezes profundas, sobre o conhecimento "oficial" a respeito das coisas da vida, dos homens e das sociedades, estas "doenças" vêm sendo ditas de acordo e de modo coerente com cada um destes "momentos da vida". Ora incidindo sobre elas o tom "verde" do mesmo facho que, em seguida, "vermelha" as formas do seu contorno.

Portanto, primeiro: os fenômenos (não apenas do corpo, mas da vida), que se "elegem" para que, no seu conjunto, venham a identificar o que é a "doença", são historicamente determinados; ou seja, esta "eleição" não se faz aleatoriamente, como não é aleatória ou circunstancial a incidência do "spot" sobre o ator que caminha do fundo do palco em direção ao primeiro plano da cena, e não sobre o expectador que assiste; segundo: o que se diz destes fenômenos, ou o que se vem dizendo destas mesmas "doenças", também varia segundo os tempos (históricos), de acordo com os lugares (históricos), e depende das circunstâncias (históricas). E, de tal forma, que se pode verificar - a exemplo do que aconteceu com alguns santos católicos expurgados da honraria dos altares, como se nunca tivessem existido -, que algumas dessas "doenças" possam, por estas mesmas razões (históricas), vir a desaparecer, - como acontece - dos códigos de classificação dos fenômenos patológicos ...

A MEDICINA XAMÂNICA E A "DOENÇA"

A prática dos xamãs, que consiste em se "aspirar" a "doença", - melhor seria dizer o "mal" - para fora do corpo dos pacientes mediante intervenção ritual médico-mágica, ou mágico-clínica, torna evidente a explicação causal que as culturas em que a prática xamanística se desenvolve, operam, por intermédio destes seus agentes (médico-mágicos), quando interpretam algumas das situações de sofrimento humano.

Nesta explicitação de causas, eles cruzam diferentes facetas de diferentes planos de vivência que são possíveis para os sujeitos envolvidos no "processo de doença". São estes planos de vivência que os cruzam - "sujeitos médicos" e "sujeitos pacientes" -, mediados pela cultura, pela religião; são estes diferentes mundos referenciais e simbólicos que se tangenciam no momento do encontro de ambos; são estas possibilidades marcadas, tanto no "plano mágico" quanto no "plano médico", que permitem ao xamanismo a sua perpetuação, garantida a sua "eficácia simbólica".⁵ O xamã, pelo conhecimento que reúne em torno de si sobre a totalidade do seu paciente e do seu mundo - mundo ao qual ele próprio pertence - é capaz de mobilizar, a partir das manifestações externas do "processo patológico", as forças necessárias para atuarem internamente, removendo-lhe as causas mais profundas. Assim, os seus "procedimentos terapêuticos" não são e nem podem ser estranhos aos seus "pacientes", uma vez que a cura é sempre encarada como reposição de uma ordem que é familiar aos sujeitos do seu grupo, e não apenas na esfera do biológico, mas do social, do religioso, do cultural. A "medicina xamanística", então, pela prática dos seus agentes, é profundamente enraizada

no contexto que lhe dá origem, e que a torna perfeitamente compreensível e clara, mesmo se o xamã, por "acordo grupal", por assim dizer, conserva em seu poder os segredos dos seus ofícios.

E o mito, desenvolvendo-se no corpo interior deverá conservar a mesma vivacidade, o mesmo caráter de experiência vivida à qual, graças ao estado patológico e a uma técnica obsidante apropriada, o xamã terá imposto as condições.⁶

Para o xamã, é bem possível que um quadro compatível com uma infecção viral, seja facilmente identificado e rapidamente correlacionado ao desequilíbrio provocado não por um vírus, que ele ignora, mas por uma outra qualidade de "agentes": a etiologia xamânica será capaz de detectar "espíritos purulentos" que se emplastam facilmente em mucosas descoradas - "carne sem vida" -, e eles os aspiram. E os removem. E os apresentam aos seus "pacientes", repassando-lhes as causas pelas quais aquele espírito estava ali, a incomodar o doente. E eles ficam curados. E o que poderia ser entre nós um vírus cuja cepa desconhecemos, ficando-nos imprevisíveis os prognósticos, são, no entanto, - neste exemplo - removidos e eliminados com procedimentos rituais garantidos pelas tradições do grupo.

O que será a "doença" nestes casos? De que forma ela será socialmente percebida? Como será "experimentada"? E a sua manipulação pelos interesses do grupo? Quais as suas "serventias"? E quais os "inconvenientes" que, dela decorrendo, colocam a necessidade de intervenção de um agente social específico? De que forma se organizam os diferentes conhecimentos possíveis sobre esta "doença"?

As "medicinas empíricas", "mágico-empíricas" da classificação de Castiglione, subordinam a "doença" à obrigatoriedade de uma relação causal, localizando a etiologia, geralmente, num lugar possível de acesso e passível de remoção. A "doença" se manifesta, é perceptível, se externa, deixa-se ver. Esta causalidade, no entanto, vai se deparar nas fronteiras mágicas do sobrenatural, ao esbarrar num complexo de etiologias localizadas nos domínios sagrados das forças elementais: os fenômenos naturais são divinos e, quando a causa do mal neles reside, é preciso removê-la mediante procedimentos da mesma "natureza". A medicina xamânica encontra-se entre as medicinas "mágicas" ou "mágico-empíricas" da classificação de Castiglione. Os seus procedimentos terapêuticos, fundamentalmente "empíricos", são suficientes para garantir a remoção da "causa aparente" com que a "doença" se manifesta, por um lado, e, por outro, a intervenção do xamã, na medida em que a sua prática veicula o simbólico, dizendo a "doença" pelas suas vias míticas, também operam no sentido de manipular o acontecimento patológico, servindo-se dele, por assim dizer, para repor, através da intervenção sobre o "paciente" e sobre o seu corpo, as explicações mágicas em torno das quais o corpo (social) se organiza e se mantém. Assim compreendida, a "doença" poderá ser vista, através da medicina xamânica, como um acontecimento não apenas biológico, e nem apenas social, mas igualmente político.

Reflexões assim tecidas em torno da prática médica dos xamãs, podem ser transportadas para a análise da medicina em geral que, para FOUCAULT, reveste-se das características de uma "estratégia bio-política",⁷ o que faz com que voltemos sempre a localizá-la, bem como as leituras que ela faz dos fenômenos chamados "patológicos", na vizinhança da análise dos "poderes", e das suas microesferas de dominação e controle.

A MEDICINA, ESSA RELAÇÃO: "RIGOROSAMENTE FALANDO, O PODER NÃO EXISTE; EXISTEM SIM PRÁTICAS E RELAÇÕES DE PODER"⁸

As medicinas têm sido concebidas enquanto estratégias de reposição da ordem, não apenas do corpo. Os seus procedimentos terapêuticos vêm sendo acionados, assim, no sentido de recolocar o objeto da sua intervenção - e o corpo é este objeto - no lugar social que lhe é adequado, para o qual é (socialmente) concebido. É lá que o ato médico deverá ajustá-lo, funcionando como mecanismo de controle. Quando a medicina, então, o recoloca num determinado lugar, repondo-lhe uma determinada ordem e não outra, ela deixa subjacente à sua intervenção normatizadora, um conceito implícito tanto para o corpo quanto para o lugar (social) em que este mesmo corpo deverá ser inserido. A medicina, assim, quando envereda pelo terreno do social, por intermédio do corpo biológico que é o seu objeto, deixa que o ato médico revele, ao ser desvelado, não apenas uma concepção de ordem biológica, mas de ordem social. A medicina, portanto, esconde uma cosmologia: a da sociedade que lhe dá origem.

O fato patológico, desta forma, poderá ser compreendido, então, como ameaça não apenas a uma ordem biológica, mas como iminência ou possibilidade de desordem que extrapolaria os limites do corpo: o discurso médico sobre a "doença", é reflexo do discurso social com que a sociedade diz a sua compreensão da ordem do mundo e da vida. A "doença" é uma "metáfora".⁹

Quando penso na medicina xamânica, localizando as causas das suas "doenças" a nível de forças elementais divinizadas, prescrevendo intervenções mágicas que veiculam verdadeiras mitologias médicas ajustadas à trama das culturas, e intervindo no sentido de reequilibrar o homem com estas forças, de

reajustá-lo a este meio em que a natureza é sagrada, me ocorre olhar para estas práticas sociais dos xamãs pelos conteúdos verdadeiramente ecológicos que elas expressam, entrando o biológico como suporte desta reposição da homeostase do indivíduo com o seu meio natural.

Por este aspecto, que dizer das nossas intervenções terapêuticas?

Penso que, a este respeito, são oportunas as palavras de LÉVI-STRAUSS, na tentativa de se estabelecer uma ponte de análise entre medicinas aparentemente desconectadas mas que, a meu ver, guardam traços comuns nas suas origens, permitindo um contraponto de avaliação das suas eficácias.

Transcrevo:

Não há, pois, razão de duvidar de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no meio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.

Um dos traços que mais caracterizam as práticas médicas em nossa atualidade - mesmo algumas das chamadas "alternativas" - é o da propalada "crise de eficácia e de eficiência" dos serviços de saúde. Penso, assim, que as palavras de LÉVI-STRAUSS acima referidas, conquanto se ajustam às nossas análises em torno das relações da medicina com a sua

"clientela", quase que poderiam ser tomadas ao pé da letra, embora se localizem num contexto tão diverso. Aos serviços médicos e aos seus resultados, - sobretudo quando eles integram as redes públicas de atenção à saúde - a população-alvo tem respondido com um silêncio que semelha a desconfiança e o descrédito.

Lembro-me de uma situação - ao tempo da pesquisa - por mim experimentada enquanto profissional da "doença" e que, por me parecer ilustrativa às reflexões que estou fazendo, pode ser aqui transcrita.

Eu estava em Almas, por ocasião das Folias de Gerais, que rendiam suas bandeiras aos seus imperadores. Uma festa movimentada e bonita apinhava a cidade de gente por todos os cantos. Autos. Violadas. Catiras. Desgarradas. Desafios. E rezas. E coros. E cantos. E cores. Em tudo entusiasmo e festa. Folia impregnando o ar das Almas que acolhia os seus foliões, há quarenta dias andarilhos rompendo "Gerais", de pouso em pouso. Em meio ao clima de festa comendo solta nas rodas, fui chamado para ver um rapaz que havia "endoidado" (sic). Circunstancialmente, mais dois médicos estavam na cidade, entre os festeiros. O delegado - que também passou a integrar o pequeno "cortejo de socorro" colocava disponível o recurso da cadeia, bastante comum e usual nessas "histórias de interior". Fomos encontrar o "louco" na carroceria de uma camionete, todo amarrado em cordas. Esturrava, suando, amordaçado. Uma pequena multidão se acotovelava em torno. Segundo o motorista do veículo, estavam prontos para seguir (Seria para Goiânia? Não me lembro.), quando acharam, enfim, os médicos. Acorreu o primeiro, que não vi, depois U. e eu. Um "laudo" já nos precedia, rabiscado às pressas - letras de médico é sempre assim,

garranchada? - sobre um receituário diagnosticava um "surto", nas poucas palavras do jargão médico, mais o necessário número do CID.¹⁰ Recomendava medicalização fortemente sedativa "para poder seguir viagem". Não parecia haver outro jeito. Ainda que me opusesse veementemente, esta decisão acabaria por prevalecer, não fossem os caminhos pelos quais a loucura em geral envereda, deixando para trás, atônitos, médicos e responsáveis. O fato é que a "camionete-ambulância-furgão-viatura" ou mesmo "carro-de-turma" seguiu. Desapareceu com o "louco" e desfez o seu pequeno cortejo. Todo mundo sumiu para dentro da festa, tão logo o diagnóstico se firmou. Horas depois, numa das "paradas da folia" - ela rodou a noite inteira, espichando a festa na roça, de casa em casa -, reconheci o mesmo rapaz, cantando e brincando como se nada tivesse acontecido. Felizmente, pensei. Mas, intrigado, fui me informar: tinha sido "rezado", me disseram, "andou espiritado, mas alguém varreu ele. Já tá bom".

Anteriormente me referi às "escolhas" procedidas pelo olhar médico à cata dos chamados "fenômenos patológicos", sujeitando-as a determinações históricas com que se poderia flagar nele fagulhas da sua intenção política. Disse, também, que, uma vez procedidas as "escolhas" por este olhar politicamente orientado, de alguns "sinais" e não de outros,

mesmo quando eram idênticos os "sinais de escolha", não eram necessariamente semelhantes os discursos que se construíam a respeito deles, variando as formas de conhecimento sobre uma mesma "doença" em diferentes contextos.

Vale ressaltar, agora, que a transposição dos mesmos fenômenos em uma determinada situação agrupados caprichosamente pela Ciência Médica como constituindo "doença", nem sempre resultaram nos mesmos diagnósticos, variando para diferentes situações. Ou seja: a transposição pura e simples de um determinado elenco de "sinais" e de "sintomas", considerados "patológicos" para uma determinada "cultura médica", num determinado tempo, nem sempre resultaram em "doença" para uma outra cultura - ou para outra forma de expressão de cultura -, e num outro tempo.

Retrospectivas da história das nosologias que afetaram os grupos humanos em diferentes configurações sociais, evidenciam constantes adaptações, por estes grupos, dos sistemas de conhecimento acerca dos "fenômenos patológicos", amarrando-os, nos diferentes contextos, a peculiaridades que podem não se limitar às tradicionais fontes etiológicas dos mananciais em que se abastece de "causas" a pesquisa médica e as suas convenções, através dos tempos. Assim, por exemplo, se uma determinada "doença" não "evoluiu" numa determinada região das culturas humanas, pode não ter sido apenas pelo fato de ela não ter encontrado ali, naquele espaço (físico), as condições normalmente exigidas para a sua "evolução" (fatores de natureza tanto biológica quanto ambiental, social, econômica, etc.). Estou querendo dizer, com isso, que a sua chegada à "região" em que supostamente seria percebida como "doença", - apesar de ter tido o seu diagnóstico seguramente firmado e a sua "evolução" suficientemente avaliada em outro lugar e num outro tempo - poderá ter ocorrido de maneira diversa, mediante códigos

talvez "estranhos", quem sabe se por sua igualmente "estranha" natureza.

O relato que vem a seguir talvez torne mais clara a idéia que estou querendo comunicar.

A exacerbação dos ânimos, iria culminar num movimento armado. No combate à varíola não havia a discussão científica que entravara a ação de Osvaldo Cruz quanto à febre amarela. A vacinação tornara-se uma prática indiscutível. Mas, para a erradicação da moléstia, porque de nada valia a vacinação voluntária, era preciso estabelecer a obrigatoriedade dessa providência e era contra a radicalização que se levantavam os opositores.¹¹

Não resta dúvida que a avaliação histórica dos episódios que culminaram com a Revolta da Vacina, ocorrida no início do século, na cidade do Rio de Janeiro, quando a incipiente Saúde Pública Brasileira, com Osvaldo CRUZ à sua frente, investia na erradicação da varíola, não poderá ser procedida à distância dos determinantes políticos que envolveram tais episódios. No bojo de fortes conjunções de interesses econômicos que marcavam a República, impondo composições e alianças com que se poderia consolidar o poder e a ordem, a varíola deixa limitados espaços da vigilância sanitária para desaguar caudalosa no cenário político e, assim, figurar entre os grandes acontecimentos que marcavam a vida nacional.

A respeito das medidas preventivas decretadas por Campos Salles sob a orientação do jovem médico Osvaldo CRUZ, desde o recém-criado Instituto de Manguinhos, é Rui BARBOSA quem assim se expressa, na ocasião, usando da tribuna no Senado:

A lei da vacina obrigatória é uma lei morta. Assim como o direito veda ao poder humano invadir-nos a consciência, assim lhe veda transpor-nos a epiderme. Logo, não tem nome, na categoria dos crimes do poder, a temeridade, a violência, a tirania, a que ele se aventura, expondo-se, voluntariamente, obstinadamente, a me envenenar, com a introdução, no meu sangue, de um vírus, em cuja influência existem os mais fundados receios de que seja o condutor da moléstia, ou da morte.¹²

A oposição "positivista" à vacinação em massa das massas expostas ao perigo do contágio, no entanto, não deve ter sido a única voz a protestar contra as medidas sanitarizantes preconizadas por Osvaldo CRUZ no combate e erradicação da "doença". E, se é verdade que em alguns poucos meses a varíola desapareceu do Rio de Janeiro, ainda resta, assim mesmo, no legado da Saúde Pública do país, a avaliação das medidas empregadas, dos seus conteúdos expressos, das suas pedagogias.

Enfim, a passagem caudalosa de uma "doença" pelo cenário da vida de um povo, não passa sem deixar vestígios. Penso, assim, que outras avaliações destas intervenções sanitárias, - não apenas no caso em questão - par e passo à intervenção da "doença" - ambas se situando no cenário da vida social e cultural do país - ainda poderão nos oferecer muitos elementos para as nossas reflexões.

A "BEXIGA" E AS "PIPOCAS" NA ESCURIDÃO DA PLATÉIA

Vozes caladas em meio à diversidade com que, publicamente, transparecia a falta de unanimidade das opiniões em torno das etiologias da epidemia de gigantescas proporções que grassou no Rio de Janeiro nos primórdios do século, me reportam, agora, às luzes cambiantes deste cenário, em torno do qual a platéia reage a seu modo, independente e alheia ao roteiro diretor da cena.

Imagino que o que se dizia, por exemplo, da "bexiga" dos negros de mocambos nas falas de Manguinhos, não era o mesmo que, como suponho, se dizia pelas falas insistentes dos oráculos, nos morros da cidade maravilhosa. Manguinhos deveria olhar para a "grande epidemia" com os olhos sanitarizante que o Estado lhe recomendava, acionando-o na investida sem medidas contra os perigos da "doença". A Saúde Pública - conquanto assentava firmes as suas bases - insistia na vigilância e no controle, prescrevendo medidas drásticas de erradicação de um "mal" que crescia, descontroladamente, sobretudo "das" massas e "nas" massas. Enquanto isso, o oráculo negro deveria estar falando de um revoltado orixá: Omulu, entre os iorubá, é o deus da "bexiga", o Senhor da Peste. Na medicina "mágico-empírica" da grande maioria dos sistemas de cura encontrados entre os grupos sociais de raízes negro-africanas, está presente a intervenção desta divindade, identificada com os elementais da terra. Assim, todos os "fenômenos patológicos" ligados às superfícies, aos revestimentos, aos limites, às fronteiras, estão francamente associadas às forças elementais presididas por Omulú. Incluem-se aí, preferencialmente, as "doenças" de pele em geral, dos fâneros (unhas, cabelos, pelos e cílios), a título de exemplo, para as quais se manipulam procedimentos rituais capazes de veicular os "mitos da terra": o "zelo" das afecções

da pele deve ser procedido através do "zelo" com que se propiciam as forças de Omulú, capazes de explicar o complexo das "causas etiológicas", compreendidas, assim, como acontecimentos que se passam no plano das divindades. Numa dimensão cosmológica, portanto. Omulú se manifesta na "bexiga". E fala por seu intermédio. O orixá desconhece a varíola. Mas a "bexiga" é uma das suas mais fortes expressões.

Quando Manguinhos desencadeia a grande campanha que vai desaguar na Revolta da Vacina, prescreve, também, concomitantes medidas de higiene priorizando "riscos" evidentes em alguns lugares sociais bem determinados: os negros dos mocambos cariocas contribuíram na configuração da "clientela-alvo" de escolha. Mas Manguinhos desconhecia o "espírito" - da terra - que falava nas "bexigas" desta gente.

É compreensível para a Antropologia Social que estes segmentos "escuros" da massa contaminada e contaminadora das "bexigas", pudessem repudiar as medidas da campanha, ainda que elas fôsem acertadas e corretas do ponto de vista sanitário, epidemiológico. É até mesmo compreensível para ela, que estas vozes caladas tenham estruturado alguma "fala" nas suas esquivas, na sua proteção contra a vacina. Mas para a Saúde Pública ainda não. Assim, se é certo que a varíola do início do século foi debelada, também é certo que os "sinais" da "bexiga" ainda continuam sem leitura. Os "profissionais da saúde" ainda não reconhecem estes códigos. E iluminam a varíola. E tornam ainda mais escura a "bexiga".

DE OLHO NOS OLHOS: A MINHA "ESCOLHA"

As práticas terapêuticas de medicalização por drogas psicotrópicas revestem-se, nas zonas rurais, das características de um quadro alarmante. São sabidas as consequências acarretadas pelo seu uso. Do ponto de vista social, pouco ou nada se fala do seu abuso. Estivesse a Sociedade em geral alertada quanto aos possíveis "riscos" desta tão desmedida e impositiva "sedação" da "alma" de alguns dos seus segmentos, apesar do controle "severo" - ao menos a nível do discurso - das instituições públicas de saúde e dos Conselhos Regionais de Medicina, e algumas - não poucas - das prescrições médicas para "casos" rotulados de "pitis" e de "DNVs",* acabariam sendo revisadas nas barras dos tribunais, escapando ao olhar restrito da vigilância sanitária. Desaguardariam, por certo, no cenário político: os "acessos" que acometem, com grande frequência, homens e mulheres da zona rural de Goiás - sobretudo as mulheres - me faz pensar em "bexigas" e em "pipocas" de outros tempos ...

*"DNV": Distonia Neuro-vegetativa.

"Pitis": de "pitiático": nome dado por Babinski à histeria, em virtude de ela se caracterizar por sintomas que aparecem pela sugestão e desaparecem pela persuasão. FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da língua portuguesa.

"ACESSO"*

O "TEMPO D'ACESSO" NELA

"- E eu tenho aprendido muito nessa minha vida que já tá me pesando aqui na cacunda. Aprendi, por exemplo, a não engolir palavra. Porque palavra engolida, apodrece no estômago, sobe prá cabeça, e embola os nervos do corpo".**

*"ACESSO: ingresso, entrada, não teve acesso ao palácio. Trânsito, passagem: Estrada particular: Proibido acesso. Chegada, aproximação. Alcance de coisa elevada ou longínqua. Ataque súbito, ímpeto, impulso. Med.: fenômeno fisiológico ou patológico que sobrevém e cessa, periodicamente. Proces. Dados: Na operação de um computador, comunicação com uma unidade de armazenamento". FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário da língua portuguesa.

**Entrevista realizada com M.B.C., 52 anos, Ceres-Goiás.

Suponho que uma pesquisa séria das indicações clínicas deste acentuado emprego de drogas que compõem o arsenal da Psiquiatria, que se fundamentasse, basicamente, na avaliação das "fichas de anamnese" de onde se pudesse extrair alguma idéia acerca do processo de diagnóstico dos "pacientes controlados por droga", revelaria dados surpreendentes - se não para alguns, ao menos para a maioria.

Veja-se um primeiro: a pesquisa esbarraria, por certo, numa quase escassez de fontes, uma vez que a grande maioria dos médicos não costuma registrar as histórias clínicas dos seus pacientes, a não ser, - quando alguns raros raramente o fazem -, de modo suscito e vago, através de um texto hermético, limitado e confuso. Mesmo assim, penso que estas raridades de registro poderiam nos levar a perceber, - caso a hipotética pesquisa conseguisse chegar até eles - segundo: a forma como o raciocínio clínico se estrutura ao proceder um diagnóstico psiquiátrico compatível com a indicação terapêutica de "medicação controlada". Seria fácil extrapolar daí para uma terceira verificação: a solidez dos conhecimentos do médico no que tange à problemática da Saúde Mental. E a pesquisa, então, poderia desaguar numa quarta via de análise: a medida da atenção da formação médica universitária com relação a esta ordem de "distúrbios".

Que dizer destas suposições diante do fato inegável da medicalização abusiva, de um lado, e da frequência dos "acessos", de outro?

"Piti e DNV" são formas genéricas de se "tratar", generalizadamente, problemas que, escapando da área orgânica, colocam o médico diante do terreno movediço das "etiologias desconhecidas" que se situam nas fronteiras da "doença" mental: na verdade ele não sabe como apreender as "causas" do que chama, até com familiaridade, de "DNV", mas "trata" como se o soubesse.

No rastreamento das informações que procede no curso das suas investigações (anamnese e exame clínico), o médico, então, seleciona para o seu registro - considerem-se as referências acima acerca deste registro - aqueles dados que ele valoriza como importantes, aproximando-se o diagnóstico do terreno descrito das patologias descritas - ou seja: o relato de "fenômenos" eleitos "patológicos" que configuram "doença" oficializadas, conseqüentemente por ele mais facilmente identificáveis. O seletivo olhar médico conforma, assim, a história clínica, segundo os seus próprios conhecimentos - o conhecimento médico "oficial" - deixando à parte, ou nem sequer percebendo, aquelas "queixas" consideradas secundárias, e que em geral são trazidas pelo paciente do mundo obscuro e vago que ele, médico, por certo, ignora. Esta aproximação é o que lhe permite intervir com a indicação que lhe parece mais adequada - alicerçado que está pelas suas teorias - a um diagnóstico que não é menos sombrio e vago aos olhos do seu queixoso paciente que - não é raro - poderia estar querendo dirigir suas queixas para um terreno menos "estranho", possível de ser cruzado por ambos.*

A observação da exiguidade das fontes com que se depararia a hipotética pesquisa de registros médicos a que antes aventei, caso se pretendesse avaliar a situação mencionada da discrepância de prescrições psicotrópicas tão firmemente recomendadas, frente à solidez questionável do conhecimento sobre o qual se firma o diagnóstico dos chamados "distúrbios mentais", é o que me leva a pensar, ampliando a visão, na obtenção da história clínica em geral, como recurso dos procedimentos diagnósticos que a Medicina faz, não apenas na Clínica Psiquiátrica, mas também nas demais.

*À sua maneira, não cedem os antropólogos à mesma tentação, quando se permitem, como frequentemente o fazem, interpretar segundo novos aspectos os costumes e instituições indígenas com o inconfessado objetivo de melhor combiná-los com as teorias em moda? KOFES, Sueli. O diagnóstico na armadilha da diferença.

Os velhos clínicos há muito repetem, com apaixonada insistência, que o diagnóstico médico deve se apoiar, fundamentalmente, na extração de uma "boa história". Uma anamnese bem feita, segundo eles, está, pois, na base das terapêuticas mais adequadas.

É possível colocar - para efeito da aproximação que estou querendo fazer - ao lado da fala dos velhos clínicos, a fala dos velhos antropólogos, para os quais, na base de uma boa análise (antropológica), está uma boa etnografia.

A Semiótica ou a Semiologia Médica* compõe-se, segundo ROMEIRO, de três partes, sendo a primeira a que compreende as técnicas da pesquisa dos sinais e dos sintomas e que, para ele, se resolve na "arte de explorar"; a segunda, que demanda os dados colhidos pela semiotécnica - esta "arte de explorar" - quando serão avaliados "intrinsecamente" estes dados, servindo ou não para especificar o diagnóstico e presumir o prognóstico, é a Propedêutica (ou Clínica Propedêutica), correspondendo à compreensão mais profunda dos dados (o seu "intrínseco"); e uma terceira, que esmiuça os mecanismos de formação dos sinais e dos sintomas.**

Segundo me parece, é perfeitamente possível estabelecer uma ponte entre os procedimentos "semiológicos" da Clínica Médica, e os procedimentos etnográficos das análises antropológicas, na tentativa de melhor compreender estes dois "olhares", e as formas com que eles se dirigem, orientadamente, nas direções dos objetos marcados pelas suas "escolhas":

A CAPITE AD CALCEM, A SUMMO USQUE DEORSUM

A "observação clínica" e o "exame do doente", segundo ROMEIRO, devem ser levadas a cabo da maneira mais completa possível, como procedimentos que demandam método e

*Parte da clínica que estuda os métodos de exame, a leitura dos sinais e dos sintomas, que os perquire, discute-lhes os mecanismos e os valores, coordenando e sistematizando em seus elementos para, com eles, construir o diagnóstico da "doença" e deduzir o seu prognóstico.

*ROMEIRO, Vieira. Semiologia médica.

sistematização - "dos pés à cabeça" -, compondo-se de duas partes: a anamnese*** e o "exame objetivo do doente".

Tanto um quanto outro dos procedimentos da Semiologia Médica - passando da "Semiotécnica" à "Propedêutica" e à "Semiogêse" - vasculham o "objeto" da medicina - o corpo do paciente (para FOUCAULT uma "realidade bio-política"), que se apresenta à consulta deste "olhar" (mesmo quando o "set" da observação se encontra para além do consultório) -, perscrutando "sinais" da "doença".

Como o "olhar" do antropólogo que, percorrendo o corpo (social) do seu objeto, nele intenta captar as "diferenças" e os possíveis "estranhamentos" que a Antropologia decodificará, - por seus esquemas teóricos -, roubando-lhe o segredo.

A anamnese segue o curso da sua investigação, coletando dados. Organiza o seu rumo num roteiro. Sinaliza. Marca passagens. Rastreia. A entrevista encontra a sua direção quando, enfim, percebe num "sinal" ou num "sintoma" - às vezes no mais ínfimo - a "pista" que persegue: por onde pressente a "doença".

UNDE ET MEMORES

As "doenças" se organizam nas classificações que a Patologia faz, de acordo com categorias bem definidas. Por exemplo: as classificações de "doenças" de acordo com as suas localizações em órgãos, aparelhos ou sistemas (doenças da pele,

***"Anamnese: ato de recordar o que parece esquecido. Reminiscência. Resquício. Restabelecimento da memória. Informação sobre o princípio e evolução de uma doença até à primeira observação do médico". LELLO Universal. v.1.

doenças dos nervos, doenças dos olhos); ou de acordo com a sua incidência relativa a regiões geográficas (as doenças tropicais); ainda, as que se referem a preferências etárias, sexuais ou profissionais (as doenças da infância ou da velhice; as doenças de mulheres; as do trabalho). É bem assim que também se demarcam as especializações médicas: dermatologia, epidemiologia, ginecologia, etc. E é por onde a anamnese encaminha a sua busca, coletando dados: idade, sexo, raça, cor, biotipo, procedência, estado civil e profissão; antecedentes pessoais (condições e hábitos de vida, "estados de ânimo", etc.); antecedentes "mórbidos" pessoais e antecedentes "familiares".

A pesquisa antropológica, por sua vez, perscrutará a intimidade das relações sociais, o circuito das manifestações culturais e as suas formas; a estruturação das trocas em que circulam bens simbólicos e os produtos do trabalho; observará comportamentos religiosos, hábitos de vida, costumes, instituições; tentará decifrar significados na organização e nos desenhos dos espaços sociais (urbanos, rurais); perscrutará as disciplinas do tempo, as suas percepções; buscará sentido nas atribuições de papéis sexuais, e estará atenta às transgressões dos seus limites; tentará entender as regras de interdições e os mecanismos de controle em pequenas "esferas de dominação", do formal ao informal.

A antropologia colocará enfim, a sua "curiosidade" em campo, através de um curioso pesquisador à cata destes dados, sempre com um caderno debaixo do braço, o seu diário; sequioso de entrevistas, de rabiscos de mapas da cidade e de árvores de parentesco e família. Um caderno que deverá se recheiar de surpresas, de espantos, de aproximações e de afastamentos. Num tempo que será, por certo, interminável. Porque o antropólogo sempre "permanece" em campo, mesmo terminada a sua pesquisa.

Perdura o sonho com sabor de lembrança, com cheiro de nostalgia. O espaço da pesquisa, por fim, o invade. E ele com ela se confunde.

RETOMANDO O CURSO

Pretendi, em suma, com as rápidas considerações desta introdução, localizar algumas das preocupações que me levaram a campo, e que se encontram, por certo, enraizadas nas minhas "curiosidades" enquanto pesquisador, e das minhas dificuldades enquanto médico, quando o consultório passou a ser - nestas circunstâncias -, um prolongamento - não de mão única -, me ligando aos cenários da pesquisa.

Alguns retoques, no entanto, ainda me parecem necessários. Primeiro: com a ilustração feita na menção à tendência "medicalizadora" das "eventualidades psiquiátricas", pretendi chamar a atenção quanto ao risco de que reveste a intervenção sobre fatos - e o "fato psiquiátrico" pode ser encarado apenas como exemplo, entre outros -, dos quais, não se conhecendo a essência, - (ROMEIRO diria, o seu "intrínseco")-, poderá acarretar danos a uma ordem que não se localiza apenas no indivíduo (plano biológico). Podem, para além dele, situar-se no plano cosmológico da cultura a que ele pertence. E, no concerto da cultura, a sua "doença" poderá, talvez, ser compreendida como "metáfora", a expressar conteúdos da vida do seu grupo.

Frente a esta "medicalização da metáfora", então, penso que se poderia falar de uma outra ordem de iatrogênese: a cultural. E isto me faz recordar, novamente, episódios envolvendo médicos e "bexigas", "pipocas", "sapitucas", "pitis" e "acessos". Ao contrário, no entanto, a leitura deste sistema de "sinais", mediados pela cultura, que diante do médico se revelam na "doença" do seu paciente, poderia facilitar a abertura de uma porta por ele inesperada, a introduzi-lo num caminho que o levaria à compreensão de importantes aspectos da vida do seu doente, escondidos por detrás da "doença": o das suas representações simbólicas.

A propósito do instante da consulta médica, então, quando estes dois sujeitos - o médico e o paciente - se deparam nas fronteiras marcadas pelos significados da "doença", tornando o símbolo como expressão e linguagem, vou me reportar a SODRÉ, para quem é o símbolo que "permite ao sentido engendrar limites, diferenças, tornando possível a mediação social".¹³

Segundo: ao introduzir a pesquisa antropológica no espaço da consulta médica, pretendi mostrar a viabilidade e a possibilidade de se tentarem alternativas à abordagem dirigida da Clínica Médica, em que o "olhar", segundo se viu, ilumina o objeto de modo indireto, de acordo com um espectro que ele apenas reflete. A interpenetração destes "olhares", o da Antropologia e o da Clínica - ambos dirigidos, é claro - poderão, quem sabe, facilitar o surgimento de um raio híbrido, ou de uma sorte de "olhar" que, como produto desta mistura, fosse capaz, feito corujas, de enxergar nos escuros da enfermaria, os claros da vida social. E também o contrário.

Assim, a localização de momentos significativos da pesquisa de campo no espaço do consultório médico - esta "microesfera de dominação", para lembrar FOUCAULT - quando a sua abordagem é antropológica, poderá, a meu ver,

expandir o leque da observação clínica e da adequação de "terapêuticas" ...

Enfim, quando se trata de melhor compreender o "outro" com o qual nos deparamos na medicação de um sofrimento humano - esta "identidade" - a ponte de possíveis "entre-olhares" da Clínica e da Antropologia é, pelo menos, saudável. E, numa paráfrase a LEVY-STRAUSS, estou seguro de que vale a pena tentar a "ousadia" desta empresa.

Ao longo da minha pesquisa de campo fui percebendo, em Natividade, que estes "papéis" se misturavam, interpenetrando espaços e tempos: o do médico, o do antropólogo.

Agora, prestes a relatar seus resultados, estou convencido de que é válida a tentativa de ler Natividade na leitura das suas "medicinas". Elas se expressam nas "escolhas" dos "olhares" dos seus agentes, que recaem sobre "alguns" dos acontecimentos da vida da cidade, elegendo-os entre outros. A observação cuidadosa destes acontecimentos - no consultório e/ou fora dele - pode permitir que se percebam, enfim, lampejos da vida nativitana, nas relações que ela vai tecendo em torno dos sujeitos - uns e outros - envolvidos, cada qual a seu modo, nestes "acontecimentos".

Entretanto, penso que para se pretender, desta forma, a apreensão de um "fato patológico" na sua totalidade, será preciso, antes mesmo de tentar compreendê-lo nas suas

superfícies, nas suas aparências, deixar que o nosso olhar passeie livre - desvestido das aspás - pela cidade. Que observe a vida. O social configurando formas. O cultural manifestando tramas. E estas coisas todas misturadas.

DE OLHO A CLÍNICA COM OLHAR ANTROPOLÓGICO

Perscrutar-lhe o vigor, a textura. Apreender a cor dos seus cantos. Claro-escuros. Os seus fluxos. Os refluxos. Medir-lhe tensões. Comparar temperaturas. Tocar. Palpar. Sentir. Experimentar sabores. Aspirar seus cheiros. Olhar. E olhar. E percutir seus sons maciços. Compassos. Ouvir seus écos. Nos ocos. Proceder auscultas. Medir seus ritmos. Perceber seus frêmitos. Suspirar consultas. E mais consultas. Contemplar sua marcha. Andar seus passos. Desvendar-lhe espaços. Fugir com ela. Pelas entradas. Nas saídas. Suas curvas. Esquivas. Suas ruas. Suas retas. Subidas. Descidas. Suas serras. Virar-lhe avessos decúbitos. Procurar posturas. Nos seus desvios ver as setas dos des-caminhos. Sair. Voltar. Retomar com ela o caminho. Suas formas. Seus tipos. Seus traços. Perfis disformes. Seu jeito.

Meu estudo, enfim, se baseia num "caso" ... E a sua leitura será fruto de uma "mistura de olhares".

O MÉTODO: ETNOGRAFANDO HISTÓRIAS

Parece que, uma vez em campo, a gente passa uns primeiros tempos - ainda que sob efeito das novidades a se encadearem uma após outra, como é comum quando se aborda uma "praia" estranha - à espera de que algo surpreendente aconteça. Poderá mesmo ocorrer que, somente alguns tempos depois, a gente venha a se dar conta de que o surpreendente mesmo, era esta contínua sucessão encadeada de "monotonias" e de "novidades", nas quais estivemos tão mergulhados.

Mas a pesquisa, quando "engrossa", fica pedindo um rumo, exigindo uma direção. Insiste. A gente olha os dados, re-arranja o material infinitas vezes, volta a entrevistar, mapeia, "anda pelas vizinhanças do acampamento" à espera do que MALINOWSKI chamaria "a evidência etnográfica". E nada.

Este verdadeiro "insight" da pesquisa de campo acontece quando menos se espera. Como se viesse com o vento ...

A respeito dele, é interessante o relato de GEERTZ, que, agora, transcrevo:

Minha mulher e eu estávamos no estágio do sopro de vento, um estágio muito frustrante e enervante em que se começa até a duvidar se se é verdadeiramente real, quando dez dias ou pouco mais após a nossa chegada, foi organizada uma briga de galos muito disputada na praça pública, para angariar dinheiro para uma nova escola.

GEERTZ acaba, assim, percebendo as evidências do que seria a sua etnografia: a briga de galos balinesa.

A minha "evidência" chegou na absorção do trabalho médico, por ocasião de uma consulta. Fui procurado no

consultório por uma mulher, de quem já ouvira falar a cidade. Estava grávida, a gestação já se encaminhando para o seu "termo". O seu "estado geral" não deveria despertar nenhuma "curiosidade clínica". Mas ela, sobretudo o "olhar", despertavam enorme "curiosidade antropológica": havia algo por detrás daquele "olhar". Era a "evidência".

A cidade se referia aos seus antecedentes: periodicamente "desaparecia", e era quando, diziam, ficava "louca" e "andeja sem juízo". Quando não, os seus comportamentos eram os de "uma pessoa muito esquisita". Alguns fatos mais exuberantes davam destaque à sua "loucura" no quadro da vida social. Não importam agora.

Ela me procurou dizendo-se "CABRA". E se referia a um estranho "mal" de que se confessava portadora: "MAL DE CABRA". Mas logo me atalhava, enfaticamente, impondo-me limites ditados por esta "identidade" e mesmo pelo seu estranho "mal". Não era esta a sua "queixa principal" (QP). Porque, segundo palavras suas, "mal de cabra, é só mão de cabra que cura".

Aquela mulher "estranha" apresentava uma outra razão para as suas expectativas quanto à consulta médica:

Uma aguinha amarela, fedida, nojenta,
supurando num olho d'água suja, esse meu
corpo? *

Pressenti que estava ali a "evidência etnográfica" que eu buscava: o fio da meada, a ponta da trama. Resolvi seguir no rumo deste "caso".

*Trata-se de uma leocorréia.

É tentador, agora, o desejo de mergulhar nesta queixa, e investir, de pronto, desde já, na análise do seu discurso, tendo a cidade por pano de fundo: mas e que aguinha amarela poderia, então, ser esta de que esta mulher fala? Supurando em que lugares? Que olho d'água suja poderia ser esse? E em que regiões deste corpo? E quais poderiam ser, enfim, os significados desta fala? Como compreender, afinal, esta metáfora?

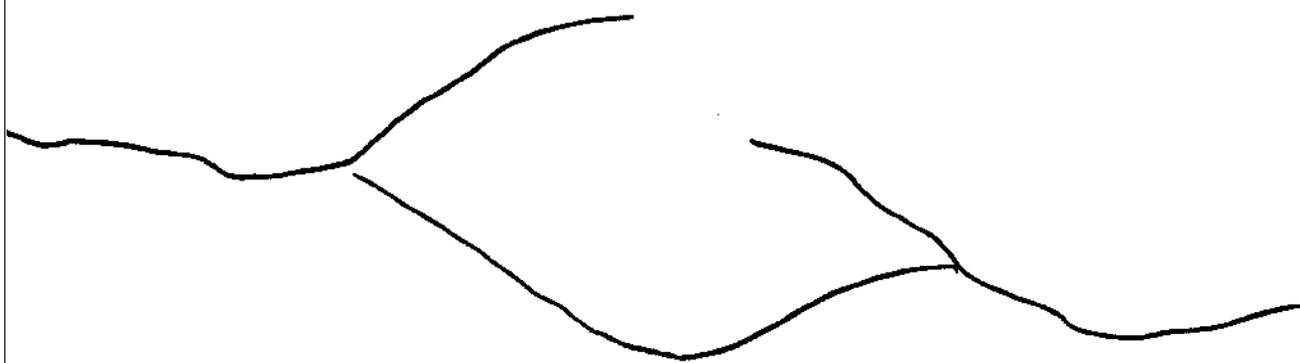
Será preciso compreender um estranho parentesco mítico, cuja ponta aparecia na identidade daquela mulher, e no "mal" que costumava afetar gente como ela. Será preciso compreender.

Antes, porém, um olhar sobre a "escolha" do meu olhar: escolhi a etnografia para falar do que eu pressentira no "olhar" daquela "mulher-cabra".

Seu nome: Natividade.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- ¹FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder.
- ²_____. O nascimento da clínica.
- ³CASTIGLIONE, Arturo. A história da medicina.
- ⁴FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder.
- ⁵LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural.
- ⁶_____.
- ⁷FOUCAULT, Michel.
- ⁸MACHADO, Roberto. Introdução a microfísica do poder.
In: FOUCAULT, Michel.
- ⁹SONTAG, Susan. A doença como metáfora.
- ¹⁰CLASSIFICAÇÃO Internacional de Doenças.
- ¹¹SILVA, Hélio & CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. A revolta da vacina. In: _____. História da República Brasileira; o poder civil. v.2
- ¹²BARBOSA, R. Discurso no Senado. Nosso século.
- ¹³MUNIZ, Sodré. A verdade seduzida.
- ¹⁴TURMA de 1981.



A "PRÁXIS" DE UM "CADERNO"

O "PRÁXIS" DE UM "CADERNO"

Ao tempo dos "créditos de mestrado", participei do curso de "Práxis da Pesquisa Antropológica", organizado pelo Professor Carlos BRANDÃO.¹⁴ Éramos um pequeno grupo de "iniciantes", cada qual com o seu projeto. Optou-se por um curso prático, que pudesse funcionar como referência, ou como possibilidade de troca das experiências que desenvolveríamos, individualmente, nas situações de campo que as nossas "curiosidades" pudessem perceber. Incursionamos observando, colhendo dados. E, quando nos encontrávamos - quase sempre informalmente, nas nossas próprias casas, - as conversas "rolavam" entre leituras das nossas anotações acerca dos nossos "ensaios" com a pesquisa. E o curso ia arranjando o seu curso, à medida em que arranjávamos o nosso.

Na ocasião, fomos orientados a iniciar um "diário de campo", que refletisse este per-curso. Comprei um caderno novo, de capa dura, fofinho. A ele se sucederam outros. E o meu diário não parou. Com ele cheguei a Natividade. Misturei outros dados, novos registros. Transcrevi - organizadas - as entrevistas colhidas nas mais várias situações. O consultório era um ponto nevrálgico. As "fichas de anamnese" funcionando como indicativos de novas "pistas", eram repassadas - uma vez "selecionadas" pelas "escolhas" que o meu "olhar" fazia - aos sucessivos cadernos de um mesmo diário.

Reuni, em campo, um acervo de ricos objetos de uso com indicação "terapêutica" - eu os chamei de "Estilhaços"* -, que compõem as peças de um verdadeiro "artesanato médico", e com

*Vou me reportar aos "estilhaços" ao longo do texto.

eles arrebanhava discursos a respeito do seu emprego, das suas "prescrições", da sua confecção e das condições da sua eficácia. As suas falas foram gravadas, fotografadas, poetadas, carinhosamente recolhidas entre as lembranças vivas do meu "diário de campo".

Realizei, também, algumas viagens pela erma "região da pesquisa", adentrando "Gerais", sequioso, com um "caderno" debaixo do braço.

Participei de eventos que vão desde a "Folia", a "Procissão da Padroeira", comícios de campanha tendo em vista as eleições (1982), Congo de almas, festas na cidade, até uma reunião na Maçonaria local e o funeral de um "cabra" - Bento Garimpeiro. Estas coisas compõem o meu "registro".

O "diário", pois, é como um álbum de fotografias. Sem fotos. Escritos esparsos. E mais os meus próprios desabafos deste tempo de "permanência em campo".

Estive em Natividade pelo período aproximado de um ano, na verdade um pouco mais. Depois de cinco anos de "afastamento" - tempo em que mantive correspondência mais ou menos frequente com pessoas amigas que deixei por lá - retornei pela primeira vez. Até então, repetidas vezes retomara o "diário", compondo "reflexões de saudade". A pesquisa, então, havia avançado. A cada novo "olhar" sobre o "álbum das suas imagens", e eu imprimia um novo traço de "lembrança". Quando, então, deste regresso a Natividade, foi grande a minha surpresa: não a reconheci na cidade que eu reencontrava. Talvez ela também não tenha me reconhecido. Havia "sinais" evidentes de uma avalanche de especulações sobre as possibilidades que voltavam a acenar em brilhos nos seus sonolentos garimpos. Encontrei Natividade revirada. De aspecto cansado. Exaurida. Retomei o percurso das suas familiares "vizinhanças". Muitos haviam se mudado. Andei pelas ruas. Entrei nas casas. Me hospedei. Fui hospedado. Já

não era mais o seu médico. Era evidente o caráter da brevidade do tempo que por nós passava. Por ela. Por mim. Por sua gente. Um novo "caderno" fala deste novo presente: o da sua etnografia.

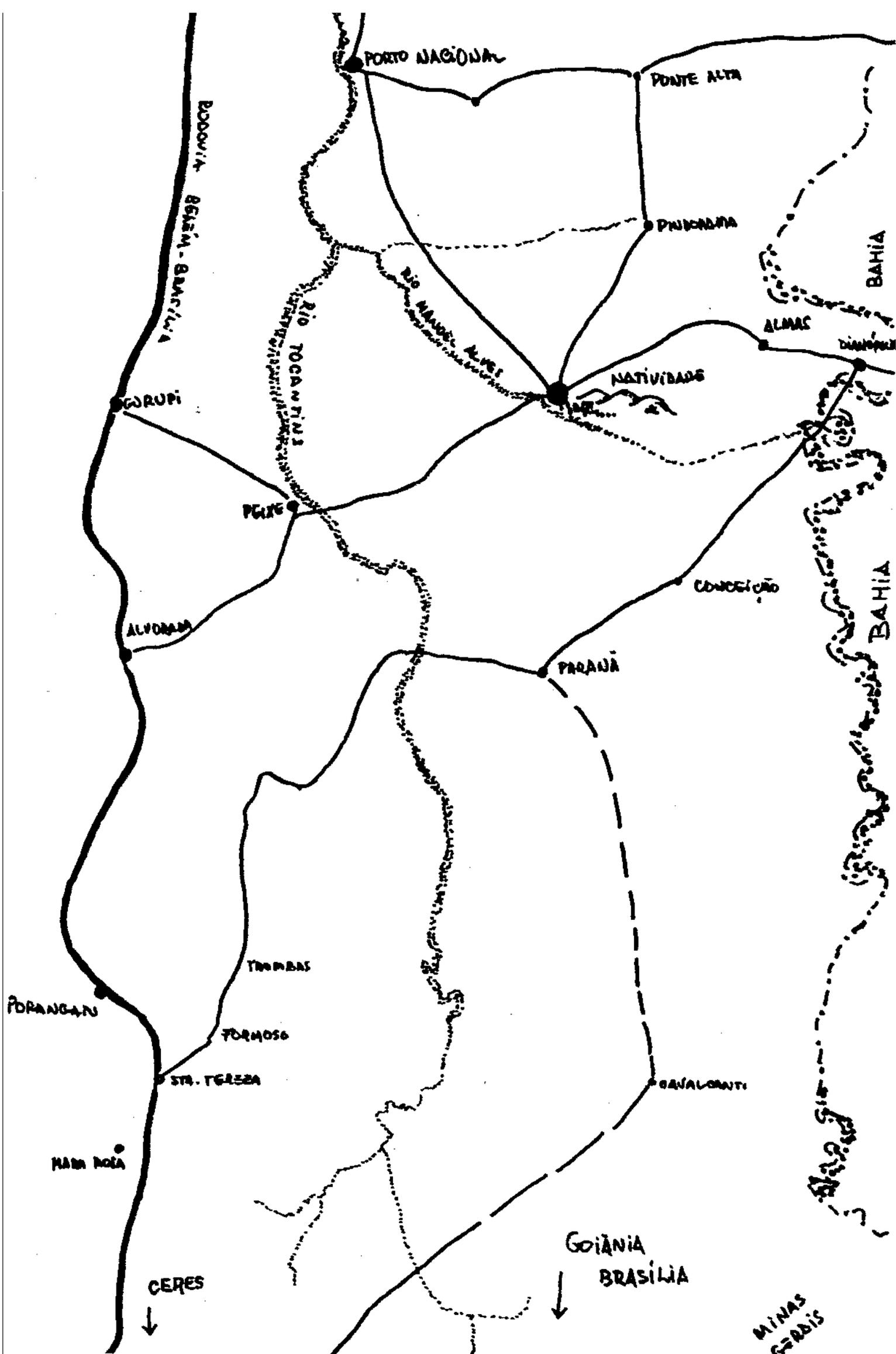
Mais dois anos passados e agora já lá vão os sete anos do meu "afastamento". Natividade não é mais Goiás, embora tenha sido sempre "tocantínea". E o meu caderno se transforma, agora, numa "dissertação", embora siga um "diário". Amanhã deverá me pedir novos dados. Não sei qual será o "campo", nem como serão suas imagens. Por hoje, revendo registros, penso que Natividade e a serra nunca foram tão minhas. No meu álbum de fotografias ...

Assim, segundo me aparece, a "Práxis da Pesquisa".

ROLANDO DADOS: A MONTANTE AS FONTES A JUZANTE OS FATOS

1721. Antes PINDORAMA. Já "SEM MALES" a vida. Terra GOYÁ. A gente PRIMEIRA. Por aí, RESQUÍCIOS. Poucos. "Me chamam Maria Tapuia". VESTÍGIOS só.* "Dizem que esse POVO TAPUIO anda em BANDO pela SERRA. Ninguém vê. Só os rastros no CHÃO. Parecendo que é passo de um SÓ. Fica tudo INVISÍVEL. Não para em lugar nenhum. VAGANDO SEMPRE NO MEIO DESSA MATA. Falam que é povo treteiro. De botar medo em CABRA. Nada ..."

*"Redução: ato ou efeito de subjugar; processo para acentuar os contrastes de uma chapa fotográfica, dando mais ênfase aos seus brancos e negros; operação que consiste em fazer retornar ao seu lugar esses fraturados ou deslocados". FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa.



"NATIVIDADE é terra mais antiga que Vila Boa e os arraiais do ouro do sul de Goiás. Já no século XVII os jesuítas, companheiros do padre Antonio Vieira, aldearam índios na região goiana do TOCANTINS. Daí as missões de Natividade, São José do Ouro (Duro), e São Félix de Cantalício. Em 1728, o bandeirante Manoel Alves descobriu um dos afluentes do Tocantins, em sua cabeceira encontrando abundante ouro. O rio recebeu o nome desse sertanista e o arraial de NOSSA SENHORA DA NATIVIDADE DA MÃE DE DEUS. Em 1731 o Governador do Pará mandou ao Tocantins o sargento-mor português João Pacheco do Couto, que colheu muito ouro em Natividade. Do sul os bandeirantes paulistas foram estendendo suas conquistas para o norte. Bartolomeu Bueno da Silva - o "Segundo Anhanguera" -, enquanto explorava as minas auríferas de Ferreiro, Barra, Nossa Senhora de Sant'Ana dos Goiás e Ouro Fino, próximas ao Rio Vermelho, despachou, em 1743, seu sobrinho Antonio Ferráz de Araújo para mineirar e povoar as minas de Natividade. Ferráz encontrou nortistas com criação de gado e benfeitorias. O arraial, um dos que mais forneceram ouro à coroa portuguesa, por tradição, teria nascido e crescido no alto da Serra da Natividade, senhores e escravos transferindo-se, mais tarde, para sua encosta ocidental, onde se encontra a cidade. O arraial chegou a reunir quarenta mil escravos (Cunha Matos) em suas extensíssimas lavras. Dom Luís de Mascarenhas, Capitão-General de São Paulo, Conde D'Alva, Vice-Rei da Índia, depois de instalar Vila Boa (1749) dirigiu pessoalmente os trabalhos de mineração em Natividade. Em caminho, Dom Luís presidiu à fundação dos arraiais de Cavalcante, Arraias, Conceição e Chapada. Natividade foi sede provisória da Comarca

do Norte e, por algum tempo, residência do Doutor Joaquim Teotônio Segurado, Desembargador da Relação da Bahia e Ouvidor Geral da Comarca de São João da Palma. A casa do Ouvidor Segurado, em frente à Igreja Matriz serviu, mais tarde, de Palácio do Governo Provisório. O arraial de Natividade tornou-se Vila em 1832, através do Decreto de 13 de novembro. A eleição da primeira Câmara ocorreu a 15 de julho de 1833, instalada a 26 de agosto do mesmo ano. Natividade, valendo-se dos dispositivos da Carta Magna de 24 de fevereiro de 1891 e da Constituição do Estado, de 1º de julho do mesmo ano, assegurou, solene e festivamente, a autonomia do município, elevando-se à categoria de cidade a 12 de novembro de 1896. A Comarca de Natividade, criada em 1901, desmembrada de Porto Nacional, somente foi instalada a 23 de novembro de 1905."*

*Verbete inscrito na Placa de Bronze, em Natividade, na Praça da Paço Municipal, encomendada à Prof. Amália Hermano Teixeira, nativitana, historiadora, da Universidade Federal de Goiás.



A história de Natividade remonta ao período intensivo da extração do ouro no Estado de Goiás. No entanto, seja por suas peculiaridades geográficas, num dado momento, seja por determinantes políticos, em outro, a região abrangida pela bacia hidrográfica do Tocantins - "Tocantínea" - acaba vendo o curso da história de sua gente nascer de outros mananciais que não as costumeiras fontes em que vão se abastecer os fatos mais ao Sul, próximos a São Paulo.

Natividade de Goiás está a um passo da Bahia. Na direção dos sertões gerais. Quando as fronteiras se borram na imprecisão dos limites, de espaço e de tempo, com os seus vizinhos do norte, particularmente os estados do Maranhão e Pará e, de modo mais especial, com a Bahia.

Ainda mais antiga do que Vila Boa de Goiás, - o Arraial de Sant'Ana -, Natividade é anterior aos arraiais de Meia Ponte, Barra, São Félix do Cantalício, Arraias e Ouro Fino. Historiadores, geógrafos e cronistas, atentos ao estudo da rota "povoadora" das bandeiras, apontam aquela região como a maior área de lavras trabalhadas no Centro-Oeste do país, tendo o ouro atraído para ali, bandeirantes que subiam o curso do Rio Tocantins - o "grande rio" -, vindos do norte, ainda antes da chegada de Bartolomeu Bueno, - o Primeiro Anhanguera -, nas barrancas fecundas do Rio Vermelho, no sul do Estado.

A Enciclopédia dos Municípios, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, diz que "segundo a tradição, a cidade teve por berço o cimo da serra fronteira, para onde afluíram portugueses e africanos conduzidos pela sede do rico metal, ali arrumando as primeiras barracas".

Natividade data de 1721.

A fundação do arraial no alto da serra, é atribuída ao bandeirante Manoel Alves. A mandado do governo do Maranhão e do Pará, ele investiga a extensa região banhada pelos afluentes do Rio Tocantins. E descobre, nas proximidades de um deles, ouro em abundância. É sabido que batiza o rio com o seu nome e assenta, "lá em cima", o Arraial de Nossa Senhora da Natividade da Mãe de Deus.

Segundo alguns registros, no entanto, já em 1680, os rios da região haviam sido vasculhados por Bartolomeu Bueno. O bandeirante, procedendo do sul, na companhia de seu filho, - o Segundo Anhanguera -, havia colhido por ali, mostras do ouro nativitano. Consta, entretanto, que, apesar da qualidade do ouro encontrado, a mostra colhida é subestimada em função do "boom" alcançado, então, pelas atividades de extração que se vinham empreendendo no sul de Goiás. Por outro lado, em Minas Gerais, o apogeu do período extrativista da sua história, também deve ter contribuído para que as atenções do sul fossem minguadas nessa época da implantação inicial de Natividade, tão afastada dos centros em que a economia goiana luzia, mais ao alcance dos olhos, mais ao acesso das mãos.

O arraial dedicado à Mãe de Deus, assim mesmo, floresceu no alto da serra, embalado por forte influência "nortista", tendo a Bahia como potente catalizador no amalgamar das culturas das suas gentes.

A fase de explosão da economia baseada na mineração, ao sul, foi tão intensa quanto curta. O ouro mais comumente encontrado naquelas regiões, era ouro de aluvião, ouro de depósitos das enxurradas, ouro de cascalho, enquanto que os veios já abertos a golpes e cortes da pedra, em Natividade, não se exauriam apenas em grupiaras, beiras de rios e cascalhos. Para além das barrancas, das misturas friáveis de areia e argila, ainda longe das erosões em que o aluvião sulino se

mostrava exuberante, a Serra da Natividade tinha "ouro de corte" no seio da pedra. O minério, também chamado na intimidade do garimpo nativitano como "talhe de serra", porque, na verdade, eram lascas de rocha que aprisionavam o seu brilho, impondo-se removê-las, era extraído "na bruta", segundo lá se diz, em abundância surpreendente.

A visita de Manoel Alves à Região Tocantínea, e a fundação do arraial no alto da serra, dada a enorme atração que, como se viu, o ouro descoberto passou a exercer sobre os investimentos do norte (Província do Grão-Pará), não podem ser tomadas, portanto, como meras circunstancialidades. Natividade nasceu de encomenda. E com a tarefa de render, em minas e mais minas, em veios e mais veios, brilhantes divisas à Corôa Portuguesa, por seus prepostos das Províncias do Grão-Pará, desde o "norte" e, pouco mais tarde, de São Paulo, desde o "sul".

Por volta de 1731, o Governador do Maranhão e do Pará, querendo garantir sua posse sobre a região, para lá envia emissários do seu "palácio". A "casa real" se desloca, então, para o alto da Serra da Natividade, onde florescia, próspero, segundo parecia ao Governo da Província, um arraial de garimpeiros, um acampamento esculpido em desmaios de montanha, jazida imensa, tesouros. Por essa razão, os "irmãos do norte" querem melhor se ocupar das coisas que, por lá, naquele "espigão de mundo", bem poderiam ocorrer, e ocorrem. O ouro que, por lá, se colhe, é cada vez mais abundante e farto.

Outras demandas "colonizadoras", no entanto, que não se fizessem apresentar pelas credenciais "povoadoras" da intenção sulista, que era a de "entrar brasis", desvendar sertões, "povoando"; preencher, ocupar, na garantia de fronteiras, conquanto não portassem o seu selo, suscitavam, por sua vez, preocupações a D. Luís de Mascarenhas, então Governador da Capitania de São Paulo.

D. Luís, assim, olha atento, desde São Paulo, para os passos do Grão-Pará que avançam - botijas cheias, reluzindo -, e a azáfama do seu vai-e-vem, da serra ao pé da serra.

Norte e sul, então, têm miras na mesma direção: o arraial erigido em pedra sobre a pedra talhada da serra do ouro tanto.

Aventureiros do tesouro, sobre cuja posse temos direito, por lá andam, violadores de quem devemos, por honra, proteger a área.

Difícil dizer se tais écos procedem do sul ou se ecoam do norte, na mesma direção da serra. Enquanto isso, o Arraial de Nossa Senhora incha de feitores e de escravos. O arraial se configura, em seus primórdios, numa estrutura em que uns poucos brancos - Senhores -, co-mandam outros brancos, - feitores -, que, agora mais aumentados, controlam os tantos negros que não param de chegar.

A rota dos "comboios negreiros", então, dada a "força" que requer a abundância da produção, se intensifica. São poucos, no entanto, os dados de registro que dão conta de melhor esclarecer sobre o fluxo de escravos negros, de procedência africana, que, se sabe, neste período foi intenso. A insuficiência de fontes "oficiais", assim mesmo, não chega a se constituir em obstáculo intransponível, dada a riqueza de possibilidades que seguem sendo abertas pela tradição oral, o que permite rastrear, por caminhos muitas vezes inusitados, as informações pertinentes e necessárias a algumas das inferências que a leitura da história de Natividade e da constituição da sua gente, permitem, ou até exigem, que se faça.

Baseado, assim, em documentação de arquivo, colhida em cartórios locais, e apoiando a exegese de alguns fatos mais substantivos no conjunto dessa "tradição" - que é a história

que o povo conta da história que o povo faz -, me foi possível estabelecer algumas pistas, nesta tentativa de sistematizar um conhecimento que julgo necessário e imprescindível à compreensão dos processos por que vem passando Natividade na construção dos perfis da sua história.

Assim, desta forma, sempre me pareceu da mais fundamental importância, dar ênfase e luz a aspectos obscuros da fala oficial, quando ela arma o seu discurso acerca da constituição da sociedade local, sem levar em conta alguns dos importantes segmentos que dela participaram.

Em Natividade pouco se sabe, ou pelo menos pouco se diz, sobre os verdadeiros contingentes de negros escravizados, de procedência africana, majoritários desde as populações garimpeiras do arraial do alto da serra. Penso, assim, que a exiguidade de fontes em que buscar dados esclarecedores quanto à participação do negro na formação social de Natividade, por si só, já se constitui em discurso. A história que, assim se faz, ou que assim se fez e que segue se fazendo, desde o centro do arraial, passando pelo centro da vila, até o centro da cidade de hoje, deixa na penumbra, se não às escuras, o processo que as suas "periferias" fizeram, e que seguem fazendo.

É inegável que Natividade, ao nascer, tinha o perfil de uma enorme senzala. E que, ao crescer, se fez mulata, na mistura das suas gentes. Tem esta cor essa história ...

Retorno, pois, ao "tráfego" de africanos escravizados que aportaram Natividade, nos seus primórdios de arraial de garimpo farto. No bojo das questões anteriormente levantadas, e buscando melhor me orientar no esclarecimento de alguns pontos obscuros das observações que fazia, fui procurar a Professora Amália Hermano Teixeira, nativitana, historiadora da Universidade Federal de Goiás, a quem pude entrevistar no curso

da minha pesquisa de campo. Segundo ela, a rota dos "comboios negreiros", intensificada nos períodos de maior atividade extrativista, seguia cursos procedentes de Salvador e do Rio de Janeiro, passando por Barreiras, no "sertão da Bahia", a partir de onde eram redistribuídos os "fluxos" da mão-de-obra escrava que acabava, enfim, chegando ao "alto da serra", e aos demais "sítios" daquela extensa fatia do Planalto Central do Brasil.

Em algumas ocasiões, ainda no cruzar o campo das observações que a pesquisa ia me possibilitando fazer, pude ouvir em Natividade, por boca de outros nativitanos, expressões que levavam pela raiz a palavra "valongo". Por exemplo: "não sou nêgo de valongo"; ou, "seu preço não vale valongo", entre outras. Quando da entrevista com a Professora Amália, pude ligar a curiosa observação quanto ao uso dessas expressões, com outra informação que ela me passava. A de que a referência para o tráfico de algumas "levas" de escravos vendidos a "senhores de garimpo" de Natividade, e que procediam da cidade do Rio de Janeiro, era, segundo consultas suas a registros de arquivo, o chamado "Mercado do Valongo", lugar de intenso "comércio de escravatura".

Pode-se afirmar que o Arraial de Nossa Senhora da Natividade da Mãe de Deus é, sem dúvida, uma nova "Angola Janga", pela procedência da sua população, majoritariamente africana.

Estamos às voltas com o ano de 1731. O "ciclo povoador" se intensifica. As "caravelas" que, agora, abordam o cerrado central, têm, também, bandeira sulista. Credenciais do Governo Provincial de D. Luís de Mascarenhas chegam por mãos de Antonio Ferreira de Araújo, enviado, pois, do Capitão Geral e Governador da Capitania de São Paulo.

O arraial do alto da serra passa a se chamar - mas é apenas temporariamente -, Arraial de São Luís, em homenagem a D. Luís que, mais tarde, chega mesmo a vir da capital da Província do Sul, "presidir os trabalhos de mineração".

Como já se viu, se, até então, para as incursões do norte a palavra-de-ordem era "conquistar", tornando evidentes as intenções de exploração e posse, para as expedições paulistas ela, agora, é "povoar". A intenção, portanto, passa a ser "colonizadora".

Multiplicam-se, assim mesmo, neste período, as bandeiras paulistas que se aventuram à saciedade do ouro. Note-se, no entanto, que Natividade está prestes a se deslocar, da serra ao pé da serra, já que quase se fartam bateias, às vésperas de um declínio que a economia percebe, quando a pedra recolhe-se em brilhos, escondendo, mais fundo ainda, o âmago cintilante, já quase secreto, do seu tempêro metal.

A fase "povoadora", portanto, é marcada pela multiplicação de entradas e de bandeiras que se sucedem, rolando capitais de diferentes Capitánias, seja do norte, seja do sul. É, entretanto, o bandeirante sulista, Ferráz de Araújo, sobrinho do Anhanguera, quem primeiro entra, de modo "oficial", para a história de Natividade, como o seu "povoador", por ali ficando através dos seus muitos descendentes.

É importante frisar, no entanto, que, apesar de marcada pela "oficialidade" essa "primeira presença", ao tempo da "abordagem" das minas da serra pelas bandeiras paulistas de

"povoação", já havia gente ocupando a região. A visão inóspita do sertão central, já se abrira anteriormente a essa primeira chegada, para a existência de "gente povoando". Povo no lugar. Não mais Goyá,* povo do lugar, no chão nascido. Mas povo de Sesmarias. Com gado. Benfeitorias. Sesmeiros. Nortistas. Seus filhos herdeiros. Seus deserdados. Descendentes. Vizinhos. Parentes. Mais próximos de Natividade. Mais ao norte. Tombando a leste. Pela distância. Pelo acesso. Por seus hábitos. Por seus costumes. São eles que, mais facilmente, se estabelecem. Eles, mais os negros que consigo trazem. Garimpeiros que deles fogem. Mais tarde vaqueiros, que, com eles, ficam. Que arrancam da serra o ouro. Mais ouro. Que entalham a pedra. Mais pedra. E que, enfim, descobrem a "canga"** no chão de Natividade. Por isso vão ficando, ficando.

Ademais, quando nos limitamos ao instante presente da vida de uma Sociedade, somos, antes de tudo, vítimas de uma ilusão. Pois tudo é História. O que foi dito há um minuto é História. Mas, sobretudo, condenamo-nos a não conhecer esse presente, pois somente o desenvolvimento histórico permite sopesar e avaliar, em suas relações respectivas, os elementos do presente.¹⁵

Segundo Cunha MATOS, em "Corografia Histórica de Goiás", de todas as lavras trabalhadas por escravos na Região Centro-Oeste, Natividade é a que concentrou o maior número de escravos africanos empregados na mineração. Aquele autor chega

*GOYÁ, a gente primeira, do chão nascida. Referência aos povos indígenas que primeiro habitaram o Estado de Goiás, o Povo Goyá.

** Canga, a pedra vermelha, porosa e resistente, minério comum no solo nativitano. O tempo cinzelou em canga a serra, e erigiu ali uma senzala. As ruínas de canga falam, no caminho da serra.

a citar o número de sessenta mil deles, compondo a população escravizada no alto da serra, no período mais intenso das atividades de garimpo.* A estimativa é contestada por SIMONSEN, em sua "História Econômica", a quem esse número parece exagerado. De qualquer forma, também o segundo faz menção, em sua obra, à grande densidade dos fluxos de importação da mão-de-obra escrava, empregada na extração do ouro nativitano. O fato é que, mesmo fazendo com que os números variem na direção da média, mais próxima da realidade, Natividade nunca esteve tão densamente populosa quanto se mostrou nos seus primeiros dias, no seu período "auréo".

O velho FILIPE, da Chapada, - patrimônio dos mais antigos da região de Natividade -, de tão idoso, é capaz de dizer, e ao dizer se orgulha: "meu neto, me traz aqui o seu neto". Pois é ele quem conta, também de ouvir contar, ter tido tanto escravo na região de "riba-serra", que "por aqui até negro era dono de negro e, mesmo se escravo, tinha escravo".

Entretanto, segundo já me referi anteriormente, o tempo parece ter borrado as pistas com que se poderia rastrear, com maior precisão, os caminhos percorridos pelos escravos desde as suas origens, isto é, desde a sua procedência africana, até a chegada nos garimpos da serra. Fica difícil, assim, precisar, de fato, quem são esses negros, qual a sua procedência, que diferenças se escondem sob a identidade da sua pele, quais as "nuances" que os descaracterizam, mesmo se lhes igualam na cor.

Entretanto, apesar da dificuldade em se perceber com alguma nitidez o traçado dos rumos e das rotas dos "comboios

*A população de Natividade, de acordo com as estimativas do IBGE, por ocasião do censo de 1981, era de 6.000 habitantes, aproximadamente.

negreiros" que aportaram Natividade no período mais intenso das atividades de garimpo, dois importantes "centros de dispersão" aparecem, configurando-se em referenciais importantes à compreensão da "diáspora negra" que envolveu o arraial, a sua serra, e a vastidão erma que a circunda, na solidão dos espaços Gerais. Trata-se das cidades baianas de Salvador e de Barreiras, esta última no Sertão da Bahia.

São constantes e ainda recentes as alusões à importância das trocas e dos intercâmbios comerciais entre o norte de Goiás e a Bahia. O estabelecimento dessas relações e a sua manutenção, ao longo da história que na região se faz, contribuem, intensamente, para que se imprecisem as fronteiras entre os dois estados. Bahia e Goiás têm confundidos os seus limites, na interpenetração dos seus espaços, no entrecruzamento de alguns dos seus tempos. O da escravidão dos seus negros, por exemplo.

Natividade sempre se referiu a Barreiras, na concretização de muitas das atividades que lhe são vitais. E não apenas daquelas que o trabalho das suas gentes engendra, quando quer fazer circular os seus produtos. Barreiras é a praça, Natividade é a rua. Da mesma forma, Salvador é o "centro", de onde a referência para Barreiras se irradia. Esta última, num patamar de vereda, é ante-sala do sertão. A primeira, num trapiche de cais, escancarada ao vento, fronteira aos mares, é, por excelência, o átimo tangencial da "diáspora negra" em terras de Brasil, onde os "tumbeiros" atracam, e donde os comboios dispersam na direção das senzalas. As de Natividade também.

Parece bastante provável, então, que a maioria dos negros africanos escravizados adquiridos na praça de Barreiras pelos senhores das minas de Natividade, tenham sido mesmo provenientes de Salvador, pelo rumo dos sertões, na rota do

comércio que estes dois pólos mantinham para a efetivação da troca dos seus produtos. Entre as "mercadorias" que, no circuito Salvador-Barreiras-Salvador, circulavam, deveriam entrar, seguramente, "estoques" consideráveis dessa força-de-trabalho representada por negros que, na praça de Salvador se vendiam. O arraial de Nossa Senhora da Natividade da Mãe de Deus foi, a esse tempo, consumidora insaciável deste "produto". Assim, aos "comboios", eles iam chegando ao afã das lavras dos garimpos dos seus senhores, sob o taco dos seus feitores, a engrossar o caudal da história que, assim, segue se fazendo.

Natividade, portanto, em fins do século XVII, é um acórde em negro no silêncio do sertão, se dizendo ao tempo em abafada melodia. Silenciosa cantilena. Fastidiosa epopéia. Ecoando desde longe. De além-mares. Tresmalhado confuso de gentes. De "áfricas" que, para ali acorrem, acorrentadas, dispersas. Confundidas na pele - cadinho da cor -, estas áfricas, primeiro, em Salvador se misturam, no "caos de chegada". Depois, em Barreiras, e a partir dela, se mesclam no amálgama mestiço do seu novo traço. De que origem é, afinal, sua fala? Qual a procedência escura da sua tez surrada? De onde, enfim, este seu "sinal"? E esta sua estranha "marca" de onde vem? De que casa? De que aldeia? De que tribo? De que "nação"?

Em Natividade, pouco a pouco, todas as "áfricas" vão se tornando uma coisa só. Porque "negro é negro". E parece que ninguém mais sabe falar delas.

Suponho, no entanto, que a retomada desse "percurso de diáspora", em que Salvador aparece como um dos pólos mais prováveis de dispersão, e Barreiras de redirecionamento, poderá representar estimulante pista na busca destas memórias escondidas pelo tempo, nas periferias "encardidas" da história do antigo arraial do ouro.

Segundo VERGER, o tráfico de escravos em direção à Bahia, pode ser dividido em quatro períodos distintos. O primeiro deles, abrangendo as "levas" e os "fardos" de negros africanos escravizados que aportam Salvador na segunda metade do século XVI, corresponde, na obra daquele autor, ao "Ciclo da Guiné", cuja denominação se refere à costa oeste da África, ao norte do Equador. Em segundo lugar, num período de tempo que se estende pelo século XVII, VERGER localiza o tráfico no que ele chama de "Ciclo de Angola e do Congo". A seguir, o "Ciclo da Costa da Mina", ocupando os três primeiros quartos do século XVIII. As razões apontadas pelo autor para a passagem de um destes "ciclos" a outro, são devidas à necessidade de estabilização dos aportes de mão-de-obra escrava ao Brasil, resgatada em nações africanas em troca do tabaco que aqui se produzia. A esse respeito, percebe-se que o redirecionamento das rotas dos "tumbeiros" e, conseqüentemente, as alterações quanto à procedência destas "áfricas" que abordam a Bahia nos diferentes "ciclos" do tráfico de escravos, seguem o mesmo compasso dos acordos internacionais celebrados, na época, para a regulamentação das balanças comerciais em que se pesam, juntamente com pepitas de ouro, barras de mascavo e rolos de fumo. Na entrada do "ciclo da Costa da Mina", VERGER chama a atenção para um "curioso paradoxo": o "fato de este tabaco ser de terceira categoria e, conseqüentemente, de má qualidade", ter-se tornado, assim mesmo, "fator de sucesso para o produto na Costa da Mina, e a tal ponto que se tornara um artigo indispensável ao tráfico naqueles lugares".

O que dirige as embarcações dedicadas ao "comércio negreiro" para o rumo daquelas costas de África, portanto, é a necessidade de escoamento de um tabaco de qualidade inferior, sem condições de entrada no mercado europeu - consumidor que era de "tabacos das primeiras folhas" -, garantindo, assim, o

equilíbrio das relações sociais e econômicas na "lavoura do Brasil", com a venda do produto e com o resgate de escravos de "boa qualidade", cuja participação no processo da produção era indispensável e imprescindível.

Os barcos deixam, então, de frequentar a Guiné, Angola e Congo, "porque os negociantes da Bahia lá não tinham mercado para o seu tabaco de terceira categoria e preferiam fazer seu tráfico na Costa da Mina".

Posteriormente, pelos anos de 1770 a 1850, segue-se o "Ciclo da Bahia de Benin", incluindo aí o período do tráfico clandestino.¹⁶

Em todos esses países estrangeiros, não há portugueses, por mais pobre que seja, homem ou mulher, que não possua seus dois ou três escravos, que trabalham para o sustento do seu senhor e ainda o seu próprio.¹⁷

Ao tempo da instalação de Natividade, então, e por ocasião do tráfico de escravos que, em direção à serra se verificou, intensamente, e levando-se em conta as informações que os estudos de VERGER repassam, pode-se suspeitar que os contingentes negros que aportavam a Bahia, sendo a partir daí redistribuídos, inclusive na direção da chapada central do Brasil, eram, até por volta de 1775, provenientes de "Costa a Sotavento da Mina" e, posteriormente, até 1850, oriundos da Baía de Benim.

Ainda de acordo com este mesmo autor, "a chegada dos daomeanos, chamados jêjes no Brasil, fêz-se durante os dois últimos períodos", sendo que o tráfico escravista acaba por envolver os nagô-iorubá no período correspondente ao "ciclo da Baía de Benim", ou seja, de 1770 a 1850.

À guisa de rastreamento: Natividade, se é que tenha sofrido alguma influência numericamente mais significativa de

grupos cuja origem pudesse ser identificada com o tronco nagô-iorubá, no que tange a aspectos da formação da sua sociedade e da sua cultura, deverá, ainda assim, ter recebido de escravos oriundos do Golfo de Benim - que não iorubás ali "traficados" -, a parcela mais significativa da influência africana que lhe marca as origens.

É possível, de outra parte, que o remanejamento interno da mão-de-obra escrava empregada em atividades extrativistas, inicialmente, e no trabalho do campo, depois, tenha feito chegar ao topo da serra da Natividade, em parcelas consideráveis, negros de procedência "angola" e "congo", uma vez que a instalação do arraial, ocorrendo em princípios do século XVIII, está inscrita no tempo que corresponde, para VERGER, a fins do primeiro "ciclo" e primórdios do segundo.

Parece perfeitamente possível que Natividade esteja, assim, incluída na rota dessas "correntes migratórias" que tão bem caracterizam a história da "diáspora africana" no Brasil.

Apesar da exiguidade das fontes documentais, alguns registros podem, ainda agora, auxiliar nesse rastreamento de pistas com que incursionar pela "história negra" de Natividade, recordando-lhe raízes com que melhor compreender os seus frutos, a hibridez dos seus fatos, a mescla amálgama do seu traço sócio-cultural "mestiço".

A leitura de documentos que se referem à cobrança de impostos - Cisa e Meia Cisa (guias de recolhimento de taxas oficiais sobre transmissões de propriedades inter-vivos) -, registros de óbitos, batistérios, e mesmo algumas "cartas de reconhecimento de liberdade" concedidas a escravos por seus senhores, também apura algumas procedências desses escravos. A análise dessas referências em livros de registros da guarda dos cartórios de Natividade, mostra, no entanto, com alguma evidência, certa preponderância de africanos escravizados em

Natividade identificados com a alcunha "angola". Estas fontes se referem, por exemplo, a um certo "Pedro Angola" como propriedade de um senhor fulano de tal, arrolado entre os bens de sua posse. Ou, ainda, podem falar que "Maria Angola" é escrava da "Fazenda Córrego do Ouro", e assim por diante.

Documentos ainda mais antigos, que tratam da compra e venda de escravos, podem dar conta de uma pálida idéia sobre a constituição dos segmentos sociais de origem e de procedência africanas que ocuparam esse período inicial da vida da cidade.

Mas é pálida a lembrança. É quase branca a memória. E o que essa tela não-alva, alvejada, desvela, são imagens borradas, carcomidas pelo tempo, em que o tempo das minas iguala na mesma classificação, os negros que vasculharam o brilho dos segredos que as pedras de Natividade têm.

Confundidas as "áfricas", anuladas as diferenças na única semelhança lembrada de uma mesma cor - "são todos negros de garimpo" -, ficam reduzidas as nuances que, em negro, se concentram. Quem saberá, pois, dizer de que Angola Maria vem? Ou que "áfrica" será essa em que "Pedro Angola" nasceu, em que, crescendo se fez com vida, foi gente, depois apanhado, preso e vendido a troco de fumo de terceira categoria?



Primórdios.

É sabido que o arraial se mantém no alto da serra por um curto espaço de tempo. Algumas fontes inscrevem esta fase num lapso em que a história se esmera, na lapidação dos fatos que ainda arranca do chão, dos veios da pedra: o período, que não deve se estender a muito mais de dez anos, é um tempo rico de "estórias" que se contaram depois. Que seguem sendo contadas hoje.

Pelo que até aqui se viu, fica fácil perceber a intenção dos "senhores", e as formas de organização social que, com seus incontáveis escravos, devem ter cunhado à vida que Natividade levou, quando no topo da sua serra. Interessava a exploração máxima das possibilidades que o "talhe da pedra" oferecia. Mas é rápido e fugidivo o tempo das minas. Se exaure, quando lhe escapa o brilho. Seca. Se esgota. Se dissipa, empobrecido, depauperado, exangue. E o ouro some no seio exausto da pedra, deixando laivos de cicatriz aberta, manchando o chão.

Terá sido suficiente o tempo de uma década, não mais, para que o "arraial da Mãe de Deus" ferisse a serra, para sempre, deixando nódoas e resíduos de senzala nas trilhas do garimpo.

A garimpagem do chamado "ouro de corte" - esconso brilho entranhando a rocha -, compreende um conjunto de atividades que vão desde a extração do minério, pelo processo de "entalhamento", até a lavagem do cascalho aurífero, em locais apropriados em que se faz a captação de água para este mesmo fim: sob a luz do sol, o valor metal se desvela em quilate e brilho. É quando melhor se percebe, na pedra, o ouro que, com ela se continha, a especular o seu lume. Por isso, entre as tantas "atividades de senzala", quando "negro descansa carregando pedra", os escravos do arraial da Mãe de Deus

lavavam, em banheira enorme, as escórias do cascalho entalhado, que arriavam das suas bateias, gingando, entre sóis de exílio.

Natividade não deve ter nascido, na cabeça dos seus fundadores - mesmo apesar da "intenção povoadora" das suas bandeiras -, para durar além daquela febre inicial de abundância. Como já disse, o signo da sua instalação tinha as cores do provisório, do temporário, do apenas passageiro.

O arraial: assentamento em negro, de suor e de gemido. Trabalho e pedra. Solidão provisória. Improvisado que dura: Acantado na rocha, bem longe do mundo, lá em cima, só "homens trabalhando". Garimpo.

Um dos motivos mais importantes para se estudar a estrutura por sexo de uma população, é a relevância que assume este conhecimento para a formação da família ...
... A medida mais comumente usada para refletir o equilíbrio dos sexos em uma população, é a "razão de sexo". Esta medida é, em geral, definida como o número de homens que correspondem a cem mulheres e é obtida dividindo-se o número total de homens pelo de mulheres e multiplicando-o por cem. O resultado, neste caso, recebe a denominação de "índice de masculinidade ..."¹⁸

Difícil afirmar com precisão inferências que me parecem plausíveis e importantes quanto aos balanços populacionais de Natividade, ao longo do percurso em que se processam os dados mais relevantes da sua história. Fato incontestável, por exemplo, é o de ter nascido com as características de um garimpo, com elevado "índice de masculinidade".

Demograficamente, sem dúvida, este é um dado que se reveste de particular relevância, permitindo que se arrisque um bom número de hipóteses interessantes ao estudo das formações

sociais. Do ponto de vista antropológico, é possível estabelecer recortes importantes à compreensão da vida dos sujeitos comprometidos no processo, à apreensão de fatores significativos na constituição das culturas e das múltiplas possibilidades das suas manifestações. Porque influencia comportamentos individuais. Porque se impõe no estabelecimento dos circuitos em que se processam as relações do grupo. Porque são preponderantes na atribuição dos papéis com que as sociedades estruturam, organizam, ajeitam, estimulam e mantêm, sob seu controle, as possibilidades de aproximação e as formas do encontro "adequado" e "desejado" entre os seus homens e as suas mulheres.

Mais adiante, como se verá, será necessário que se leve em conta a existência deste dado, para que se possa remeter a história de Natividade às mais variadas fontes que lhe dão origem, na tentativa de escandir as reflexões em torno da atualidade do seu cotidiano, no processo vivenciado por suas gentes. Porque, retomando LEVY-STRAUSS, "tudo é história". Desconsiderá-la, pois, é condenar-se ao desconhecimento do presente. É não se permitir "avaliar e sopesar, em suas relações respectivas, os elementos do presente".

No período de tempo que corresponde, aproximadamente, aos dez primeiros anos do arraial no alto da serra, parece, então, ter sido significativamente reduzido, em percentuais, o número de mulheres. Majoritariamente, eram homens os "negros" que, acampados no garimpo, escravizados, cinzelaram os primeiros traços do primitivo arraial de Nossa Senhora da Natividade da Mãe de Deus. Importavam-se, em maior quantidade, "braços" e "pernas" que melhor se qualificassem para as pesadas atividades a que os destinavam os seus senhores: os "negros de garimpo" eram, sobretudo, homens negros. Negros para garimpar.

Um pouco mais tarde, porém, os registros consultados começam a fazer referências à chegada das mulheres com maior

frequência, levando à suposição de que deveria ter passado a existir, então, uma expectativa de "equilíbrio" entre "negros de garimpo" e "negras de senzala". As referências às mulheres que chegam, começam a se explicitar com a curiosa designação de "CABRAS": negras trazidas para as atividades a que as destinavam os seus senhores.

Uma vez que é fugaz a vida do garimpo, ou seja, na medida em que o seu tempo se esgota com o ouro que mingua, pode-se desconfiar, antecipando-se à constatação nas fontes, de que predestinação seria essa a que estas mulheres se viam ligadas, assim de repente, por um triz de resgate e venda, no dia-a-dia maçante do trabalho escravo, nos socavões do alto da serra dos confins do mundo: negras de garimpo.

Vovó não quer
 Casca de côco no terreiro.
 Faz lembrar
 Do tempo do cativoiro ...*

Devo retomar, ao longo do texto, e com bastante frequência, considerações a respeito desse termo "cabra". Pela importância que o seu significado foi assumindo na pesquisa, desde o momento em que passei a suspeitar, apreendendo "natividades", do alto grau da sua pragmaticidade, como significante sinalizador e contextualizador de algumas importantes manifestações do conflito em Natividade. Parecia haver, por detrás do termo que, aliás, é usual no vernáculo nativitano, algum sentido escondido, uma "razão etmológica" a mais, que me estimulava a busca. Afinal, então, quem os "cabras", tão comum a desinência? E de onde a suspeita? É que a

*Cantiga de roda, comum nos candomblés de caboclo.

designação se refere a sujeitos concretos, atuais, cujas relações explicitam conteúdos suficientes para considerar aspectos da cultura que me auxiliam nas reflexões que a cidade me permitiu encetar, no processo recíproco das nossas trocas.

O forasteiro e a cidade: mútua percepção, expectativa, limites. Bastará, sempre, que se comece, novamente, por tentar compreender as suas razões, a sua coerência, a sua lógica, o seu estranho modo de proceder: estratégias de uma cidade, mecanismos de freguesia, através dos quais a vida diz de si, na trama que os seus sujeitos tecem, em cada um dos traços que eles compõem, urdindo a "sua" urbe, reciclando o "seu" orbe.

Desde as primeiras aproximações ao termo, seja através de fontes documentais, seja mediante observação e registro dos universos vocabulares de alguns grupos especiais de sujeitos - categorias de trabalhadores, homens e mulheres; rezadores, de sala, de pátio e de igreja; cantadores, congueiros, gambireiros, vaqueiradores de retiro e "gente de gerais" -, pude perceber que "os cabras" e "as cabras" deveriam ter raízes muito mais profundas do que as que lhes apareciam, quase na superfície, na base dos seus pés sobre o chão. E eles e elas, de fato, tinham.

É gente CABRA ...

Notas de compra e venda de escravos, de transferências de propriedades e no arrolamento de bens, assim como em cartas de liberdade e de alforria, em declarações formais de mortes, de desaparecimento ou de fuga, enfim, nos registros de cartório e nos livros da igreja, aparecem referências constantes aos "cabras", eles e elas.

... e que he por mim aqui feito chegar uma escravinha de alcunha "cabra de mina" por nome Josefa, boa de parir.

Elas, as "cabras", são negras. E essas negras, mulheres "cabras". Escravas de garimpo. Não fica difícil perceber: essas mulheres foram pré-destinadas a parir, no cativoiro das minas, "natividades".

São frequentes, neste período, as referências ao desaparecimento de escravos, aludindo-se o "comportamento rebelde" ou a "tendência a desobedecer", entre as razões de suspeita de fuga, aventadas pelos senhores.

Muitos se evadiam. E, entre as notas que desafiaram o tempo, ficando como que para "provar" a veracidade dos fragmentos de histórias que se contam destas verdadeiras epopéias de "negro cativo que escapoliu no mundo de sem-Deus", muitas delas se referem - e com igual "estranheza" -, à designação "cabra" para dizer de "certos negros" e de "certas negras" foragidos, o que sempre me sugeriu a possibilidade de que se pudesse ler, nessa "estranheza", os significados de um rótulo socialmente construído, com base nos fundamentos históricos do arraial e no dinamismo dos seus tantos tempos.

Há um cem número de "casos" que se contam, ainda, por boca de "gente antiga" - o velho Filipe, da Chapada, ou Dinda Maria Roxa, garimpeira, são vivos exemplos -, a respeito dessas "escapolidas de negro" na direção dos Gerais. A abundância delas, e as múltiplas variações dos relatos, fazem supor terem sido corriqueiros os episódios de evasões de "cabras", das vistas dos seus senhores no alto da serra, "para nunca mais".

A título de ilustração, transporto para aqui um excerto, fragmento, "ESTILHAÇO"* -, como remanescente que ainda se

*ESTILHAÇO: Fragmento dum objeto despedaçado e projetado com violência. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa.

encontra em Natividade deste "tempo de escravo fugitivo de oito de feitor". Transcrevo:

Ouvi de "cabra", com reza de fazer sumir no vento, de noite. História de quilombo é muita. Lugar de fugido, do tempo de muito escravo que andou por aqui. Escapolia aí prá dentro, por não querer mais saber de andar por debaixo de tanta escravidão, que escravidão mesmo - a gente pensa -, tem de muitos tipo, não é uma só, Esse "nêgo de quilombo" foi por nome de Buré aqui chegado, e é por fato que existiu. De esquivoso, rediava o posto de ser tratado feito animal, que era mesmo "cabra de outras terras", não daqui, sem tolerança de conhecer por lei palavra de senhor, que senhor é Deus que tá no céu, e por seu nome negro é gente, ninguém é escravo. Cismado, cismado um só se viu. Um dia, resolveu descer prá dentro de gerais, sabe lá prá donde, se perder sem rumo. Rumou idéia de fugir, e quando foi noite alta, escurão danado, rompeu rezado de peito a dorso, decerto a posto que ia morrer, de conforme a ciência que dava, tanto "cabra" que era. Seguiu aí prá dentro, rompendo vão de mundo. E é quando mataram ele. Fala que virou sombra da mata, aí mesmo pelo rumo do Bonfim, espiritado. Fala que a alma vive vagando de noite pelos caminho. Quanto mais quente for, só um cheiro de mato, esquisito. Reza ele fica invisível. Pode até sumir que ninguém vê ...

Geograficamente, a Serra da Natividade é um ericado montanhoso entre dois imensos patamares de mundo, no Brasil Central: de um lado, sertões e cerrados, na direção de Goiás; de outro lado, a solidão imensa e erma dos espaços gerais. Como que uma linha demarcatória entre dois mundos, cujas vasões a rocha dificulta, se é que não estanca, a Serra Geral ali mesmo inicia o espreguiçado movimento das fantásticas fímbrias com

que, sombria se dirige em ocios de sertão ao norte, tomando o rumo de Pernambuco.

Na região de Natividade, estamos a quase dois mil metros de altitude, sobre o nível dos oceanos distantes, aquém-mares. Quem por ali passe, cruza veredas, em solidão, sem ver gente no seu per-curso de cruzeiro, dias e dias, léguas e léguas. Apenas só o mundo, nada mais.

Gerais fica no rumo das serras de Goiás. Coisa grande em redor da mata, lugar aberto, de poucos paus e de muita campina, é esse chapadão aí que vai alargando, alargando, até bater bem prá lá, ninguém sabe aonde. Pelos boqueirão, prá longe, vai abrindo um taboleirão que Deus acuda, tão grande é. Gerais é longe de tudo. Perdido de qualquer conforto. Perto não existe em terra de vereda. Tudo ficou prá trás. Só o silêncio muito, e o vento zoeirando. Não tem nada que marque o chão que Gerais é aquele, que é esse, que não seja pedra e cór'go. Ninguém pense em cerca botando divisa, que lá o mundo esprou numa campinona só, sem ter começo nem fim. Aquilo é tipo de um esconderijo. Homem não vê homem. Se um correr daqui prá lá, ninguém sabe quem entrou. Quero ver esse que encontra ele nos Gerais. O viajante fica muito tempo sem falar, só andando. Falar com quem? Até acostuma ficar quieto, olhando prá diante nem sei de quê. Penso que olhando prá diante do mundo. Não tem estrada. Estrada quem faz é o pé, quando anda pé por lá, por onde anda. E anda, e anda. O bem ali, é longe prá danar. Tá cnegando, quer dizer que tem muito morro prá travessar. Tudo areia. Só naquelas beira de morro que a terra é mais dura. No mais é areia. Você enjoa de tanto andar na areia, sem topar com gente. Mora um aqui, outro acolá. Léguas e léguas. A gente quase morre de tanto andar, pouso em pouso, comendo só rapadura e carne seca. Camarada vai comendo ela e tomando água. Come também das caça e das pesca, dorme em tarimba, que

é cama feita das folhas de buriti, do olho da palha, que quando a palha vai abrindo é um olho que espicha. Dá de trançar tarimba boa de dormir. Ou dorme na areia quentinha das beiras de rio. Gerais é assim, não feito cerrado. Árvore é feito cipó, carro não passa por cima. Elas verga e, depois, volta no lugar. O chão é molhado. Chão úmido, de vereda, sempre verdinho. Morada é casa de taipo, com barro socado nos quadro de pau, coberta com palha, fogão de jirau. Fresquinha. Bom até. Prá lá não seca, aqui seca. Água limpinha essa que corre pelos gerais. Chega a ver a areia branca no fundo dos cór'gos. Na beira a areia é quentinha. Dá de dormir nela quando é pouso. Cada lugar desse leva um nome, que é prá indicar o sítio onde camarada anda. Aqui é cór'go tal, ali é qual, e assim ele vai pelos Gerais. Falar que um Seo Fulano é geralista, quer dizer que ele é desse povo dos Gerais. Não é dizer que seja baiano, que seja goiano. É de Gerais é geralista. E geralista é qualquer um que encostou sózinho e foi andando, naquelas serras, daqui prá acolá, vivendo das coisas daquele chão. Lá tem tanta coisa. Caça de espera, muito pássaro. Anta, "quem-quem", garça, marreca, socó, jaburu, capivara, sussapara, que é vivente maior que veado, a ema e um tanto de tatú: tatú rabo-de-couro, tatú china, tatú bola, e verdadeiro. Tem arara calindé, "quebra-coco" catulé, e o pinica-pau. Alguns tem Gerais, mas não é essa coisa de ser dono, igual fala por aqui. Lá é tudo diferente. Nem parece terra de gente. Gerais é assim: um deserto em riba da serra. Dali prá diante, Deus sabe, é o fim do mundo. Coisa de perder de vista.¹⁹

LUGAR DE "CABRA", ONDE É?

Acho fundamental, nesta tentativa de sistematização de esforços com que resgatar aspectos da "memória negra" de Natividade, em sua história, relevar certos aspectos da constituição da sua geografia humana, e a laboriosa construção dos seus perfis, localizando o processo em seu "cenário natural".

Retomando, pois, o fio condutor das reflexões que estou querendo fazer, quero enfatizar o fato de que o Arraial da Mãe de Deus foi plantado na ante-sala dos espaços gerais, como lócus estratégico privilegiado para mais um momento da "diáspora africana" que venho tentando focalizar: a caracterização de alguns "tipos humanos" que se identificam, hoje, na vida da cidade, no complexo das suas relações, tem a ver, seguramente, com as constantes evasões de escravos do alto da serra em direção ao "fim do mundo", a que tanto se referem as fontes. Da mesma forma, a construção das noções de espaço e tempo - como categorias antropológicas importantes -, a questão dos limites entre papéis masculinos e femininos e, bem assim, as suas correspondentes transgressões e sanções, estão ligadas, em processo, às quebras que se verificam ao longo da história, quando "certos" negros e "certas" negras, transgredindo, encerram-se numa outra dimensão de tempo - o tempo de gerais, na vivência de fugitivos -, e numa outra dimensão de espaço - o espaço dos "ermos" e dos "vagos" que a transgressão e a fuga acarretam.

Parece compreensível e aceitável que as formas "alternativas" de viver e de ser, construídos forçosamente por "esses" homens e por "essas" mulheres, como imperativos à sua sobrevivência individual e social, possam ser entendidas como

decorrência "natural" deste processo. Por ora, no entanto, basta evidenciar a interrogação que me coloco: lá, nas suas origens, quem são os "cabras", eles e elas?*

Quem pensa que pedra não rola daqui prá acolá e de lá prá cá, há de tropicar, no caladão da noite, sem saber por quê. Se não é que pedra rola, então o que é que povoa o sonho dessa gente, atordoando a idéia desse povo, com "causo" que é só quem dá ciência nos tempos, prá dar fé? É pedra que rola.
(Excerto de entrevista)

*Em outro momento devo retomar considerações a respeito destes sujeitos - "cabras" - e da sua atualização, da forma como os observei, em Natividade.

OURO E GADO, QUILATES E ARROBAS:

AS SEMPRE PEPITAS ...

OS CICLOS DA PRODUÇÃO:

I - Do Escravo Garimpeiro

Ao Peão Retireiro: O Percorso da Serra

Ao Pé da Serra

II - Do Feitor De Negros No Garimpo Fértil de Riba-Serra

Ao "Senhor de Brancos", Patrão-Proprietário

Nos Retiros de Sertões

Gerais

Pode-se dizer, analisando-se algumas características do movimento da produção econômica em Natividade, - como a posse dos meios e as relações sociais a ele vinculadas -, que a história da região, vista desde este prisma, passa por ciclos que podem ser determinados para efeito didático. As suas fases, no entanto, parecem entrecruzadas em vários momentos, superpondo-se de tal modo que o que poderia parecer característico e exclusivo de um destes ciclos apenas, vai reaparecer numa outra etapa do desenvolvimento da sociedade local. É porque este reaparecimento, por assim dizer, me auxilia a melhor compreender as formas e a qualidade das relações entre os sujeitos nela envolvidas na atualidade, que me parece oportuna a sua descrição, ainda que suscinta.

OS GOIANOS

Retomando a história destas terras, no ponto de encontrar, já por aqui, os seus primeiros "chegantes" - gente sem eira nem bandeira - percebe-se, então, esboços de "povoamento" dos interiores, pelos sertões, anteriores às bandeiras oficiais de colonização e povoamento, a que já me referi anteriormente.

Segundo também já mencionei, são os chamados "goianos" os que aparecem, primeiramente, enquanto os verdadeiros "pioneiros" da região, mas que já encontram, por sua vez, Pindorama enferma, porque esvaziada, sem a sua gente.

Tomo como verdade, pois, que a presença "oficial" da Província do Norte (Maranhão e Pará), a corrida expansionista e

"povoadora" da Capitania de São Paulo em suas repetidas expedições no rumo da serra, não foram, portanto, as primeiras "surpresas" dos sítios de Natividade.

Nestes primórdios de "ocupação espontânea das terras", de que, aliás, sabe-se pouco através de fontes exíguas e, por vezes, confusas, contraditórias, lavouras indiciais outorgam aos seus "donos" a "propriedade" do espaço.

No entanto corre por aqui um dito frequentemente repetido, de que "Gerais" não é terra de ninguém ...

A demarcação dos "espaços da fazenda", tal qual até agora se concebe, está ligada à distribuição das primeiras sesmarias e a conseqüente doação, pelos governos das capitanias, a sesmeiros. Muitos dos seus herdeiros ainda se mantêm na posse dos seus "legados", como legítimos herdeiros das antigas sesmarias ...

A esta primeira fase, que se poderia chamar de "o ciclo dos goianos", em que a propriedade sobre os meios de produção é desconhecida ou irrelevante, põe fim a chegada do Bandeirante Manoel Alves, de quem já dei notícia anteriormente.

Dois acontecimentos importantes aqui se superpõem:

- 1- A outorga do título de posse aos sesmeiros, como bem de herança;
- 2- A implantação das atividades de garimpo: o ouro trás senhores e trás escravos; faz senhores e faz escravos.

Os dois acontecimentos estão ligados entre si. Engendram ciclos que, como disse, se entrecruzam, inter-alimentando-se, enquanto momentos interdependentes no desenrolar do mesmo processo. Só que deslocados no tempo, e distanciados "de algumas léguas" sobre o mesmo espaço. Mutuamente se estimulando, neste percurso de história, ora na serra, ora ao pé da serra.

a) CICLO DE OURO:

Mineiros, seus escravos e seus senhores.

Natividade, como já se viu, é, neste período, um arraial talhado em pedra no alto da serra. É lá que vivem, nos espaços demarcados do garimpo, homens que trabalham sob as ordens dos seus senhores. Eles, escravos. Esses, feitores. Negros que obedecem a brancos a que pertencem. Deles, o trabalho daqueles. Portanto, os seus corpos. Suas vidas. Suas mortes. A decisão de como ir com quem para onde, não lhes pertence. Em elos de cadeia se perdeu o rumo. O espaço é um só: aqui acaba o mundo, sem mais fronteiras. O tempo é uma sucessão pesada de tarefas. O tempo é medido em quilates. Arrobas de quilates do trabalho escravo no fetiche da pepita. O tempo brilha no escuro da rocha, parecendo que às vezes quer se arrebentar.

Muitas das histórias que, em Natividade, são recontadas deste "tempo de negro de garimpo", referem-se a episódios de rebelião e rebeldia no alto da serra, culminando em fugas e na organização dos chamados "quilombos de nego", em torno dos quais os relatos de "causos" são fartos. Exemplos disso são as histórias de "São Francisco Caçador" e "Nego de Quilombo".

O ciclo é do ouro. Um tempo de pedra que se empilha, de cascalho que se espalha. O tempo é de corte, entalhando a bruta. O tempo é ouro que se arranca da pedra, escondido na serra. O tempo é casa de senhor que sobe. O tempo é canga que enfeitiça.*

*CANGA: pedra avermelhada e porosa, comumente encontrada no solo de Natividade e amplamente empregada em construções. As "ruínas" da "velha cidade" são lavradas em pedra canga.

O tempo do ouro é sonho de fumaça que dança no sono e embriaga a fantasia: "visão assombrada mandando cavocar nos pés da santa, que tem é ouro muito escondido nas pedras da igreja".

O tempo escorre, pingando na cara, esquentando na alma. O tempo é branco, é dourado, mas não é negro.

Ciclo do Ouro:

É tempo de descer ladeira abaixo, sumir nesse oco de mundo, entrar, entrar, sem parar nem olhar prá trás. Aí prá dentro o tempo acabou, não tem mais tempo. Só buriti, balangando as ramas.

b) O CICLO DOS CRIATÓRIOS

As Sesmarias, Seus Sesmeiros e Seus Herdeiros

Na medida em que as Sesmarias vão sendo outorgadas, as terras vão "prosperando em gado e benfeitorias", pelas mãos dos seus "legítimos herdeiros". Com o tempo, o legado tenderia a se multiplicar, ultrapassando as suas próprias fronteiras.

O Ciclo dos Criatórios tem sua implantação mais ou menos concomitante com o Ciclo do Ouro. Os sujeitos envolvidos em ambos os circuitos, muitas vezes se repetem, apenas deslocados no tempo, distanciados, também eles, de algumas léguas sobre o mesmo espaço. Ora na Serra. Ora ao Pé da Serra. E a História vai, assim, desdenhando limites, borrando contornos de tempo. Re-atualizando espaços.

Agora, é no pé da Serra. Se espalhando em eras e em léguas, rolam fatos e mais fatos. O Ciclo dos Criatórios se caracteriza pela predominância das atividades agro-pastoris; no espaço dos criatórios, no tempo dos Gerais.

Quando a vila baixou, cá prá esse lugar, é sabido que muitos deles continuaram com os seus senhores, na condição de escravos ou trabalhando a terra.

Em função das características climáticas peculiares à região, a pecuária incipiente vai se exercitando, tipicamente, de modo a se acomodar às condições locais. No decorrer desta fase o - "ciclo dos criatórios" -, a experiência se acumula. Num primeiro momento, entretanto, as atividades de uma agricultura de pequeno porte marcam a nova posse da terra partilhada em Sesmarias. Daí que se pode falar numa fase intermediária, de passagem, da mineração para a pecuária. Assim é que, do Ciclo do Ouro ao Ciclo dos Criatórios, há um crescendo em que o gado vai se impondo na escolha que alguns sujeitos fazem e que outros sujeitos sofrem no tocante às formas de se organizar, socialmente, a partir do trabalho.

Foram doadas enormes extensões de terra, nessa fase de organização das Fazendas, aqui em Natividade. Até hoje, muitas delas ainda conservam o nome primitivo e seguem nas mãos dos descendentes de antigos sesmeiros. É com a implantação das fazendas que se dá a transposição da mineração para a agricultura, passando, depois, para as atividades criatórias.

Em Natividade, é sazonal o pêndulo que governa, pelo trabalho, o tempo dos homens e o tempo das mulheres. É o balanço das estações - o "tempo da seca" e o "tempo das águas" - que determina o que se pode fazer e quando.

Janeiro é o "mês das águas", por excelência. A chuva se anuncia desde setembro, insinuada em cores de aruá - "flor que não cai na poeira" - em cheiro de cajú e em cantos de sabiá. O ar pesado vai pesando, pesando, avisa que o céu quer despencar.

Chove. "Deu neblina na serra? É chuva na terra". Nos próximos seis meses vai dar água muita. O homem sabe o que planta e o que colhe quando a água deu no tempo e no jeito que é de ser.

"Nos Gerais, é quando o gado volta dos retiros e vem pastar perto do curral. Tempo de Gerais, quando é seca por aqui, por lá é de um verde só. Mas quando é em águas, danação de areia levada por vento pega grudar no capim. A criação morre, se comer. O gado inverna perto da casa do seu tratador".

Em julho a poeira é muita. Tempo de seca. Quase em tempo de fumaça das queimadas esconder o azul do céu que não se esconde. Dizem que "nesse tempo nasce mais gente e mais gado. Quando é bem que invernou em tempo, só contar, na seca tem mais um, mais cem".

A vida se integra, assim, aos tempos da natureza. Como também o homem com seu trabalho. Em função das características climáticas e do balanço das estações - o ciclo das chuvas e das secas - a pecuária incipiente se exercita em locais adequados a cada tempo. Na seca, em um lugar e de um jeito. Nas "águas", em outro lugar e de outro jeito.

É por essa razão que as atividades do vaqueiro vão ocupando, desde esta fase, o espaço da Fazenda na estação chuvosa ("... o capim pegado de areia fina não presta"), e o espaço do RETIRO, na estação da seca ("o capim fica de um verde que só vendo").

Essas atividades, que em função do tempo se permutam, são chamadas, por essa razão, "Patoreio de Estação".

São elas que vão forjando, ao longo do tempo, a construção social do vaqueiro, enquanto categoria social.

Grande parte dos retiros se localiza a distâncias consideráveis da sede da Fazenda: "prá dentro do sertão". Ou "bem prá lá, nesses Gerais". O vaqueiro, então, é obrigado a se deslocar constantemente. Distribui o tempo do seu trabalho,

sempre, entre esses dois espaços - a casa e o retiro -; e nesses dois tempos o seu mundo - na "seca" e nas "águas" - quer esteja ele na Fazenda, - nas proximidades de casa, portanto, - quer esteja isolado na solidão do retiro, distante. É sempre o tempo ditado pelo seu trabalho que volta a lhe dar uma nova ordem de localização no espaço:

a) quando ele está na Fazenda:

de dia é no curral, de noite é em casa;

b) quando ele está no retiro:

de dia é no campo, de noite é no POUSO, ou em casa, na dependência da distância entre a sede e o retiro.

Posteriormente devo voltar a algumas das características acima descritas ("vida na vaqueiragem"), ao falar da VAQUEIRÍCIA, ou seja, da forma como se estrutura o sistema de trabalho a partir do qual o vaqueiro dos Gerais constrói suas relações com o mundo em que ele vive. Por que mecanismos e a partir de que estratégias nele se mantém. Por enquanto, o que me interessa destacar, é a existência concreta desse sujeito, do seu mundo, e do mundo do seu trabalho.

Para maior compreensão, no entanto, alguns esclarecimentos ainda me parecem oportunos. A superposição, por exemplo, da fase final do chamado "Ciclo do Ouro", em que já predominam as atividades agro-pastoris, e a passagem dada por ambos para a fase seguinte: o "Ciclo das Fazendas". É no bojo das experiências que se acumulam no decorrer deste percurso, que se vai destacando, - enquanto categoria social a já me referi anteriormente -, a figura deste "profissional do gado", que é o "peão do retiro".

Ao longo do processo em que se esboçam contornos do que vai ser o Ciclo das Fazendas, essa categoria se mostra cada vez

mais imprescindível. Quase que se poderia dizer que a vida nos criatórios faz germinar, desde agora, a vida na Fazenda que lhe sucede, e com todo o dinamismo de relações sociais que o seu universo abarca. E, na medida em que se impõe a vaqueiragem, estruturando-se, gradativamente, a Vaqueirícia, vai se construindo o vaqueiro.

A evidência de que muitos deles "continuaram na condição de escravos trabalhando a terra", por um lado, e a de que a terra pertence aos seus "antigos" senhores, me estimulam a buscar uma relação entre senhores-proprietários e escravos-retireiros.

Fica levantada a questão.

Pedaços de pedra rolando em caras morenas, em "causos de assombração", em ditos, em feitos, em rodas de dança, de festa, de canto, na mesa, na cama ou na rua, em tempo de noite sem lua, ou em tempo de dia sem sol, essas coisas não nos devem espantar. São coisas daqui.

c) O CICLO DAS FAZENDAS:

Vaqueiradores, Seus Peões e Seus Patrões

De antigas Sesmarias, no passado, as terras de Natividade prosperam "em gado e benfeitorias" até chegarem nas Fazendas do presente. Desde o seu germe, nos criatórios, a atividade econômica baseada na agricultura e na pecuária, caminha, através do tempo, na direção da grande empresa rural. Ainda não se completou o chamado "Ciclo das Fazendas", e a sua estruturação, no processo de desenvolvimento das forças sociais e políticas, ainda transcorre.

Ultrapassada a fase intensa da mineração, em que o ouro predomina como principal fonte de riquezas, deslocado o pólo da economia regional da Serra para o pé da Serra, a tendência de

expansão das fontes de capital faz com que a pequena agricultura de subsistência e a pecuária testada nos criatórios se alastrem. Para tanto, é preciso que se reorganize o espaço da produção: o legado de terras, colocado nas mãos de antigos "sesmeiros" desde os primórdios da ocupação da região, fica obsoleto diante da proposta modernizadora ditada pelas exigências do lucro. Foi preciso que a atualizassem, no novo contexto, as relações sociais que garantem o movimento constante da produção, alastrando as fronteiras da economia.

Ainda é recente o processo de concentração das terras muitas em mãos de "senhores" poucos. Percebe-se, no entanto, a tendência ao reagrupamento das divisas que demarcam a propriedade rural, fazendo com que esta, gradativamente, se alastre. As Fazendas são, hoje, cada vez mais, enormes extensões de terras, ou já em exploração, produzindo, ou potencialmente agricultáveis. Por outro lado, decorrência do mesmo processo de alargamento das áreas de cultivo, aumentam as possibilidades para a implantação da pecuária extensiva, de grande porte.

Assim é que, levada no curso de um processo já antigo, a "Terra do Oure" se transforma. O tempo, agora, será medido em arrobas de gado em pé, ou em sacas de grãos nas tulhas. Os antigos senhores se habituaam ao complexo jogo das transações bancárias. E estimulam, entre juros e correção monetária, o mesmo fluxo das sempre pepitas.

A implantação da grande fazenda, atualizada e em condições de atender às exigências da nova conjuntura, coloca a necessidade de aprimoramento nas formas de exploração dos potenciais que a terra do cerrado tem. É igualmente recente a deflagração do processo de transformação das forças produtivas. Natividade investe nos insumos indispensáveis à modernização da agricultura e da pecuária. Estimula-se, então, a mecanização

das lavouras, por um lado, assim como se adotam, por outro lado, novos perfis para a atividade ganadeira.

Surgem, a partir daí, categorias de trabalhadores rurais assalariados antes estranhas no cotidiano da Fazenda. Muitos deles volantes, seguindo a rota ditada pelos "ciclos do trabalho", eles compõem, com aqueles que não se deslocam, - "os que moram na rua -, a mão-de-obra "especializada" do campo. A máquina que entra, alterando o perfil da economia, e modelando outras formas nas relações sociais e de trabalho, exige que se "qualifiquem" trabalhadores. Abre outros espaços. "Amplia" os horizontes da produção rural. Estende o jogo da competição entre patrões e entre empregados. Dá, enfim, outras tintas no quadro geral das relações entre os sujeitos do "mundo da terra". Renovados patrões e renovados empregados.

As categorias paridas no processo dessas transformações que re-arranjam a vida nos espaços de trabalho, não se limitando, porém, aí, são aquelas dos "operadores" da máquina, trazidas pela onda modernizadora. Tornam-se indispensáveis. Colocam-se na linha de frente da frente modernizante e expansora do processo da produção.

A aparente expansão do mercado de trabalho faz, então, com que muitos nativitanos se "qualifiquem" como motoristas, tratoristas, mecânicos especializados, operadores de colheitadeiras, auto-motrizes, etc. Enfim, os que movimentam a "nova fazenda".

Decorrência do progresso até aqui deflagrado, a região do "antigo arraial do ouro" vive, assim, no momento, a agitação de um novo "Eldorado". No movimentado jogo das transações entre "senhores", a propriedade da terra não para mais nas mãos dos seus primitivos "herdeiros". A fonte legitimadora da posse, agora é outra. Giram rápidos, nessa empresa, as ações e os títulos que provocam o mercado a multiplicar créditos e a investir "confiança bancária" nesse pé de Serra.

O "Eldorado" que desperta apressado em fundo de sertão e a caminho de Gerais, volta a atrair "bandeiras". A posse da terra passa, como disse, de uma a outra das mãos que chegam. De longe e de perto. Natividade se espanta com o sotaque marcado de "chegantes" de um sul que desconhecia. Gaúchos e paranaenses, sobretudo, são os que, agora, se internam no chapadão vermelho do Planalto. E compram terras. E trazem máquinas. E contratam "goianos nativos". Que plantam. Que zelam. Que colhem. E a terra produz mais ainda. E os "gaúchos" vêm passear pelas velhas ruas da nova cidade que, ainda, "não é nem pitoresca nem muito convidativa".

Mesmo assim, e parece até que agora mais do que nunca, a terra de Natividade vale ouro.



1730. Crônicas e relatos, cartas de viajantes, descrições botânicas sobre raridades tropicais, impressões vagas de estrangeiros que passam, dados esparsos no registro de poucas fontes, lacônicas referências: FLAGRANTES, nada mais. Natividade prestes se prepara. Quem a surpreende, em seus primeiros tempos, fala pouco. Quase nada se sabe. E o que se diz? Poucas notícias. Vestígios. Pegadas. Pedras pelo caminho. RUÍNAS. SILÊNCIO. Só. Parece que num repente o arraial vira vila e de novo se mostra. Mudou? Como está mudada. Poeirenta, essa Natividade novinha, recém-chegada cá embaixo, ao réz-do-chão.

NATIVIDADE, ESQUINA DE SERTÃO: O ARRAIAL DESCEU

Crônicas e relatos de viajantes que percorreram os sertões do Brasil, dão notícias dos primeiros tempos de Natividade. Referem-se ao "arraial do ouro", logo após a sua descida para o pé da serra.

Num cochilo de morro, preguiçosamente se espalhou, cansada, a Vila.

As razões atribuídas ao seu traslado, desde o alto da Serra da Natividade até a sua encosta ocidental, tal qual hoje se situa, cidade, estão ligadas às perspectivas de exaustão dos filões auríferos que vinham sendo esgotados desde a passagem do bandeirante português Manoel Alves, o fundador do arraial que ficou lá em cima: ruínas perfiladas ao longo de trieiros seculares, no lombo do espigão, numa chapada sobre a serra.

Pedras. Pedras que ainda rolam ...

Memórias escritas de Viena pelo austríaco Johan Emanuel Pohl, que percorreu o interior do Brasil de 1817 a 1821, encontradas numa versão alemã nos arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia, já se referem a Natividade assentada no descanso de montanha em que até hoje se encontra. Segundo POHL, "somente em 1731 foi transferido o arraial para o lugar atual, por causa do abundante ouro aí aparecido". Mais adiante, em trechos das suas inúmeras anotações de viagem, ele se refere a Natividade nos seguintes termos:

Ela foi um dos maiores arraiais das Capitâneas do Ouro e ocupou o segundo lugar, depois de Meia Ponte.* Não obstante isso, o seu aspecto exterior não é nem pitoresco, nem muito convidativo.

A saga do ouro, no entanto, que se apresenta à história como sendo o "pivô" da transferência do arraial e da sua elevação a vila, não se restringe apenas ao esgotamento das minas de "riba-serra", por um lado, e ao surgimento de novos veios, com a conseqüente promessa de abundância, "cá embaixo", por outro.

A iminência de um colapso na vida do arraial e a conseqüente "mudança", perpassa, "lá em cima", as suas várias "economias". Não apenas as "bruacas" do ouro nativitano que circulam no rumo das feiras de Barreiras e de Salvador entram em "crise". As pressões que empurram o arraial "para baixo" devem ter conotações mais gerais, e a "crise" maior envergadura e abrangência. Mesmo se a ponta do "iceberg" evidencia, apenas, transtornos na extração do ouro - a este tempo minguando -, e a aspectos relativos a esta economia, em especial.

Natividade, quando desce, é quase vila. Vem "rolando" a farejar "outras" pepitas. A "crise" que se instala deve ter as mesmas colorações da "crise" que afeta uma sociedade em processo de mudança nas suas mais profundas estruturas: social, econômica, política, religiosa. "Mudanças" que operam transformações substanciais nas formas de produção e de reprodução da própria vida e nas suas expressões. Natividade, sem dúvida, deve a este movimento serra-pé-de-serra, muitas das raízes com que do chão extrai a seiva da variedade das suas

*Meia Ponte, atualmente Pirinópolis.

manifestações culturais, uma vez que este movimento não cessa. Ao contrário, os tempos da história que "rola", se interpenetram no circuito deste dinamismo. É por onde muitas "natividades" se explicam ...

Mas e que outras pepitas fareja Natividade ao descer? Que expectativas traz, no seu percurso serra abaixo? Numa esquina de cerrado bravo? Num entroncamento de sertão?

Ao descer, a Vila se acomoda num novo tempo. Muito embora se mantenha atenta ao ouro, de bateia em punho, mantendo os seus escravos na ginga da garimpagem, agora em curvas de rio, Natividade se ajeita numa outra etapa da sua construção. Instaure-se a vila. Inscreve-se um novo giro: das suas "economias" - sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais -, baseadas, fundamentalmente, na extração do ouro às custas do trabalho escravo, Natividade vai assumindo cores e perfis de uma formação social de características agropecuárias. Certos "traços de herança", no entanto, como se verá mais adiante, serão mantidos, participando, exponencialmente, no desabrochar das novas estruturas.

Das vez o que tá cá embaixo, é trem que vem lá de cima.

É neste tempo aparentemente perdido num passado tão longínquo, tão distanciado, tão apenas passado, sem conexões possíveis com o presente da cidade, que certas "pedras que rolam", em Natividade, devem ter inaugurado a sua trajetória, o seu vai-e-vem. Quando o próprio arraial, por seu turno, desceu por inteiro.

O dinamismo das trocas comerciais com o sertão da Bahia se intensifica com o cruzar de tropeiros que, agora, perpassam Natividade, ao pé-da-serra. A circulação de divisas, assim se

mantendo através dos tempos, deve sempre recordar Natividade, em idos, a "rolar suas pedras": onde antes escoava em pepitas, medido em quilates, o "ouro" agora se engorda e vale em pé, se mede ao peso, em arrobas. Seguem "rolando divisas". Sempre pepitas. Entradas. Bandeiras.

Talhada a serra, o "ouro" agora dissimula o brilho. Nas grupiaras. Nos aluviões dos córregos. Nas barrancas do Manoel Alves. Nos seus afluentes, revolvem-se as beiras. Vasculha-se.

O rio, no entanto, segue rolando seu curso. Na direção do Tocantins. Natividade vai com ele. Na direção do mar ...

A serra descansa, esculpindo paciente, aos séculos, o encantado mistério do seu silêncio. Calada contempla a vida que agita aos seus pés. É assim que ainda fala.

Noventa anos já se dão do seu traslado, e "o seu aspecto exterior não é nem convidativo nem pitoresco". POHL afirma que, neste tempo da vida da vila, "o número de casas sobe a trezentos, todas de andar térreo, construídas com adôbes, cobertas de telhas e dispostas contíguas umas às outras". O observador austríaco percorre os espaços do arriado arraial, e registra que suas casas, assim distribuídas, "formam ruas bastante largas e regulares, guarnecidas de calçadas de laje". E, enveredando pelos fundos de compridos quintais, percebe que "eles também são, na sua maioria, cercados de muros de pedra ou de adôbe".

O antigo arraial, erigido às pressas, impresso na pedra da serra, ficou lá em cima, cansado de tanta correria. Calmamente emerge em testemunho, bordando vestígios nas curvas de antigos caminhos que a relva disfarça, esconde.

Calegrafias do tempo. Sinais. Resquícios no meio da mata. Indícios. A canga lavrada. Escrita. Que coisas fala de quem por aqui passou?

Cravadas na pequena chapada que se encosta em espigão, no colo da serra, bem lá no alto, escondida na mata, as RUÍNAS DA VILA DO OURO ... Fingem que dormem, as pedras.

Os sinais se ajeitam na escrita secular com que o tempo da serra se re-diz: esmerado artesanar desta fala sempre atual com que as ruínas do arraial irrompem, do passado ao presente, do presente ao passado, abrindo-se à permanente possibilidade de comunicação, de leitura: escombros? Nada mais que restos? Ruínas?



"Cá embaixo": o alvorecer poeirento do antigo "arraial do ouro", neste seu novo tempo, se insinua em registros de viajantes que passam, esporadicamente, a cruzar sertões. George Gardner, inglês, é um deles. Em sua "Viagem ao Interior do Brasil", passando pela Vila de Natividade, por volta de 1836, GARDNER testemunha, em seus registros e anotações, alguns dos sinais com que ele percebe as suas falas. E, ao viajante inglês, parece, a vila não deverá ter ficado indiferente. Ao contrário, ela provoca as impressões do britânico etnógrafo, e impõe-lhe, imperativa, a descrição e o registro.

GARDNER se refere à região, dizendo que "ela é plana e de poucas matas; mas do lado oriental da estrada, perto da vila, há uma extensa serra, de cerca de dois mil pés de altura, que se prolonga de norte a sul. A estrada passa perto da base desta serra por meia légua e causou-me admiração ver o solo,

que é de areia grossa, cavado em fundas trincheiras, apresentando, aqui e além, ruínas do que parecia terem sido casas outroras".

O que pareceu a GARDNER "terem sido casas outrora", são enormes extensões, aparentes ou soterradas, evidenciando-se em pequenos segmentos aqui, ocultando-se para dentro da terra acolá, de RESQUÍCIOS da arquitetura do arraial do passado.

O arraial do presente é uma sucessão amarronada e harmônica de volumes que se distribuem ao longo dos caminhos, no percurso em direção à serra. Lá em cima, em ruínas, vestígios de uma cidade que dorme. Em sinfonia e formas, de silêncio e pedras. Sobrevida em rocha. Porosa prosa em canga. Expressões. Composições. Presente e passado. Movimento captado no instante sem tempo em que a luz aprisiona as formas. Imagem retida na película. O instantâneo.

Assim, o que parecia "terem sido casas outrora", para GARDNER, foram casas no passado e são seus engramas no presente: RUÍNAS. A serra está cheia delas.

GARDNER segue se referindo àquelas "fundas trincheiras", cavadas no solo arenoso de Natividade. Diz ele que, segundo lhe informaram, "eram antigas lavras de ouro, abandonadas desde muito por se ter exaurido o mineral". E ele segue descrevendo as suas andanças pela vila e seus arredores. Conta ter verificado, depois, "que a maior parte da zona nas vizinhanças da vila havia sido explorada da mesma maneira".

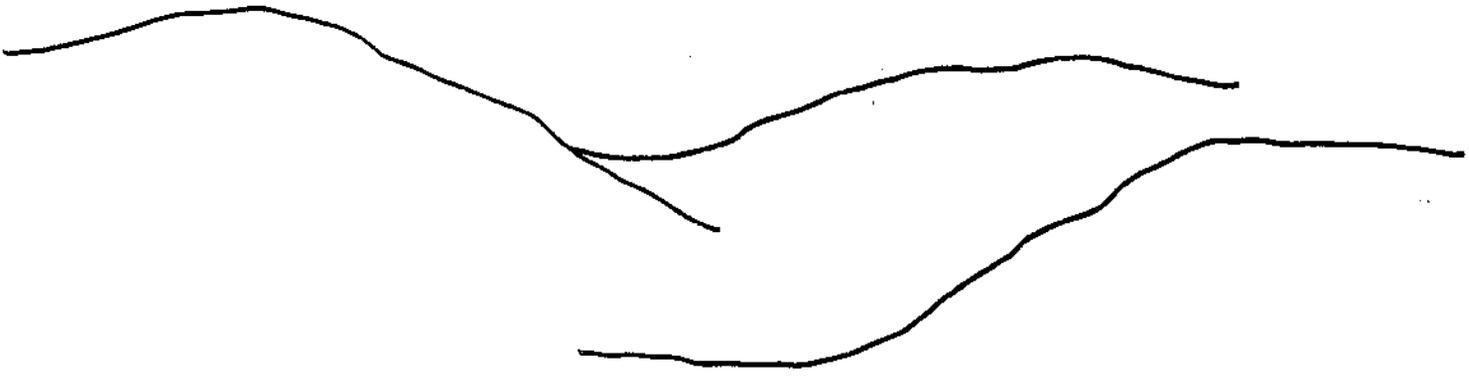
O viajante britânico, segundo seu próprio depoimento, permanece na vila o tempo suficiente "para descansar os seus cavalos e se recuperar da viagem". Faz anotações acerca de curiosidades da flora e da fauna local. Coleciona espécimes raros de orquídeas e algumas coleções delas - refere-se a centenas -, registradas, classificadas segundo as suas espécies e famílias, convenientemente selecionadas, faz chegar ao seu

país, onde serão cultivadas e propagadas. Observa costumes. Anota hábitos. Registra comportamentos. Enfim, percebe e apreende, a seu modo, esse povo da serra que se movimenta ao pé da serra, num entroncamento de sertão, no umbral da grande vereda, que é GERAIS.*

*A GUIA DE NOTAS: ANDANÇAS DE "VIAJANTES"

Os relatos e as crônicas dos observadores europeus que vasculharam os sertões do Brasil em "primórdios de antropologia", têm como característica não apenas a expressão etnocêntrica das observações que fazem, mas também - e isso me parece importante ressaltar - a variedade do material que recolhem nas suas pesquisas. Eles traziam na sua bagagem teórica, entre os equipamentos que lhes auxiliariam a compor uma "etnografia das regiões visitadas", conhecimentos de botânica, de fitofarmácia e da Ecologia. Ou, ao menos, mantinham na sua retaguarda estas disciplinas, a lhe respaldarem as importantes observações acerca da natureza e do meio. Enfim, estes "etnógrafos" que nos antecederam nos sertões, "em campo", vinham, de qualquer forma, munidos de interesses e fundamentados, também, nas "Ciências Naturais". Este, sem dúvida, é um traço marcante do perfil com que eles se apresentam ao leitor, quando este ocorre ao manancial das suas fontes: entre os dados que daí jorram, correm descrições perfumadas de flores e folhas, caule e frutos. Incursões que arrebanhavam curiosas observações sobre hábitos e costumes de "gente estranha", ao mesmo tempo em que coletavam mostras importantes sobre a fauna e sobre a flora, incorporando a biologia na composição dos seus relatos acerca da "primitividade", da "exuberância dos selvagens", a apuram "homeostase ecológica" dos ambientes visitados, comparativamente ao "mundo civilizado" - e "asséptico" - de onde procediam.

Estes apaixonados da natureza - "naturistas" e "naturalistas" - incorporam, pois, nas suas observações, elementos de ecologia, ocupando-se a etnografia, então, em apreender, também, aspectos relacionados ao meio, - entre outras "estranhezas" possíveis, - em que os "nativos" desenvolviam curiosos hábitos de vida, organizações sociais e manifestações culturais que sempre provocaram a antropologia e estimularam os antropólogos na sua "curiosidade": questões relativas à constituição dos solos, às características dos relevos, à procedência das rochas e aos períodos da sua sedimentação; problemas referentes à classificação vegetal e tipificação de espécies segundo as propriedades "possíveis" do seu uso, no que se fundamentavam, tanto na pesquisa empírica, cujas fontes vivas são os próprios nativos que as utilizam, quanto naquelas complicadas classificações da botânica e das investigações fitofarmacêuticas, ou ainda da zoologia sistemática - fontes estas distantes da "praia", no país de origem do observador, nos laboratórios da universidade ou da "sociedade científica" que o financia. Desta forma, a "etnografia dos cronistas e viajantes" - em princípios do século XIX - também se configurava como investigação etnobotânica, fitofarmacológica, e médica (incluiu as contribuições ao conhecimento das zoonoses, e dos esboços de uma abordagem antropológica de algumas patologias tropicais, e os "estranhos procedimentos dos nativos diante do mal"). Um destes investigadores é GARDNER, o viajante e cronista britânico que percorreu a região de Natividade e a descreveu. Ele faz concomitante às suas observações sobre a cidade, a sua gente e os seus costumes - "povo indolente e ocioso"-,



a coleta sistematizada e organizada de espécies vegetais tropicais que, seguramente - como, de fato ocorreu - deveriam provocar perplexidades entre atônitos colecionadores de variedades vegetais. GARDNER, segundo relatos seus, foi capaz de classificar um bom número de orquídeas, por exemplo, até então ausentes da nomenclatura vegetal oficial. Pude encontrar na Farmacopéia Brasileira, espécies vegetais de uso medicinal que foram classificadas por GARDNER a partir de mostras colhidas quando das suas "viagens ao interior do Brasil". Assim, do ponto de vista da contribuição científica que a curiosidade do viajante acaba por ofertar à ciência, certas "conquistas vegetais", figuram, por certo, como relevantes. GARDNER é um desses cuja leitura nos possibilita refletir pelo viés do ecológico, do biológico, o plano da natureza em que as relações sociais e as tramas culturais encontram seu cenário. A "etnofitofotografia" destes viajantes podem contribuir na busca de compreensão do homem, nas relações com o seu meio.

A Vila de Natividade que se mexe aos olhos do observador inglês, já tem um século de história que se conta, e segue rolando os seus dados, de baixo para cima, de cima para baixo.

Dentre outros aspectos que chamaram a atenção de GARDNER, ele destaca, demonstrando-se "curioso e preocupado", os hábitos alimentares do povo da região. É, assim, a partir do seu espanto para com a "dieta nativitana", que ele arrisca observações acerca dos perfis que, segundo lhe parece, mais caracterizam a gente do lugar. Para o naturalista britânico, então, "os seus habitantes são vadios e indolentes em extremo e, por isso, sempre há entre eles grande escassez das coisas de necessidade comum da vida. Conquanto grande parte dos arredores da vila muito se preste a plantações de mandioca e outras, bem poucas são as que se vêem; e embora grandes fazendas de criação de gado a poucas léguas de distância, não se encontra carne fresca à venda senão uma vez por mês ..."

Quando o arraial baixou, desde a serra, assentando a vila no caminho do sertão, é sabido que muitos dos escravos garimpeiros, "entalhadores da pedra", continuaram com os seus senhores, "na mesma condição". Só que, agora, trabalhariam a terra, num primeiro momento; tratariam do gado em "criatórios", internando-se, para tanto, em "retiros", num segundo momento; seriam proprietários e patrões, num remoto terceiro tempo. Reiniciariam o ciclo, sempre que a sua "alforria" alforriasse outro que alforriasse outro que alforriasse outro.

Posteriormente devo me referir, com maiores detalhes, às novas formas contratuais das relações sociais que, cruzando não apenas o mundo do trabalho, envolvem sujeitos, em Natividade, a partir da sua instalação, ao pé da serra. São elas que permitem

traçar paralelos e estabelecer aproximações históricas entre senhores e escravos do antigo arraial, com os novos patrões e os seus empregados - "camaradas de eito" -, na vila e na cidade, mais tarde.

"Mas isso tudo não me admira", acrescenta GARDNER, e continua: "pois o grosso da população, por seus hábitos indolentes, não dispõe de recursos para comprar carne ou qualquer outro artigo de qualidade".

Investigando a vida da vila no modo de vida da sua gente, o curioso observador inglês inquiriu informantes acerca dos seus pressentimentos quanto ao "caráter vadio e indolente" do povo da terra. E afirma que, "perguntando a uma das mais respeitáveis pessoas do lugar como vivia essa gente", diz ele ter sido informado de que "os poucos laboriosos tinham de sustentar os demais, porque estes habitualmente furtam das plantações quanto sirva para sustentar sua mísera existência".

Na praça do mercado, em Natividade, as folhas de um velho jatobá caem num compasso de vento morno sobre o chão. Que dizer, então, da poeira, redemoinhando o tempo?

... e ficam, pois, Maria Cabra e Antonia Cabra, de Angola, nas minas da Barra e de Santana, para povoar.

Foi em 1831 que Natividade foi elevada à categoria de Vila. Decretos dessa mesma época, dotam o lugar, cujo aspecto ainda não é "nem convidativo nem pitoresco", de duas escolas: "a primeira para ensino primário, e a segunda, de latim, regida pelo padre Emílio Marques".

A ata da instalação da Comarca de Natividade, fato que se deu a 22 de julho de 1901, refere-se aos limites do novo "município", traçando-lhe os desenhos das suas fronteiras. Estão assim estabelecidas:

"De Oliveiras, na margem do Balsas, ao Manoel Alves; deste à Fazenda Roma, na sua foz com o Tocantins; por este abaixo, à foz do Formiga; daí ao princípio declarado".

A "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros", ao localizar o Município de Natividade na chamada "Região Tocantina" - área fisiográfica correspondente à bacia do Tocantins -, diz que a sua sede "acha-se situada entre os ribeirões Salobre e Água Suja, próximo à afluência dos mesmos no Rio Manoel Alves, na costa ocidental da serra do seu nome, a três quilômetros da Serra do Olho D'Água".

Ainda na tentativa de cercar melhor os contornos de Natividade para, depois, ultrapassá-los na visão sobre a cidade, fui buscar as discriminações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para os Municípios do Estado de Goiás.

Coordenadas geográficas da sede a $11^{\circ}39'$ de latitude sul, $47^{\circ}48'$ de longitude oeste de Greenwich. Tudo aproximadamente.

Natividade lá está: ao norte, Porto Nacional, a uma distância rodoviária (ampliada enormemente "quando é tempo de águas", de 150 quilômetros; a oeste, Peixe, com 80 quilômetros; ao sul fica Paranã, a 140 quilômetros na direção de ; a leste, no caminho que vai dar em Barreiras (Bahia), que, por sua vez, fica a 150 quilômetros.

Para além das balsas do Manoel Alves, na entrada de Natividade, desde a passagem - por balsa também -, dos rios Santa Tereza e Tocantins, estão a cidade de Gurupi e a rodovia Belém-Brasília, em cujas margens esta cidade se situa, no seu quilômetro

A distância, desde Natividade até o entroncamento de asfalto que é Gurupi, a distância varia: tanto podem ser as quase seis horas de viagem no tempo da seca, como pode ser o dia inteiro, e sabe Deus quanto mais, "quando é tempo das águas".

A estrada que corta o sertão, adentrando matas e beirando limites de arame farpado, em contornos de latifúndios de "gente do sul" - os "gaúchos" e os "paranaenses" -, serpenteia terra vermelho-amarronada, levantando densas nuvens de poeira, até que, enfim, empaca nas balsas do Manoel Alves, dolente rio em cujas margens a cidade nasceu.

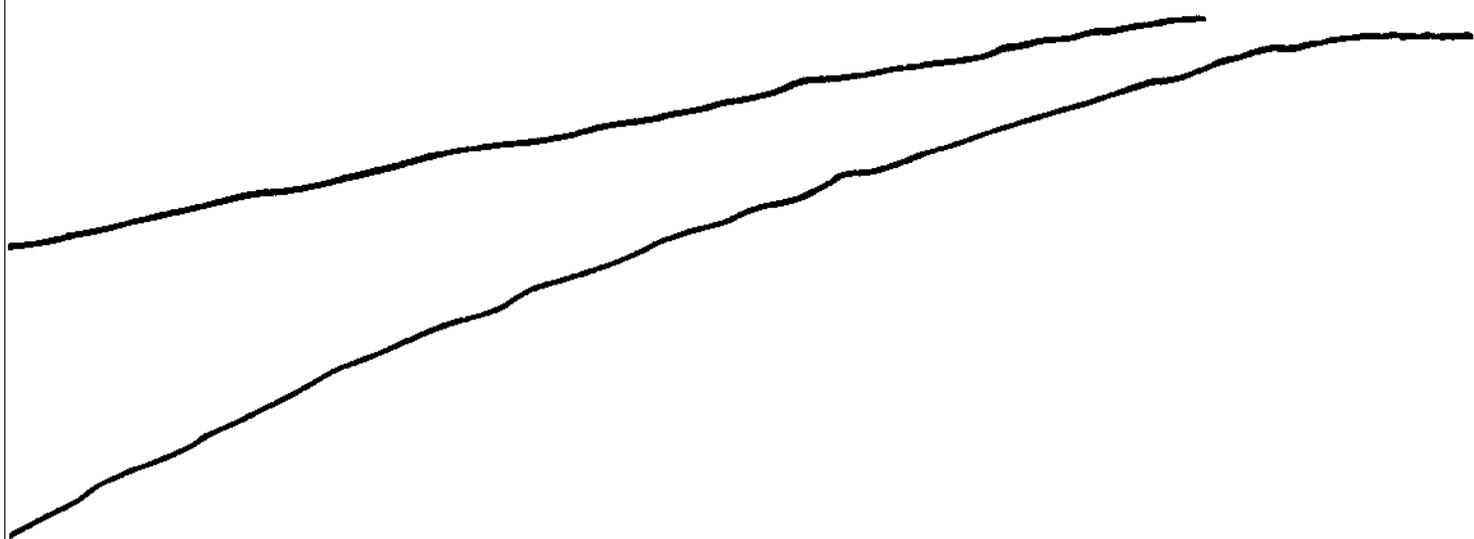
De Natividade a Goiânia, a distância é muito grande. Medida em quilômetros de rodovia, são 900 quilômetros. Variando para outras medidas e, ainda mais outras, os espaços cerrados de Sertões e de Gerais são imensos. A distância, então, é de perder de vista.



DA ETNOGRAFIA, ESSA LEITURA

ÉTICAS: SOBRE NATIVIDADE

ÊMICAS: EM NATIVIDADE



MALINOWSKI: "CRISE, DEPRESSÃO E TÉDIO TROPICAL"

"Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas do seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar, pois o homem branco está temporariamente ausente ou, então, não se dispõe a perder tempo com você ... Lembro-me bem das longas visitas que fiz durante as primeiras semanas; do sentimento de desespero e desalento após inúmeras tentativas obstinadas mas inúteis para tentar estabelecer contato real com os nativos e deles conseguir material para minha pesquisa. Passei por fases de grande desânimo, quando, então, me entregava à leitura de um romance qualquer, exatamente como um homem que, numa crise de depressão e tédio tropical, se entrega à bebida".²⁰

A "MALA", REGISTRO E FONTE

Diante de mim espalho o emaranhado de "pistas" que compõem o meu arquivo. Essa "mistura" aparentemente caótica de emoções e de dados de registros, os mais vários, - que já me é tão familiar -, cada vez que a retomo, mais me desafia. Nos últimos tempos, talvez numa tentativa de me acomodar à distância da incomodativa insistência das notas esparsas, dispersas numa considerável quantidade de "cadernos de campo", eu vinha rareando mais as minhas "incursões" por esse "cabedal de investigações".

Desde que me afastei do "campo" - há quase sete anos -, organizei meus cadernos numa velha mala de couro que há tempos me acompanha. Ao longo deste período de "afastamento, os dados se mantinham ali, como que à espera. Esporadicamente, neste período, me habituei a recorrer à "mala" em momentos em que a nostalgia da pesquisa me tomava, e quando eu sentia assim como uma espécie de "banzo" com relação às situações vividas. A lembrança da pesquisa passou a desempenhar, sobretudo em momentos mais solitários, uma possibilidade de refúgio, uma alternativa de fuga para dentro dos meus próprios rescaldos. Nestas ocasiões, em geral, eu abria a mala e deixava que as minhas "anotações de campo" ventilassem, livrando, assim, as peças do meu "arquivo de Natividade", dos perigos do mofo e da estagnação. Não raro, nestas oportunidades o arquivo se modificava, recebendo tratos: um mapa que era retraçado a tinta, um gráfico que recebia um comentário, um novo fichamento que se acrescentava aos re-

gistros e mais algum desenho, alguma carta ou, ainda, uma entrevista que retornava ao seu lugar.

Em outros períodos, como disse, a "mala" se mantinha à espera, ali num canto.

Tenho uma relação toda especial com malas. Esta, então, aos poucos foi se tornando mais especial que as outras que já tive: a "mala da minha tese".

Comprei-a em Campinas, às vésperas de "sair a campo" quando, terminado o período de obtenção dos créditos, eu me preparava para dar mais um passo no trabalho que, então, já vinha desenvolvendo, e que se configurava no projeto que, segundo imaginava naqueles momentos, deveria fazer germinar a minha dissertação de mestrado. Não imaginava que a minha "mala" fosse, a partir de então, se recheiar de outros dados, colhidos num outro campo, germinando calada, outro projeto.

Acho interessante falar desta "mala". E por uma razão que me parece considerável, quando se trata de apresentar, aqui, algumas das dificuldades que encontrei ao esboçar traços de uma etnografia de Natividade que me satisfizesse, e de relatar ainda que suscintamente, as formas que fui encontrando, e mesmo criando, para superá-las.

Não me parece comum que estas dificuldades sejam colocadas à vista, no interior do texto final, como momentos significativos do processo da pesquisa como um todo.

Acho, assim, que algumas palavras sobre esta "mala especial" que passei a carregar comigo desde que deixei Natividade, não vão ficar, então, inconvenientes.

Tenho hábitos de cigano. Frequentemente me mudo. Constantemente me transfiro. Posso até afirmar que, mesmo no meu dia-dia, estou envolvido com coisas da minha "administração pessoal" a me implicarem cansativas baldeações e mudanças daqui prá lá e de lá prá cá. Talvez este já seja um traço incorporado à

minha personalidade, à força de marcantes vivências de "repetidas mudanças" que caracterizam a minha história, e que ficaram, por assim dizer, exacerbadas a partir do início da vida profissional.

Nesse constante ir-e-vir, criei o hábito - de que, aliás, me envaideço -, de registrar apontamentos das minhas próprias vivências. Como estou formado em medicina há 13 anos, pode-se imaginar a quantidade de "cadernos de campo" que, atualmente compõe o meu arquivo. Um inventário dos meus fatos.

Mas eu falava da "mala". E a revestia das características de "móvel de dificuldade", frente à necessidade de uma descrição etnográfica. E divaguei pela mescla cigana do meu sangue, para dizer que tenho andado às voltas com "malas" e com "baús" prenhes de registro, o que se deve, por um lado, conforme já disse, às constantes mudanças que faço e, por outro, às características deste período difícil, desgastante, por vezes interminável, que vai do final das observações de campo até a apresentação final dos resultados, na forma de dissertação.

A gente chega a pensar que não se chegará lá nunca. Neste período, o recurso à "mala" é mais ou menos constante. Retornar a ela pode ser uma forma de aliviar a própria "culpa", quando envolvimento de trabalho no quotidiano da vida profissional, fazem com a gente pareça ter esquecido da tese, ou de tê-la "abandonado à própria sorte".

Acontece, porém, que cada uma das retomadas nostálgicas das "lembranças de campo", quando, solitariamente, recorre-se ao "arquivo da pesquisa", pode, na verdade, revestir-se das características de uma nova retomada da própria pesquisa, ou ainda mais: trata-se da abordagem de um outro campo, que é o próprio arquivo.

Refiro-me ao meu caso em particular mas, por saber de outros, sei que este "tempo de mala encostada num canto", peram-

bulando fechada de um lado prá outro, sem que o seu recheio se converta numa "bela tese", a mais linda, aquela tão acalentada, tão sonhada, em silêncio, num canto da alma do pesquisador, não é um tempo que corre em branco, sem registro, sem sobressaltos que, arrombando o fecho da "mala", nela acabam se insinuando. Quem sabe se esta forma andarilha de se "trabalhar um relatório final de pesquisa" - que, talvez, nem mesmo chegue um dia ser apresentado - tenha a mesma cara destes nossos tempos: quem sabe não poderá estar aí uma novidade do método, parida na "crise" em que o antropólogo, após o empuxo com que salta para fora do campo - o fim da bolsa que o sustenta, o esgotamento dos prazos que a universidade coloca, etc. -, acaba mergulhando nas situações em que ele próprio é "êmico"?

A dura batalha da sobrevivência faz com que este etnógrafo esconda a sua "mala", por uns tempos, trancando a sete chaves o seu desafiante recheio, somente enfrentado às escondidas, longe de qualquer outra interlocução que não seja aquela da relação com o "seu" objeto.

A "mala", então, passa a ser o seu "informante principal". E ele, - mesmo que não o perceba -, vai re-compondo os traços da pesquisa, agora que, distante da "praia", adentra continentes da sua própria vida, mergulhado nas situações do seu cotidiano, o "ofício do etnólogo" se reduzindo ao "blues" de uma "mala" entreaberta em escapadelas roubadas ao tempo.*

Penso que os partos de algumas etnografias recentes podem se revestir do caráter desta teimosia: o produto final sendo uma gestação silenciosa, interminável, insistente, vivida no cruzar de estradas distantes do porto seguro que a academia representa.

*O ofício do Etnólogo ou como Ter Anthropological Blues Roberto de Matta.

Abro a "mala".

Retiro os dados. Retidos nas mãos por vezes trêmulas, outra vez apreendo dela o velho desafio da pesquisa. Mistura confusa de emoções que sempre se mesclam a cada nova tentativa. A possibilidade da composição é quase uma ameaça, tão imperativa se apresenta. Retomar impressões dispersas em prosa ou em verso, os testemunhos, os flagrantes "imponderáveis da vida social",²¹ as pistas da pesquisa, as suas sinalizações mais perigosas, indicando traços tortuosos que incitam teorias por vezes ainda desconhecidas pelo pesquisador e que ressurgem, por sua vez, com a exigência de novas incursões, de outros tratos, novos estudos, não tem sido para mim tarefa tão simples. A cada novo olhar sobre o vivenciado, sobre o experimentado, e a pesquisa se re-abre para um novo pano de fundo de análise, pontuando uma nova sistematização.

Como seguir adiante? Que vicinal tomar? Com que falas compor?

A "mala" aberta deixa que me vaguem circunstâncias, eventos, traços, tipos, falas, e um emaranhado de idéias cruzando imagens em fuga: homens, mulheres, sonhos, assombrações, enfim, vertigens do tempo da pesquisa.

A realidade que se desprega do registro em laivos de lembrança, despe-se diante de mim ameaçando pudores de escrita. Me sinto outra vez estacado diante dos inúmeras tentativas de compor um quadro. Rememoro regras no manejo das tintas, e acabo confundindo as cores, borrando os tons do contorno. Traço "outros" traços.

O infrutífero pincel empaca. Cresce o volume de papéis amarrotados, atirados na cesta de lixo, como registro que se perde desta etnografia das minhas dificuldades.

Fico olhando para a "mala": não consigo descrevê-la.

Natividade me escapa por um fio qualquer de frase solta, e se recolhe, tímida, ou fingindo timidez, na profusão confusa do arquivo, cada vez que insinuo relatar a intimidade de minha relação com ela.

Prelúdios do texto em que os dados dispersos vagam na lembrança. Notas esparsas que devem, no entanto, ser compostas, na mistura de emoções e de análises.

Entretanto como diria LEVY-STRAUSS, é o momento de se tentar essa "SÍNTESE EMPÍRICA". De falar do experimentado, do vivido. E "com a única garantia de que a análise prévia, levada até as categorias inconscientes, nada deixou escapar".²²

Mas e quando se está mergulhado, pessoalmente, no campo destas análises? E quando se identifica a própria imagem entre as imagens captadas pela objetiva? Quando se percebe o próprio traço num apagado perfil que, afinal, não se furta ao registro e acaba se insinuando na película? Que dizer, então, do rigor da análise, da exatidão da leitura do real apreendido na estranheza do "outro", quando quem analisa se reconhece identificado, se admite comprometido, ou, se quiser, se confessa envolvido em algumas das tramas em que este "outro" é captado, mesmo se nas mais "inconscientes"?

É verdade que, com a escrita, se avizinha novo momento no circuito da troca. Ela deixa de ser assim tão exclusiva. A "mala" como que se devassa ante os olhares de outros "outros" que a perscrutam. Talvez seja por isso que Natividade e eu nos refugiamos tanto na intimidade da lembrança. O comprometimento com a realidade que a "mala" contém, coloca, para mim, então, a obrigatoriedade de um certo rigor na escrita, cuja descrição, como tônica, se não chega a impedir o vigor da análise, torna, com certeza, mais difícil a empresa do relato.

As tentativas da Antropologia Social de "estar dentro", de romper "barreiras éticas" que a separam do seu objeto, mergulhando, de fato, na "condição êmica" que os etnógrafos perseguem, parecem evidentes nas etnografias desde que MALINOWSKI instaurou a "participação intransigente do etnógrafo"²³ na vida dos nativos, como imperativo da pesquisa antropológica.

Decorrência das exigências da "permanência prolongada", a disciplina viu crescer o seu desejo de mergulhar cada vez mais para dentro do universo do "outro", atraída pelo encanto da "estranheza", ou pelas possibilidades que a "diferença" lhe sugeria na busca de melhor se compreender as identidades da vida humana, verdadeiro escopo da antropologia.

Mas, no percurso deste encantamento, no entanto, não tem sido raro que os antropólogos se sintam e se percebam diante da "risco" de perderem a sua própria identidade, ou ao menos de verem arriscadamente confundidas os seus próprios perfis com os perfis do objeto que tentam apreender e que, assim, muitas vezes, lhes escapa.

A "permanência prolongada e sistematizada" do etnógrafo em campo, no contato direto com a "diferença" que ele persegue, coloca, assim, sem dúvida, - isto quando esta "permanência" é real e, de fato, se dá -, o iminente "risco" da "absorção definitiva", para a qual LEVY-STRAUSS chama a atenção, concitando, no entanto, a disciplina, apesar do risco, para a "ousadia de uma tal empresa".

E, se assim é, repito, que dizer da exatidão da etnografia, enquanto forma de apreensão e de leitura da realidade, que já não parecerá mais tão neutra, se considerada esta aproximação perigosa a partir dos cânones tradicionais da pesquisa científica?

Natividade, no entanto, está, novamente diante dos meus olhos. E eu me vejo passear nela enquanto a refotografo, agora, através das imagens retidas nas anotações do meu arquivo.

Assim, pois, é como se o instantâneo da pesquisa tentasse captar, pela segunda vez, um mesmo objeto que, no entanto, se move incontrolável em várias direções e de várias maneiras: a Natividade que ficou lá, distante, já não é mais a mesma, mudou; a Natividade que se apreende dos registros, se compõe de imagens andarilhas na "mala" de um cigano que, insistente na impaciência da sua busca, re-arranja bagulhos a cada passo do percurso das suas variadas trajetórias, aprendendo, assim, - conforme diria Wright MILLS -, "a usar a experiência da sua vida no seu trabalho, continuamente".²⁴ Talvez uma das maiores empresas a se assumir, então, no empreendimento de uma etnografia cujo processo se confunde com a própria vida do etnógrafo, seja este paciente re-arranjar dos dados que a sua bagagem de viajante contém: o "blues" da "mala" no ofício do etnógrafo sempre andarilho.

Para Wright MILLS, esta "bagagem" é o arquivo de uma pesquisa contínua que o antropólogo faz, não apenas em momentos excepcionais, como quando se vai elaborar um projeto ou compilar uma dissertação de mestrado - caso em que me encontro agora -, mas ao longo de todo o exercício da profissão, quando, na etnografia, "unem-se a experiência pessoal e as atividades profissionais, os estudos em elaboração e os estudos planejados".

Quando aquele autor sugere, como recurso de sistematização que otimiza os resultados da pesquisa, a manutenção de um "arquivo" em constante movimento, qualificando o etnógrafo como "artesão intelectual", sempre tentando "juntar o que está fazendo e o que está experimentando como pessoa", ele também me sugere que eu permita, ou até mesmo que

facilite, à "mala", a "absorção definitiva" das minhas emoções na mistura apaixonante com o meu objeto, deixando o "risco" de se configurar como ameaça, mas passando a representar, ao contrário, um convite à aventura da incursão êmica que tanto excita a antropologia, desde que MALINOWSKI inaugurou a pesquisa de campo.

Wright MILLS, então, me auxilia a melhor compreender e a me achar mais confortavelmente no movimentado percurso de idas-e-vindas que o etnólogo deve executar, nesta nova forma de abordagem do seu objeto, que se segue à sua prolongada permanência", enquanto etnógrafo, no universo da pesquisa, que é a vivência sistematizada dos seus próprios registros. Quer dizer: o recurso à "mala".

. . . .

Nestes últimos anos, vi se multiplicarem as oportunidades de expor alguns dos resultados da minha pesquisa. E o fiz a diferentes interlocutores e em diferentes situações.* Em geral, nestas ocasiões, quando surgia a necessidade de melhor organizar a exposição nas falas de um texto eu me reportava ao arquivo em busca não apenas de dados, mas também de recursos instrumentais, de ilustrações de campo, em que me apoiava didaticamente.

*ECEMs, SESACs, Jornadas, Simpósios, etc., frequentes na área de Saúde.

Cito estas oportunidades por vê-las, agora, revestidas das mesmas características que encontrei nas reflexões que fiz, motivado pelo texto de MILLS, sobre o ritmo de um arquivo dinâmico, onde cada avanço nas análises e no arranjo das formas de organizá-las, representam, por si só, novas etapas e outros importantes momentos no processo da pesquisa. É quando se aprimoram análises, quando se reestruturam métodos, servindo, cada novo arranjo, para melhor clarear o resultado final que se persegue: como se trata de um processo de constantes retomadas - é este o dinamismo inerente às fontes - a pesquisa, assim compreendida, não terá jamais um resultado final. O arquivo poderá ser sempre, então, manuseado como um caleidoscópio, cuja gama de possibilidade de composições chega ao infinito, como é infinito o espectro do raio luminoso que sobre o cristal incide: a "mala" é esse prisma.

Mas Natividade não fica nela contida como o segredo do vendedor ambulante que arrebanha curiosos na praça. Ali, cada espectador parece fingir não saber o que contém a "mala do homem da cobra". O seu discurso, então prende atenções, mas é porque cada curioso, no fundo, - é o que me parece - se deixa estar ali, ouvindo atento, apenas para comprovar, no final, algo de que já tinha certeza.

As pessoas se assustam a cada ameaça do homem em abrir a sua misteriosa mala, e dela retirar, afinal o monstro medonho que, por fim, poderá lhes devorar a curiosidade e cessar-lhes o encanto.

A competência do "homem da cobra" pode, então, ser medida pelo tempo que ele consegue manter presa a atenção da sua curiosa assistência, antes que, enfim, abra a mala, pouco importando, então, que conteúdo real esta "caixa de surpresas" possa encerrar. Qualquer que seja ele, seguramente, será capaz

de dispersar a platéia concentrada na curiosidade e no medo que as suas palavras ambulantes provocam.

Na relação de ambos fica, então, implícito, por um lado, a necessidade que um sente de aguçar cada vez mais no outro o desejo de saber que segredo, afinal, as suas palavras estão deixando de revelar, até que a mala se abra; e, por outro lado, a curiosidade dos que ouvem, misturada ao seu desejo de aventura, de que o medo e a possibilidade do risco são evidências.

Não poderá ser um pouco semelhante o comportamento do pesquisador, até que, finalmente, exponha, pela escrita, as falas da sua pesquisa, comunicando aos seus interlocutores o âmago dos seus segredos, "sem nada deixar escapar?"

Me ocorre, porém, que quanto mais o "homem da cobra" exercita seu mister no objeto do seu discurso, tanto mais ele aprende a discursar em torno do objeto do seu mister. E, a tal ponto, que poderá chegar o momento em que ele prescindirá de expor ao público o real conteúdo da sua mala, transformado em palavra, tornado discurso, a pesquisa se reduzindo às representações do pesquisador.

Ao contrário, se o homem abre a mala tão logo vê reunida em torno de si a platéia curiosa, pronta a devorar-lhe o segredo, ele se impede de transitar os caminhos da troca de falas, em que se dá o aprendizado do seu discurso em elaboração. O mesmo que lhe permite vender os seus produtos à ávida platéia.

Tudo isto para falar, por analogia, do material coletado em campo pelo antropólogo, e que ele deverá transformar, agora, num texto elaborado e consistente, sustentando um discurso coeso, lógico, suficiente e capaz de garantir a transmissão das mensagens da pesquisa a interlocutores desconhecidos que, ao lê-lo, não disporão das mesmas fontes com que elaborar as suas

próprias reflexões ou seja: um texto que, falando por si, consiga andar por conta própria, prescindindo do arquivo em que se continha, disperso em notas, em anotações, em dados brutos: mesmo se dinâmico e em movimento, nas andanças do antropólogo.

A reabertura da "mala" que ora faço, motivado por esta iminência de comunicação, também me leva a tecer considerações sobre o caráter da "permanência prolongada" que MALINOWSKI prescreve, remetendo-me, agora, à pesquisa dos meus registros, às características com que se configura o meu novo "mergulho" na experimentação êmica de Natividade adormecida nesta "mala", movido pelo desejo de "nada deixar escapar".

Já me referi anteriormente ao fato de que me apresentei à cidade com a identidade da minha profissão. Como médico eu era esperado. Foi como médico que me apresentei.

Poucos dias após a minha chegada a Natividade assumi integralmente um dos hospitais da cidade, para o que havia sido convidado, mediante um contrato verbal que incluía desde a prestação de serviços médicos, até a administração do mesmo. O médico que me antecedia - meu amigo pessoal e proprietário do hospital -, era, portanto, o mesmo que me contratava, deixando-me, no entanto, liberado para proceder as práticas que, segundo me parecessem, fossem as mais convenientes para a situação que encontrava.

Tratava-se de um hospital de pequeno porte, com duas enfermarias com capacidade para, no máximo, vinte leitos, os quais, no entanto, nunca chegaram a ser totalmente ocupados, em função das minhas próprias opções e entendimentos do atendimento médico e as suas adequações às necessidades da demanda que me ocorria, por um lado e, por outro, em função das suas limitadas condições quanto à capacidade instalada de recursos, de equipamentos de apoio e de infraestrutura de serviços.

Na verdade, o hospital funcionou, ao tempo em que me mantive em Natividade - pouco mais de um ano - enquanto ambulatório capaz de atender às demandas de consulta médica, pequenas cirurgias, atendimento ao parto e atividades de caráter educativo-preventivo, em que se privilegiava grupos de pacientes por características outras que não a dos critérios nosológicos. De tal forma que a contribuição destes grupos seguia mais à orientação ditada pela maneira como as pessoas chegavam ao consultório, naturalmente se agrupando pelas afinidades do encontro, do qual eu mesmo participava.

Nos seus quadros, o hospital contava com quatro funcionários que se revezavam nas tarefas de administração, de serviços gerais, e nos suportes de atendimento médico, a um primeiro tempo, e às atividades que, posteriormente foram aos poucos, se configurando em atenções mais autônomas desses "agentes de saúde".*

Participando intensamente da vida do hospital, e desempenhando papel preponderante e fundamental nos serviços como um todo, mas de modo mais especial ao atendimento a gestantes e ao parto, contei, durante todo este ano, com a presença efetiva e incansável de duas religiosas, enfermeiras ambas, que me antecederam em Natividade, não apenas em tempo de serviços na área de saúde, como, e sobretudo, no conhecimento que reuniam sobre a cidade e sobre os Nativitanos.

Do ponto de vista profissional e humano, quando as duas coisas se misturam nas lições da vida que a experiência da instituição hospitalar permitem que se aprenda, devo dizer que foi marcadamente relevante no meu tempo de Natividade, ter convivido com "as irmãs"** da forma como pudemos privar.

*Princípios da "atenção primária à saúde".

**Era assim que Natividade se referia às Irmãs Ana e Adelina.

São inúmeras as lembranças, - algumas sob registro preenchem boa parte da minha "bagagem de campo" -, que compartilhamos nas intermináveis noites de vigília à volta de algum "caso grave", confiado à nossa atenção. Paralelamente, compartilhamos de incontáveis sobressaltos que, como profissionais, como "forasteiros", como "estranhos" a Natividade, com freqüência experimentávamos. Uma das "irmãs", enfermeira obstetra de grande experiência, foi extremada em me repassar conhecimentos práticos que me auxiliaram a estabelecer com Natividade uma relação profissional em que, aos poucos, me transformava em "parteiro" da sua escolha, me preferindo, sem segredos, quando se tratava de "aparar" mais um nativitano que vinha ao mundo. Posso dizer, agora, que boa parte do meu tempo de exercício profissional em Natividade, transcorreram na partilha de momentos inesquecíveis com mães nativitanas, o parto representando um átimo fecundo de encontro em que a cumplicidade diante da nova vida parece nos igualar na mais fundamental das identidades: a de seres humanos. É muito afetiva a lembrança de alguns meninos da cidade, "filhos da terra" que, por ter sido eu a "apará-los" ao nascer, são chamados pelo meu nome, o que seguramente se deve à intensidade deste encontro que um dia tivemos, eles, as suas mães e eu. Por isso, é com este tom, que o meu registro se cruza de emoção e, - por que não dizer? -, de uma justificada dose de vaidade e de orgulho.

Na verdade são eles que me ligam, inseparavelmente, a algumas histórias-de-vida novinhas, começando. Como não se sentir como me sinto, quando que se percebe que a cumplicidade permitida pelo meu mergulho, resultou nesta qualidade inquestionável de "pertença", que é a participação efetiva nos primórdios de uma biografia? Falo por mim, que nasci de parto domiciliar e por mão de parteira. E me lembro que a

"Maternidade Santa Mãria", em Natividade, ao tempo da minha "pesquisa de campo", era, - não só mas também -, assim feito uma casa grande, de quartos amplos, enormes, a porta da frente sempre aberta, enfim, um lugar destacável que nos possibilitou a muitos encontrarmos a tantos, mesmo quando era a dor de alguns a mediadora das nossas falas. Diferentes, sim, mas com essa cumplicidade possível, que facilita a percepção das nossas tantas indentidades.

Devo retornar, mais adiante, enfocando mais de perto este aspecto da apreensão de Natividade que acontece a partir do consultório, - enquanto lugar privilegiado de troca - algumas circunstâncias mais especiais em que me vi envolver, às custas desta identidade profisisonal. Por ora, volto ao ponto do problema da "permanência prolongada", como imprescindível à pesquisa que a antropologia faz, para colocar em evidência o caráter da "pertença" do etnógrafo, quando ele se apresenta aos seus "nativos" munido dos seus equipamentos e incluindo na sua bagagem de campo as tradicionais miçangas e os tabacos, enquanto veículos (simbólicos?) de aproximação, na sua "condição de pesquisador em campo". Acho possível que se levantem interrogações quanto ao caráter da "permanência", trazendo, como contraponto, a "consulta médica" - que é o que simboliza a minha inserção -, para ser avaliada no cerne das relações contraditórias que ela engendra, ao menos no caso específico da minha "situação de campo", em Natividade.

Antes, porém, abro parênteses: RESGATANDO PER-CALÇOS.

"COBRA CEGA, DE ONDE VEM?"*

Em fins de 1980, quando deixava Goiás pela primeira vez, após uma permanência de quase cinco anos, e às vésperas de ingressar no mestrado em Antropologia Social, eu me encontrava no topo de uma profunda crise existencial, vivendo traumas comuns às rupturas importantes com que, de tempos em tempos, a vida nos marca.

Lembro-me que me sentia, então, "como se deixasse a casa paterna pela segunda vez", tendo que arrancar, bruscamente, fundas raízes com que me ligava àquele chão.

Quando, na época, refiz "mala e estrada", eu já estava formado em medicina havia cinco anos. E, por efeito do meu envolvimento, naquele tempo, com "práticas populares de saúde" na Região Centro-Oeste, mais notadamente no Estado de Goiás, eu me encontrava diante de uma situação tensa e desgastante, que haveria de me marcar, inclusive nas reflexões que ora faço, de maneira definitiva: a vigência de um processo "EX-OFFICIO" contra mim movido pelo Conselho Regional de Medicina, circunscrição de Goiás, e a perda de vínculos que, até então, me mantinham organicamente integrado a grupos que compunham o que se convencionou chamar, no correr da sua estruturação, de "MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE".

*Variante de um folgado tradicional nas cantigas de roda: "CABRA CEGA DE ONDE VEM?"

Minha participação na história deste movimento, mais marcadamente em suas fases iniciais é, sem dúvida, decisivo. Coube-me coordená-lo, a princípio, mediante a estimulação de práticas que integrassem diversos grupos, de diferentes configurações, por uma intervenção que se deu, inicialmente, nos limites institucionais da Igreja local: nas suas raízes, portanto, percebe-se uma prática de intervenção social, mediada por agentes oriundos da "pastoral", que convergiam para o setor saúde.

No período mais intenso das manifestações externas deste "movimento", talvez como um dos seus produtos, quem sabe como um dos seus mais importantes desdobramentos em se tratando de "criação metodológica", mais por intuição do que propriamente por inspiração teórica explícita, sistematizada, o "movimento" acaba por encampar a "pesquisa social" como um instrumento possível para a ação política que, então, percebia-se como necessária ao conjunto das "lutas" que estes grupos empreendiam.

Os resultados desta "pesquisa" - eu diria nas suas expressões mais exuberantes -, ficaram, mais tarde, sobejamente conhecidos e avaliados através de publicações que se seguiram.*

Ao final deste processo, no entanto, - e quem poderá afirmar ser uma etapa apenas o final de um processo? -, o "movimento" ficou desarticulado; por força de contradições que, se não foram geradas no seu bojo, seguramente jogaram decisivamente na caracterização daquele seu momento.

Na dinâmica de um complexo de forças políticas de diferentes procedências institucionais, acaba ocorrendo algo semelhante ao rompimento de um pacto: retiram-se alguns dos esteios que o

*Cadernos do Cedi e Pesquisa Participante, de Carlos Brandão.

sustentavam, - o respaldo econômico entre eles -, e o conjunto fica "órfão", sem perspectivas de apoio, restando como instante factual na história do movimento social em Goiás, como um todo. Quem o testemunhou sabe disso, não restando dúvida, portanto, que "O MEIO GRITO" - foi como se denominou este processo - foi para Goiás - e, por que não dizer, para o setor saúde -, verdadeiramente um meio grito. Dele, por um período, foi um dos órfãos.

O clamor dos pobres do nosso lugar é terrível. (Grupo de Nova Glória - Ceres).

Retomando o fio: tão logo soube das denúncias e da instauração do processo no CRM, já de "malas" prontas com que tomaria o rumo de Campinas, da Unicamp e da Antropologia Social, procurei, em Curitiba, um velho professor da "velha" Escola Médica, por quem nutria profunda admiração e respeito. Queria com ele partilhar o que estava vivendo, sobretudo quanto às reflexões que o "meu" processo me permitia fazer.

Como disse, me percebia, então, no auge de uma crise maior, em que os valores da profissão, - mas não apenas eles -, emergiam à baila me interrogando. Igualmente se passava com as razões que, até então, vinham norteando as minhas opções políticas.

Análises pessoais. "Feed-back". Revisões. E um desejo enorme de "mudanças", traduzido em necessidade de tomar o partido de mim mesmo, enquanto tentava encarar de frente os rumos que a vida me apontava. O curso da minha formação profissional exigia de mim este esforço: precisava ser avaliado.

Médico profissional da saúde? Médico não é profissional da saúde, não. Médico é profissional da doença. Saúde? Isso é tarefa nossa.*

Lembro-me que, entre outras questões, o velho professor me perguntara se eu conhecia o significado do símbolo da medicina: "por que uma cobra enroscada num caduceu?" E ele dizia lhe chamar a atenção, da mesma forma que a "cegueira dos médicos" para com os seus símbolos, o próprio símbolo: em si:

"Já agora a cobra não tem mais olhos e, portanto, não pode enxergar o caduceu".

Para a maioria dos médicos, infelizmente, essa é uma linguagem estranha, incompreensível, desprovida e esvaziada de qualquer sentido prático. Portanto, desnecessária. Não se trata de uma fala importante. O jargão médico a qualificaria de "fosfórica", e pronto.

*Resposta que me foi dada por um lavrador Goiano quando, ao me apresentar - tratava-se de uma reunião - me apresentei como médico, identificando-me como "Profissional da Saúde". Esta contestação me marca fortemente.

O meu professor, quando o procurei às vésperas de ser julgado e repreendido por um tribunal médico, com uma pena de cassação temporária do meu "direito de praticar a medicina", me dizia que o universo dos símbolos é familiar a um iátrico, faz parte da sua iniciação, embora seja um mundo de sombras, ignorado e estranho aos "médicos do capital".*

É evidente que tratei, em seguida, de me informar sobre os símbolos de minha profissão, tentando melhor compreender a realidade da minha prática, à luz dos milenares ensinamentos míticos que "uma cobra enroscada num caduceu" poderia me repassar.

Diante do Conselho que me ouviu por uns poucos minutos, em dezembro de 1981, segundo a praxe e o protocolo do "julgamento médico", depois de três longos anos, e ao final de inumeráveis "procedimentos processuais de estilo", declarei, advogando em causa própria, que perjuraria, de fato, se me calasse. E evocava razões históricas ao lembrar aos "membros do egrégio conselho" qual tem sido o papel dos tribunais, frente os "desviantes" que julga.

Vivi estes períodos à margem da solidariedade que poderia esperar, e esperava, das instituições nas quais estivera "mergulhado", trabalhando no campo das "suas" práticas. Não fosse a presença de uns poucos amigos - excedentes de um "grito" que, juntos, demos a "meio" - conquistados ao longo destes primeiros "anos de campo", e eu estaria dizendo, agora, que esta foi uma experiência totalmente solitária.

O processo teve "caráter sigiloso" e transcorreu, como disse, num período de aproximadamente três anos, em clima

*Alusão ao conceito empregado por FOUCAULT em microfísica do poder.

"confidencial e secreto", e culminou de acordo com a Ética Médica, no ritual do julgamento.

As "peças do processo" constam de interessantes elementos que me instigam, ainda, à sua pesquisa, e à reflexão sobre o curso da sua análise: a acusação depõe, seguidas vezes, declarando "razões de denúncia; o Conselho arrola testemunhas, estipula prazos de comparecimento frente às convocatórias que faz, colhe informações e vai engrossando o caudal dos autos com análises procedidas pelo "Conselho de Ética", através do relator, e vai, assim, revelando uma seqüência de flagrantes da mecânica institucional operando mecanismos de ajuste e controle.

Tenho comigo toda esta documentação, em arquivos. A motivação da acusação, partindo dos médicos de Ceres, Goiás, tem origem no que se alega como um "direito da classe à sua defesa contra difamações", e no argumento de que o médico não poderá jamais fazer públicas as alusões que, porventura, tenha a dirigir a um outro colega ou à "Classe Médica",* e que possam ferir "as milenares tradições da profissão" e a sua ilibada reputação.

Por outro lado, como sendo da competência dos "egrégios conselhos", é papel do tribunal dos médicos zelar pelo cumprimento do Juramento Solene, e dos códigos que normatizam o bom exercício da "Ars Curandi".

Mas e qual seria a razão para eu trazer, agora, no espaço limitado e específico desta dissertação, os fatos deste "processo"?

Eles fazem parte do processo mais global em que nasce o meu "projeto original" de tese, com que eu deveria testar as

*Emprego indevidamente o termo "classe" ao me referir à categoria dos médicos para salientar este costume, usual entre estes profissionais.

teorias antropológicas, as suas categorias de análise e os seus pressupostos metodológicos.

Este primeiro "projeto", então, totalmente transformado quando da abordagem de Natividade, apontava para exercícios de análise, com os recursos da Antropologia Social, em torno da "ideologia médica", passando por um estudo sistematizado de políticas locais, num lugar empírico que era, no caso, o município de Ceres, ao sul de Goiás: a antiga "Colônia Agrícola Nacional de Goiás" - "CANG" -, dos tempos das políticas de interiorização e de colonização do governo de Getúlio Vargas.

Eu pretendia acompanhar a implantação da "Classe Médica", num contexto social empírico, a fim de desvelar a trama das suas "movimentações políticas" no processo da sua organização (enquanto categoria social), mediante alianças celebradas em torno de interesses nem sempre explicitados, ao menos a nível do discurso destes profissionais, enquanto "grupo social especial" no contexto empírico de Ceres, em Goiás.

Minha "bagagem de pesquisa" deveria conter, então, coisas como estudos de caso envolvendo médicos, hospitais, farmácias, propriedades de terra, manipulações em torno do poder formal, até o "cruzamento" da categoria com sujeitos procedentes da mesma estratificação social, mas de variados "lôcus econômico", nos limites de uma classe social que ia se delineando em Ceres como uma pequena burguesia de características rurais, ascendente.

Este "projeto original", fruto desta ligação de mais de cinco anos com as práticas marginais de saúde que compunham o "Movimento Popular de Saúde", em Goiás, é o estopim do "processo". O CRM acaba assumindo o seu caráter "punitivo", e chama para si o dever institucional de fazê-lo chegar ao julgamento. Quando torna públicos os seus resultados, conclui pela "procedência da denúncia". Pronuncia-se.

Penso, assim, que ele tem muito a ver com a minha "iniciação" na Antropologia Social, quando procurava entender uma cobra cega enroscada num caduceu, e como gênese da minha intenção de pesquisa em Natividade.

No período de obtenção dos créditos de Mestrado, retornei frequentemente a Ceres. Com esta perspectiva de trabalho, desenvolvi algumas tentativas, arremedos tímidos, de manuseio dos instrumentais de campo da pesquisa antropológica, já com esta "familiaridade" que a "prolongada permanência" em Goiás me permitia.

Nestas tentativas, o "projeto original" foi se transformando novo. Apontava, no entanto, para um outro tempo. Mais ao norte ficava Natividade.

O processo, recoloquei-o na "mala".

Foi então, com um considerável acervo de impressões e de dados já coletados sobre Goiás, desde o sul, recolhidos ao longo da minha própria vivência nestes anos, e após concluída a "parte teórica" do meu mestrado, que cheguei a Natividade, no norte.

É certo que tudo isso deve contribuir para melhor compreender os traços da identidade com que me apresentei, e bem assim as razões que me motivaram, desde logo, a questionar o caráter da minha "permanência em campo", e a conseqüente "pertença" que a identidade médica parece facilitar.

Algumas etnografias que se tornaram clássicas na história da Antropologia Social, e cujas leituras são obrigatórias aos que se iniciam neste "artesanato intelectual" que é o "ofício de etnólogo", permitem que os antropólogos se deixem surpreender, através dos relatos das suas pesquisas, em desconfortáveis, incômodas e desajeitadas situações, quando se movimentam no complicado cenário das situações em que se vêm envolvidos, - o "estranhamento" parecendo lhes arrancar dos pés o próprio mundo, - encurralando-os na amarga sensação de que já não se pertence mais a lugar nenhum, tão "prolongada" esta difícil "permanência".

GEERTZ²⁵ se refere aos seus primeiros tempos em Bali, acentuando, com muita ênfase, o extremo isolamento em que se sentia.

"As pessoas, - conta GEERTZ - pareciam olhar através de nós, focalizando o olhar a alguma distância, sobre uma pedra ou uma árvore, mais reais do que nós. Praticamente ninguém nos cumprimentava, mas também ninguém nos ameaçava ou dizia algo desagradável, o que seria até mais agradável do que ser ignorado".

De sua parte, MALINOWSKI, tornando concretas as "condições apropriadas para a pesquisa etnográfica",* segundo ele mesmo recomendará, depois, assim afirma acerca dos seus primeiros contatos com os trobriandeses, quando já havia se "instalado", segundo ele, efetivamente, em suas aldeias:

"Devo lembrar que, como os nativos me viam constantemente todos os dias, deixaram de interessar-se, ou

*"Condições apropriadas para pesquisa etnográfica: ... isolar-se de companhia de outros homens brancos. ... permanecer em contato tão estreito quanto possível com os nativos. ... pela residência efetiva em suas aldeias". MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental.

alarmar-se, ou embaraçar-se com a minha presença, e eu deixei de ser um elemento perturbador da vida tribal que deveria estudar, alterando-a apenas por dela aproximar-me, como sempre acontece com um recém-chegado a qualquer comunidade selvagem".

MALINOWSKI, então, que chega a aventar a possibilidade de poder ser percebido pelos nativos como um "elemento perturbador da vida tribal", diz, enfim, que os nativos acabam por "tolerá-lo". Palavras suas:

"De fato, ao saberem que eu me intrometeria em tudo, até mesmo onde um nativo bem educado não sonharia em meter-se, terminaram por considerar-me uma parte integrante da sua vida, um mal ou aborrecimento necessário, compensado por presentes de tabaco".

Esta "pertença", ou esta "tolerância", ou, ainda, este fazer "parte integrante" da vida nativa, pode ser dito, a meu ver, como corolário inevitável da "prolongada permanência em campo", desde que MALINOWSKI se viu em Trobriand, por força de ventos históricos,* dando rumo surpreendente às suas explorações e às suas vivências entre os trobriandeses, às vésperas de descrever o Kula, com que brindaria a Antropologia Social.

Penso que é nos limites apertados desta "pertença", ou deste "fazer parte" em que a tolerância tempera relações mediadas em alguns casos pelo tabaco, que o antropólogo - e por que não dizer, também, o nativo? - se depara com o complicado jogo das "diferenças".

*Na verdade Malinowski foi forçado a permanecer entre os trobriandeses num tempo mais prolongado do que previra, em função da eclosão da 1ª Guerra Mundial. A novidade da "Observação Participante", então, também nasce desta injunção circunstancial: o destino do pesquisador e os fatores que lhe determinam, aos ventos ...

Contraponto de origens, de procedências, de estratificações. Contraponto de falas. Lugar de antagonismos em que as tensões geradas neste "pacto" de "tolerância" se colocam.

Os sujeitos que, então, desta maneira, se encontram nas fronteiras das suas identidades, entrecruzando mundos e estabelecendo suas interfaces - o "fazer parte" será isso? - sabem, no entanto, o quanto são diferentes. E é porque o sabem que "trapaceiam" por assim dizer, num outro limite: o tabaco poderia, então, ser tomado como signo de identidade, ponte simbólica e mediadora de projetos desiguais que, colocados sobre a mesa, poderão ser negociados.

A "pertença" parece ser esse campo de forças em que gravitam interesses mediados por estratégias que possibilitam a troca.

Evans - PRITCHARD, a respeito desta circulação de interesses no circuito que vai, aos poucos, estabelecendo com os Nuer, até lhe parecer que "era tratado como um igual", diz assim:

Depois de algum tempo, as pessoas estavam preparadas para me visitar na minha barraca, fumar o meu tabaco, e mesmo fazer brincadeiras e bater papo, mas não estavam dispostas nem a me receber em seus abrigos contra o vento, nem a discutir assuntos sérios. Perguntas sobre costumes eram bloqueadas com uma técnica que posso recomendar aos nativos que são incomodados pela curiosidade dos etnólogos.²⁶

No tocante a este jogo de interesses, a "trapaça" de identidades nem sempre tão aparentes ou, quiça, nem sempre possíveis, face às desconcertantes "diferenças" que a "pertença" chama para dentro de si, ainda na mesma obra de

PRITCHARD, é interessante observar por que caminhos ambos passam - observador e observado - no processo de construção do seu encontro enquanto diferentes que são.

Nas falas de PRITCHARD fica muito clara a existência do conflito entre o pesquisador, no caso forçosamente identificado com os financiadores do seu projeto, de um lado, e os nativos, empenhados na defesa da sua própria integridade, por outro.

Vejamos:

... e, no período de minha visita (tempo de tensões com as forças governamentais), eles estavam extraordinariamente hostis ... Quando eu entrava em campo de criação de gado, fazia-o não somente na qualidade de estrangeiro, como também na qualidade de inimigo, e eles pouco esforço faziam para disfarçar a aversão à minha presença, recusando-se a responder às minhas saudações e chegando mesmo a dar-me as costas quando me dirigia a eles.

O fato é que - segundo me parece -, os Nuer tinham consciência da "identidade" do pesquisador, comprometido com um projeto que dependia, em boa medida, das informações que eles pudessem lhe passar, para o que o Governo do Sudão, - para quem o território Nuer se revestia de importância sob certos aspectos políticos, econômicos e sociais, - era quem financiava as incursões curiosas com que eram, estranhamente, investigados.

Neste sentido, é interessante ler o clássico diálogo que PRITCHARD estabelece com os Nuer, evidente em sua obra, revelado num trecho desta conversa:

"Eu: Quem é você?

Cuol: Um homem.

Eu: Como é seu nome?

Cuol: Você quer saber meu nome?

Eu: Sim.

Cuol: Você quer saber meu nome?

Eu: Sim, você veio me visitar em minha barraca e eu gostaria de saber quem é você.

Cuol: Está certo. Eu sou Cuol. Como é seu nome?

Eu: Meu nome é Pritchard.

Cuol: Como é o nome do seu pai?

Eu: O nome do meu pai também é Pritchard.

Cuol: Não, não pode ser verdade. Você não pode ter o mesmo nome que seu pai.

Eu: É o nome de minha linhagem. Como é o nome de sua linhagem?

Cuol: Você quer saber o nome de minha linhagem?"

Eu: Sim.

Cuol: O que você vai fazer com ele se eu disser? Você vai levá-lo para o seu país?

Eu: Eu não quero fazer nada com ele. Eu só quero saber, já que estou vivendo no seu acampamento.

Cuol: Ah bom, nós somos Lou.

Eu: Eu não perguntei o nome de sua tribo. Isso eu já sei. Eu estou perguntando o nome de sua linhagem.

Cuol: Porque você quer saber o nome de minha linhagem?

Eu: Eu não quero saber.

Cuol: Então porque está me perguntando? Dê-me um pouco de tabaco".²⁷

Parece não restar dúvida que este diálogo PRITCHARD - Nuer, em que fica patente o conflito dos interesses e desconfianças de ambos, possibilita a reflexão sobre um dos pontos a meu ver cruciais que se coloca, assim, sobre a pesquisa, e sobre a "pertença" de que estou falando: o problema do seu retorno, ou dos benefícios do seu produto.

Fugindo do risco da simplificação, recorro, então, à metáfora que se pode arrancar do texto e a levanto aqui com a interrogação: quem se beneficia como nesta troca em que tabaco e informações sobre dados relativos às estruturas de parentesco aparecem na mediação da diferença? E que dizer do caráter intrínseco desta forma de "pertença"?

PRITCHARD, enfim, chegou a se sentir aceito, segundo ele nos diz. E acrescenta: "os Nuer não me permitiram viver de outro modo que não o deles".

Ainda: "entre os Azaude fui forçado a viver fora da comunidade; entre os Nuer, fui forçado a ser membro dele; os Azande me trataram como um ser superior; os Nuer, como um igual".

Mesmo que se possa questionar quanto à qualidade desta "igualdade", o fato é que PRITCHARD "permaneceu". E se o antropólogo "permanece", ainda que "forasteiro" - como MALINOWSKI se sentia - em uma aldeia entre nativos, ele passa a ser o forasteiro da aldeia entre os nativos.

É ele o estranho. É ele o diferente. É ele o exótico. É ele o estrangeiro que se incorpora "igual" entre os "iguais" que explora, percebendo-lhes, no entanto, ainda assim, diferentes e estranhos a si. E, enquanto tenta, obstinadamente, observar o comportamento exótico dos nativos na aldeia em que é "forasteiro", a aldeia, por sua parte, também ela o observa, curiosa, tentando apreender o comportamento exótico do estrangeiro que vive, de modo estranho, na sua aldeia, "intrometendo-se em tudo", no mais íntimo dos seus costumes.

Assim, mesmo que o mantenha - como o faz - afastado e à margem, nos seus limites, ela acaba incorporando o "estranho" que vive nas suas fronteiras, acionando estratégias com que, com ele, se relaciona.

E ambos observam. E ambos analisam. E ambos constroem discursos sobre a estranheza do outro. E ambos "levam para os seus países" os resultados deste circuito de olhares e de leituras.

Então: quem é um e quem é outro?

E que estranho país é esse em que eles, enfim, se encontram?

MAUSS afirma que, "no fundo são misturas", para dizer que "misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca".²⁸

Quando o antropólogo se depara com os nativos da aldeia que ele deve estudar, da mesma forma que os nativos da aldeia que ele deve estudar quando se deparam com o antropólogo - este "estranho" que eles observam a estudá-los a troco sabe-se lá do que - cada qual deixa para trás de si o percurso das suas próprias histórias, ou seja, a gama de características e de injunções de toda ordem com que eles se constroem "diferentes".

Eles trazem para este encontro - quando se deparam no contraponto das suas falas de "diferentes" que são, e quando colocam, enfim, essas "diferenças" nas fronteiras das suas identidades, ou das suas individualidades - os "fetiches" desta troca, ou o seu "Hau",* para usar o termo de MAUSS.

*"Vou falar-lhe do Hau ... O Hau não é o vento que sopra. Nada disso. Suponha que o senhor possua um artigo determinado (taonga), e que me dê esse artigo; o senhor o dá sem um preço fixo. Não fazemos negócio com isso. Ora, eu dou esse artigo a uma terceira pessoa que,

Poderíamos falar de miçangas. De espelhos. Ou de tabacos, de radinhos de pilha, de camisetas coloridas ou bolas de futebol.

O que importa é o "Hau" que estas coisas conferem à troca: a mistura levará, sempre, pedaços de alma.

É por esta razão que me parece possível se perguntar, com MAUSS, sobre o "Hau" de miçangas e de tabacos na mediação das trocas em que o antropólogo e os seus informantes estabelecem o circuito das informações que entre eles circulam: a reciprocidade se dá em que bases de interesses? Quais os individuais? E os comuns? Que intenções estão subjacentes à troca no momento em que estes "diferentes" se "misturam", parecendo, enfim, igualar-se, quando, entre si, estabelecem o seu "contrato"?

Por alguns momentos o texto parece tentado a um certo hermetismo de formas aparentemente conclusivas, - mesmo não o sendo - ficando afirmativo demais. Este, um verdadeiro risco à comunicação. Mas é apenas porque o traçado inscrito sobre as suas linhas, apertado nos limites do verbo imperativo a convencer razões, pode estar abafando as possibilidades das outras tantas leituras que nas entrelinhas se escondem, mal se contendo por se exprimir: o inverso é aquilo que sempre ficará por se dizer, ou aquilo do que talvez nunca se diga. A palavra eleita que se escreve, inscreve o significado da afirmação escolhida. Por detrás dela, no entanto, ainda permanece oculto o sentido pleno que é a sua ausência. Falas que se insinuam pelo vazio dos espaços, exigem constante atenção da escrita -

depois, de algum tempo, decide dar alguma coisa em pagamento (utu), presenteando-me com alguma coisa (taonga). Ora, esse taonga que ele me dá, é o espírito (hau) de taonga que recebi do senhor e que dei a ele. Os taonga que recebi por esses taonga (vindos do senhor), tenho que devolver-lhe ... se eu conservasse esses taonga para mim, poderia trazer-me um mal sério, até mesmo a morte ... tal é o hau". Marcel Mauss. *Essaie sur le don. Sociologie et Anthropologie.*

essa fogueira - contra o risco de se condenar o texto à impermeabilidade de um monólogo estéril, negando-lhe a possibilidade de levar em si mesmo o contraponto das suas próprias interrogações.

É preciso, então, que se puxem da margem os seus ecos, e que se retome, assim, o curso da escrita pelos avessos da fala. Penso que a verdadeira comunicação é a que permite a expressão do silêncio, pela vazão dos seus aparentes vazios.

Fico me perguntando: porque será que certos lugares, ou certas situações foram ficando cada vez mais vedados prá mim? Tenho a impressão - e acho que é apenas impressão - que me sentiria um intruso se fosse lá. Ou que, pelo menos, não me sentiria bem só de pensar que poderiam me receber como tal. Insegurança ou não, esta impressão é tão forte que, então, nem vou. Prefiro ficar de fora. A interdição, ou a exclusão, no entanto, me levam a pensar: faria parte deste nosso "acordo de cumplicidade" o respeito a certos limites? Estaria implícito nas regras do jogo? Mas e se ninguém me falou de regras nem me impôs explicitamente limites, então de onde me vem esta impressão que me paralisa quanto a certas direções? Preciso me exercitar mais em "pular muros".

Por imprecisa que é a fala, a idéia dita ou escrita sempre se limita, comparativamente ao experimentado, ao vivido. O fato, como que se ajeita na estreiteza da frase. Retém-se o que, por essência, é global e em movimento. Será sempre limitada a arquitetura do texto.

Reparo um risco: posso ter erroneamente surgerido até aqui, trazendo pontos tocados pela emoção da escolha e procurando repassar situações de minha própria "permanência em campo", imagens idílicas de Natividade com que se poderia configurá-la como um paraíso da pesquisa, em que o antropólogo

se movimenta no jardim edêmico das suas delícias: de mãos dadas com o seu objeto, desconhecendo sobressaltos do pecado original da pesquisa - o confronto das "diferenças" - imune à sintomatologia do contato, ou seja, protegido das depressões e das febres êmicas, próprias do estranhamento "em campo".

A verdade é que, quanto a mim, não escapei a este ônus da pesquisa: ao deixar Natividade, sabia das marcas que levava, frutos da minha "permanência prolongada" em repetidas situações de "stress", tanto pelo trabalho quanto pelo isolamento a que me senti submetido.

A visão bucólica com que, por vezes, repasso Natividade - um quadro ameno, repousante e acolhedor - se contrapõe, assim, invertendo-se por detrás da foto, a sua outra face: a vivência por vezes árdua, tediosa, angustiante e murrinhenta do trabalho profissional desgastante, aliado à incômoda posição de "forasteiro", "estranho" e "diferente" que, pelo geral, caracteriza a "presença" do pesquisador no mergulho da sua pesquisa.

Me habituei a sempre que posso, dar um tempo na praça. De dia ou de noite. De dia é mais difícil. Então, antes de dormir, na hora do meu último cigarro, vou lá como que para comprovar o que já sei: me sinto realmente muito só em Natividade. A esta hora a praça me devolve sem dó o éco da minha solidão. Só que de uma maneira estranha. Ela é a expressão aguda deste sentimento. É como se ali, à noite, não fosse Natividade. É como se não fosse lugar nenhum. Ou como se fosse um pouco de todos estes outros lugares por onde tenho passado. O meu sentimento aparece, então, sem exclusividade, sem nada de inédito. A praça, às escuras, parece nem me notar, às voltas comigo em volutas de cigarro. Quando entro prá dentro da casa e vou dormir, tenho a impressão de já ter visto antes aquele filme. E me sinto menos

só, tão só eu me percebo. Menos estranho a mim mesmo, me acomodo melhor na revolta que me causa a impressão de que esta cidade me usa o quanto pode e, depois, me larga fora do seu aconchego. Talvez daqui a pouco me chamem no Hospital. Vivo de plantão ...

Apenas para retomar o gancho destas reflexões em torno de "pertença" do antropólogo no concerto do quotidiano da vida na "aldeia", entre os "nativos", e considerando sempre a possibilidade de que à leitura da "cara" possa se opor a da "coroa", acho importante destacar dois traços que me parecem fundamentais no meu caso particular, em Natividade.

O primeiro deles diz respeito à caracterização dos meus papéis na vida de cidade, até certo ponto "facilitada" - é como demonstrei até aqui - na vigência da identidade profissional com que me apresentei. Não resta dúvida que o fato de ser médico foi fundamental no estabelecimento do "rapport" que me envolveu aos sujeitos da pesquisa.

O segundo aspecto, que me parece de mais difícil apreensão, é o fato de ter vivido em Natividade no tempo exato da minha "dieta de iaô".* Inicialmente, quando por diversas vezes projetei idéias de um texto refletindo práticas de campo e experiências de vida, em Natividade, sempre me ocorria deixar à margem este aspecto em particular. Mesmo sabendo que ele influiria no correr das falas que seriam inscritas na página, eu poderia parecer omitir este "detalhe", fazendo-o, no entanto, emiscuir cores de fundo à composição de cada um dos meus esboços. Agora, no entanto, refletindo mais em torno das "identidades" com que me movimentei no contraditório e tenso

*Período imediatamente posterior à iniciação no candomblé.

jogo da "pertença" - este contrato -, acabei por achar conveniente manter a margem mais próxima de oficialidade. Também no texto ...

Então, se oficialmente me apresentei e fui recebido enquanto médico, também é inegável que me comportava um tanto extranhamente para o que se espera de um médico. Quando cruzávamos olhares, Natividade e eu, era impossível disfarçar as emoções que, como "iaô novo", eu sentia. E tanto mais foi assim, quanto mais fomos sabendo, um dos outros, ao longo da construção desta "permanência"

Estive na Chapada, conversando com seu Filipe. Gosto demais de conservar com ele. Ontem era um encontro das poteiras da Chapada, que a irmã Ana andou provocando a pretexto de eu falar um pouco com elas sobre a pesquisa. Marcos e Dona Neide me acompanharam, como sempre. Me chamou a atenção um comentário do velho Filipe, sobre os búzios que bordam minhas senzalas: "por aqui já teve muito disso. Eu mesmo conheço. Chama búzios. É concha de mar. Coisa de encantado. Você é dessa ciência, se vê que é de dentro".*

A identidade profissional do médico, no entanto, obriga sérias contradições, evidentes nas situações de confronto mediados pela pesquisa: a confrontação das falas. Retomo, pois, o problema das "diferenças", para me aproximar da forma como elas aparecem no cenário de consulta.

Segundo KOFES, é no momento mesmo desta "confrontação de falas", ou nesta "conversa de diferentes", cujas possibilidades

*A CHAPADA: distrito próximo a Natividade, e que remonta às mesmas origens da cidade. É um "patrimônio".

colocam o antropólogo "intrigado e temeroso", que reside o "desafio" da pesquisa antropológica, enquanto "instrumento de encontro para códigos desencontrados".²⁹

Portanto, com relação ao primeiro aspecto que apresentei no tocante à caracterização de papéis - ou seja, à especificidade do meu papel enquanto médico - devo apontar, como subjacente à relação aparentemente tranquila que se estabelece, nos limites do campo em que a pesquisa é mediada por práticas sociais facilitadas pelo exercício da medicina, a existência de sobressaltos decorrentes, por certo, desta "confrontação de falas": a facilitação do encontro que o ato médico possibilita, esconde o conflito que ele próprio engendra, contraditoriamente à aproximação que ele provoca.

A este respeito, pode-se surpreender no relato de TURNER da sua abordagem dos NDEMBO - (nordeste de Zâmbia), - um tom queixoso quanto às suas dificuldades iniciais de acesso aos "nativos".

TURNER revela o seu sentimento de forte impotência nas tentativas que fazia de transpor barreiras de silêncio que o separavam dos seus informantes, até que sua mulher, habilidosa em alguns serviços médicos, acaba por encurtar esta distância.

Diz ele:

Nossa liberdade de acesso às execuções e à exegese dos rituais foi, sem dúvida, ajudada pelo fato de que, tal como acontece à maior parte dos antropólogos em trabalho de campo, distribuíamos remédios, enfaixávamos ferimentos e, no caso de minha mulher, (que é filha de um médico e mais corajosa nestes assuntos do que eu), injetávamos soro em pessoas mordidas por cobras. Uma vez que muitos dos cultos rituais dos NDEMBU são realizados em favor dos doentes, e já que os remédios europeus são vistos como possuindo uma eficácia mística, da mesma qualidade que

os daquele povo, porém com uma potência maior, os especialistas em cura começaram a olhar-nos como colegas e a colher com satisfação nossa presença nas suas atividades.³⁰

A "PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS" (MÉDICOS) NO "CAMPO" DE PESQUISA

Muitas vezes me perguntei, ao refletir quanto ao problema do retorno da pesquisa, se o caráter de "pertença", conseqüente à obrigatoriedade que MALINOWSKI coloca da "residência efetiva" e da "permanência prolongada" em campo, como traço inconfundível da pesquisa antropológica, não viria marcado - este caráter - de um sentido utilitário, se se considera estritamente a relação entre os dois sujeitos que se encontram na mediação da pesquisa. E eu mesmo - talvez influenciado, devo dizer, por um "espírito de militância" característico de muitos de minha geração - me via colocando a necessidade de um "ganho", - na falta de palavra mais adequada -, com que ambos os sujeitos da pesquisa - pesquisador e pesquisados -, se beneficiassem, mas de modo mais direto, mais imediato, mais palpável, mais perceptível.

Neste sentido, enquanto médico, percebia o "serviço de saúde" como este possível produto em torno do qual a troca poderia ficar mais claramente estabelecida.

Quando me ocorria, assim, pensar nos "benefícios" que a produção teórica, sem dúvida, propicia - o conhecimento como um recurso das transformações sociais, portanto como instrumento político de inquestionável alcance - ainda assim me via, malgrado esta compreensão, plantado ao chão de exigências talvez menos nobres, mas mais diretas, mais objetivas.

Parecia-me que nem mesmo a vigência de um projeto político comum ligando a pesquisa aos grupos pesquisados,

bastaria. Neste período, devo dizer, eu resistia bastante à idéia - como ainda resisto - com que a chamada "neutralidade científica" exige do pesquisador um tal afastamento - como condição do status científico - que a porta de entrada para a avaliação dos seus resultados, ou seja, o contraponto do necessário "distanciamento ético", possa ser tão somente representada pela comunidade acadêmica, a interlocutora por excelência do pesquisador às voltas com as possíveis inferências acerca dos dados obtidos em campo.

Assim, as metodologias da pesquisa - ação me pareciam aproximar-se desta preocupação, quando deslocavam o eixo das suas práticas para um campo em que a pesquisa era mais claramente compreendida como instrumento político, - entre outros -, no conjunto das ações sociais, de grupos ou de comunidades.

Deste modo, estas metodologias me pareciam cobrar da observação, as premissas de uma participação ainda mais efetiva na vida dos grupos, mas que, no entanto, lhe fosse anterior, e cuja garantia fosse a "pertença", traduzida no circuito de uma troca na qual "estar lá", mesmo se prolongadamente, não deveria bastar: seria preciso "ser de lá". Mas, e então, me perguntava: e o que significaria este "ser de lá"?

Enfim, como encetar um mergulho tão profundo que pudesse fazer o pesquisador desaparecer no meio da sua pesquisa, sem que, no entanto, apagasse os traços da sua própria identidade? Como desencadear leituras da realidade em estudo, num processo inverso ao que propõe a observação participante, ou seja, o pesquisador participando das coisas que observa, tendo antes garantida a sua "pertença", num processo de verdadeira participação observante?

Referências de etnógrafos à atuação e às análises feitas por "funcionários", em que se inclui o médico, o padre, o missionário, o assistente social, enfim, os profissionais todos que prestam alguma forma definida de serviço (profissional), e que encontram aí a caracterização da sua presença, ou a razão da sua inserção na "vida nativa", sendo, assim, por ela assimiladas, mostram a Antropologia social severamente crítica à qualidade destas leituras, à solidez dos conteúdos de possíveis inferências que estes sujeitos profissionais possam fazer.

Entretanto, é permitido que se "confrontem falas", no limiar desta "diferença" em especial: mas, e de fato, que sentido prático, visível e imediato poderá ter para uma "aldeia nativa" a presença deste "estranho" antropólogo, cujo trabalho, segundo lhe parece, é observar e registrar o que os "nativos" fazem e o modo como vivem?

Cavoqueiro se conhece é no rabo da enxada,
no rebole de arado, na lida do chão ...*

Penso que as questões assim tecidas, quando o pesquisador não apenas "está", mas "é", - e é porque faz - e, quando a "pertença" fica evidente nas produções concretas que a troca entre esses sujeitos possibilita, fazendo-os, ambos, diretamente beneficiários dos seus resultados, não podem ser encaradas como descabidas, ou prontamente afastadas por força do que se poderia encarar como um novo etnocentrismo: o da cultura da academia demarcando limites de legitimidade a produções (conhecimentos) que, sem dúvida, lhe escapam, porque

*Extrato de entrevista com lavrador de Ceres, Goiás, que questionava "médico que não dá consulta".

oriundos de circuitos que os seus agentes, diretamente, não atingem.

O médico "esta lá", facilmente. E é rápido o percurso da trajetória que ele faz, desde o momento da sua chegada, até aquele em que ele se percebe e em que é percebido - ao menos aparentemente, - como "sendo de lá".

Ele agora é o médico do lugar, e parece que veio para ficar.

O "FAZER LÁ" PÔE O MÉDICO "EM CRISE"

Assim, nestas ocasiões em que nos encontramos, tenho podido com-partilhar as minhas próprias angústias de "médico inadequado à realidade", com outros colegas - sobretudo os mais jovens - que se percebem igualmente "em crise". Falamos da "crise" como quem fala de uma abstração, de um fantasma que se convencionou formalmente admitido nas nossas realidades não apenas profissionais. Como se fosse de carne. Como se fosse de osso. Somos contemporâneos desta "ideologia da crise", e por ela também marcamos a nossa originalidade profissional. Então, nestas oportunidades que temos feito amiudadamente se repetirem, felizmente, enquanto co-participamos de espantos que nos são comuns - elaborações da "crise" -, neste concerto "comunitário" dos nossos desacertos profissionais frente à "crise de teorias", à "crise de métodos", à "crise de práticas", nós nos sentimos como que aliviados pela sensação da "pertença". Nos trans-parecemos. Em "crise". Inadequados. De-formados médicos que se perverteram no desvio da escolha quanto ao seu objeto: "você não foram formados para isso!" Certamente impotentes frente à complexa realidade "em crise", seguem, no entanto, buscando rumos.

Vi nestes anos todos da minha formação médica em campo de práticas sociais ("mas isso não é serviço de médico"), multiplicarem-se as oportunidades que esses "médicos em crise" provocam, a fim de se colocar em questão o que se convencionou chamar, também, "a crise da medicina".* Nestas ocasiões, quando interrogamos - e não sem angústia - acerca dos rumos da profissão, também vamos permitindo que aflore o que, talvez, aponte (ou esteja apontando), para a novidade de uma outra medicina: os "métodos da crise", ao se encontrarem, falam da medicina, que, apesar da "crise", eles próprios estão fazendo. Quem são esses médicos? De que coisas falam? De que jeito vivem? Onde é que trabalham? Que perspectivas têm? E que medicina, enfim, é esta que esses "médicos em crise" fazem, em plena "crise" da medicina?

"SAÚDE, ISSO É TAREFA NOSSA!"

Com alguns graus variando, na maioria dos casos mais "à esquerda", às vezes com "tendências" a pré-determinarem que rumo deve tomar o barco, o "médico progressista" - um "ente" profissional mais "arranjado" na crise -, em geral se apresenta nas "fronteiras da diferença" que o separam do "outro" - quase sempre o "outro" da medicina é potencialmente doente (mesmo se grupo, ou se comunidade, poderá estar doente) - levando nos bolsos do alvo jaleco a mesma velha sanha da medicina: o diagnóstico.

*Na verdade, a que medicina nos referimos?

Mas e quando "médico em crise" é um antropólogo? E quando a "miçanga" com que ele trapaceia a informação que lhe interessa é representada por um "serviço", cuja essência é o diagnóstico e cujo lugar de confrontação das diferentes falas - a do médico e a do seu paciente - é o universo artificialmente armado no "set" da consulta?

KOFES, reportando-se ao relato de TURNER às voltas com o estranhamento que definia a distância entre ele e os "nativos", nos diz: "os especialistas de cura, os médicos NDEMBU, é que foram a via para o antropólogo apreender a sociedade e a cultura ndembu". E ela segue se perguntando: "qual seria a trajetória que tornou possível em nossa sociedade, nos defrontássemos com o inverso? Que o antropólogo e os seus instrumentos de pesquisa sejam uma via para que o médico conheça a população que, tal como os Ndembu, se encarregaria de curar? Lá, os médicos compartilham o "código do doente". O antropólogo era o estranho. Aqui, a antropologia permitiria a ponte entre códigos desencontrados: o dos especialistas da saúde e os da população com a qual vão se relacionar (relacionar digo eu, alguns diriam "atender". É de extrema relevância pensar como designamos o encontro dos diferentes).

Mais adiante a autora vai concluir que, neste processo em que, "apesar de encurtadas as distâncias e se perdendo as maravilhosas ilhas", a antropologia permite - também ao médico - "a constatação de que a diferença resiste", e a de que "ainda há códigos desencontrados" em que será possível manusear

recursos da pesquisa antropológica, enquanto "instrumento de encontro".*

O médico-antropólogo, assim, vai "trapacear" nesta relação, por sobre limites tênues, na corda-bamba da consulta médica, com o arsenal de "miçangas" da semiologia armada** e do raciocínio clínico. Traficando informações por classificações nosológicas e por medidas terapêuticas (de que "alter-natura" sejam), apreende a "diferença" na coqueluche dos parâmetros e das medidas com que a medicina constrói a sua leitura e diz a sua "síntese empírica", falando, enfim, quem para ela é o "outro" e como se deve proceder na correção dos "desvios" que, porventura, nele encontre.

Não resta dúvida, então, que o diagnóstico é a leitura da clínica - (essência da prática médica) - a propedêutica o seu instrumento, e a terapêutica o seu recurso de intervenção normalizadora.

E para a antropologia? No caso da medicina, o caráter interventivo que permeia a troca é mais direto ficando, assim, mais evidente. De que forma esta intervenção se concretiza, a partir da leitura do "outro" que a antropologia faz?

No caso de Nuer, estudados por PRITCHARD, pode-se suspeitar da participação do antropólogo - mesmo se indireta - na implementação do projeto da administração governamental sudanesa para o território Nuer. Demarcada a área, vasculhados segredos da cultura, PRITCHARD remete, enfim, a intimidade dos Nuer, - confirmando, aliás, as suspeitas de Cuol - ao seu próprio país. A Antropologia Social, por sua vez,

*Conforme a mesma citação anteriormente feita.

**Expressão comumente empregada no meio médico para se referir aos meios, afóra os sentidos do médico, de que lança mão a clínica na pesquisa do diagnóstico.

incorpora a obra no bojo do conhecimento científico que a reforça, no concerto das Ciências Sociais, enquanto inquestionável contribuição à sua compreensão acerca do homem, da sua vida e das suas manifestações. Mas também é incontestável a utilização do conhecimento sobre os Nuer que os estudos de PRITCHARD organizam, sistematizadamente, por parte do Governo do Sudão, financiador do projeto, para quem os Nuer se mostravam "extraordinariamente hostis", segundo palavras do pesquisador, por ocasião da pesquisa.

Acho que em toda etnografia transparece algo que se poderia comparar a um diagnóstico. Alguns poderiam atribuí-la à própria formação do etnógrafo.* Nela transparece a aproximação do etnólogo do grupo ao qual ele "pertence", ou a sua ligação umbilical (muitas vezes financeira) com o projeto acadêmico de onde extrai a sua alimentação teórica. O diagnóstico operado pelo médico, enquanto leitura do seu objeto diz, afinal, quem é este "outro" de quem lhe interessa apenas compor um quadro sanitário ou nosológico.** A leitura da etnografia, pautada em outros referenciais, também coloca perfis, compondo faces do "outro", através das impressões que nele capta flagrando, por diferentes enfoques - o da cultura, o da organização social, o da língua, e mesmo do imaginário - um quadro desta mesma vida que também lhe seria "estranha", não fosse a "decodificação" que a etnologia faz, - baseada em padrões da sua escolha.

Desta forma, tanto o diagnóstico médico quanto a inferência antropológica, podem estar presas na mesma

*"Antropólogos com formação teórica contrastante terão coletado material diferente e usado outros métodos para coletá-lo". VELSEN, J.V. The extended method and situational analysis.

**Os doentes, em muitos casos, são confundidos pelo médico com as patologias que apresentam: a tuberculose do leite tal, a cardiopatia de qual, etc.

"armadilha", para usar o termo de KOFES: a da "diferença".

Assim, tanto num caso como no outro, é possível refletir com LEVI-STRAUSS, acerca da parcialidade das nossas leituras. Porque, segundo aquele autor, "não saberemos jamais se o outro, com quem afinal de contas não podemos nos confundir, opera a partir dos elementos da sua existência social, uma síntese que se pudesse superpor exatamente àquela que elaboramos".³¹

Ainda neste sentido, é GEERTZ quem afirma: "os textos antropológicos são, eles mesmos, interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (por definição, somente um nativo faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções no sentido de que não são "algo construído", "algo modelado" - o sentido original de Fictio - não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos do pensamento".³²

Portanto, ao caráter contraditório e tenso com que se configura a "pertença" do antropólogo em campo - mesmo quando ele é médico, funcionário ou religioso - soma-se a parcialidade da sua leitura, por força da própria conformação da sua análise aos pressupostos da disciplina que lhe orienta a pesquisa, desde a escolha dos dados, em campo. Seja ela médica, seja antropológica. Esta tendência a conformar o real à visão dos olhos que a capta, pode ser encontrada nas palavras de LEVI-STRAUSS: "qualquer paisagem se apresenta à primeira vista como uma desordem que nos deixa à vontade para escolhermos o sentido que quisermos dar-lhe".

Assim ao desembarcar na "praia" estranha em que a aldeia nativa ou o espera ou o ignora, o médico, o antropólogo, o funcionário - enfim, qualquer agente social que tenha ousado atravessar oceanos, transpondo continentes que as diferenças sociais e culturais conformam, estende sobre a "paisagem em

desordem" que encontra, o seu bem-intencionado olhar carregado do mesmo "sentido" que vai caracterizar a sua leitura.

Ainda segundo GEERTZ, a compreensão da ciência não reside essencialmente nas suas teorias ou nas suas descobertas. Tampouco no que os seus "apologistas" dizem sobre ela. Mas se funda, de acordo com o pensamento daquele autor, na percepção que podemos ter da prática dos que a fazem. E ele afirma que "em antropologia, ou, de qualquer forma em Antropologia Social, o que os seus praticantes fazem é a etnografia". A este respeito, então, GEERTZ reforça a mesma idéia do "sentido" ou da orientação que é subjacente à busca deste entendimento. Diz ele: "é justamente ao compreender o que é etnografia, ou mais exatamente o que é a prática da etnografia, que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento".

Penso que se poderia cercar o diagnóstico médico de afirmações semelhantes a estas: que é somente ao se compreender o que é ele, e o processo (histórico) da sua elaboração, ou seja, a prática dos diagnósticos que a medicina vem fazendo, que se pode começar a desconfiar do que tem representado a análise médica, enquanto forma de conhecimento.

Quanto à etnografia, assim mesmo, ainda é GEERTZ quem a compara a um "risco elaborado", cuja definição, que ele diz tomada de Ryle, é a "descrição densa" com que a prática etnográfica tenta demonstrar a realidade que desafia o antropólogo (e a alguns médicos), e o excita.

Assim, apesar das limitações da análise e dos apertados limites que a mais míope das visões possa ter, vale a pena botar em questão o "sentido" para, enfim, correr este "risco", embarcando na "ousadia da empresa", de que nos fala LEVI-STRAUSS.

Quanto a ela, aquele autor tem palavras que alentam a quantos possam estar perplexos, na madrugada do cais, apenas aportados dos seus próprios mundos, e na iminência da luz do dia que acentua os "traços" com que nos identificamos, mas também com os quais nos desconhecemos. Ele diz: "... não será necessário ir tão longe - e, para isso o sentimento interno basta -, que a síntese, mesmo aproximativa, resulte da experiência humana".³³

Este, sim, - me parece - é o sentimento que deve permear a troca, assegurando cada um dos momentos de "pertença" (ou de exclusão), não importa em que situações, não importa em que limites, sejam quais forem as "diferenças".

Aí se esconde o "hau" do circuito etnográfico, quando a presença do estranho e a minha - ambas traduzidas em nossas motivações pessoais - convertem o "confronto" em "dádiva", resgatando-nos identidade, originalidade, pessoalidade.

A este respeito, ainda transcrevo LEVI-STRAUSS: "devemos nos assegurar disso, porquanto estudamos homens; e como somos nós mesmos homens, temos a possibilidade de fazê-lo".³⁴

Entretanto, esta mesma possibilidade que temos, - porque somos homens -, nos coloca muitas vezes, em situações tais que o "sentimento interno", de que fala o mesmo autor, tem as cores da melancolia e da depressão, resultantes das tentativas infrutíferas de aproximação que fazemos; ao final das quais estamos reduzidos à estreiteza dos papéis que o "outro" nos atribui.

O caráter da minha inserção na vida social de Natividade, enquanto médico - mesmo se percebia claramente as "possibilidades" que ele me abria - também me fazia sentir, com igual nitidez, a imposição dos seus limites. As minhas relações com a cidade deveriam, assim, - apesar dos meus esforços em contrário - ficar como que "normatizadas", amarradas fortemente

em expectativas bem definidas: as do serviço médico.

Felizmente o percurso do caminho, quando se está atento a ele, também nos ensina a perceber-lhe vicinais, pelo seus desvios, pelas suas margens. A antropologia - é curioso - acaba facilitando ao antropólogo o aprendizado da transgressão das normas e dos papéis, pela condição de marginalidade em que, muitas vezes, a pesquisa o coloca. Nunca se sabe até onde, e em que lugares estranhos, nos levará o olhar da etnografia.

A configuração do "papel de médico", então, como dizia, comportava ambiguidades que me permitiam interrogar quanto à identidade que ele parecia tão facilmente assegurar nas relações que eu tentava estabelecer com a cidade, quando desejava ardentemente participar da sua vida, como alguém que não apenas "está", mas que "é". A percepção de que não podia me deixar iludir, me estimulava à transgressão e à fuga.

Posso dizer que dificilmente recebo visitas em Natividade, ainda que sempre tenha alguém em casa, atrás de mim, ou me esperando. Isto se deve, talvez, em primeiro lugar, ao fato de que não moro numa casa que eu possa dizer "a minha casa".* Imagino que a loucura deste verdadeiro "palanque de comício", que é o formigueiro em que estou vivendo, afasta muitas possibilidades deste tipo de visita com que se busca o lazer, o prazer do encontro. Eu estou sempre aqui de passagem. Não sei exatamente onde moro. Segundo, porque vivo ocupado e tenho estado a maior parte do tempo a me dever repouso, tal é a agitação das minhas ocupações por aqui. Tá

*Nos primeiros tempos em Natividade, morei na casa do médico que me recebeu, que era meu amigo e proprietário do Hospital, e que, então, se achava em campanha.

sempre pingando uma consulta, um parto, um atendimento qualquer. O hospital não pára. Então, só o fato de me saberem constantemente "disponível", ou de que me imaginam sempre "à disposição", já extenua. As conversas de "médico do interior" são sempre assim. Acho que acabo não morando em lugar nenhum, e me escondendo em vários lugares. Outra razão prá que não me sinta sendo visitado - mesmo se me procuram bastante - é porque, geralmente, sou procurado por pessoas que esperam de mim "cuidados" ou "conselhos médicos". Ou isto já estará sendo em mim a manifestação de mera "paranóia" de fundo hipocrático? Sei lá! Outra coisa: a maioria das casas em que tenho entrado (sobretudo as do centro), não vou porque sou convidado, vou porque sou "chamado". É muito diferente. Esta "condição de médico" está sempre determinando, na maioria das vezes, a maioria das minhas relações por aqui. E teria como ser de outra forma? Hoje me sinto particularmente gasto, desbotado.

Apesar de "ser" o médico da cidade eu continuava sendo de fora, um estrangeiro. Muitas vezes ouvi alusões ao "Doutor Fulano, que está atualmente em Goiânia, mas é filho daqui", enquanto que eu era "o médico da cidade que veio do sul, como as irmãs". Este fato, segundo me parecia, configurava, então, uma dupla estranheza: às diferenças decorrentes da estratificação social do médico - um agente mediador classe: "médico de pobre" - somava-se o fato de eu ter vindo de longe, ou de "ser filho de um outro lugar".

Prá lá do rio é um mundo que nem sei como é. Tem placa do PT nas árvores da barranca da balsa. Se esse povo passa prá cá, quem tem duas calça vai ter que repartir uma. É o comunismo.³⁵

No consultório, não raro, a nitidez da "diferença" ainda mais se pronunciando, mais me aguçava o "sentido", invertendo-se a "possibilidade" a que LEVY-STRAUSS se refere: a "intimidade" da consulta era insuficiente para encurtar a distância infinitamente maior do que o espaço que se interpunha, através da mesa, entre o meu lugar de médico e o lugar dos meus pacientes. E eu me sentia, então, como que condenado a permanecer do outro lado, sendo obrigado a respeitar os limites destas duas condições: a do "doutor" e a do "paciente".

Assim, a imposição de limites que o papel coloca, se por um lado facilita uma espécie de aproximação, porque deixa nítidas as atribuições de cada um no rol que estabelece o diálogo, por outro lado cristaliza o entranhamento, deixando claro o quanto somos diferentes. É neste umbral de separação e não de encontro, - embora nele também resida, contraditoriamente, a fugacidade do re-conhecimento - que a relação se enrosca num engodo: o da sensação da cura, do alívio que, sem dúvida, em situações como esta, acabam envolvendo a ambos. Porque também o médico é "acometido" por este "alívio", quando, se percebendo estranho ao mundo do seu paciente, tem, subitamente, a ilusão de ter penetrado o seu mundo, aliviando-lhe algumas dores pela simples compreensão de um aspecto apenas do seu problema. Julga-se, então, aceito, quando, na verdade, nem sequer foi percebido. Imagino que deva ser verdadeira também a sua recíproca.

Por esta razão, quando me era entregue, por exemplo, um "ESTILHAÇO",* me ocorria pensar, por vezes em motivações que não ficariam, por isso, limitadas às tônicas da afeição,

*"ESTILHAÇO": mais adiante devo me referir ao conjunto de "instrumentos" de cura que passei a colecionar, sobretudo a partir das "trocas" de consultório.

característica da empatia, tão comum nestas situações. Circunstancialmente, talvez até à guisa de experimentação, ou de uma forma de me exercitar na apreensão das nossas diferenças, eu me punha como que a suspeitar, por assim dizer, das intenções da troca. E o seu caráter ambíguo se pronunciava, tornando, por contraditório que possa parecer, mais verdadeira a relação: a descrição pormenorizada do objeto - o equipamento mítico, segundo passei a designar as peças que hoje tenho organizadas em acervo - o ensinamento das rezas, o modo correto do preparo de patuás, as suas indicações e as condições prévias da sua eficácia e, por fim, a própria oferta do objeto, se mesclavam de um caráter de "troca de favores", apesar da amenidade e da afeição que circulavam no percurso de gestos e de olhares, tornando evidente a qualidade humana do encontro. A gente mutuamente se presenteava. Como as "miçangas" com que GEERTZ presenteava os balineses, ou PRITCHARD os Nuer; com o mesmo tabaco com que MALINOWSKI conquistava os troboiandeses, granjeando atenções e dados para as suas pesquisas. Eu me flagrava, assim, neste "jogo de pertença", a me utilizar - não estando aí nenhuma conotação de moralidade - das "possibilidades" da consulta, e a me situar no consultório como numa zona fronteiriça, num mercado aberto em que se poderiam traficar, livremente, escondidas identidades. As consultas poderiam gerar encontros. E geravam. Frequentemente geravam.

Em Natividade, desde logo se soube do meu interesse por "essas coisas de reza e de feitiço". Inicialmente achavam curiosa a minha proximidade com um dos curadores da cidade, - seu N. -, de quem deverei falar mais adiante. Logo em seguida, no entanto, o fato passou a ser visto como "natural", decorrência de "certa ciência" de que, falavam, "eu era de dentro e se via". Me sabiam "metido com pesquisa", demonstrando interesse e mesmo esclarecendo muitas das minhas "estranhas curiosidades", na verdade não tão estranhas assim à Natividade que por debaixo de Natividade se escondia. Assim, depois de um certo tempo, passou a ser comum as pessoas que se ausentavam da cidade, ao retornarem, me procurarem com uma peça a mais para a "coleção da pesquisa". Podia-se se perceber uma verdadeira rede se articulando em buscas, na partilha das observações, na recuperação de "estilhaços".

Me diziam "envolvido com macumba". Para alguns, eu era "médico mandingueiro". Para outros, "tratava com espírito".

Não foi difícil perceber que Natividade me estimava. Talvez porque tenha sido ainda mais fácil demonstrar-lhe a minha estima.

Re-mexendo a mala.*

Os foliões do Divino fizeram parada em Natividade na casa em estou morando, hospedado. Pude, assim, acompanhar de perto muitos dos "rituais da folia", afora ter podido privar da sua intimidade, ficando mais próximo das pessoas aqui acampadas. A Folia me emociona em todos os seus aspectos,

*É intencionalmente que mantenho a sugestão do cacófago e retiro da mala as aspas.

de maneira muito profunda. Vou querer sair numa delas, assim que me seja possível. Na dos "Gerais", talvez. Na ausência do meu anfitrião, - que é o "Imperador da Folia", - me pediram prá guardar a bandeira, quando fosse de recolher, na parada que ela fazia em Natividade. Me envaideceu o convite e aceitei-o prontamente. Em Natividade, portanto, neste ano de 1982, fui o guardião da Bandeira do Divino. Me sentia participante, enquanto recebia, todas as tardes, a bandeira vermelha do Espírito Santo, e a recolhia com carinho para dentro do meu quarto. Olhei-a muitas vezes na intimidade, pensando entre silêncios. Me honrou este gesto da Folia: um mimo de Natividade. "... Os foliões foram embora, seguindo no rumo das Almas. Vai ser lá o encontro com a "Folia dos Gerais" e com a "Folia de Emiliano", bem como a entrega das três, ao mesmo tempo. Me deixaram um presente significativo. Presente curioso, divertido, carinhoso. E também estranho. Aquilata em símbolo a riqueza do nosso encontro: tenho agora um mico-sagüi, lembrança da folia. Sinto que me querem bem por aqui. E que eu gosto de me sentir assim, querendo bem Natividade, neste afeto comum com a sua gente. As vezes fico pensando nas coisas que tenho podido viver por aqui, sobretudo aquelas mais íntimas da relação de mim comigo mesmo, e me deixo levar por lembranças de vivências mais antigas, em outros lugares, com outras gentes, em situações às vezes mais confortáveis, menos desgastantes, e até com menores riscos. Nestas ocasiões, parece que avalio melhor a vida que estou levando em Natividade: tenho gostado de me ver, nos momentos em que me flagro, pegando-me distraído no meu envolvimento com a cidade. Desde o meu trabalho, enquanto médico, até as surpresas que a pesquisa me oferece nestas andanças da Serra ao Pé-da-Serra. Destaco o afeto e a qualidade intensa da emoção de se des-cobrir presente: não é à toa que me meti a construir uma casinha nos Tucuns, debaixo de um pé-de-Jatobá, num lugar de ventos.

COSTURANDO "PROVISÓRIOS", OU BUSCANDO "SÍNTESES": O EMPÍRICO QUE É A "MALA"

Com o propósito de arrematar alguns retalhos de pensamento até aqui colocados, e na intenção de melhor me organizar nesta tentativa de sistematização de experiências vividas, me parece oportuno um chuleio provisório.

Buscando, com isso, me aproximar um pouco mais da concisão necessária à compreensão do meu texto, sem o que não haveria sentido nestas transições, levanto alguns aspectos, como arremate:

- 1 - Pretendi observar, no comportamento dos antropólogos e nas minhas próprias anotações de registro, situações de campo que explicitam a qualidade e a forma com que se dá a "pertença" do pesquisador no mundo da sua pesquisa, ou seja, a relação êmica do antropólogo com o seu objeto, no rompimento de barreiras éticas e no mergulho com que ela se "mistura" ao universo empírico da pesquisa.
- 2 - Considerada a "pertença" como corolário mesmo da "permanência prolongada", quis eu mesmo interrogar quanto à efetividade da residência efetiva: de fato, como é "residir" efetivamente? É "ESTAR LÁ POR UNS

TEMPOS"? E, ao contrário, como seria a relação com a "comunidade de origem" do pesquisador, onde expõe, enfim, a sua pesquisa.*

- 3 - Uma vez que esta "pertença" implica num jogo tenso e contraditório - um lugar de conflito que a "diferença", permanentemente, engendra - evidenciando interesses vários, mas que são passíveis, no entanto, de se harmonizarem num processo de troca, mostrei a necessidade de um circuito de beneficiamentos mais diretos - sub-produtos da pesquisa? - que, atingindo os sujeitos envolvidos, concretamente, tornasse ainda mais evidente o grau desta "pertença". Falei, então, numa possível revisão nas metodologias da pesquisa participante.
- 4 - Esta revisão metodológica, atenta às formas de manuseio dos instrumentais do campo da pesquisa antropológica, segundo procurei evidenciar deveria buscar compreender as possíveis inovações que possam estar subjacentes ao processo por vezes doloroso em que o antropólogo transgride a "norma científica" de comportamentos formalmente recomendados pela ciência e, ousando "permanecer", também ousa "pertencer": o "outro" não mais será visto, assim, como informante, auxiliar-de-campo ou cicerone, mas como alguém que se movimenta na pesquisa: não como suporte na composição da fala, mas como fala que se compõem com a pesquisa, no processo recíproco da elaboração das suas falas.

*Refiro-me à comunidade acadêmica.

compreender meu "caso", apesar das limitações que, como se viu, ela própria apresenta.

Mais adiante vou querer flagrar Natividade, na linguagem atual de um mito que a expressa: é como percebo a "mulher cabra" que "endoidou de barriga", e que me procurou no consultório, conforme já falei, com a "estranha queixa" de um "estranho mal", ligado à sua "estranha identidade".

Ou seja, na paráfrase com que se poderia inverter o percurso sugerido por KOFES:³⁶ a "diferença" nas armadilhas do "diagnóstico".

VOLUME II

M582d

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ETNOGRAFIA

NATIVIDADE, NA ANTE-SALA DOS ESPAÇOS GERAIS



"AQUI ACABA O SERTÃO, E É O COMEÇO
DO FIM DO MUNDO"

cais

Contr'altos guisos

Passos

Rastreando o frio da pedra

Palmos

Tateando o fio do ferro

Toques

E ruflam asas de tambores

Tantos

Olhos velam

Silente breu

Fração fecunda

Convulsão de espera

Cronomedra encanto

Gestos

Remexendo fogo ateia

Giros

Farfalhando acasos

Cantos

E cronogridem pedras podres

Tontas

Mãos

Arriscam

Por nascer

ABORDANDO ESSAS "PRAIAS" ...

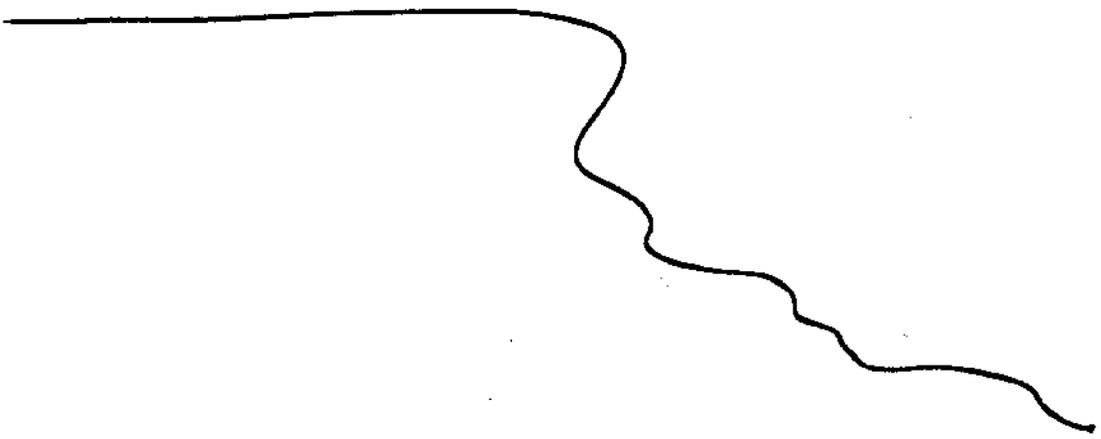
O tempo arranja imprevistos, ordena acidentes, joga eventualidades. A composição de um verso, na métrica das surpresas. A ocasião. O inesperado. O imprevisível. O espanto do momento seguinte. A espiral que se desdobra em mais um giro, serpenteia. Seu espectro se amplia. Circunvoa a vida. Jogo que se monta sobre um tabuleiro de acasos. Tempos. Dados. Circunstâncias. Fortuitas piscadelas e o rápido dobrar da esquina. Inadvertido passo. Ou, quem sabe um cochilo. Virar da página. E mais uma outra história ...

Foi "casualmente" que, assim, "de repente", me surpreendi com os costados batendo "naquelas praias".

Me percebi, então, diante da "circunstancialidade" de mais uma "abordagem": aquele cais me re-ordenando a vida, numa outra cara do tempo. Num átimo se re-arranja o traçado da teia. Novos ângulos. O fio estica as retas. Apruma. Trança. Toma o rumo do norte. Tece. Faz andar a trama.

Ceguei depois de uma semana de quebrada a minha reclusão de iniciação no candomblé. Cabeça raspada. Kelê escondido sob o lenço ao pescoço. Colares. Rituais. A passagem. Palha trançada firme mordendo as carnes. Nos braços. Na cintura. Pés de passos novos. Arremedos. Tentativas. Com guisos a me impedir disfarces de rumo.

O iaô não pode ficar longe do roncó ...



Vou me afastando. Vou me aproximando. Cada vez mais longe. Cada vez mais perto. Com outros hábitos, me crescendo. Me assimilo novo. Sou assimilado. Me espanto. Se pergutam. "Esquisito isso". "Interessante aquilo". Estranhas marcas percebo. Em mim. Pelos outros. O "recolhimento" como ponto de partida. Como ponto de chegada, a fala dos mitos. Na passagem solitária pelo "tempo da dieta", me envolvo nas "obrigações de preceito": escavo os meus escuros, imerso em cantos. Me descubro sons. Me estímulo segredos, rituais. Me invento danças. O escuro silencioso do ronco se alastrando em mim, avança por meus pés. Novos espaços. E ando me calando. A alma fendida em tempos, transpassa mundos. Per-corre. A sensibilidade que me roça em flor o peito se abre: foi como, enfim, me apresentei.

Até o dia de minha chegada, nada mais do que um pequeno número de informações sobre o lugar. Apenas o essencial com que podia me situar diante da proposta de trabalho. Mesmo não estando certo de aceitar, me deixava levar pela atração que sentia: a súbita possibilidade da mudança, me apresentando com a única identidade da minha profissão. Médico.

O vento assim, assanhando as velas, atira o barco há tanto atracado, querendo içar âncoras e se afastar do cais, na expectativa de mares, de mundos. Pensava: como há de ser por lá?

A caminho, cada vez mais perto. Divagar em dúvidas nesse lento aprendizado de cruzar os próprios limites e de se arriscar por novas fronteiras, em que o que nos espera é o desconhecido, o que sempre fica mais além, por descobrir. E o prolongamento do ronco? Fica mais complicado, daqui de fora, perceber as sinalizações dos mitos em cada uma das encruzilhadas desse tortuoso caminho. Labirinto em que o real confunde, invertendo o símbolo. Mar aberto. Monstros do

equador. Velas rotas remendadas. Casco de segunda mão, navega em bom estado, refeito. Reparo. Fica mais difícil aprender o manuseio da bússola já longe da praia, singrando águas estranhas. Forasteiro. Transeunte. Desencabrestado. Aos ventos.

A caminho, cada vez mais longe. As informações de que eu dispunha eram a tal ponto insuficientes, que mesmo os arremedos de fantasias quanto àquelas "praias" ficavam inconsistentes no esforço da memória: imagens fugidias, rápidas, confusas. Não podia suspeitar da realidade que me aguardava, já da chegada, sobre o cais.

Manobras. Prêstes a alma se prepara. Inércias. Anseios. Curioso como a gente, ao se envolver, se encanta com a travessia. Resisto a me afastar do mar. Criei raízes no vento. Deleito sonhos, fantasias, embriagado de percurso, per-correndo. Até parece que esqueci do fim, já quase sem querer chegar. A concretude de cada um dos trechos, relativiza a nesga penumbra do ponto de chegada. Quem mergulha atento no andar, se percebe andando passo a passo. Já terei chegado, mesmo antes do porto aportar? Nenhum sinal de luz. Ausência de farol. O barco se orienta ao norte, por seus poucos recursos. Apenas só, resvala curvas de sertão.

Premonição de imagens: navegando tento compor cenas, mas os gestos não têm caras, as falas são mudas, não têm voz. Silentes sombras voam. Expectros na memória, vagam. Expectativas rondam porões de desejo. Tensão. De novo a incerteza. Lanço os dados sobre a mesa: ocasos. Imprecisão de traços. Indefinição de retas. O tabuleiro é vasto e os dados poucos. Procuro me entender no jogo. O barco balouça resvalando encostas roxas. Souor e poeira. Acasos. Curvas. Riscos. O cais é um ponto no deserto que se aproxima.

Lá prá trás, o que ficou, é um túnel comprido e escuro, cada vez mais longe. Apostas. Previsões. Palpites acerca das

coisas do lugar. Que lugar será esse? Vislumbres do tempo, emiscuindo rasgos de sóis e nexas de luas. Parece que, em alguns momentos, a alma se encoruja, escondida num canto da gente, tão só se sente. Arrepios e prévias de atracagem. Lanço outra vez os dados: a caminho se corrigem rotas se coligem retas. Meu barco segue, solitário, resfolegando sertões, cavalgando serras, na lombeira dos ventos centrais.

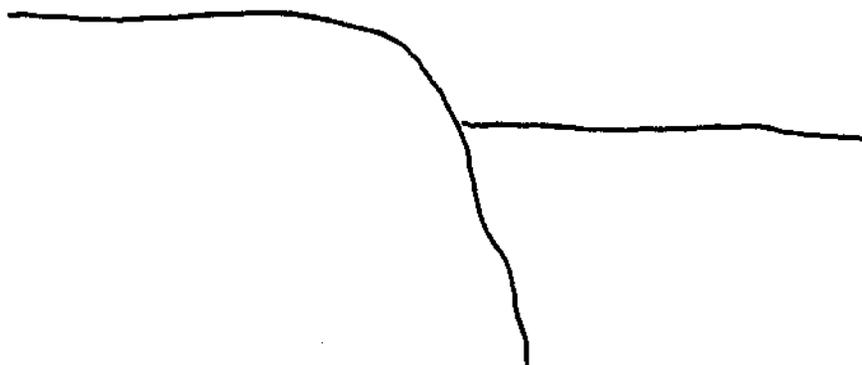
Imagem de abertura: avenidas naturais de mangueiras, e uma bucólica cidadezinha do interior do país. Eu, de passeio pelos sonhos de navegador solitário, nem podia suspeitar da real posição dos dados sobre o imenso tabuleiro. Nem de longe, por um átimo que fosse, eu teria podido aproximar a fantasia, nesses primórdios de cruzeiro, do mais pálido, do mais provisório esboço do que seria a realidade "daquelas praias".

O vento batendo de longe, zumbindo o norte, zurrando o rumo. E o barquinho avança no meio da noite escura na direção do "acaso" ...

Fico pensando: imagino que, se as informações iniciais tivessem sido mais abundantes, talvez eu nem tivesse apontado prá lá a prôa. Será? Terá sido tudo "arranjado"? Terá sido tudo "definido"? Construí, previamente, um "plano" com os que me fizeram a proposta. Um contrato, amarrando a curva arisca.

É melhor que você veja, que conheça o lugar e as condições em que vai trabalhar, primeiro, prá depois decidir se aceita. O hospital é pequeno, assim tipo de interior. Movimento direto.

Seqüência de imagens: galharia folhuda e fresca de árvores anciãs lançando sombras ao largo, aberto no ermo de poucos velhos casarios. Pássaros que piam. Algumas nuvens passeiam no céu. Se eu tivesse reunido informações mais precisas antes de chegar, não teria sido tão grande a surpresa.



Cada lance dos dados sobre a mesa plana, e é mais uma infinidade de possíveis leituras que se abre. Vou tentando compreender o jogo dos fatos. Movimento quanto posso as peças sobre o vasto tabuleiro. Giro tangencial da esfera arremesando retas sobre o espaço. Retorce o traço na espiral que avança. Como será a cara do tempo? Penso que, por ocasião da minha chegada, as informações que as pessoas pudussem ter a meu respeito - da mesma forma que eu com relação a elas e a sua cidade -, não deveriam tocar além da superficialidade utilitária que me marcou nesses primeiros contatos: "O novo médico ... É companheiro de Fulano ... Vai se dar bem com a gente daqui".

Parafernália de badulaques. Cor e corpo. Cheiro de feitiço. Um jeito que parece estranho. "A gente fica por entender". Cisão do tempo na alma. Que lugar é esse em que nos encontramos de frente, tão distantes, tão próximos? Fico querendo saber. Mais. E mais. Na alma do ferro o imã agita nortes. Onde será? Pulsam gravidades. Ritmos. Atrações. Repulsas. Enfim: forças que empurram o barco, cada vez mais longe. A caminho. Na beira da estrada, a palmeira firme ao vento, balangando a ramã: Burití. Cada vez mais perto.

Fui burilando imagens, lapidando formas, à medida que as informações me chegavam. Pouco a pouco, vão se ajeitando os

dados. Refaço o jogo, corrigindo a rota. Empino a prôa, mantendo o norte, levemente tombada a leste. Avanço no rumo indicado colhendo indícios. Reúno os dados. Retomo o jogo, no contato com os primeiros "nativos", ainda distante da "praia". Vou sabendo mais das coisas a respeito do que poderia vir a ser o prolongamento do meu "roncó".

Seguindo viagem. Sertões. Cerrados. A imensidão solitária se esparramando. Descampado. Luz e cor. Torrando o sol. Sem gente. A estrada comprida comendo o chão vermelho. O céu se derramando de azul por cima do horizonte. Na direção do fim do mundo, o calor derrete os trópicos.



O acesso à região é difícil. A Serra Geral se erica em fímbrias, subindo na direção da Bahia e tomando o rumo do Pernambuco. Margem direita do Tocantins: "Tocantínea". Véspera de imensa vereda. Gerais. O passo das águas do "grande rio" drena aridez e atavismo do silente áspero cerrado. Inóspita paisagem. O olhar se choca, espantado, contra a exuberância dos tons. Imenso tabuleiro quente, pedregoso. Calor medonho. Canto da sabiá. A luz filtrada reverbera brilhos de ferro e água. Cada vez mais tórrido. Beiras de estrada. Caminho carmim. Fios de prata serpenteando tufos de saroba. Cajuzeiros. E buriti e bacaba e jatobá: toques de chegada. Sol a pino. Cada vez seco. Flor-pedra. Cada vez mais tosco.

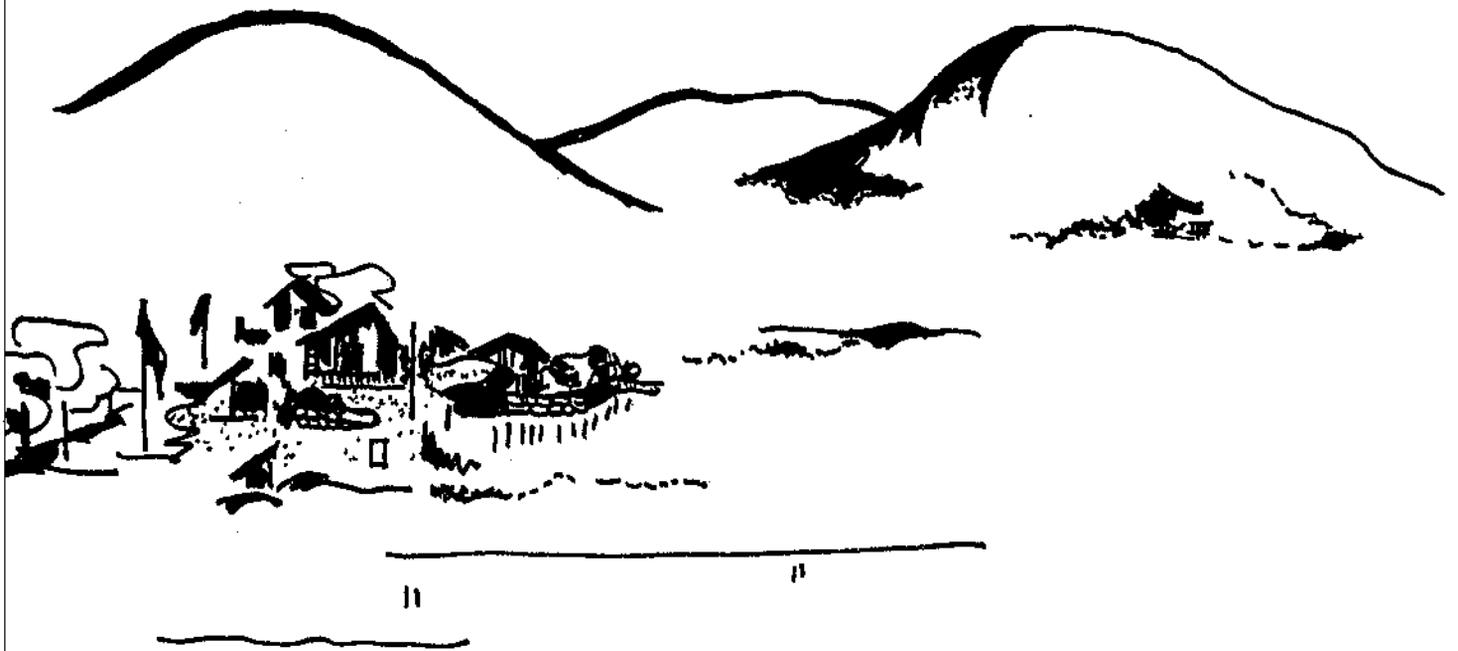
Vento balanga a rama, cruza o pau e gela o barro: a casa dali é tão fresquinha.

Impressionante sinfonia de acidentes desenhando relevos. Contornos de mundo. Retorcidos volumes. Paredões de silêncio. Cada vez mais só. E o planalto, acima do Brasil, vai ficando cada vez mais escondido sertão. A ponto de, redizendo o espaço, inventar o tempo. Um outro tempo: Natividade de Goiás.

Quase de chegada, às portas da cidade, já tendo vencido a última das travessias - (balsa sobre o Manoel Alves, que é a terceira do percurso desde Gurupi) -, e ninguém me havia feito, até então, a simples menção que fosse ao que veio a representar, de imediato, o cordão umbilical que me ligaria a Natividade: a extensão do meu "roncó" eu encontraria na Serra, em cujos pés a cidade se incrusta.

A Serra: placidez de mistério. Desafio. Segredo escultural do tempo. Pedra enorme que se posta em monumento. Que enfeitiça. Que envolve de magia. Que calma acolhe olhares passos. Provocando em curvas, tão serena. Sedução do encanto. Caloroso encontro. Me acolheu provocadora.

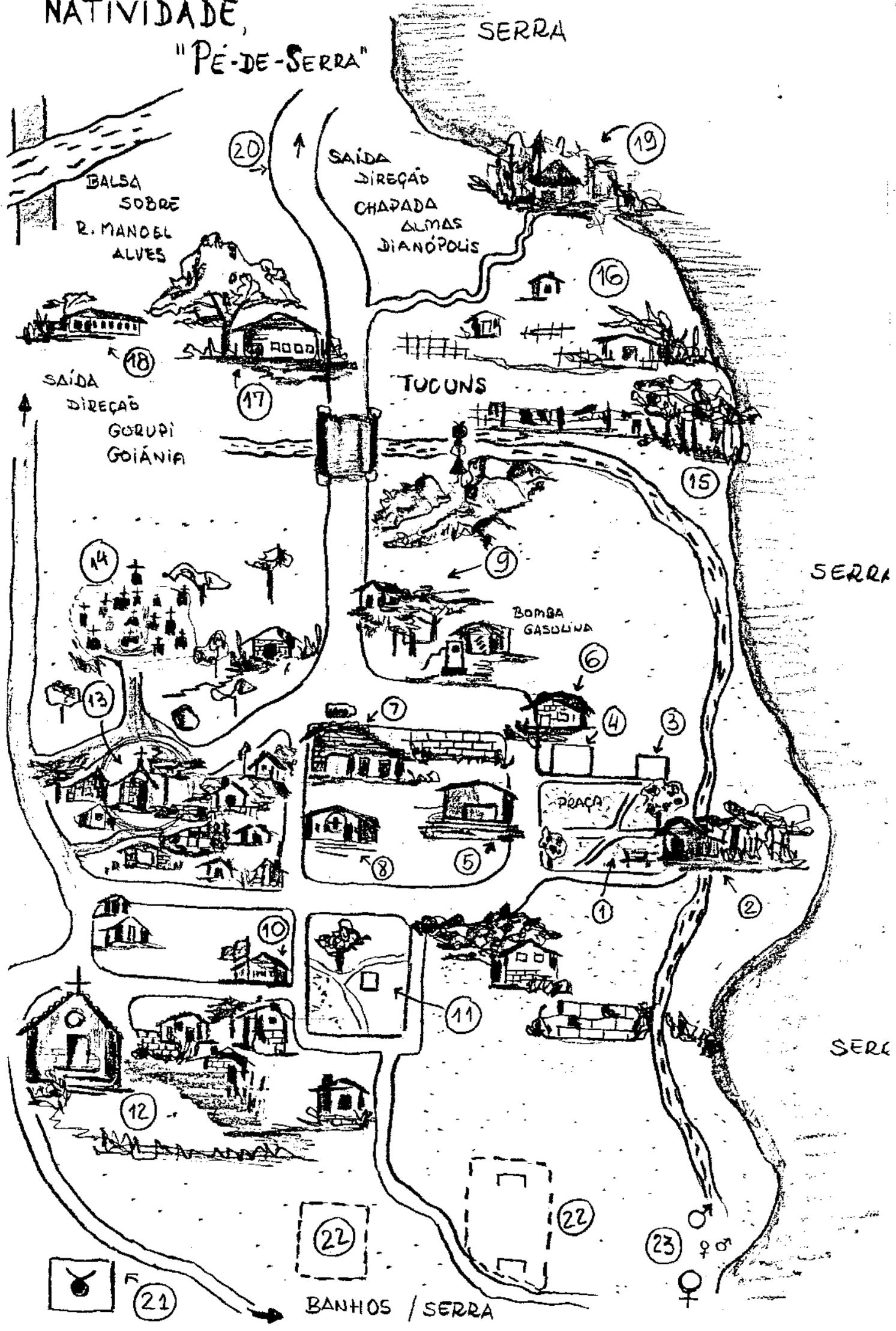
Impacto sobre o olhar que atraca. Paixão que aborda. Senti que estava, enfim, chegando. À vista o cais, nesse pedaço da terra. Ali, a "praia" ...



1981. Emaranhado traçado de poeirentas ruas. Aqui e ali se cruzam. Pela cidade se alongam, no contorno de capoeiras. Espicham-se. Ondulam curvas. Desenham esquinas. Acabam em becos. Desordenadamente. Cresce. Se espalha em trajetória irregular e confusa. Prá quem de fora vê, seu movimento não tem ritmo. Adobe que se desmancha, calando seu tempo. Arrimos e muros. Sem tempo. Sem pressa. "Êta lerteza. Essa gente tem preguiça até de falar macio. Parece até que não vai acontecer". Caiadas paredes. Velhos casarios. E o passado espreitando a menina de avental que passa. Assovios. Cochilos de janela. Desleixo de quintais. Como se a entrada fosse sempre pelos fundos. Gemido insistente da corda no poço. Ai, que balde que não chega. E tá que geme. E tá que sua. E tá que canta. Coloridos varais. Cachorro latindo contra o sol. Ranger da grade do caminhão de gado. O cheiro de bosta. A mulher ralhando a criança. Choro e riso. Conversa de borracha que espicha. Vão de cerca. As brigas do casal. Barulho de serra comendo madeira e um papagaio que não para de gritar. Soleiras sem portas. Escancaradas janelas. Nuvens calmas no rumo azul. Tufos de saroba. Mangueiras. Garranchos e matagais. O velho grita o jegue empacado na beira da ponte e o caminhão quer passar. Riscos de vôo no forro azul. Se perdem no sorriso da moça. Cheiro bom de preguiça. O tempo parou naquele fim de mundo. Balbúrdia de recreio por perto. Compasso da roupa branqueando na tábua da lavadeira. O sino lamenta alguém. Um mascate parece que plantou ali seu pé de modas. Paris. Istambul. Serra Pelada. E, lá embaixo, mais outro jatobá. Tudo em galhas, vendo. O ancião paciente. E o menino se esquece que vende cajú. Promessa de chuva. O bobo. O moço. A cega. Gente estranha essa que acaba de chegar. Fumaça de fogão. Gulodice de forno. Êta calor medonho esse escorrendo da pedra. Da esquina, um olhar cúmplice. A praça. Depois, sumiu depressa na curva. Modorrenta a pedra atenta. Qualquer movimento. Vê o moço? Dormiu no banco da praça. Apertados cochilos. Gambira de ocasião. Ruidosas gargalhadas. Ruínas ...

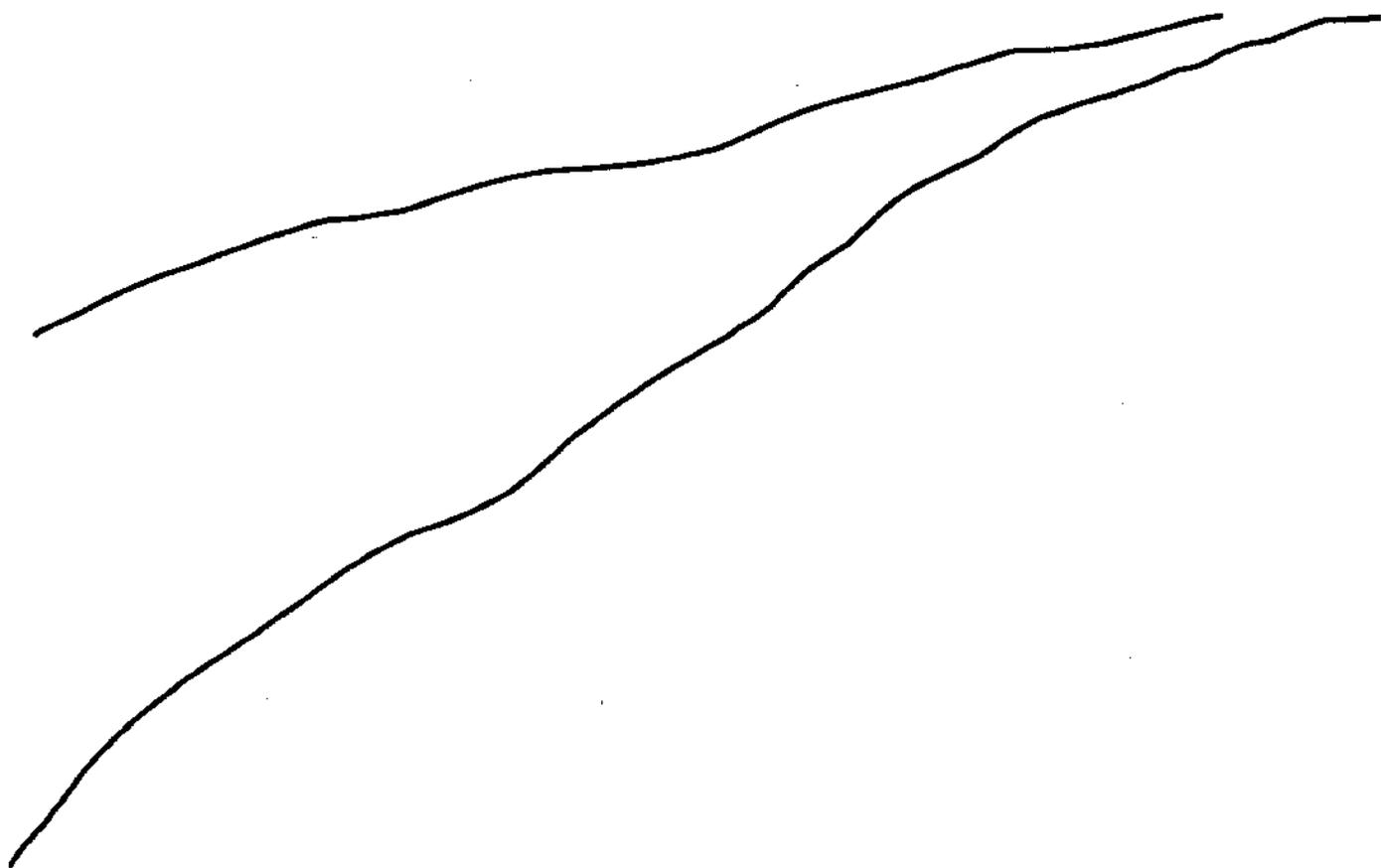
Em pleno sertão parou a estrada. E o homem moreno de chapéu de palha acena boas-vindas. A poeira tragou a pressa do motor. A cidade é aqui, moço.

NATIVIDADE, "PÉ-DE-SERRA"



- 1 - Praça do Jatobá
(a principal da cidade)
- 2 - Casa do Dr. D.
- 3 - Agência dos Correios
- 4 - Mercado Municipal / Açougue
- 5 - Agência Bancária
- 6 - "Rancharia" (Albergue da Prefeitura)
- 7 - Bar do Ponto / Hotel da Dona C.
- 8 - Hospital da OSEGO
(Organização de Saúde do Estado de Goiás)
- 9 - Curandeiro, Seu T.
- 10 - Prefeitura Municipal
- 11 - Praça da Bateia
- 12 - Largo da Igreja Matriz
- 13 - Largo de São Francisco
Igreja da Irmandade dos Negros
- 14 - Cemitério
- 15 - Mangueiral da Ave-Maria
- 16 - Setor Tucuns
- 17 - Hospital do Dr. D.
(é onde trabalho)
- 18 - "Zona" (o "baile")
- 19 - Barracão do velho N.
- 20 - Saída Norte: Chapada, Almas, Porto Nacional, Dianópolis,
Bahia.
- 21 - Matadouro
- 22 - Cancha de Esportes / Campo de futebol
- 23 - Pé da Serra: "Cór'go das Lavadeiras"
Banhos: das mulheres, dos meninos, dos homens

"Na realidade, a rua já não é tão só um lugar por onde se passa; é um lugar em que se permanece".³⁷



A "RUA", A SERRA

Chamou-me a atenção, certa vez, em conversa com um amigo fotógrafo, a idéia de que a fotografia - esta arte de apreensão do real, por suas imagens - ao mesmo tempo que retém sobre a película, cristalizando-o, o instante captado pelo olhar sobre a objetiva, também se prolonga no tempo, avançando sobre os seus limites, através de reações (físicas e químicas) que imprimem movimento às imagens apreendidas.

O instante aparentemente fugáz da fotografia, portanto, rompe as suas próprias barreiras, ultrapassa as suas próprias dimensões, transcende o momento da imagem e, contraditoriamente, fixa no papel o seu dinamismo, transformando-o, transfigurando-o na forma através do qual o acontecimento fotográfico = um paradoxo -, ao mesmo que se fixa, se prolonga.

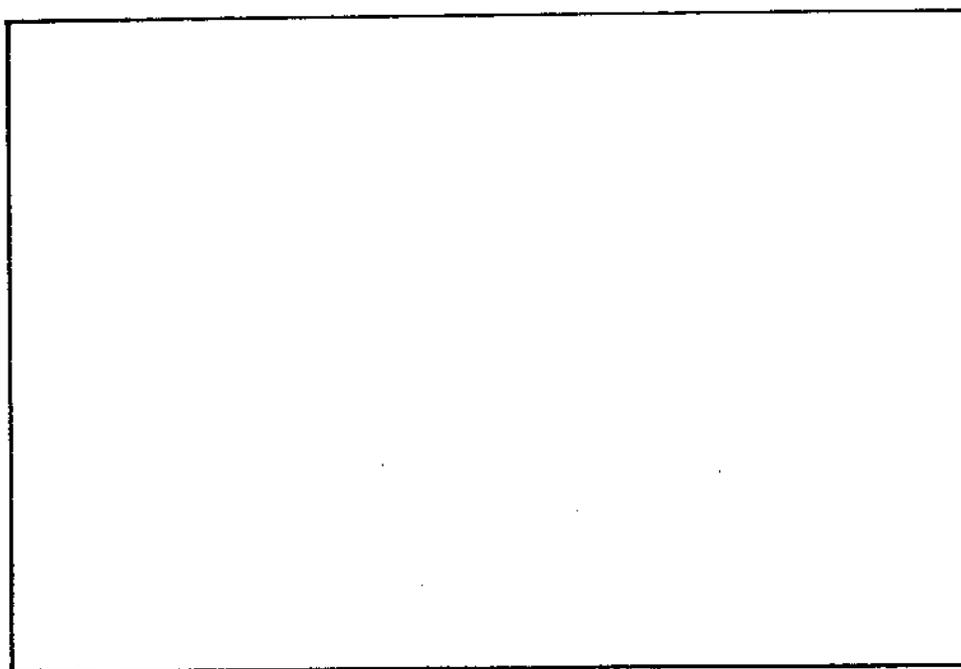
Sabe-se que uma fotografia, então, pode ser eterna, na medida em que a sua "redução"* é garantida tanto pela sensibilidade do fotógrafo quanto pela acuidade das técnicas que ele emprega. Desta forma, então, se se pensa no processo de

*"REDUÇÃO": processo para se acentuar os contrastes de uma chapa fotográfica, dando mais ênfase aos seus brancos e negros". PEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa.

envelhecimento de uma foto, por exemplo, pode-se vislumbrar nele a continuidade desta brincadeira da luz que incide sobre o fato, convidando-o, por assim dizer, a irromper no tempo, extrapolando as suas marcas, no jogo lúdico de moléculas sobre um écran, em surpreendentes reações físicas que, percorrendo a forma, a modificam, do mesmo modo que se vai modificando o olhar de quem a observa. De tal sorte que nunca vemos duas vezes uma mesma foto, porque, por um lado, jamais se repete um mesmo olhar e, por outro, a imagem - em razão deste "processo" que a fotografia esconde -, nunca é estática, como não é estático o fato que ela aprisiona.

Por conseguinte: nunca vemos duas vezes o mesmo fato.

De outro modo, a película, bem como a chapa de reprodução em que o fato se "reduziu", é como um espelho que se coloca, sempre, entre dois olhares: o do observador que capta o objeto, e o do objeto que se deixa apreender pelo observador. E, a tal ponto, que a leitura de uma foto poderá ser estimulante exercício de percepção do tempo, para além da sua forma apenas aparente: como é o fato agora?



Meu amigo se referia a uma foto belíssima, feita por Roland BARTHES, de sua mãe. O segredo que, na foto, se escondia, segundo ele, deveria ser, de fato, o sentimento que transbordava dos olhos da mãe na direção do olhar do filho, que a via por detrás da câmara, empenhado em captá-la e para sempre retê-la. Emoção se experimenta, então, ao se olhar para aquela foto de mulher, procurando encontrar, na mediação da fotografia, o olhar do fotógrafo, para além da chapa envelhecida em que este sentimento ainda perdura, atravessando o tempo.

Como precisar, pois, o tempo do instantâneo?

O TEMPO ETNOGRÁFICO

O texto etnográfico e as imagens nele retidas, podem ser lidos da mesma forma que se procede a leitura do fato "fixado" pela fotografia: uma etnografia sem forma, não escrita, se mexe nos interstícios do texto, como se este lhe fora apenas um aparente anteparo.

Como o espelho, que funcionasse ao modo de uma linha demarcatória entre dois espaços, entre dois tempos: quem observa e quem é observado? Limite possível de ser transposto pelos olhares que, através dele, se encontram.

Pode-se, no entanto, transgredindo normas de inflexão do espelho, cruzar-lhe as fronteiras transportando olhares de um lado a outro.

A etnografia, pois, prolonga-se no tempo. Se ultrapassa. Por vezes retrocede. Foge dos seus próprios limites quando um leitor mais ousado busca, nas leituras possíveis do texto, as infinitas leituras de inumeráveis intertextos. É que nos

interstícios da fala etnográfica, os fatos se movimentam num dinamismo sem fim. A "redução" etnográfica, a exemplo da fotografia, se os fixa, paradoxalmente também os liberta, na eternidade dinâmica da escrita.

Quando o etnógrafo comunica a sua pesquisa, da mesma forma que o fotógrafo ao revelar sua fotografia, não o faz condensando o fato na convergência estreita do papel. Ao contrário, antes de concentrá-lo, ele o alastra, entregando-o à multiplicidade das leituras, à diversidade dos seus interlocutores.

A etnografia, pois, - esta metáfora da realidade que a antropologia revela, - abre comportas da imagem, para que o real desague no caudal da poesia.

Assim, uma forma de preparar a sua leitura, é indicar algumas das entradas do texto em que a metáfora desvela viciniais de estrada, ou secretos caminhos: nos interstícios do real, por detrás da foto, e por vielas de sonho, a possibilidade da fantasia que, propositalmente, deixei escondida pelos barrancos.

O caminho está cheio de desvios. É por onde mais se percebem "ruínas" ...



GIRA A ROSA TONTA DESTES VENTOS

Onde é a entrada?

Onde é a saída?

Pode-se sair pela entrada ...

Pode-se se entrar pela saída ...

Em Natividade quanto mais a gente se afasta da cidade, na direção da serra, mais se sobe. Trata-se, portanto, de um afastamento não apenas linear, que se dá tão somente em dimensões de horizontalidade, mas de um afastamento circular, na medida em que o seu movimento implica em verticalidade: ao mesmo tempo em que se afasta se ascende. Como na gênese de um círculo, quando o raio se movimenta a ponto de poder se arremessar em tangente.

A subida da serra, assim, poderá ser vivida de modo análogo a determinados procedimentos que o avanço da pesquisa induz, como fundamentais recursos de que ela se vale na elaboração das suas leituras: penso que o balizamento ético-êmico da minha incursão antropológica, poderá ser melhor compreendido na analogia deste percurso.

Como disse, no caso da Serra, da sua "escalada", quanto mais se afasta, mais se sobe. E, quanto mais se sobe, mas se percebe, à distância, as imagens da cidade, esparramada sobre as suas próprias direções, desenhada nos seus contornos, ocupando a dimensão toda dos seus espaços. Visão que só o distanciamento, para longe e para cima, permite que se construa.

Emiscurir-se na proximidade dos fatos, misturando-se à "vida da rua", significa, também, estar "misturado" aos

detalhes do cotidiano, na mesma medida dos acontecimentos, assim que e como elas se dão, fluindo com eles na forma como e quando se passam, passando pela gente ou com a gente.

De perto, a arquitetura da cidade e o cimento das suas entranhas, prende-nos às malhas dos seus corriqueiros, roubando-nos a atenção do geral: vejo, por exemplo, o detalhe dos acabamentos das ponteiros e dos beirais dos telhados dos velhos casarios que, em Natividade, obedecem a um padrão de estilo bastante característico da cidade. Fímbrias imbricadas de carreiras e carreiras de goivas bem alinhadas, acabando em duplo bordado nas extremidades das laterais. Ou ainda: casas de altos "pés-direito" alinhadas rente às calçadas, cujas portas de entrada se abrem, sempre, a longos corredores em que os cômodos desembocam; quartos que se comunicam entre si; pisos cerâmicos; ladrilhos num estilo próprio, etc. Detalhes que do olhar próximo se aproximam.

Então, repito: pelo fato de que o afastamento se dá, em Natividade, numa escalada por patamares de Serra, o observador que se afasta vai podendo ver, cada vez mais de cima, a cidade se convertendo no desenho do seu próprio mapa: ele percebe a trama de uma delicada rede de traços, lá embaixo e lá longe, compondo este traçado que reverbera ao sol, inscrito na planura poeirenta do chão vermelho ao pé-da-serra: o seu desenho.

Descer da Serra é, por sua vez, ir se reaproximando, gradativamente, para se perder dentro dela, vendo-a, então, assim tão de perto: seus fatos.

Por outro lado, esta descida implica, também, em se afastar da serra, mudando-se o referencial, o que permite ao observador vê-la de longe - como da cidade a vemos - em seus traços e contornos de pedra bruta, plácida e majestosa: o seu desenho.

detalhes do quotidiano, na mesma medida dos acontecimentos, assim que e como elas se dão, fluindo com eles na forma como e quando se passam, passando pela gente ou com a gente.

De perto, a arquitetura da cidade e o cimento das suas entranhas, prende-nos às malhas dos seus corriqueiros, roubando-nos a atenção do geral: vejo, por exemplo, o detalhe dos acabamentos das ponteiros e dos beirais dos telhados dos velhos casarios que, em Natividade, obedecem a um padrão de estilo bastante característico da cidade. Fímbricas imbricadas de carreiras e carreiras de goivas bem alinhadas, acabando em duplo bordado nas extremidades das laterais. Ou ainda: casas de altos "pés-direito" alinhadas rente às calçadas, cujas portas de entrada se abrem, sempre, a longos corredores em que os cômodos desembocam; quartos que se comunicam entre si; pisos cerâmicos; ladrilhos num estilo próprio, etc. Detalhes que do olhar próximo se aproximam.

Então, repito: pelo fato de que o afastamento se dá, em Natividade, numa escalada por patamares de Serra, o observador que se afasta vai podendo ver, cada vez mais de cima, a cidade se convertendo no desenho do seu próprio mapa: ele percebe a trama de uma delicada rede de traços, lá embaixo e lá longe, compondo este traçado que reverbera ao sol, inscrito na planura poeirenta do chão vermelho ao pé-da-serra: o seu desenho.

Descer da Serra é, por sua vez, ir se reaproximando, gradativamente, para se perder dentro dela, vendo-a, então, assim tão de perto: seus fatos.

Por outro lado, esta descida implica, também, em se afastar da serra, mudando-se o referencial, o que permite ao observador vê-la de longe - como da cidade a vemos - em seus traços e contornos de pedra bruta, plácida e majestosa: o seu desenho.

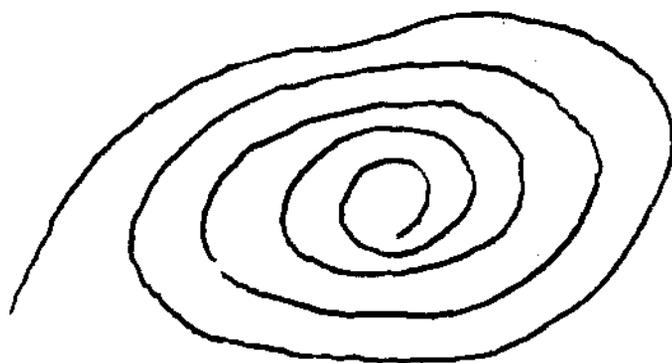
Afastar-se da cidade, por sua vez, é, também, adentrar a intimidade da mata. É perder, aos poucos, a visão geral da serra, enquanto se percebe, ao longe, conforme falei, a imagem cristalizada de uma aerofotografia urbana. Enquanto que de perto, saltam aos olhos picadas de silêncio e trieiros pontuados de ruínas: sinalização indicial de passado, com significados no presente.

Como já disse, é possível, então, refletir-se, através desta analogia concreta, no constante movimento da pesquisa,- e me parece válido repetir -, quando o antropólogo transita, sem cessar, de espaços e tempos em que o afastamento é ético, a espaços e tempos em que o mergulho é êmico, mas não só, é também possível verificar que a escalada da serra da Natividade torna evidentes as travessias em que estas fronteiras se borram, misturando espaços e tempos, alternando empuxos e mergulhos, invertendo-lhes o sentido, para dentro e para fora, de cima para baixo, sendo sempre possível e presente o contrário.

Quando é que se está entrando onde? Como seria uma etnografia de Natividade, tomada por um observador que dela se afasta subindo a serra, mas voltando-se, seguidamente, para trás? E como seria, ao contrário, uma descrição cujo enfoque se dá desde a serra, com o observador se aproximando da cidade, mas voltando-se, com frequência, para trás?

A cidade, assim - ou será a Serra? - é como um ponto que se desprende do centro de uma esfera: a gênese da urbe poderia ser comparável, pois, - repito -, à gênese do círculo, quando um ponto nuclear dispara em alucinado giro, descrevendo pontos equidistantes da origem, a compor concêntricas volutas, espirais arremessando tangentes, curva acelerada, porém nem sempre uniforme.

Como um caracol, armando suas conchas, estruturando suas cascas, assim a cidade:



BACHELARD fala da casa, dizendo que "um estudo fenomenológico dos valores da intimidade do espaço interior", permite que a vejamos como um lugar privilegiado em torno do qual se concentram imagens, as quais, desobrigadas de se revelarem pontuais - uma casa e nada mais! - seja em descrições objetivas, seja em descrições subjetivas, enfim, afastada a limitação de se "descrever casas, de detalhar os seus aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto", pode-se chegar à intimidade de uma profunda revelação: "pois a casa, diz BACHELARD, é o nosso canto no mundo ... é o nosso canto vital, onde nos enraizamos de acordo com todas as dialéticas da vida". Espelha, pois, a visão cosmológica com que representamos o mundo e a vida.

Na cosmologia de algumas culturas africanas, os mitos da criação do mundo colocam no centro de intensa movimentação de

forças elementais, - ou na sua amarração simbólica -, o caracol, como símbolo por excelência desta dinâmica original, ou desta manifestação criadora que precede o estabelecimento dos vários mundos: a superposição concêntrica das suas conchas, permite a descrição espacial de variadas formas que, colocadas em vertiginoso giro, convertem-se em espirais, que, reunidas pelo aumento da aceleração, acabam por se confundir numa única esfera.

A compreensão do universo, assim, passa pela compreensão do movimento que se instala a partir de um ponto de origem, e que desencadeia as suas múltiplas formas.

Talvez esta seja uma maneira demasiadamente geométrica de se contar um mito iorubá, mas é compreensível quando se está subindo uma Serra como esta, cujo passado acende no presente fagulhas míticas, fragmentadas "ruínas", ao mesmo tempo em que se olha para trás, onde uma cidade se contorce em curvas, retas, mostrando, enfim, este mapa em que busco um ponto de fuga, na tentativa de ler seus desenhos.

BACHELARD coloca a necessidade, para se compreender "o germe da felicidade central" - e a casa, para ele, é este centro em que se revela, segundo este autor nos diz, "a função primeira do habitar" - de um esforço do fenomenólogo para "encontrar a concha inicial em toda moradia". Pois, ele continua, "todo o espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa".

A citação de BACHELARD, referente à casa como centro, e ela mesma escondendo em si a sua "concha original", permite melhor compreender a incorporação da idéia da concha e do caracol, e do seu movimento original, no caso do mito iorubá da criação do mundo, neste esforço que faço de me afastar enquanto me aproximo.

Caminho desvãos, subindo. A cidade se afasta. Recolhe curvas e retas. Se aplaina. E espicha lá embaixo um mapa: caricatura de ruas, perfis de casas, silhuetas afilando, à distância, no conjunto do movimento que cessa. A cidade pára e o observador extrapola as formas estáticas do seu desenho.

Pela frente, na serra, o que se vê pareceriam apenas pedras. Toscas memórias. A canga empilhando pelo caminho carcomidas "ruínas": Restos. No entanto estão vivas. O olhar atento vasculha além da mera visão de escombros: são casas. Antigas vivendas dos tempos que foram, são traços. Falas do tempo agora, inscritas, repetindo, eternas, suas histórias.

BACHELARD diz que "o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos".

A casa, que para ele tem um ponto de origem, existe também nestas outras dimensões: a do pensamento e a do sonho.

Então: a alma das casas de ontem bem ali, "ruínas" encostadas pelos barrancos, aqui em cima, e lá embaixo um desenho, um mapa.

Fico pensando assim: como os caracóis, e a exemplo das casas, as cidades (ontem como hoje), também elas se acrescentam quando crescem, desde um ponto de partida: o "marco zero", a "pedra fundamental", ou aquele lugar especial do "sítio escolhido" - e não sem razões - em que o descobridor - conquistador - desbravador inscreveu suas armas, plantou sua bandeira, cunhou seu nome. Deve ser ali o centro dispersor da urbe, a "concha original", o ponto da esfera a partir de onde circunvoam espirais urbanas, traçando ruas, arremessando becos em todas as direções, marcando praças, compondo, enfim, o indício das suas tramas.

Qual seria, então, em Natividade, este sítio primevo em que o caracol se esconde? E qual o seu esconderijo especular na serra?

Penso, assim, na contraposição de aparentes antinomias de espaços e de tempos que, no entanto, ao se revelarem na vida dos Nativitanos, se mostram compostas e em equivalência, conforme se poderá ver. Demonstra-o a observação de certos hábitos desta gente.

Nesta lógica, portanto, o sentido: a oposição serra-cidade se desmonta quando se percebe, em Natividade, - como exemplo -, o costume que os Nativitanos têm de se recolher, com freqüência, na intimidade da sua serra, afastando-se da sua cidade e do buliço das suas ruas.

Desta forma, posso me apoiar no contraponto das relações que, por exemplo, na Praça do Correio se estabelecem, desde cedo até o anoitecer, com o hábito do "retiro" e da "fuga" no seio da mata, pelo rumo de trilheiros que no lombo da serra se abrem a estes caminhantes solitários e "ociosos", para me salientar a impressão que este costume ressalta: a introjeção de alguns padrões de comportamento-será tanto mais compreendida quanto mais se compreender este movimento sutil de afastamentos e de aproximações na relação serra-cidade-serra, enquanto metáforas do quotidiano: a serra e o seu mundo - sobretudo quanto à composição do imaginário em Natividade (a estruturação de muitos dos seus mitos é um exemplo) - penetram a vida da cidade e o seu presente, fecundando-a, por assim dizer, do passado com que se depara quem incursiona pelo presente as suas "ruínas", nas pedras do caminho: calegrafia sem tempo de um alfabeto petrificado.

Como interpretá-lo, pois, na riqueza dos seus significados?

Já me referi anteriormente ao percurso das dificuldades que tive e tenho em descrever Natividade, nestes momentos de desafio da etnografia a me escapar d'a "mala": papéis amarrotados lotando latas de lixo, e eu, me perdendo em quilométricas tentativas empacava e ainda empaco, por fim, esbarrando engramas que retenho vivos na memória.

Marcas. Lembranças. Emoções. Sinais. Instantâneos. Traços borrados pelos tempos que me cruzam: a etnografia de Natividade, algumas vezes, acaba por se enroscar em mim mesmo, afastado dela que estou, na distância e no tempo.

Que ela e eu mudamos, é evidente. Já não nos vemos mais como nos viamos. Trata-se agora, pois, de meu novo e arriscado piscar de olhos com que acenar desejos, no reencontro.

Retomá-la, assim, é caminhar cruzando, também, apagadas velas de sonho aonde a nitidez se esconde.

Esquiva imagem avessa à luz que, por vezes, assim me foge, é a cidade sobre a qual quero jogar as luzes do meu olhar que a quer em cena.*

*O PRESENTE ETNOGRÁFICO: "é a técnica de exposição que consiste em descrever o modo de vida de um grupo - tradicional, ou passado - como se estivesse ocorrendo diante dos olhos do observador". GILLIES, Eva. Introdução, nota. In: PRITCHARD, E.E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os azande.

Fugidia, a cidade está distante. Difícil, pois, mergulhar no seu tempo etnográfico tal qual a vi, da forma como a revejo. Reconstruir seus limites, recriar seus espaços para neles movimentar a trama das situações por mim observadas e vividas, exige uma espécie de esforço que é mais emocional do que intelectual. Na apreensão das suas formas, por momentos fugazes que me escapam, céleres, acabo percebendo um objeto mais arredio ao registro que se confunde comigo mesmo. Por esta razão, não raro suspeito das minhas próprias observações: seria assim a realidade?

Revejo.

Repensar.

Redigo.

Retraço.

Assim, me surpreendo, por fim, "debandando" na direção da serra, escapando da cidade que me absorvia.



Acabei por incorporar o hábito de me evadir dos atropelos das vielas, dos becos e das ruas da pequena velha cidade, ainda bem antes de conhecer a "tradição das fugas" que os Nativitanos ainda preservam intacta, por seus costumes, desde os seus antepassados, lá de cima. Quem sabe?

Do rumo da serra se vê: o movimento da vida corre por entre corriqueiras praças, salta costumeiras pontes, cruza a

familiaridade dos quintais, entra e sai dos velhos casarios, torna comuns os gestos das mulheres e as atitudes dos homens.

De longe e de cima, no entanto, o movimento estanca, gradativo e cristaliza forte a veemência de um primeiro sinal na vivência do observador que se afasta:

"Lá embaixo, você é um estrangeiro".

A caminho da serra.

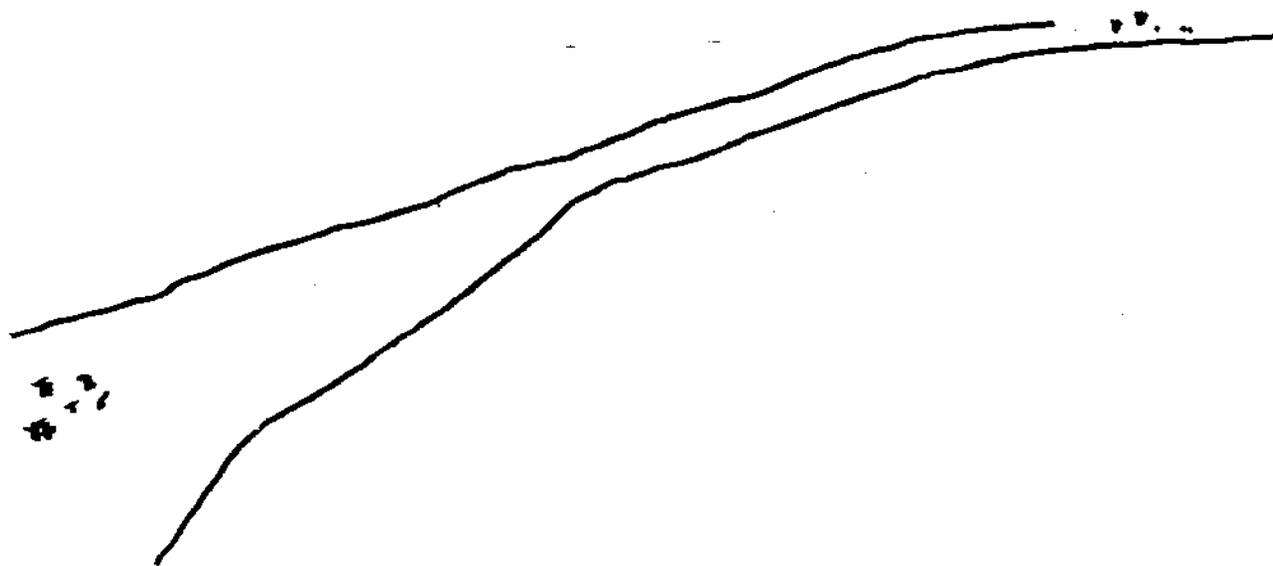
Mais distante a cada passo que a cidade cessa, incrementa a serra o movimento das suas próprias curvas, que do observador se aproximam.

De diferentes ângulos, varia o giro do meu olhar atento de agora, a passear pela cidade de sete anos atrás.

Alternando focos, fotografo caminhos a caminho da "velha cidade escrava", escondida no alto, no meio da mata: estará ali o caracol?

Olhando para trás e para baixo me penso a cruzar aquelas ruas: arestas de um cristal rebolando curvas ao raio - a luz do olhar - seu tempo, inciso.

Me vejo viver, no cotidiano da cidade. Me sinto. E vou me acompanhando, assim, a me afastar da cidade que observo, pelo que, de quem, paradoxalmente me aproximo.



O caminho que, se afastando da cidade, leva à direção da Serra - aquele do qual mais comumente eu me servia, - serpenteia margens de um curso de águas claras. Ele desce da Serra, marulhando "encantos" na direção da cidade.

O que o observador que por ele passa vê passar, é uma sucessão harmônica de beiradas floridas, movimentados aquários, banheiras de pedras esculpidas a golpes de tempo, mas é mais lá em cima.

No azul o céu começa mais de perto, e tem nuvens de tocar com o dedo. Os pássaros piam trinados cálidos, alongando o canto com que o éter infinito se mistura ao sol da tarde a pino. O dia em tudo os salva.

Escarpadas. Patamares de rocha quente. Rala é a relva. Densas capoeiras. A hera e a erva subindo, esparramando. Degraus a talhos acodem os pés que passam, distraídos, percorrendo retiros sombreados no meio da mata. Filigrana a luz seus tons, bordando claro-escuros na passagem. Cores. Tufos de ar, e o bafo quente que a serra, por vez, expira. Por outra, anda manso o zéfiro fresco nas folhas e nos galhos de suaves arbustos: a alma da serra é assim, fresquinha, já daqui se sente.

Cantos e vales espremendo os verdes contra a rocha. E as flores silvestres se abrem perfumadas nas beiradas do caminho. Quem passa aspira cheiros. Da terra salpicada, em pedra e areia. Dos aromas do cerrado.*

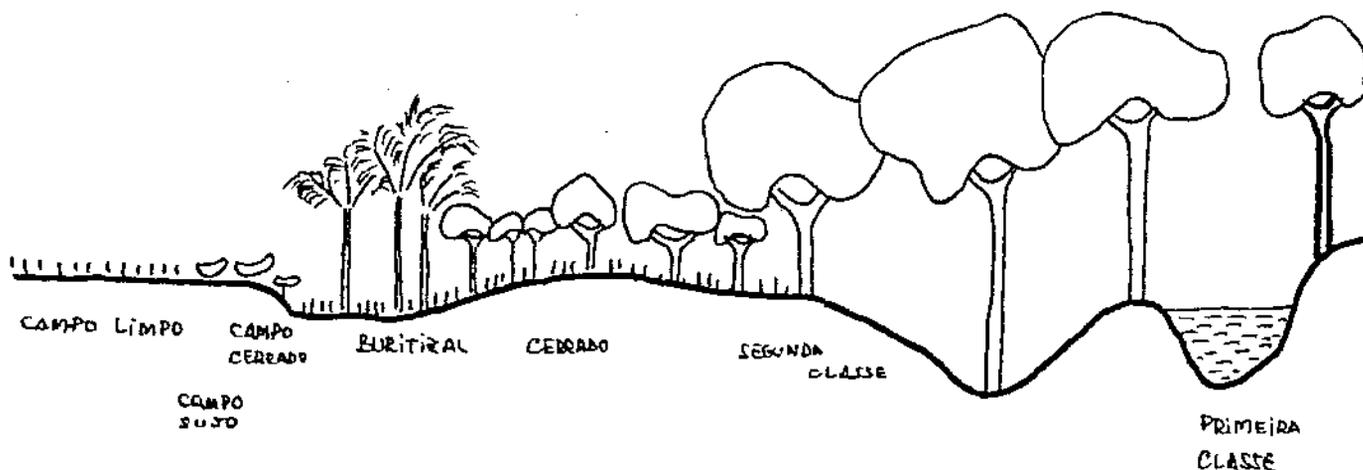
*KUNIYOSKI E RODERJAN definem o cerrado ou campo cerrado, "como a forma brasileira da formação geral chamada SAVANA". O cerrado abrange especialmente o Brasil Central (Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais), onde assume aspecto "suavemente ondulado e com imensos chapadões". Na descrição do ambiente, destaca-se "uma estação seca que pode perdurar 4 a 5 meses, ocorrendo chuvas nos meses restantes, num total aproximado de 1.400 a 1.500 mm". Segundo estes autores, ainda que os solos do cerrado apresentem na sua fisionomia uma vegetação cuja aparência externa se costuma atribuir à vegetação que vive em ambientes em que

Dentro da mata a terra é fofa e úmida nas beiras d'água, mas é pedregosa e quente, pelo geral, no caminho ondulado que ascende e que se afasta, cruzando ladeiras e expondo o ventre nú da serra, nos pequenos vales onde a vegetação arbórea recolhe o passante, escondendo-o debaixo da galhada espessa em que o caminho parece se perder, dispersando-se na relva teimosa, entre pedras quentes alastrada. Mas já em seguida se abre outra picada, serra acima.

A serra se espicha preguiçosa. E desprende direções, na ondulação de curvas. Suas rotas se orientam pelo acesso que permite a vegetação de que ela se veste, facilitando aqui, dificultando ali.

Pelos Tucuns, por exemplo, algumas entradas da serra vão dar em mata mais espessa, e podem empacar o rumo, cessando a trilha no paredão da pedra que, bem ali, na cara do passante, se levanta.

à água é escassa, ou seja, "árvores e arbustos de galhos tortuosos, casca grossa, folhas coriáceas de superfície brilhante ou revestidas por espessa camada de pelos, sabe-se, no entanto, e é o que os autores afirmam, que "os solos costumam ser profundos e conter água", e de tal modo é abundante e escondida que, estando a camada freática depositada em fartos lençóis esparramados "a muitos metros abaixo da superfície", o que seca e seco salta à vista do observador, é a seca apenas superficial do cerrado, ou seja, a paisagem tórrida sobre o chão: contrastando com o solo seco e arenoso, a vegetação, no entanto, pode vicejar e viceja: "Em antes das águas, quando a seca é de queimar, o capim por aqui é de um verde que só o senhor vendo". O contraditório aspecto de torridez do chão, nos caminhos da serra se evidencia: já desde aqui, onde a vegetação farta extasia a pedra bruta, quanto mais então para lá, além da Serra, onde "gerais" se estendem. Há quem diga que o "cerrado bravo" evidencia a flora de um sertão que esconde, abaixo de si, o mar. KUNIYOSHI YOSHICO-RODERJAN CARLOS, V. In: Vegetação, Formações Florestais do Brasil.



Será ali o norte?

Será o sul?

Mais lá para trás, o caminho sobe íngreme, resvalando suado ladeiras que ligam um chapadão a outro. E por ali, então, que relevo será?

Pode-se, ainda, entrar pelo outro extremo, "cortando a serra pelo espinhaço que aí em vem, empinado de manso".

Picada aberta a foice não há de faltar para quem preferir saltar barranco, de pedra em pedra, vasculhando escuro e silêncio - "só trisco de vivente" - topando com "caverna de lobisome" e andando sempre por debaixo do espesso docel, com perigo de bicho bravo e de "tapuio treteiro" que na mata apaga o rastro, esconde o rumo e fica "invisível", conforme se verá.

As vezes me ocorre pensar que ali, onde Natividade se ajeitou nas curvas da estrada para enredar suas tramas - sociais, culturais, religiosas e políticas -, o mundo se ergueu desenhando a serra, como um espelho enorme fundido entre dois mundos: aquém, o cerrado, além, o sertão.

O primeiro se estende plano sobre o imenso taboleiro que lá de cima tão bem se vê, até encontrar o rio, o asfalto, as cidades.

O segundo, ainda mais se empinando feito quem quer se misturar no azul, distante, já nem se alonga, se perde, e "vai bater mais longe do que tudo, lá onde o mundo virou do avesso": os "gerais".

Acho que estes dois mundos, aquém e além se olham, através da serra. E que dizer, então, dos seus olhares? E dos nossos?

Esse estranho que mora no espelho olha-me de um jeito de quem procura recordar quem sou ...

Mário Quintana

Quando me referi, algumas páginas atrás, à exiguidade das fontes de onde os parcos "dados de história" parecem escapar, fiz rápida menção às "menções" ligeiras que os registros fazem às constâncias das "fugas" de negros escravos do alto da Serra. E, de tal forma estas menções se repetem - considerado, como já disse, o limitado universo que as fontes abrem à pesquisa - que, segundo me parece, estas "fugas" perdem o caráter episódico e eventual com que delas se poderia falar, para assumirem colorações de maior destaque pela significância que encerram.

Estes dados que "rolam" para fora do taboleiro, acabam por se configurar, sem dúvida, como peças importantes à compreensão da realidade que persigo, enquanto me afasto da cidade, pelo rumo da Serra.

Pude me referir, também, baseando-me nestas informações que as mesmas fontes fornecem, a certas suposições que tenho quanto às formas que, gradativamente, devem ter sido assumidas pelo arraial no alto da serra, no tocante à sua organização social: um mundo fundado nas leis do trabalho garimpeiro, tocado por escravos sob as vistas dos seus senhores, a partir do qual a vida se estrutura, amarrando as relações e as trocas entre os sujeitos que deste mundo participam.

Dado o caráter repetitivo das "fugas" de que falam as fontes, posso me permitir outra suposição, agora que me coloco diante do espelho que é esta pedra enorme erigida sobre o chão: é bem possível a hipótese de que, concomitante aos desenhos que assume, ou com que vai se configurando a vida da sociedade garimpeira do alto da serra, uma outra configuração social corra às expensas destes "negros fugitivos" que, deixando o arraial do ouro, se abalam na direção dos ermos gerais.

De tal forma que se pode vislumbrar, através do espelho da serra, contornos, perfis, feições, traçados tênues de uma

outra imagem da vida para a qual esta serra também funciona como refletor e anteparo: a vida em "Gerais", cujo processo se realimenta nestas escapadas imemoriais de "gente escrava escapolida".

É então que existe e que persiste, para além da serra, um outro mundo. Aquém da serra, - se vê -, Natividade rola seu curso, urbano traço inscrito no sertão. E para além?

Seguindo o ritmo do olhar, enquanto subo e me afasto, assim observando, espiando imagens no anteparo da pedra refletidas: para trás e para baixo, a cidade e o cerrado, para frente e para cima, o arraial e a Serra. Depois, outra vez descendo, o sertão. Para além, lá longe, os "Gerais".

É preciso, pois, que se retomem as saídas, para que não se percam as entradas, quando se pretende descobrir o lugar em que o caracol se esconde.

Porque gira tonta a rosa destes ventos?

**NO FIM DO MUNDO ALGUMAS
ÁFRICAS SE ESCONDEM ...**

Eu costumava sair pela estradinha de pedras, cruzando rapidamente a praça da Prefeitura. Evitava atalhos e delongas na saída. Facilitava a entrada.

Agora que me permito parar, me volto e revejo o Paço Municipal de Natividade, postado frente a uma das suas praças.

A cidade tem duas, cujas características distintas marcam as diferenças com que se desassemelham entre si: uma acolhe o Poder, a outra sabe-se lá que "poderes" esconde. A Praça do Poder é pequena. A dos "poderes" é ampla. Sobejamente sombreada, a "Praça do Correio", a segunda, - ou quem sabe seria ela a primeira? - é concorrida em bancos e gramados. Todos a frequentam.

Já a Praça da Prefeitura reduz seu movimento às suas dimensões mais acanhadas, é mais "moderna" em seu traçado mais recente, lembrando em arcos e retas arremedos do estilo "Novacap" que irrompeu no cerrado, mais no sul, inscrevendo no sertão central a capital o país.

Luminárias a neon promovem comportados encontros na praça que abriga o monumento da cidade: parece que os namorados que trocam juras defronte o paço nativitano, ensaiam passos sonhando alianças a caminho da matriz que fica próxima, bastando seguir o beco que termina em largo, na Igreja da Mãe de Deus.

A Praça do Correio escurece com a noite. A cidade, no entanto, a mantém na penumbra, sob a luz de um único poste, cuja luz, assim mesmo, jamais será bastante para clarear contornos e silhuetas que se movimentam lentas na sombra da praça.

A cadeia pública - a antiga cadeia da cidade - fica ao lado da Prefeitura, com quem compartilha o prédio.

Dizem que "a cadeia é um lugar assombrado por conta de tanta história feia que por aqui passou".

As sombras da outra praça, às escuras, no entanto, parecem não assombrar a ninguém.

Conta-se que o piso de pedra de uma das celas da velha cadeia "tá sempre suando uma aguinha fria", para a qual as explicações variam, dependendo da fonte onde se vai buscar suas razões.

Para alguns "aquilo é sinal da maldição" que pesa sobre a cidade: "é por conta do suplício de um vigário antigo que senhor fulano mandou matar".

Para outros, mesmo se tratando do "sinal de maldição", a água que sua da pedra da cela lembra histórias cuja memória se apaga na Praça da Prefeitura:

Aquilo é prá acordar causo de negro: um que ali morreu, por escravo de mau trato que era. Teve muito por aqui. Aquele suadinho é maldição de escravo. A cidade não vai prá frente. Negócio bom é aqui mesmo que emperra. Por isso.

Para outros, quem sabe a maioria, "tudo isso não passa de história que esse povo não pára de inventar".

A Praça do Correio se acotovela num canto, na beira da rua agitada que a corta por inteiro - como a da Prefeitura também - e tem o aspecto de quem está ali para ver quem passa, o que se passa e como passa: congrega "chegantes", despede "retirantes", acolhe "visitantes", espalha intriga, aguça a fofoca, promove escândalos, acoita, escabrosa, cenas que "não é de estar na vista de menino. Essa praça tem noite que o que passa nela, só o cão é que sabe!".

Parece que da Prefeitura emana uma certa "formalidade" na direção da praça em cujas margens seu prédio se assenta. O fato é que, entre as duas, a contiguidade dos seus espaços tem cores que assemelham luzes de neon: aqui as coisas "aparecem" muito claras, de dia ou de noite.

É para a "outra" praça que se abrem as portas da agência local dos correios, as de uma das duas agências bancárias da cidade, e as do velho mercado - "aquilo ali é um pardieiro de vagabunda" -, contíguo à Rancharia.*

*A RANCHARIA: ou "albergaria", situada ao lado do mercado. Trata-se de um grande aposento mantido pela prefeitura para albergar os aposentados que vêm à cidade periodicamente, "receber o funrural", e outros "chegantes". É comum encontrar por ali, velhos dos "Gerais".

Uma fileira de apenas quatro ou cinco velhos casarios se alinha, além dos citados, ao longo da rua que limita a praça, por trás. Moro numa delas.

As duas praças estão separadas entre si por curta distância de uns poucos metros - de uma se pode ver a outra - e se limitam pela trincheira de um velho muro cujo adobe se desmancha cúmplice, em silêncio: quantas coisas cala!

A distância que, no entanto, a proximidade das duas praças esconde, sempre me pareceu incomensurável.

POR EMBLEMA, O TRABALHO: DE QUEM?

A Praça da Prefeitura se agita com caras do "progresso" que chegou à cidade, trazendo buliço, divisas e novas fronteiras.

O marco monumental da cidade é uma BATEIA em concreto armada.

Bem ali, na Praça da Prefeitura, a insignia municipal consagra a cidade, definitivamente, às características dos seus primórdios de "arraial do ouro".

A praça da Prefeitura recorda o garimpo. A bateia é o seu signo. Qual o seu significado?

O monumento em pedra inscreve a lembrança do trabalho que fecundou a serra em que nasceu o arraial. Agora ele é cidade, cá embaixo, sob o emblema do trabalho que a bateia representa.

À visão do monumento, seguidas vezes quando por ali passava, a caminho, e impressionado pela leitura do verbete inscrito em bronze a seus pés*, eu não podia me furtar imagens

*O verbete, transcrito na íntegra está à página

daqueles que movimentaram, na realidade, a bateia-signo da cidadania nativitana, cunhando-lhe o símbolo que hoje domina a praça do poder executivo municipal: escravos gingando força nas curvas do rio, olhares atentos perscrutando brilhos no rebolo da bateia, bateando futuro.

Cadê eles?

Edas "suas" bateias, onde é que foram parar os seus significados?

Na Praça da Prefeitura, o monumento ao trabalho reconta a história da cidade com letras de bronze: por aqui se fala muito dos escravos negros de garimpo; raramente uma dessas "estórias" que "rolam" por aí, deixam de fazer referência aos "resquícios" da escravidão de que Natividade foi e é palco iluminado.

Mas a Placa de Bronze se refere apenas à sua "grande quantidade".

Percalços a caminho da serra e das suas "velharias" ...

Eu principiava o passeio saindo da "outra" praça. A da "gambira". A da "ocasião". Aquela onde a preguiça descansa do "ócio" de que falava GARDNER, o viajante britânico que a viu, muito antes que se hasteasse a bateia diante do Paço, ao largo, sob olhares da administração pública.

Mas como eu estava contando, eu costumava sair cruzando o istmo de praça em que o monumento se ergue. Cruzava rapidamente a praça, para tomar a ladeira de pedras que se espreme acanhada entre os casarios do largo, alinhados.

Sorria a cada dia para a costumeira moça que me sorria da soleira sisuda da casa de esquina, e penetrava no beco. Ele se abria ante visão da serra, ao fundo. Daí em diante, o recreio.

O beco se inclina, rapidamente contorcido, passando primeiro por fundos de quintais e latadas sombreadas, ainda

espiado por vãos indiscretos de enormes janelas coloniais, para, depois, saracotear livre no campo aberto que se esparrama prá além dos muros e nas cercas dos terreiros em que a cidade parece findar.

Depois dela, o terreno é baldio ...

À visão da serra, o olhar se acomoda, plácido. Ela é serena, e a mansidão que transparece amarronada, mescla salpicados tons com que o verde brinca no seu dorso de pedra eterna: reverbera densa em brilhos de sol e azuis de céu, a vegetação que lá em cima se esparrama, derramando tufos de saroba e capoeiras até chegar aqui, juntinho do gramado.

De ambos os lados da estradinha que avança, a visão pública do recreio masculino: homens brincando.

À esquerda, o campo de futebol, onde a pelada congrega lazer com seriedade e compromisso. Todas as tardes tem jogo e, vez por outra, competição, versus não importa quem: Almas, Disnópolis, Porto, Peixe, Gurupi.

À direita, a "cancha de cimento" para o futebol-de-salão, o vôlei e o basquete. Pouco mais adiante, quando o caminho retorce a primeira curva, à esquerda de quem se afasta da cidade, a vegetação é densa, morrendo em capim e grama na beira da estrada. Já se ouve o marulhar da água em seu curso ao pé-da-serra.

E vozes.

E risos.

E trá-trác da roupa batendo a pedra. É a "água das lavadeiras".

À esquerda, o arame farpado da cerca se parte em fraldas, em panos, em cores da roupa secando ao sol. É o varal.

Aqui: mulheres trabalhando.

Defronte e mais para dentro, escondido na mata, é o bando "delas": a "praia do meio". Na ante-sala da serra, portanto, tem fala de mulher e "papo de lavadeira".

Mentirona ensaboada isto é. Conversa dessa gente não dá sustento prá ninguém. É trombada d'água, espicha, espiona, não sai nada. É diz-que-diz-que de borracha, o mesmo que falação da lavadeira.

Olhares cúmplices de passagem, a princípio, e, tempos depois, a aproximação discreta no "espicha-espicha" e no "diz-que-diz-que" da "borrachuda conversa". Parada obrigatória, mais tarde, para depois seguir.

Muitas delas eu conheceria no espaço e no tempo em que defrontaríamos as nossas falas: o instantâneo da consulta se prolongava, sempre, nas conversas que davam "sustento" aos encontros da gente.

Ouçõ um gato

O cavalo e a galinha

Ouçõ um gato

A galinha cantar ...

Em roda de mulher tem menino: nesta curva de caminho, as mulheres trabalham em prosa e canto, as roupas "coaram" e as crianças brincam. A água vive suja de sabão. A estrada está sempre obstruída de trabalho e brinquedo.

Cuidado. Atenção. Natividade se expressa em folguedos de mulher que trabalha e vigia menino; aqui, na "água das lavadeiras".

Pouco mais adiante, eles já podem se manter fora do alcance da atenção materna: é o "Poço dos Meninos". A estrada de repente se abre num largo, sob a abóbada verde e folhuda de grandes árvores que contornam a "praia": o espelho escuro da água é, no entanto, transparente. Reflete contornos pelados

descrevendo saltos ornamentais e arriscados mergulhos de "futuros homens". Só que, aqui, eles ainda são meninos, apesar da ausência das suas mães.

As mulheres não têm acesso ao seu banho. Mas eles já espiam, por entre as árvores, o "banho delas".

A "praia" é, ainda, do "meio".

Parece que a estrada acabou no espaço que se assemelha a uma outra praça, assim aberta em plena mata. E talvez seja: a terceira "praça" de Natividade não é frequentada por suas mulheres.

O caminho, assim, pareceria ter se perdido aqui. Todavia, aqui se bifurca. A cidade desapareceu na mistura de grandes árvores e arbustos com ervas do mato a entrelaçarem suas rendas nas variadas formas silvestres que refrescam na estradas da serra.

Vestíbulo natural aberto ao largo, no meio da sombra. E na água fresca, a meninada mantém constante o espetáculo quase selvagem das proezas com que se adestram, brincando.

Lá do alto, a galhada se prolonga em trampolim por sobre o espelho liso do cristal musgo-brilhante. E eles vivem se atirando lá de cima, solenes, sérios. Executam saltos. Se aprimoram. Compõem mergulhos. Posições. Variam estilos. Individuais. Em duplas. Aos bandos. Páf! Se alinham formas perfeitas. Se espigam. Crescem. Se preparam força. Se exercitam lúdicas composições.

De brincadeira é a vida na beira deste poço fundo. Riem preparando o bote. E se disparam contra a rocha. E a lança do seu mergulho fende o brilho do líquido cristal. A superfície se parte. A água se arrebenta. Estilhaça, partida. Fagulhas de prata se desprendem. E eles somem mulatos corpos nús no fundo escuro da pedra. A água se fecha. E o silêncio se retoma, enquanto o menino vasculha o fundo da sua "praia".

Desde que o dia nasce já tem gente cruzando este átrio da entrada da serra, na "praia do meio".

Também é ali o "largo de matadouro", que fica ao lado, à moda de um discreto curral.

Silencioso. Reservado. Matinal. De dia, só umas poucas rezes pastando. Ainda antes do sol, no entanto, já se movimentam por aqui os abatedores. Oficiam no escuro as suas tarefas: ao abate segue o corte e as carnes que se carneiam saem daqui, a meio caminho do seu preparo.

É diário o abate das carnes que Natividade consome, obrigatoriamente, em suas mesas. Ainda é cedo quando chegam no açougue. As donas-de-casa esperam na porta do mercado, na Praça do Correio, todas as manhãs: "Já chegou a carne?"*

O costume de se enroscarem os bifés num arco de cipó para poder carregá-los - como os pescadores no sul, que vendem fígado o seu peixe - sempre me pareceu interessante e pitoresco.

As pessoas que, depois desta "hora do açougue" se cruzam pela rua e param para "um dedinho de prosa", gesticulam animadamente, agitando aquele pedaço suculento de carne fresca, recém-abatida, muito vermelha, enroscada num cipó que elas retêm entre os dedos, conversando, logo de manhã.

A paz e a amplidão serena aberta ao largo neste átrio da serra, - que é a "praia do meio" e o "banho dos meninos" -, com nada se perturba. Mesmo a gritaria da meninada não é suficiente para impedir-lhe a tranquilidade e o silêncio.

O caminho que me trouxe da cidade até aqui, como já disse, aqui se bifurca. Uma delas segue pela esquerda, estreita de uns dois metros, ladeado por vegetação mais densa,

*A carne é a base da dieta que preocupa GARDNER; um cardápio de quem parece estar sempre com pressa. Natividade come como quem está de passagem.

misturada. Contorna o curso da água que desce da serra, conforme falei. Mais adiante, levemente acidentado, se transforma em trieiro, de uns 80 cm de largura, batido em pedra e cercado de mato. Por cima, a abóboda de ramas cobre o trajeto, conservando, no entanto, rápidas nesgas de azul, entremeio o verde da folhagem. Acaba em picada mais estreita, e o percurso que segue poderá ser feito, então, pela água, saltando pedras, ou por entre pegadas no cerrado.

De qualquer modo, sempre se chega ao segundo átrio vestibular da serra, no patamar do moinho. O "Poço do Moinho" é lá.

Por este caminho da esquerda, então, sucedem-se os "banhos", as "praias" e os "poços": desde o "poço do meio", o "poço do Toninho", a "Praia do Urubu", o "Poço da Chácara", e, por último, o "Poço do Moinho".

Daí em diante, é caminho escarpado de serra acima, de mais difícil acesso.

Voltando ao átrio da "Praia do Meio", onde parecia morrer a estrada, e relembrando: primeiro a "água das lavadeiras", depois o "banho das mulheres", adentrando a mata; segue-se o "Poço dos Meninos", na "Praia do Meio".

Faltou o "banho dos homens".

O "poço" que é "deles" fica mais para dentro, logo depois "poço dos meninos". Separa-os uma sebe mais alta, nas margens, e uma arrumação mais densa de pedras que se acomodaram em pequenas barragens, por dentro d'água. É isolada da passagem da estradinha da esquerda, - a das "poções", - pela vegetação ali mais abundante.

O "Poço dos Homens" é sempre frequentado, havendo no entanto, alguns momentos em que eles são mais assíduos aos seus "banhos". Nos fins-de-tarde, por exemplo, quando a jornada de trabalhos cessa. Ou quando o jogo termina com o apito do juiz, no gramado aqui de perto.

Antes que o sol se ponha, então, é hora de encontro por aqui. Eles vão chegando com suas bicicletas, ou mais frequentemente a pé, movidos mesmo pelo desejo da água e pelo prazer do encontro.

O "poço deles" é distante do "poço delas". E o rio sempre corre de lá para cá, de cima para baixo, no sentido serra-cidade.

O "banho dos homens", como o "banho das mulheres", - e diferentemente da "Praia do Meio" e do "poço dos meninos", - também fica para dentro, protegido na mata, internado, resguardado, protegido.

Depois do "banho dos homens", alí, ao pé do átrio da serra, escondido, a água corre, então, na direção do "banho das mulheres", passando pelo "poço dos meninos". O que marca os limites e distingue o "poço delas" da "água das lavadeiras", é a água suja de sabão deste último e o biombo verde que as mantém longe das vistas, recatadas.

No mais, as águas de lazer e trabalho que são delas, se misturam: "água de mulher".

A água "deles", homens e meninos, chega da serra sem sabão. Drenam chacotas, façanhas. Contam. Cantam. Riem. Lamentam. Discutem. Se alteram. Se altercam. Por vezes águas jocosas. Outras, lamurientas, rolam agruras. Seus gozos.

Enfim, tantas coisas mais essas águas calam!

Também aqui, sem dúvida, a exemplo do "poço delas", a cidade se expressa na fala dos seus homens que brincam, que banham no "poço" que é "deles".



A estradinha da direita, íngreme e torta, subindo, subindo, é o caminho que leva para cima.

A estradinha da esquerda, como disse, dá acesso ao "caminho das águas", ou a um percurso de pedras por dentro do curso das águas, rolando de cima para baixo.

Em função do acentuado desnível e dos declives com que o curso se depara, sucedem improvisações da engenharia do tempo, compondo recantos cuja beleza é indiscritível. Nesta mistura de rocha, mato, musgo, céu e terra, a água rolando esculpiu seu leito em canais vivos no seio da serra, no meio da mata sob o céu.

Ora barragens naturais contêm o rio que desce, fazendo-o, então, despencar em cachoeiras que se arrumam caprichosas nos vales de água que, por ali, se escondem. Em outros momentos, o curso acalmou num riacho manso a encher de leve os veios da pedra em que o nosso corpo se acomoda, entre musgos lisos, cheirosos, deixando o dorso tenso da gente ser batido por pequenas quedas que nos massageiam.

Em alguns lugares a água penetra locais escuros e salta, depois, para dentro de banheiras lisas em que podemos escorregar até sentir que nosso corpo, deslizando o musgo, afunda para dentro da água, no aconchego da pedra aquecida pelo sol.

Quaisquer que sejam os atalhos deste caminho - o da esquerda - é constante o marulhar das águas que cantam, sempre, a sua canção à serra. A trilha, composta de acasos da vida, assim tão harmoniosa, mistura acordes do vento nas folhas, na galhada franca, nos amontoados de pedra - nos canais de passagem por desvãos bruscos dos paredões da rocha; a misteriosa regência ordena sinfonias de pássaros, seu trinado, com o sussurro das águas marulhando acordes mansos, eternos; à harmonia se acrescenta o azul do céu, o calor diáfano em brilhos de ouro que o sol difunde, a inefável sinfonia do silêncio.

A tudo se soma o ruído familiar dos nossos próprios passos por ali andarilhos. Calmos, felizes.

A Serra nos envolve. A Serra apaga nossos rastros, esconde os nossos rumos. A serra nos torna "invisíveis".

Uma certa ocasião, em conversa com Sr. João Tapuio - um dos velhos da cidade - eu dizia a ele dos olhares com que me percebia observado sempre que me aventurava a deixar a cidade, pelo rumo da serra, e manifestava um certo desconforto com a constatação destes olhares. Foi quando ele me decifrou o "segredo" da invisibilidade: " - Fique invisível", me disse. E, diante do meu espanto, acrescentou: " - Basta cruzar dois pauzinhos, duas varinhas secas de rama, segurando firme, assim, bem na frente dos olhos. Fica olhando bem na encruza do encontro deles. Põe atenção toda bem ali. Concentra bastante, e não vê mais nada. Pronto. É só seguir, ninguém mais vê você. Fica invisível". Daí em diante, sempre que era de seguir prá serra, passei a me lembrar do conselho do velho Tapuio, e me punha, antes, invisível.

POR DETRÁS DO ESPELHO

Agora, no entanto, o adro aberto deste pátio de sombras verdes murmurantes, suas beiras d'água, suas "praias", o silêncio e os escuros dos seus vãos de pedra e pau, a relva rasteira do seu chão por nossos passos batido, a sebe hirsuta do caminho que lhe cruza, bifurcando trieiros sob a abóbada espessa e vegetal, me concitam reflexões de passagem: penso nas "invisibilidades" que se escondem por detrás desta serra.

Como a Alice, de CARROL,³⁸ irremediavelmente presa por detrás do espelho, a visão da realidade impedindo-a de irrompê-la através do metal a lhe impor fronteiras, a cidade parece ter desaparecido para além da mata, imersa nas suas próprias imagens.

O adro, no entanto, as espelha. Espalha. Mistura. Desengata-lhe espaços. Desamarra-lhe papéis. Afrouxa-lhe contornos.

E a cidade, enfim, se relaxa, solta, à visão que, assim, desde o espelho rolante destas águas, lhe perscruta: escondida, então, - talvez da mesma forma que me aconselhava o velho Tapuio, ou seja, entre raminhos de paus cruzados diante dos próprios olhos -, como será Natividade, assim "invisível", passando caminhos que a recolhem para dentro da sua serra?

Quem daqui a visse e não ousasse o mergulho para além das imagens refletidas, poderia se perder, erroneamente, na visão distorcida de uma realidade apenas aparente: enquanto as mulheres trabalham, os homens e os "meninos - quase homens" (não-crianças), se divertem.

Vale, portanto, tentar observar um pouco mais apuradamente, que Natividade é essa que se vê refletida em suas "praias".

Da forma como se viu até aqui, neste início de percurso de serra, a distribuição dos espaços entre homens, mulheres e crianças (meninos e meninas), pareceria ter obedecido ao traçado rígido de um esquadro tão severo, a ponto de não permitir "misturas": homem para um lado, mulher para outro. E criança "no meio".

A beira d'água, então, a caracterização dos espaços pareceria, assim, estar respeitando, fielmente, à clara delimitação de setas de sinalização, colocadas ao longo do caminho, não apenas para indicar direções, mas, também, para definir quem deve se dirigir para onde, e quem deve permanecer aqui ou ali.

Ou seja: nesta primeira etapa do meu passeio, enquanto me afasto e subo, o olhar desavisado poderia sugerir a visão de uma reta intorcível ao longo de águas que rolam no sentido exclusivo serra-cidade - (mão única) - em que se ajeitam, comportadamente, homens "ociosos", mulheres "trabalhadeiras" (ou exploradas), e crianças (traquinas).

Todos, no entanto, respeitosos e obedientes às placas do caminho: "à esquerda, mulheres e crianças", "à frente, meninos"; "à direita, homens".

E mais: aqui, "somente mulheres que apenas trabalham"; ali, "só para os meninos que somente brincam", e, mais além, "exclusivo aos homens que apenas banham".

Ademais, a configuração dos espaços, assim tão extanquamente ocupados, poderia sugerir a falsa impressão de que, em Natividade, - ao menos através das imagens refletidas neste percurso de caminho pelos "banhos" - trabalho e lazer de homens e de mulheres são coisas que não se misturam.

Entretanto, a possibilidade de "misturas" de homens e mulheres, enquanto vivência destes papéis na relação com os espaços da cidade - "deles" e "delas" - aparece garantida,

também, na demarcação dos espaços sociais evidentes através do percurso cidade-serra.

Exemplo disso é a possibilidade apresentada ao observador que incursiona estes "espaços" (sociais), na alternativa de um "banho comunal", misto, de homens, mulheres e crianças. Pois esta alternativa que existe efetivamente, - ("Poçoões", "Praia do Moinho", "Praia do Meio", e outras), - não chega, porém, a excluir as possibilidades dos espaços "exclusivos" em que as setas de "trabalho" e de "lazer", ainda persistem, aparentemente mantidas, requerendo melhor observação.

A parada neste percurso de caminho - o átrio da saída em que o mato escondeu a "rua" - é, portanto, obrigatória.

Parece instaurada a necessidade de passar para além da imagem, verter o real para além dos seus significados aparentes, transpor a mata, cruzar o espelho.

**A VISIBILIDADE APARENTE EXIBE "ELES"
E TORNA INVISÍVEL "ELAS"**

A construção social das noções de espaço, bem como a demarcação dos territórios sociais e o estabelecimento das normas referentes à sua utilização pelos sujeitos que, neste "espaços da vida", mutuamente se relacionam, seguramente estão vinculados, também, aos processos que delimitam os papéis sociais e traçam os seus contornos, marcando com alguma precisão as suas fronteiras.

Assim, uma possível leitura das ideologias e das estruturas de poder(es) que a visualização dos "espaços úteis" da cidade permite que se faça, também pode remeter a uma outra leitura: a das interrelações que se estabelecem entre os

diferentes papéis vivenciados pelos sujeitos de um grupo - atores dos procesos sociais - lá, exatamente onde estes papéis devem ter sua cena, ou seja, nos lugares em que se arranjam as armações dos "seus" cenários.

É possível, então, compreender melhor esta delimitação dos papéis, através da busca de compreensão dos lugares sociais em que estes papéis, segundo regras e normas socialmente estabelecidas, podem e devem ser exercitados, vividos: quem é o quê onde? E como é quem deve ser o quê, aqui ou ali?

Assim, penso que, afóra possíveis inferências quanto à natureza política ou econômica, por exemplo, dos interesses e das forças em jogo, e das possíveis resultantes que engendram a constituição do mapeamento urbano, ou seja, para além das possíveis análises quanto a determinantes macroestruturais (o econômico, o político, são exemplos), intervenientes nos arranjos do desenho da cidade e nos estabelecimentos das suas cercas, dos seus muros, ou dos limites com que se percebem traçados claro - escuros das suas praças, dos seus quintais, das suas ruas e dos seus becos, das varandas das suas casas e dos terreiros morrendo nas suas periferias, é também possível inferir pelo sentido inverso, por um caminho aparentemente contrário: na vivência dos homens e das mulheres quanto aos papéis que a vida social lhes coloca, observando-se onde "eles" e "elas" os vivenciam, e como, é possível que esta via leve à compreensão da natureza deste processo normatizador da ocupação dos espaços urbanos, não tão caótica e aleatória quanto poderia sugerir a irregularidade aparente do seu traçado, em Natividade. Como nas suas "praias", por exemplo.

Dito de outra maneira: o mapeamento da cidade e o seu desenho, bem como a distribuição dos atores em cada um dos espaços marcados da vida social, está fortemente correlacionada às formas como a cidade conforma os perfis dos seus sujeitos.

Assim, para se compreender - reportando-me ao exemplo de Natividade e dos seus espaços no caminho da serra - a questão colocada quanto à demarcação extanque dos "espaços de homem" e dos "espaços de mulher", pode-se partir da compreensão, anterior ou concomitante, de quem são e como são conhecidos os sujeitos que se encontram "ocupando" estes espaços, ou seja, quem são e como são socialmente concebidos e controlados estes homens e estas mulheres, que nos parecem "prisioneiros", seja nos seus lugares de trabalho, seja nos de lazer, quando a vida social transparece, bem ali, na ação social que, "eles" e "elas", desenvolvem: a visibilidade dos seus aparentes cenários de homens e de mulheres.

Na descrição dos "espaços delas" e dos "espaços deles" que aparece no percurso dos "banhos", foi colocada, conforme se viu, a possibilidade de uma alternativa em que o cruzamento de espaços permite, sem problemas, que "eles" e "elas" contracenem: nos "banhos comunais", "eles" e "elas" se "misturam".

Eu me referia, ainda, ao fato de que esta alternativa "legítima" que a delimitação "oficial" das fronteiras do espaço urbano coloca, desta maneira, para uma "permitida" confluência de sujeitos - "elas" e "eles" se encontrando - não elimina, assim mesmo, a manutenção de territórios exclusivos: o "espaço delas" parece impenetrável e insondável por "eles"; o "espaço deles", por sua vez, parece impenetrável e insondável por "elas".

Relembrando Alice:

A mesa era bastante espaçosa, mas os três estavam amontoados num canto.

- Não tem mais lugar. Não tem mais lugar. -
gritavam ao ver Alice aproximar-se.

- Tem lugar demais. - disse Alice indignada, sentando-se numa grande poltrona numa das cabeceiras.³⁹

E o que dizer, então, quando um "deles" ou quando uma "delas", cruzando fronteiras, é encontrado "fora do seu lugar", sendo "ele" no espaço "delas", ou sendo "ela" no espaço "deles"?

E das possibilidades de interfaces, quando estes mundos extanques se chocam e se interpenetram, guardando limites, sim, mas abrindo um terreno "neutro" em que os territórios se cruzam, ficando impossível precisar se foi "ele" ou se foi "ela" quem se deslocou - se é que se deslocou - da exclusividade do seu mundo para se confundir nesta área obscura em que estes mundos superpostos já não obrigam ninguém a nenhuma fronteira?

Que dizer, ainda, das estratégias com que estes sujeitos transgridem os seus papéis, abrindo secretos atalhos com que burlam as seguranças das fronteiras entre os seus espaços exclusivos? Como encontrar esta gente quando, não importa se "eles" ou se "elas", tornam-se "invisíveis"?



Os meninos, - cujo "banho" é colocado nos limites entre "espaços de homens" e "espaços de mulheres", na "Praia do Meio" - ainda não conquistaram a "exclusividade" de um espaço unicamente "seu" nas águas do caminho da serra.

Como se viu, no entanto, eles podem transitar por entre a exclusividade "delas" e a exclusividade "deles". Os meninos mantêm, desde logo, a possibilidade de acesso ao "banho dos homens" e, ainda que lhes seja gradativamente vedado o acesso ao "banho das mulheres", sabe-se que eles expiam, por entre galhos e troncos, a intimidade do "banho delas". É assim que os meninos transitam, com o tempo, misturando-se a "eles" e expiando "elas", à exclusividade do "banho dos homens", quando abandonam definitivamente, o "poço dos meninos".*

As meninas não chegam sequer a frequentar a "Praia do Meio". O seu "banho" fica restrito à "Praia das Lavadeiras" e, posteriormente, ao "Poço das Mulheres" que, a exemplo dos meninos quanto ao "Poço dos Homens", elas sempre frequentaram, na companhia das suas mães.

É impossível, no entanto, o acesso dos olhares das meninas ao "banho dos homens". A menos que elas enveredem por caminhos de serra, pelo vão das pedras da estradinha que sobe, à direita do átrio sombreado da "Praia do Meio", que se abre defronte o matadouro, este plácido curral que, à luz do dia e sob o sol, perfuma de esterco a estrada ali empinada.

Ao contrário dos homens, é raro encontrar mulheres transitando percursos de serra acima. A menos que elas o façam por detrás das ramas, "invisíveis", como tapuias treteiras ...

*Me parece importante chamar a atenção para esta passagem, associando-a à transição concomitante que se verifica na vivência dos papéis sexuais, e às características "pedagógicas" deste espaço lúdico dos "banhos" quanto ao aprendizado de condutas na relação entre homens e mulheres. Assim, sempre me ocorreu pensar o local dos "banhos", como importante lócus de aprendizagem da sexualidade, pelas vivências que ali são possíveis no sentido de transmissão da sexualidade nativitana.

A OLHO OS DADOS: DELES E DELAS

É comum se ouvir dizer por aqui, "na rua", que, em Natividade, o número de mulheres excede o número de homens.*

Preocupado em saber sobre o que se embasa o olhar empírico ao chegar a esta afirmação sem o apoio de mapas ou de tabulações estatísticas, e mais, induzido pelas minhas próprias observações, acabo percebendo, na vida desta cidade, que, de fato, é mais fácil notar a presença dos homens que das mulheres, ainda que, conforme se diz, sejam elas em maior número.

*DE COMO FALAM OS NÚMEROS. A população de Natividade, por ocasião do Recenseamento Geral do Brasil, em 1980, era estimada, segundo dados do IBGE, num total de 15.843 habitantes, espalhados na extensão do município. De acordo com a mesma fonte, considerando-se o número de mulheres e o número de homens, como dados importantes na busca dos índices de crescimento da população,⁴⁰ os percentuais demonstravam que 52% eram homens e que 48% eram mulheres, correspondendo a um total de 8.170 homens e de 7.673 mulheres (Vide anexos, Quadro 1: População Residente no Município de Natividade, em 1980, por situação de Domicílio e Sexo). Desse total geral, a população residente na sede do município, ou seja, na cidade de Natividade - ("o povo que vive ali mesmo, na rua") - foi estimada, na mesma ocasião, em 5.174 habitantes. Em termos percentuais depreende-se que, em Natividade, - "na rua" - 51% da população é masculina, e que 48% da população é feminina. Com um total de 2.616 homens e 2.558 mulheres, os números "deles" excedem em 3% os números "delas". Ou seja: estatisticamente de acordo com pesquisas do Censo Oficial, em Natividade "eles" são em maior número que "elas", ainda que apenas "na rua", como se verá mais adiante. (Ver Anexos, Quadro nº 3 "Eles" e "Elas" na "Rua" e na "Roça" - População do Município de Natividade. De acordo com a situação de Domicílio e por Sexo).

a) "NA RUA": de acordo com a situação do domicílio, e considerando a "população masculina" e "população feminina", do total geral de 3.688 habitantes residentes na Zona Urbana do Município, 1.826 são homens e 1.862 são mulheres. Ou seja: "na rua" tem 49,51% de homens e 50,40% de mulheres. Isto significa que, vivendo na cidade, "elas" são em maior número do que "eles".

b) "NA ROÇA": segundo dados do censo de 1980, a população residente da Zona Rural do Município de Natividade podia ser estimada em 12.155 habitantes, dos quais 6.344 são homens e 5.811 são mulheres. Os percentuais de 52,19% de "eles" vivendo na roça e de 47,81% de "elas" na mesma situação, revelam que, "longe da rua" (na zona rural, tem mais "deles" do que "delas". O quadro nº 4 (Anexos), mostra, por fim, a população residente em Natividade por cor e por sexo. O IBGE, dizendo que "eles" e "elas" ainda podem variar nas nuances de sua cor, recenceou

Seguidamente, então, recoloquei no percurso destas incursões que são minhas tentativas de reflexão e de análise acerca das configurações e das morfologias sociais de Natividade, interrogações desta natureza: baseado em que dados alguém que, não tendo acesso aos recursos e às formas convencionais de estatística, ou mesmo a qualquer espécie de informações quantificadas, pode afirmar que, em Natividade, "tem muito mais mulher do que homens?"

Em que se fundamentaria esta "pesquisa" ao trazer a impressão impregnada em seu conteúdo da idéia explícita de quantidade, que "aqui tá assim de mulher prá pouco homem?"

Penso que a contradição aí evidenciada, além de não poder ser apressadamente afastada, permite que se reflita sobre a questão que me aflora neste umbral de serra: a das "visibilidades" e das "invisibilidades" sociais em Natividade.

Ou seja: a contradição expressa através das impressões de quantidade que aparecem na idéia que, coletivamente, se constrói acerca das populações masculina e feminina da cidade, é francamente articulada à necessária compreensão dos espaços aparentes em que a vida social, vista daqui, se descortina.

Os homens, pelo que se diz, são em menor número. No entanto, são os que mais aparecem nos espaços da cidade. Comenta-se que as mulheres são mais numerosas. E, mesmo assim, talvez por que não sejam vistas, aparecendo enrustidas nos espaços inaparentes da vida social nativitana. Como que confinadas. Como que reduzidas a apertados limites.

Os "espaços dos homens", ou aqueles em que eles são mais facilmente perceptíveis, abrem-se à vista do observador mais à

nativitanos a que chamou de "brancos", "pretos", "amarelos" e "pardos". Os números do Censo Oficial, ao fotografarem as peles de Natividade, afirma que "eles" e "elas" são, por maioria percentual, "pardos" (37,15%). Natividade é mulata, mestiçada por "eles" e por "elas".

flor da superfície em que o nosso olhar passeia, sem dificuldades, perscrutando a pouca densidade com que eles se revelam à tona: se expõem de forma menos recatada. São publicamente mais devassáveis. Os homens se encontram nas praças, nas ruas, nos bancos e nos botecos. Ocupando espaços visíveis da cidade.

Eles são constantes na maioria das ocasiões em que a cidade se deixa surpreender pelo olhar curioso do observador a lhe vasculhar segredos.

Ora, sendo os "espaços masculinos" - ou seja: o que parece exclusivo "deles" - mais facilmente apreensíveis que os "espaços femininos" - ou seja: o que parece exclusivo "delas" -, não seria de se supor, então, que a impressão final, ditada pela "boca do povo", fosse o contrário da que se vê manifesta "na rua"? Que em Natividade, "elas" são em maior número? Os homens, por sua vez mais expostos ao olhar transeunte do que as mulheres, por sua vez mais afastadas dos olhares da cidade - seria mesmo assim? - não deveriam impressionar a estatística empírica com a idéia de serem "eles" mais numerosos?

No entanto, a voz corrente ...

Por que se diz, então, que "aqui tá sobrando mulher e faltando homem", quando, visualizando-se espaços aparentes, tem-se a impressão contrária?

Donde provém, então, a lógica por onde incursiona o Censo Comum para chegar às conclusões que chega, e que se tornam, assim, coletivamente estabelecidas e aceitas?

Penso que o problema do equilíbrio no balanço populacional entre homens e mulheres, quando a sua análise se inscreve num contexto de pesquisa antropológica, não se reduz às especulações matemáticas dos índices demográficos, obedientes a leis simples de cálculos de probabilidades.

A questão que a meu ver, se coloca, quando se percebe que "eles" acabam aparecendo mais do que "elas", remete à admissão da existência de mecanismos intrínsecos que regem a distribuição, a ocupação e a vivência interna dos territórios sociais de que se ocupa a vida urbana, e bem assim o trato atento da mobilidade espacial com que os seus sujeitos interconectam os seus tantos mundos.

É possível observar, em Natividade, que o aparente silêncio das mulheres em seus "cantos escuros", isto é, ao longe das praças, da agitação das gambiras que frequentam as ruas, da movimentação pública dos espaços que o poder formal preenche e ocupa, este aparente silêncio está relacionado com as configurações que assume o universo do seu trabalho e a organização da família, ao que, aliás, também se vinculam as raízes desta "ostensiva presença" com que a participação masculina se faz, na complexa trama das relações sociais tecidas no contexto empírico de Natividade.

Assim, pois, o "tempo do homem" na praça tem liames que o ligam, mesmo quando debruçados à sombra do velho jatobá, ao mundo do seu trabalho, às variações cíclicas e sazonais do calendário da sua atividade produtiva.

(Como Já se viu anteriormente, quando expus dados da história dos movimentos da produção, desde a serra até o pé-da-serra, as características em que se funda, por exemplo, a vida do vaqueiro dos sertões e de Gerais, permite que melhor se compreendam as formas com que, atualmente, este "homem vaqueiro" se apresenta à cidade, "na rua").

Da mesma forma, a análise do complexo que é o "mundo do trabalho na rua" - tanto para "eles" quanto para "elas" -, as suas limitadas possibilidades,* as variantes com que a vida do

*Ver Anexos Quadros: 1) referente a: "Setores de Atividades de Dependência e Condição de Atividade: o Trabalho; e 2) referene a "Rendimento Médio Mensal em Natividade.

sertão se espelha e se espalha (o melhor seria dizer se contém) na cidade, também facilitam a compreensão da aparente "ociosidade" que, em Natividade, pareceria "masculina", por oposição à virtuosa laboriosidade, que pareceria atributo "feminino", nos espaços aparentes da vida nativitana.

Relembro-me, aqui, a tecer comentários desta ordem, das diligências operosas, por estas mesmas paragens - quem sabe aqui mesmo, onde me encontro, parado no adro destas folhagens - do britânico viajante do século XVIII, consternado com a "indolência desta gente".

GARDNER parece ter igualado homens e mulheres na mesma preguiça tropical que julga compreender em Natividade, sempre cansada ao pé da serra.

Impossível, no entanto, apreender dados significativos a uma aproximação mais verdadeira da realidade social de Natividade se, por exemplo, a observação do comportamento das suas mulheres e dos seus homens, nos limites dos seus mundos - "lugar de mulher", "coisa de homem" e assim por diante -, bem como as suas possíveis transgressões, deixasse de estar atenta às múltiplas conexões entre mundos distintos (o trabalho, o lazer, a família, a religião), quando estas mulheres e estes homens se encontram tecendo tramas, compondo suas vidas, no universo da vida social que, juntos, constróem.

Desnecessário dizer que os tempos fecundam os espaços. E que os tempos e os espaços - embora eles possam surgir extanques à nossa apertada percepção de transeuntes viajantes-, no entanto se misturam.

Bem assim os papéis que, deles, por aí decorrem: o tempo da vida social nos espaços da cidade, confunde homens e mulheres, revela alternâncias, relativiza exclusividades, relaxa fronteiras, quase apaga os papéis que, contrariamente, engendra.

É certo que, em Natividade, também os homens - ou alguns "deles" - frequentam, "invisíveis", os "espaços das mulheres", da mesma forma como elas transitam, "invisíveis", pelos "mundos deles". Feito tapuios treteiros.

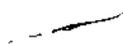
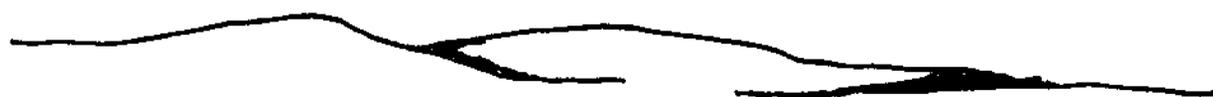
Fico pensando: o que me parece, então sustentar o olhar empírico na sua impressão de quantidades aparentes de homens e de mulheres, em Natividade, é a mobilidade que ele percebe e apreende na movimentação social que, extrapolando limites, se estende muito para além das "praias" que são "deles" e que são "delas".

Superposições ...

Misturas ...

Não mais do que papéis ...

Transmutação de espaços e tempos que se vivencia enquanto se sobe e, subindo se afasta, cavalgando o lombo pedregoso desta serra.



VAQUEIRÍCIA

Na tentativa de escandir mais amplamente a descrição da "vaqueirícia", não apenas enquanto sistema de trabalho difundido na região de Natividade mas, também, - quase diria, acima de tudo -, enquanto forma de organização e de explicação da vida nos "espaços gerais", retomo a reflexão sobre a questão do trabalho.

Vou, assim, num primeiro momento, descrever as formas contratuais em que se baseiam as relações entre patrão e empregado no sistema de trabalho que é a "vaqueirícia", ou seja, o "Ganhame ao Mês" e o "Ganhame na Sorte".

Num segundo momento, devo tentar descrever as estratégias utilizadas pelo sistema, quando visa a sua manutenção e a sua reprodução. Relato, então, os acontecimentos mais marcantes da vida do vaqueiro, enfeixados no "calendário da vaqueirícia", ou seja, a descrição do "ciclo de trabalho" na Fazenda.

Anexo, por fim, para melhor compreensão do que significa "vaqueiragem", entrevista realizada em Natividade com um vaqueiro de Gerais. Pretendo, assim, com o relato trazido na íntegra para dentro do texto, dar pistas para a maior apreensão dos conteúdos de vida e de compreensão do mundo que são próprios desse sujeito que estou querendo apresentar: o "vaqueirador de retiro".

Minha intenção, vale salientar, é a de puxar para esta reflexão o pano de fundo da "vaqueirícia" e a cosmologia que lhe é própria. Dessa forma, ficará mais fácil compreender a trama de situações com que estabelecer as relações entre as categorias presentes no texto.

Desta forma, portanto, é de dizer que o relato que venho fazendo pretende, ao final, desaguar no que representa para mim, em última análise, o meu objeto de estudo: os/as "cabras", em Natividade.



As formas contratuais em que se baseiam as relações entre patrão e empregado no Sistema de Trabalho da Vaqueirícia:

- O Ganhame Ao Mês
- O Ganhame Na Sorte

O Regime de Trabalho na Vaqueirícia:

- As Atividades de Vaqueiro

A Manutenção e a Reprodução do Sistema:

- O "Carimbo"
- A "Marca"
- O "Bozó"
- A "Ferra"

RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO: O Vínculo e a Troca na**VAQUEIRÍCIA**

Vaqueirando ... Lavouro de criação, é essa a lida de vaqueiro. Que vida, mesmo, é só na vaqueirícia e mais nada.

a) O "GANHAME" AO MÊS

A forma de contratação em que o vaqueiro recebe, em troca do seu trabalho, uma certa quantia em "pagamento ao mês", transforma o "peão da fazenda" num assalariado rural. Essa modalidade mais comum de proletarização no campo, não é, entretanto, a que mais caracteriza a relação entre o proprietário da terra e o seu empregado, no caso específico da "vaqueirícia". Mesmo assim, ainda que não seja este o vínculo mais frequentemente estabelecido a partir dela, me parece oportuna a sua menção.

Quando o vaqueiro troca com o patrão o seu trabalho num regime de "ganhame" em que o seu salário é mensal, - no caso da "vaqueirícia", bem entendido, - ele fica comprometido a dedicar a exclusividade dos seus serviços à terra do "dono". Em outras palavras, o proprietário da Fazenda se torna, também, proprietário exclusivo da jornada de trabalho do empregado a quem está pagando o salário pré-combinado.

Por esse "trato", o peão fica impedido de outras "tarefas" que não sejam as da fazenda.

Algumas condições, no entanto, podem ser colocadas, e de ambas as partes, para que, por ambas as partes, sejam cumpridas enquanto durar o "trato com o dono". Assim, por exemplo, é comum no caso desse regime de trabalho, que o patrão se

comprometa com o seu empregado a garantir-lhe o suprimento de determinadas necessidades. Ficam por conta do dono, então, as despesas para com alimentação, - "... e ele trás o armazém de tempo em tempo". -, assistência médica eventual, particularmente nos acidentes de trabalho, os gastos extras nas emergências, etc. A garantia destas seguranças mínimas "prometidas" ao trabalhador por ocasião da celebração do "trato como dono", ficariam extendidas, também, à família do primeiro e aos seus dependentes, se por ventura os tiver.

Essa "combinação" com o "dono" é estabelecida em confiança entre os dois sujeitos. Quer dizer: a formulação de direitos e deveres entre ambas as partes é apenas verbal. Não sei da existência de nenhum comprovante legal que espelhe, formalmente, as bases desse "trato". Ou seja: não se parece existir entre as partes um instrumento oficial de garantia (jurídica) que as ampare na formulação das bases do seu contrato. E mais: dada a fragilidade do vínculo por seus traços que são tênues, a "combinação" pode ser rompida, a qualquer momento, e por qualquer uma das partes, fora da forma do "combinado".

No caso do "Ganhame ao Mês", portanto, nada que possa lembrar os rituais prescritos na forma das leis para a celebração de contratos de trabalho, vai estar presente no momento em que esses dois sujeitos - patrão e empregado - se encontrarem para, a seu modo, estabelecerem as bases da sua relação. Desta forma, como já disse, o "contrato" poderá ser desfeito a qualquer momento. E, em princípio, por iniciativa e em proveito de qualquer uma das partes.

Fazenda não tem vaga prá roça, que o tempo é curto e nem o "trato" é para isso. Tem que comer comprado. E o que ele precisa, na hora que é da precisão, ele tem que ir no patrão.

Se o vaqueiro é fraco, ele não pode ficar sem essa ajuda. O que é da necessidade o dono tem que arrumar, porque o peão não pode sair dali prá ganhar no trabalho de outra fazenda. Então o patrão empresta e cobra no "dia da ferra". Se ele não tiver condição de pagar ainda, deixa prô outro ano ... Até ter condição de pagar. Então, por comum, o regime de fazenda é o vaqueiro estar sempre devendo prô patrão.

Em ocasiões especiais (vou descrevê-las quando tratar do "Ganhame na Sorte"), o patrão vem à Fazenda - "O dono mora longe, na cidade". E, em geral, o vaqueiro fala do proprietário das terras em que ele trabalha, como alguém que "não é daqui, da rua, é de mais prá lá, sabe Deus que mundo". Nessas ocasiões especiais em que ele "aparece por aqui", é quando são revistas, por assim dizer, na prestação de contas que o empregado lhe faz sobre o andamento da propriedade, as bases sobre as quais se firmam as relações entre os dois.

Na medida em que vão sendo colocados pelo "dono", ou por quem o representa "na rua", à disposição do peão, da sua família e dos seus dependentes, "o de comer e os mais da necessidade", vão, também, sendo computados seus débitos no "caderno do patrão". Tudo será descontado, oportunamente, segundo o "combinado", do Ganhame ao Mês" do peão exclusivo da Fazenda.

... e, se ele chega a comprar uma terrinha, o chão que é dele, prá poder sair ele tem que, por primeiro, acertar essas contas com o patrão. Mas, da mão dele, o vaqueiro nem precisa esperar que não vai comprar terra nunca. O patrão não interessa que a fazenda dele fique menor, por isso não vende. Ele sempre compra mais. Se tiver mais terra por ali, é mais terra que ele compra. Desfazer ele não desfaz. O vaqueiro tem que comprar

na mão de quem não tem criação, lá prá lá ... Trabalha duro e direto, um dia ele compra, aí prá dentro, uma terrinha. E vai carregando o que é dele. Quando chegar o dia de poder sair, já tem prá lá o que é dele. Naquela fazenda que é do patrão, vaqueiro não tem direito de deixar nadinha do que é seu. Nem uma lata de pé de planta ...

É comum acontecer, por isso mesmo, que o empregado esteja sempre devendo pró patrão, em "despesas de armazém" ou em "gastos extras". Os saldos em favor do "dono" são, para este, uma garantia de manutenção do vaqueiro nas "lidas da vaqueirícia", naquela fazenda. Para o empregado, por sua vez, ao estafante das tarefas que compõem a sua jornada de trabalho no curral, no campo ou no retiro, primeiro se soma e, depois, cada vez mais se multiplica, o peso desse compromisso a saldar.

Dever para o patrão é quase como "perder a honra ..." O peão passará, então, a "arrumar servicinho fora do trato, mas ali mesmo, de junto, na fazenda". Fará "biscates" que lhe ajudem a suavizar a dependência instalada entre ele e o "dono". O empregado, enfim, fará "extras de vaqueiragem" para poder cumprir o seu "trato de vaqueirícia".

E a História faz seus giros no tempo, rondando espaços.

b) O "GANHAME NA SORTE"

A terra, o gado é tudo do patrão. O vaqueiro tá ali por conta do gado, que deve produzir. Quanto mais o gado produzir, melhor. Pró patrão e pró empregado. Mas o vaqueiro não pode ter nada dele ali na fazenda. Quando é na Sorte, ele pode ir criando mais a sua condição de comprar o seu pedacinho de chão, e de levar prá lá o gado que tem o seu BOZÓ.

*BOZÓ: marca do empregado, feita a ferro em brasa, nas rezes que lhe pertencem. O processo será melhor descrito mais adiante.

Neste regime de trabalho o vaqueiro não recebe, em troca dos seus serviços enquanto "peão da fazenda", um pagamento mensal na forma de salário. Pelo menos não nos modos em que se costuma pensar, convencionalmente, as relações em que o trabalhador é assalariado.

As bases sobre as quais se funda, neste caso, o "trato" que vincula esses dois sujeitos, - patrão e empregado -, são bem mais característicos. Diferem, substancialmente, daquelas que sustentam a "combinação" anteriormente descrita. Daí que possam ser esperadas, como decorrências, outras formas de manutenção e de reprodução das relações sociais e de trabalho, agora nesse outro "espaço da vaqueirícia".

A mediação entre os sujeitos, quando o "Ganhame" é na "Sorte", não será dada pelo capital do dono. Mas isso apenas em termos. Ou seja: o mediador não é o dinheiro do patrão, diretamente transformado em salário que compra o trabalho do empregado, como no caso anterior. A relação será mediada, agora, pelo próprio produto do trabalho do peão, na medida em que este se empenha na multiplicação do capital que o patrão investe, por seu intermédio, no potencial (investimento) da sua propriedade, produzindo: a terra, o gado, bens de capital.

Sempre tiro seis, sete, oito, até dez bezerros de sorte na Fazenda, entre macho e fêmea. Tá lá, tudo "bozado", invernando.

Quando o regime de trabalho se assenta em bases de "Ganhame na Sorte", será bom negócio para o vaqueiro que aumente cada vez mais, em quantidade e em qualidade, com o seu "lavouro de criação", os rebanhos do seu patrão. O mesmo não acontecia no caso anterior (o aumento em quantidade supunha, apenas, aumento de serviço). O peão, desse modo, deverá se

empenhar a tal ponto e em tal medida nas "lidas da vaqueiragem", que o curral da Fazenda venha a ficar pequeno com a multiplicação das "cabeças" do gado, o plantel de partida colocado aos cuidados do seu corpo de vaqueiro.

Ele luta o tempo dele todinho, olhando por aquele gado. Vaqueirícia é desse jeito: é disso que vaqueiro vive ... De zelar a criação.

A primeira característica dessa forma de vinculação entre sujeitos a partir do trabalho de um e da propriedade de outro sobre os meios de produção, é que o trabalho do primeiro é expropriado pelo segundo, mediante a partilha de uma porcentagem do produto. (... e, ainda, nenhuma novidade). A peculiaridade do sistema, no entanto, está no modo como essa partilha é feita: de conformidade com o "trato", neste caso entra o dado da "sorte".

Nesse tipo de vaqueiragem, quando é na sorte, se produz bem, é bom prô patrão e pode ser bom prô vaqueiro, se ele tiver sorte. Esse modo é bom assim: se produz quatro bezerros, três é do dono do gado e um é do vaqueiro. Desse jeito vai indo até o ponto que der. O vaqueiro nunca sabe qual em cada quatro bezerro vai tocar prá ele na hora da "ferra". Só quando sai "na sorte" é que vê. É isso que se chama "vaqueirícia na sorte". Quando o ganhame é de partilha, sem a sorte, é o dono que escolhe. Pega sempre os que presta mais, e fica. O que é de enjeitar, vai prô vaqueiro.

Neste tipo de regime de trabalho, o patrão, - proprietário das terras e do gado -, estabelece com o seu vaqueiro uma relação diretamente ligada e estritamente

dependente da produção. Seja do ponto de vista quantitativo, seja do ponto de vista qualitativo. Ou seja, quanto maior e quanto melhor for a "invernada",* tanto mais crescem as possibilidades dos peões e dos patrões no rumo dos seus interesses, segundo o "trato".

As atividades de trabalho que marcam o tempo do vaqueiro de retiro nos espaços Gerais, - seja no regime de "Ganhame ao Mês", seja no de "Ganhame na Sorte" -, seguem os ciclos marcados pela natureza, como já disse anteriormente. É o pêndulo sazonal que marca, nos sertões, os deslocamentos do homem nos seus espaços. De vida. De trabalho. É baseado nele que o vaqueiro transita, com o gado que vigia, os "mundos da vaqueirícia": leva a "criação" prá dentro dos "retiros", nos meses da seca; trás o gado de volta, prá perto dos currais da Fazenda, nos meses da chuva. Sabe como faz. Sabe por que faz. E sabe quando deve fazer o quê para que a boiada fique bem e se multiplique muito. E cada um desses tempos, e em cada um desses espaços, a vida do homem está ligada, por fortes laços, à vida da "criação". Aos destinos do gado se ligam os seus. O olhar que pousa sobre o corpo da novilha que cresce, da vaca que gesta, ou sobre "os gambitos do marruco pestiado" - o bezerro que definha -, é o mesmo olhar que indaga o futuro, presente adentro.

A expectativa do vaqueiro na espera da "ferra", lidando, lidando, me faz pensar na expectativa de escravos na espera da "derrama", lidando, lidando ...

Vaqueiro só mexe com gado ...

*INVERNADA: o rebanho.

A partir dessa determinação sazonal que imprime balanço cíclico ao trabalho e à vida, pode-se falar na amarração de um "calendário da vaqueirícia", que tem por eixo e coluna vertebral o "Dia da Ferra".

A Manutenção e a Reprodução do Sistema: A "FERRA"

"CARIMBO"

"MARCA"

"BOZÓ"

A distribuição das atividades do vaqueiro ao longo do seu ano de trabalho, num verdadeiro "calendário de vaqueirícia", evidencia momentos importantes que se constituem em eventos marcantes na amarração do sistema. O tempo da Fazenda escoá, assim, num ciclo de trabalho bem determinado, e denuncia, no seu "curso natural", o universo da vida que, em torno dela, se abre em sua complexidade.

Desde o ponto de vista que, até aqui, venho procurando seguir, é seguro que o dia em que patrão e empregado se reúnem diante da "boiada" para o "balanço da produção", corresponde a um desses momentos mais importantes. É quando se abre, no espaço do curral onde o gado foi reunido e espera, o jogo em que a sorte será lançada. É o "Dia da Ferra". O plantel da Fazenda será avaliado, em quantidade e em qualidade.

No "dia da ferra" o patrão vem prá examinar as condições do gado e contar as crias novas. Tem patrão que exige reunir a boiada toda. O vaqueiro tem que fechar todo o gado no curral, que é prô dono ver. Se tiver mil rezes, tem que fechar as mil rezes. Se o peão esconder bezerro, o patrão descobre, cobra caro e bota o vaqueiro prá fora. Passa

uma sarabanda dura nele, às vezes bota até na cadeia. O empregado vai prá grade na hora ...

A preparação para o "dia da ferra" se estende ao longo da múltiplas tarefas que ocupam todo um "ano de vaqueirícia". Na ocasião a boiada é contada. Passam pelas vistas do "dono" e do vaqueiro, pelas mãos do segundo, uma a uma, todas as rezes daquela "invernada". E é diagnosticada a produção.

O comum é em mês de abril, por conta de não estar chovendo prá não dar bicheira na marca que é feita com ferro quente. Mas tem outros que ferra em janeiro, e acontece que aquele gado quase tudo dá bicheira. Dali prá oito dias, é o tanto de o vaqueiro ter que ir lá de novo, atrás daqueles bezerros prá tratar das feridas. Dependendo do tamanho da fazenda é número de bezerros que tem prá ferrar.

As crias novas nascidas no correr do ano, que termina com a "celebração da ferra", foram, a seu tempo, identificadas pelo vaqueiro, ainda no campo ou mesmo no espaço do curral, logo que ele percebe que "tem vaca parida no meio da boiada". Os recém-natos são, então, marcados com o "CARIMBO": uma gravação a ferro quente sobre a pelagem do queixo, denunciando "a era da cria". Eles são preparados, assim, desde o seu nascimento, para o "dia da ferra". Desse modo, por exemplo, as crias de 82, serão facilmente identificadas ao passar diante do seu "dono", com o "carimbo" de número 2 sobre o queixo.

Começa ainda escuro, antes do sol, essa lida de vaqueiro dando conta prá patrão do trabalho dele de curral e de retiro, de campo e de pastagem. De ano em ano. Até que reúna condições ...

É no "dia da ferra" que o gado recebe a MARCA DO PATRÃO. Trata-se de um sinal arbitrário que atesta a propriedade sobre o animal. Da mesma forma que o "carimbo", é gravado a ferro quente, depois de "tirada a sorte", em geral sobre o couro das ancas do animal. Fica fácil identificar, assim, que gado pertence a que "dono".

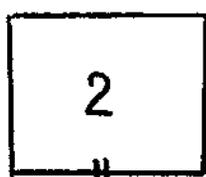
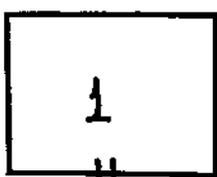
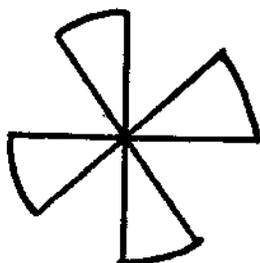
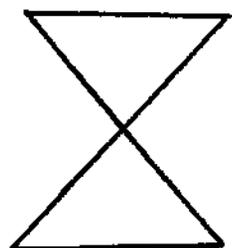
A "ferra" tem de muitos tipos. Tem patrão que deixa o vaqueiro escolher, de cada quatro bezerros, um que é de ser "bozado". Esse fica sendo do vaqueiro. Os outros três é prá botar a "marca". É o que toca pró patrão. Mas tem um modo de separar cria nova na ferra, que é ele que escolhe. Aí, pelo comum, das quatro rezes, a mais fora de jeito porque bichada, ou com qualquer um desanco ou praga, ou ferida, ou fraqueza, essa é a que o patrão tira prá "bozar". As três melhores, leva "marca".

Antes da "marcação" do gado com o sinal do "dono", no entanto, cada "cabeça" é examinada, como disse, pelo patrão e pelo empregado. O vaqueiro recolhe o gado para dentro do curral, separando, em local anteriormente marcado em que são fixados quatro estacas onde serão amarradas as rezes, de quatro em quatro por vez. As estacas, por suas vez, estão numeradas de um a quatro. Após o "exame" de cada animal preso a cada um dos postes, é procedido o lance da sorte, nesta modalidade pelo patrão. Ele tem nas mãos um recipiente contendo papéis numerados de um a quatro, igualmente. É feito o sorteio. O vaqueiro retira da vasilha um papel contendo um número. Dos quatro bezerros amarrados, o que corresponder ao número sorteado pelo vaqueiro lhe pertence. Não será ferrado com a "marca", portanto, já que ela identifica o gado cujo proprietário é o patrão. A inscrição gravada sobre o couro

desse animal identifica a propriedade do vaqueiro. O gado sorteado pelo "peão da fazenda" é ferrado com o BOZÓ, ou seja, com a "marca do vaqueiro", seu dono. É assim que se distingue o gado do patrão, na "invernada" que é da sua propriedade, do gado com que ele "paga", anualmente, o seu vaqueiro.

A SORTE NA "FERRA":

MARCA OU BOZÓ?



COMPLETANDO O GIRO, O CIRCUITO SE RETOMA:**Do "Bozó" de Vaqueiro à "Marca" de Patrão**

Então é assim: cada patrão tem um tipo de "marca" e um tipo de "bozó", que é do seu vaqueiro. Esse gado de vaqueiro é um gado bozado com "bozó" daquela fazenda onde ele é peão, até que ele ganhe condição de comprar a sua terra. Vai levando prá lá o seu gado. Aí, no chão que é dele, o "bozó" vira "marca". Se o vaqueiro combinar um outro companheiro prá olhar o seu gado enquanto ele segue na fazenda, ele escolhe um "bozó" pró seu empregado ... se a vaqueiragem for de sorte também.

Como se viu, a "marca" identifica a propriedade do patrão no meio da "invernada" (igualmente de sua propriedade), enquanto que o "bozó" identifica, no meio do gado da fazenda, as rezes que pertencem ao vaqueiro. Por outro lado, procurei caracterizar o "Dia da Ferra" como sendo a ocasião em que a produção da Fazenda é avaliada, em quantidade e em qualidade. Mas não é apenas isso. É, igualmente, o momento em que os sujeitos da "vaqueirícia" acertam as contas do seu "trato". Reafirmam a vigência das bases que estruturam a sua relação. Testam, enfim, o sistema.

Quando o "Ganhame" é na "Sorte", ao contrário do que quando é "ao mês", o patrão não se compromete com o seu empregado além do percentual sobre a produção com que "paga" os seus serviços, anualmente, por ocasião da ferra. Na modalidade anterior, ele se comprometia a suprir certas necessidades básicas do vaqueiro, em troca da sua "dedicação exclusiva". Ou seja: o tempo do vaqueiro inteiramente colocado a serviço da fazenda, já estava incluído no "trato". A exclusividade, assim,

não é uma consequência das sobrecargas da "vaqueirícia", mas uma condição imposta.

No "Ganhame na Sorte", o vaqueiro está "liberado" para outras "dedicações". Pode determinar sobre o seu tempo. O que ocorre, no entanto, é que, em ambos os casos, - vaqueiradores "na sorte" ou vaqueiradores "ao mês" - os peões comparecem à ferra, diante dos seus patrões, em débito para com eles. A ferra acerta o ritmo da contabilidade de ambos. Em geral, o saldo do patrão lhe dá crédito junto ao tempo do vaqueiro. A dívida deste é a garantia daquele. Se o empregado for bom, - o que significa ser bastante produtivo -, até que ele reúna condições de "tocar a sua própria invernada", depois de saldar os seus compromissos para com o "dono", o "trato" entre ambos ainda poderá se prolongar por mais algumas "ferras".

É um ou outro que chega a ter o seu chão. A maioria continua morando de agregado. Quando não dá bem, vai prá outro lugar. Passa a vida morando em terra alheia.

A jornada de trabalho na "vaqueirícia", mesmo quando o vaqueiro está "liberado" para atividades fora da Fazenda, - o trabalho na "invernada" que é sua, em algum lugar distante dali, por exemplo -, acaba envolvendo o vaqueiro, por suas dívidas, a tal ponto ao seu patrão, que a porcentagem de gado "bozado" acaba sendo sempre inferior ao número de bezerros sorteados pelo vaqueiro. E ele acaba tendo que ficar. Por mais um ano. E mais um ano ... E mais um ... Até a próxima ferra, quem sabe ...

Quando o vaqueiro consegue, assim mesmo, reunir condições de retirar o seu gado da Fazenda do "dono", - seja adquirindo terra longe dali, seja arrendando pastagem, "enquanto arranja o seu chão" -, instaura-se outro momento no

circuito que estou querendo evidenciar: o que era BOZÓ DE VAQUEIRO, em terras de patrão, se transforma em MARCA DE PATRÃO, nas terras do vaqueiro.

O gado lá, e ele na Fazenda do "dono", até que possa "acertar contas". Até reunir condições de cuidar da "sua" propriedade. Acerta um companheiro prá vaqueirar seu gado. Por uns tempos. Na terra que é dele. Ou alugada por ele. O "Ganhame" pode ser na sorte. Combinado. Daqui a um ano, a ferra. Melhor no fim das águas. o vaqueiro terá, então, na sua "invernada" que começa, "marca", "carimbo" e "BOZÓ".

E a História (re)começa no "dia da ferra" ...

. . . .

A CARGUINHA E A BRUACA, NO Lombo da Burra

A estradinha da direita - íngreme e torta - é o caminho que nos leva para cima. Resfolegando o contorno áspero de saroba e pedra, entre a sebe e o arbusto, o passante que deixa atrás de si o átrio da "Praia do Meio", começa a atinar com as razões que, seguramente, cercam uma dessas curiosidades da geografia acidentada de natividade, a interferir nos modos de vida da sua gente: o acentuado declive que aqui se inicia, empinando as curvas do caminho, pode explicar o fato de que em Natividade não se encontra uma carroça que seja.

Eu me punha a pensar sobre os meios de locomoção com os quais, constantemente, cruzamos a cidade, do sul a norte e de norte a sul. É a pé que, habitualmente, mais se anda por aqui, neste pé-da-serra.

Boa parte dos trechos de subida, nestes passeios para fora dos perímetros urbanos, é intransitável por outra forma de locomoção que não sejam os próprios passos. A utilização da

tração animal, no entanto, bem como o transporte "em lombo de mula", parece ser a maneira mais tradicionalmente empregada, sobretudo "lá para dentro", nos sertões.

De modo mais particular ainda, é comum que os nossos olhos vejam, desde longe, nas estradas e nas saídas, os "chegantes" dos "gerais" se apresentarem, - sempre calados -, de tempos em tempos, nos limites da cidade, no lombo das suas "montarias".

Fica-nos, assim, familiar à visão, esta cena esporádica mas que se repete com o mesmo encantamento de um sonho, a plácida harmonia que é a abordagem de um "geralista" nestas "praias urbanas", compondo a sua calma serena, a quietude do olhar e a mansidão da sua figura impertigada, com a lentidão pacata da "burra" de que se serve nas suas longas travessias por esses mares de "gerais".

Acomodando ao passo lento a "carga", a "bruaca" e o homem do sertão - "que vem do fim do mundo" - o jegue avança manso, rompendo a "rua".

E entre nós olhares:

Se é de "Gerais" logo se sabe, já se vê ...

Quem sabe se por força de algumas reminiscências de hábitos ancestrais herdados dos seus prováveis antepassados - "fugitivos da serra" - estes homens de tez escura e de olhares acesos, são, no entanto, mais frequentemente andarilhos: gente acostumada em sua natureza, a percorrer longos trechos de acidentados terrenos, a subir e a descer indômitas escarpadas de que se sucedem os seus cruzeiros solitários, de ermo em ermo, de "Gerais" em "Gerais".

A falta de costume, no entanto, para alguém que, como eu, - me afastando deste átrio aberto em que pulsam ladeiras -, ousa o risco de enfrentar desvãos bravios de serra aqui insinuados, faz derramar suores, e é responsável por este sabor salgado que tempera lembranças acerca das geografias de Natividade.

VAQUEIRAGEM

VAQUEIRÍCIA: Um Modo de Viver, Vaqueirando

... e é nem bem que o sol nasce e nem bem que a lua chega. Vaqueirando ... Homem aí em vive. Parece que tá sempre correndo no tempo.

Procurei dar destaque, ao termo "vaqueirícia" como sendo aplicado, usualmente, para designar o conjunto das atividades de trabalho desenvolvidas pelo "vaqueiro de retiro", nos Gerais.

Mas o seu significado, no entanto, conforme o apresentei anteriormente não fica aí limitado. Muito para além do seu emprego restrito à expressão de um determinado regime contratual, de trabalho, envolvendo sujeitos concretos, - "patrões-proprietários" e "peões-empregados", - ele aponta, igualmente, para um modo específico de vida. Tanto na forma quanto no conteúdo, evidencia uma cosmologia própria, somente compreensível na medida em que se desvela nesse universo de relações em que o trabalho aparece como um mote apenas.

É a "vaqueirícia", portanto, que dá conta de explicar ao vaqueiro a vida. Desvenda-lhe o seu mundo. Atribui sentido, informa e organiza, de modo coerente e lógico, os inúmeros acontecimentos do quotidiano da vaqueiragem.

Assim, por exemplo, a possibilidade de interpretar o tempo e de perceber a demarcação de cada um dos espaços em que se constrói a concretude da existência nos Gerais, se enfeixa no que se convencionou chamar de "vaqueirícia", através de um complexo sistema simbólico e de representações, cuja eficácia é comprovada cada vez que o vaqueiro se vê às voltas com o seu tempo, no cruzar dos seus espaços, a partir das coisas do seu trabalho.

Desta forma, não será possível compreender as inumeráveis situações da vida e do mundo "dessa gente que vive de labutar no oco do mundo em retiro de sertão", quando se desconhece, ou, ainda pior, quando "desconsidera" o imaginário que se estampa por detrás do tecido (cultural) que é o fenômeno social da "vaqueirícia".

Assim, pois, é preciso que se esteja sempre atento às "pedras" que, de lá de cima, ainda "rolam". O que se mexe por aqui, agora, por certo tem a ver com o que por lá se mexeu, outrora.

Quando se diz, portanto, que "vento fala por rama de buriti, é porque vento tem segredos que buriti compreende na fala, balangando as ramas ...".

O mundo, então, é esse pedaço em cada retiro. A vida é bem ali, em roda de criação. Vaqueirícia é desse modo. Do jeito que a gente faz.

Lavoura de criação é vida de vaqueiro. Labuta essa do peão de retiro nos Gerais. Quando é fé, tá aí, a cabeça pintando. Assim que sucede: correr danado já no dia quando o sol nem é, ainda por nascer que aí em vem, cada manhã, e o homem já foi por rumo se perder nos retiros. Até bocona de escuro, vai emendando trem no fio do trabalho: era prá aqui, é assim; era prá acolá, o feitio é um outro. Vai de um negrume a outro, desde que amanhece até que a noite desce. O homem para de correr no corpo, mas é só no pé que para. Na cabeça ainda vai pensando ... Essas coisas. Vida nos Gerais é assim: parece que anda sempre correndo no tempo ... O dia todo é montado, arriando animal, correndo atrás de gado. O homem, na vaqueiragem, dá prazo na vida e põe sentido no tempo, é mesmo na labuta de criação. Porque vaqueiro em tempo de vaqueirícia só tem valor mesmo é quando o gado mostra. Porque ele mesmo, o que é que tem? É bem naquela toada de coisa que fala sem dizer que palavra é. Basta só ele encontrar o animal prá ver. Desarruma o pensamento. E fica assim, parado, sem prazo do tanto que gira nos olhos. Ele mais o animal. A gente parece que fica por entender tanta coisa! ... Um sentimento tão grande por dentro! Ali. Parado. Vendo crescer as coisas de roda. De um jeito como que mundo não existe mais. Acabou no prazo, pensando. Por que o entendimento, quando pega um qualquer no espanto, é dos mais bravos. Isso de andar só, por aí, feito a gente que vaqueira nas caladas, tem surpresa que é bem desse modo. Vaqueiro vai aprendendo pela vida esse falar. Quietando. Nos Gerais, brado manso de gente, zuadinha de água pequena escorrida no meio de pedregulho, ou esse mexido direto de vento rumando as palhas, nas folhas, não é como aqui, não. Bem se vê ... Ou então, bem pode, também, que, talvez, por lá, escutar é uma outra coisa. Nem sei. Vida de vaqueiro sucede. Esse rodado de ir prô campo juntar gado, tratar dele, dar remédio, por vacina, suntar se não tá ali doença no molesto da estação, prejudicando ele, prá mode tratar. E aí em

vai. Quando tem vaca prá produzir, então, é campear direto. É corpo e é alma no empenho do olho do homem em riba de cada uma parte do corpo do animal. Ele sabe que hora é aquela. Se tá prá acontecer, ou é bem que é de esperar. Então vigia. Tocaia na espera. Todo dia. Suntando. Suntando ... Ele sabe quando é que o rebanho tá prá crescer. Ele sabe. Crescer é um tanto de coisa, ali, de vaqueirícia. Tem que procurar gado sumido? Então se vê: retiro cada um é cheio de segredo. Diferente aqui, não é igual prá acolá ... Tá cheio das armadilhas. Vaqueiro aprende a desmontar na cabeça e desarmar no pé. Coração também, tá que pena, pulando pela boca quando é essa hora do não saber. Vaqueiro anda cheirando, feito cão na estira de caminho de caça. Aprende cheirar vento. É prá tirar uma linha de rumo de gado treteiro só pelo puchar do ar nas ventas. Faro de vaqueiro firmado nos ofícios, pega no ar cada um quarto de vivente. Na invernada que ele zela, ele sabe que cheiro é esse, tem que suntar prá ver se essa rez que tá de falta no rebanho não há de ser vaca parida de cria nova. Se tá no caso de animal produzido, se a vaca tá parida, tem que caçar o bezerro e trazer ele mais a mãe prá encurralar. Então passou o desafeito da espera. Viu também os outros. Fez olhar cada uma das cabeças. Deu ciência no rebanho. A invernada tá ali. Cresceu. Agora vaqueira de volta, c'o bezerro novo prá lidas de curral. Penso que só vaqueiro em Gerais é sabedor do que é isso de encurralar cria nova, parida em retiro de sertão. Coisa daqui. Tarefa de oficial calado. A gente sabe. Encurrala também cá prá dentro a palavra dessa cria. Vai tratar dele todo dia, até ele ficar durinho. Quando pega essa forcinha de não bambear mais por qualquer um espanto, então solta: é hora de viver no bando, misturado no rebanho. E vai crescendo. E vai produzindo ... A gente sempre continua se espantando. O gado passa mesmo é só uns tempos em retiro de Gerais. Quando é pela seca. Antes das águas, é lá que vai vaqueiro, pegando gado prá cuidar em

redor do brejo ou nas aguadas de capim verdinho. A criação gosta desse tempo nas "soltas" de Gerais. Acha bom. Fica esse tempo todo sem ver gente por perto. Só o vaqueiro. Mas, com esse, é acostumado. Conhece até de escutar quando chama. Quando vê gente, pelo fim das águas, fica besta de um tanto que, é das vez, esse gado tem que ser "mansado". Tem uns que deixa o gado por lá sozinho, quando é entrada de seca. E só vai lá prá amansar bezerro, tirar leite de vaca, saber como passa aquela invernada. Só pega mesmo é nas primeiras águas. Quando vem a chuva, o gado não pode mais ficar lá, porque a chuva pega bater na areia, respinga direto na palha do capim. E isso prejudica o gado. Dá peste. Nas águas, o gado volta prá fora dos Gerais. O vaqueiro vai lá e retira ele. Uma serviceira de não parar no dia. Sucede que come, corre, verte, corre, vai aos pés uma horinha pouca, lava e trata da saúde só do gado. Aquele serviço dele é a vida de vaqueiro de vereda. Um trem custoso. Acho ele nem dá por fé ... Sempre naquilo: oficiador das tarefas de vaqueirícia, ele nem sabe que tempo é aquele. Só na vaqueiragem. Ciência de vaqueirador é andar "prumando" criação. Esse homem quase não vê gente. Só animal. Retireiro prefere ficar mais sozinho. Até parece bicho com medo de zoeirada de mundo. É bem desse modo que aprendeu de viver. É bem desse modo que vaqueiro vive. O dia é zoeira de animal na toada de animal. E do homem na vaqueiragem. No rancho, quando é pela noite encosta o corpo. Co'a família por roda. Fica pensando que tem outros pastos prá carpir ... Trabalho de curral é por ali. Tem uns tempos que ele passa mais é nas lidas de curral. Em roda da casa. Outros é mais prá acolá, campeando. No mais, a vida é mesmo nos retiros. Esses tempos de roda de casa, é quando o vaqueiro fica mais no meio de gente. Ali também é serviço duro. Come o dia debaixo do sol. Tem vez que ele sente estranho. Até no meio da família. Mesmo quando tem pai, mãe, mulher e filho. Mesmo se tem mais de um vaqueiro na Fazenda, a

vida é sempre igual, Vaqueiragem é coisa de topar sozinho. Lá prá dentro ... Vaga no tempo de vaqueirícia prá labuta de roçado em fazenda de criação, é um assunto que não tem. Tudo o que é de comer, é trem comprado. Menos leite, carne, algum queijo e manteiga de leite. Se o prazo ajuda. Lida outra, essa de quintal e de roda de fogão, é trem de mulher ... Tendo vaca produzida, ou mesmo se não tem - sucede que sempre é de ter -, campear é todo dia. Da casa prô mato. Correr montado em lombeira de animal. É sempre firmando o corpo no encilho. De olho aceso c'os palmo. Espichando légua. Tem animal velhaco e treteiro que corre, então você é obrigado pegar ele na mão. Segura bem firme na embira. Tesa a corda. E enlaça o bicho. Num certo tempo, ele é de tão valente e embestado nas manhas de mansar, que até quer matar o vaqueiro. Entra por debaixo, parecendo que vem prá desmontar a gente e jogar de riba do chão. Isso quando é novo. Aí a gente logo vê que é gado besta parido perdido nos retiros, longe dos olhos da gente. Fica um bicho estranho. Vaqueiro logo sabe que é animal treteiro. Acho que ele haverá de pensar igual esse peão. Vem fucinhar ele. Enrosca feio com decisão na embira prá encurralar. Depois passa. Fica manso. Conhece o tratador. Pega gostar. As crias novas, o vaqueiro tem que marcar quando encurrala. Carimba a era no queixo da cria. Com ferro esquentado no ponto de brasa. Essa primeira marca é prá mostrar prô patrão quantas eras de invernada aquela cria tem. Cada um bezerro que vai nascendo, o vaqueiro vai carimbando a era. Quando vem a "ferra" e o ano aí em vai findo, o dono vem prá colocar a "marca" dele na boiada nova. Até nesse dia, o animal só sabe mesmo é da fala do vaqueiro, nos "fazer" de vaqueiragem. De oito em oito dias, ele trás o gado reunido. No retiro ou no curral. Vê a parte que é por lá, e a parte que é por cá. Junta o rebanho nas vistas. É prá dar sal, aplicar remédio, os fortificantes, fazer vacina e dar o tratos de ferida, de bicheira ou de topada. Tudo depende do peso e da era do

animal. Num tempo é uma coisa pr'um gado desse peso; noutro tempo é outra coisa prá gado mais graúdo. Tudo conforme. E o peão tem que dar assunto. Esse tempo de julho até novembro, então, é quando acocha a vaqueirí-cia no zelo de cria nova. É nesse tempo que as vacas mais produz. É mais que o rebanho cresce. O gado lá prá dentro, nos retiros. Quando vai ver, tem animal parido. Tá de cria nova, moitado. O peão logo acha. Parece que vai no rumo. Cada seis meses tem que roçar de foice tudo quanto é mato. Mas isso é por conta do patrão. O vaqueiro empreita o serviço na mão dele. Acerta depois, na ferra. Esse aí é trabalho muito. Mas vaqueiro de Gerais não recebe salário. O Ganhame é aquele mesmo gado que ele vai vendo nascer. So depende de ajeitar com sorte.⁴¹

. . . .

A "CANÇA", NA "LARGA DO REI"

O afastamento me aproxima: adentro.

Esta ladeira - prenúncio é um sinal. Daqui para frente, pode-se prever um espinhaço depois do outro. E mais: se é assim que sobe, uma curvinha espigada como esta faz anunciar mistura de suor e cansaço, no meio do embevecimento com as surpresas, e a curiosidade sempre aumentando, neste desejo de busca que não acaba.

A partir daqui e de agora, com a serra toda entrando para dentro de nós, vai-se deixando o público para avançar, devagarinho, no privado.

A estradinha da direita, no átrio desta saída, sempre me pareceu como uma dessas velhas escadas em caracol que rodam degraus sobre o seu próprio eixo, elevando-nos do espaço como se nos puxasse com força do chão. Por um triz. Feito uma sacarrolha que nos arrancasse os pés de sobre mundo - vácuo cheio, pré-enchido.

E assim, rapidamente saltamos para fora, sob o sol, enquanto o adro do meio permanece atrás, entre penumbras e folguedos de menino, na frescura da tarde novinha.

Assim, o que poderia não passar de um mero conduto, ou de um simples desvio - a estradinha íngreme da direita é áspera de pedregulhos, e torta, como as volutas de um caracol - é, no entanto, a passagem que nos atira mais para cima e que, de repente, se abre a uma ancha avenida, como se esta lhe nascesse dos pés: a "LARGA DO REI". Ela é logo lambida, de saída, pela água fria e clara de um filete cristalino - "fugitivo" do seu curso - e que vem ali marulhar canções de finas pedras e areia branca, à caminhada que apenas se inicia.

Estamos no lombo de um sopé que se espicha, mais e mais. A "larga", então, que lhe acompanha, se encrespa suave em seus contornos. E deixa escapar pelo vão das margens, os rápidos trieiros com que oferece o cerrado às traquinagens da molecada aventureira e gulosa que anda cá por cima: aí para dentro são fartos os pomares de fruteiras bem nutridas no calor dos tópicos.

Em "tempo de fruta", o que se vê por aqui é um verdadeiro festival de estrepolia de "menino caçando cajú".

A estrada da "larga" pega cheiro doce da florada mansa que "em água" desperta. E mistura o canto tímido da sabiá com prenúncio de chuva no bico, com a azáfama da criançada.

Quando o aruá - flor de cerrado - cai do pé no piso seco da passagem, o vento da serra tem cheiro de chuva: o mundo prestes a desabar em tempestade é sinal: "aruá não cai na poeira".

O caminho é cheio delas.

Entretanto, parece que o calor de agora aumenta, sempre que se passa por aqui. O sol se espreguiça dourado, espetando de raios de fogo a pele escura das folhas de um verde baço.

Reverbera o tosco incendiando a tórrida paisagem das laterais do caminho: cerrado bravo, indômito, retorcido.

Por vezes tétrico é o cenário de pau sem vida, pedra bruta, cinza e carvão.*

Veze que sucede a "queimada de todo ano", quando a gente sobe a caminho esta "larga", precisa ir afastando cortinas de fumaça, em véus, com que se arruma a forma desta bruma densa a levantar do chão.

A gente sofre com a serra quando a queimada por ela se insinua. A cidade não cessa o borburinho na praça, na rua. Até que apague o perigo. Até que afaste a fumaça.

E aqui, neste lugar, é por onde até a fumaça anda, marcando rastros de passagem pelo chão, pelos barrancos, pelas beiradas.

Nas laterais da "larga" - que é "do rei" - as árvores são velhas, toscas, secas. E se retorcem, contorcendo-se, como se quizessem se arrancar do chão: anãs encarquilhadas com pressa de fugir a alguma devastação iminente.

O solo é áspero e arenoso mostrando aqui e ali, manchas escuras de terra alternando camadas de espesso pedregulho: a sol e a fogo tostada, a canga porosa é austera, como o cerrado e a serra.

A vegetação baixa e quase rasteira de sebes e gramíneas, parece mal se conter no calor do chão, e estendendo se espalha até as proximidades das águas que rolam da serra: é cerrada a mata marginal do rio que desce, onde arbustos e árvores de maior porte protegem a visão de recônditas cachoeiras e inumeráveis quedas espalhadas ao longo da avenida de águas muito frias que passam cantando, serra abaixo, em direção à cidade.

*A água corre escondida, por debaixo da seca.

Logo na entrada da "larga" tem-se, ainda, a impressão de que um outro mundo se avizinha: o silêncio misturado à claridade efusiva do sol escaldando a pino, desfoca as nossas imagens. Superpondo contornos reverbera volumes, provocando-nos numa outra dimensão. Natividade nunca pareceu tão distante!

A descoberta das intimidades do caminho, enquanto se sobe, e a própria relação que se vai estabelecendo a cada novo avanço neste cenário da serra, impressiona fortemente: cada dia, é como se nossos pés por ali passassem pela primeira vez e que, assim, estamos sempre re-começado : a "fuga".

Pois esta descoberta é bilateral. Vai-se descobrindo na medida em que se é des-coberto. A gente se desnuda, des-cobrando a serra. E ela nos põe nú e nos des-cobre.



Foi por aqui, sobre a "larga" que, desde logo, escolhi um lugar que me pareceu ideal para uma "toçaia privada", como uma "praia particular".

Eu me recolhia, "atocaiado", no retiro que eu próprio armara, pacientemente, num "oco de mundo" ofertado pela serra, segundo me parecia, aos meus próprios silêncios: o meu "retiro na serra", então, se cravava entre as pedras do caminho das águas, num dos seus tantos desvios afluentes, cujo aconchego e frescor me embalava o pensamento, entre cantos de pássaros, assovio de ventos e o farfalhar suave das folhas numa sinfonia de verdes, azuis, marrons, e o "lilá" dependurado nas grimpas de pau, florido, florindo.

Ali, desfrutando da minha própria intimidade, era indizível a sensação de me sentir despido por dentro e por fora, na privacidade silente que me cercava e com que me envolvia, e de mergulhar, assim, na placidez quase que palpável que era a tépida emoção vivida a cada um destes retornos diários ao coração da pedra, ao ventre da rocha, ao seio da serra, assim tão acolhedora.

Monotomia do silêncio, é essa variação eterna de infinitos tons, na monocórdica sinfonia que parece nula por detrás do som, da voz: é o canto-chão da alma este monotônico silêncio.

Neste espaço do percurso, o vento parado me envolvia numa cortina densa.

Fica lento por aqui o ritmo da marcha. E acentua os seus graves, com o pensamento fluindo, assim, neste mesmo compasso: a um só tom, variando, variando.

Quem se afasta e sobe, desmancha idéias no taboleiro quente desta pedra porosa e rubra que é a "ganga" a recobrir o chão.

"Canga", a pedra: rubro mineral de que Natividade se reveste. A serra é esta prosa em canga.

O APRENDIZADO

De dia a pedra roxada na beirada do cór'go é das mais frias. Quando é pela noite, esquenta. E preteja feito carvão. É porque no miolo dela tem fogo. Queima no escuro até pegar no ponto de largar mais um pedaço da alma: "sustança de pedra". Daí que esfria. E branqueja, alvinha. Essa força que escapa, desse andar por aí, caçando coração de pedra. Até que encontra ... E até que encosta. Sabia que pedra chupa resto vivo de vivente morto? Pois puxa! Não era só aquela da Mata Grande, não, logo vi. Lugar como

aquele dá aprume. Ela se ajeita e quieta. Se é de cruzar por ali, só mesmo calado. Tem pedra do ventre incendiado no fogo de parir. É, pedra! É de passar sem tornar as vistas. Como coisa que não viu. Pedra de tocaia é bem assim: pedra femada, parideira de assombração. Fica chispando visage, quando é pela noite. É ver e ficar duro prá sempre. Quando é pelo dia, ela esfria. Quieta nas beira de caminho, nas beirada do cór'go, e fica ... Quem é do entendimento, dá fé. E, a pois que pedra fala? Bate com galho por riba, de manso, que o bucho delas responde.

RUÍNAS

Pelos trieiros desta serra, ao longo das margens, nos barrancos, perfila a "CANGA" em lascas empilhadas, o alinhavo dos tempos: "vestígios", "resquícios", "marcas", "traços", "sinais".

Assim a canga compõe arrimos secretos. Mora a rima nos segredos dos barrancos: a sua linguagem.

Era preciso estar totalmente desarmado para, de fato, vê-las. Do contrário, seria impossível pretender que o olhar - esse lídimo instrumento da verdadeira pesquisa - vagasse solto sob o único farol da intuição a lhe clarear o rumo com que perscrutar a densidade das brumas de que se recobre o tempo dos "escombros da serra".

Ele se esconde dos olhares campeões da objetividade, da exatidão mensurável, da prospecção que o reduz ao passado de "ruínas", só.

Por outro lado, era imperioso manter-se atento, a cada passo, ao lento escoar do pensamento solto sem amarras, que passeava com os olhos por entre as lembranças de que estas pedras falam, tornando compreensíveis certas histórias com que

a elas esta "gente da serra" se refere: "causos, muitos causos de coisa feia que por aqui passou".

Só assim não se perdiam os "detalhes" escondidos na abrupta saroba.

Disseram que o barulho do lobisome quando bebe água, é deste mesmo tipo. Tá ouvindo? E o guisado no oco do pau, há de ser "rudia" de traiçoeira arrumando bote? É preciso andar de corpo rezado, que a serra anda cheia de espanto ... (:RUÍNAS)

Muitas vezes, enquanto refletia calado a observar "ruínas", me perguntava de que forma eu poderia ousar um exercício de investigação (arqueológica), daqueles "resquícios" no caminho da serra, em que pudesse perceber mais claramente os fios da História interligando as observações que fazia: evidências da vida da serra no cotidiano das gentes ao pé-da-serra, nas suas frequentes alusões áquele mundo, e nas semelhanças possíveis entre "resquícios" que se repetiam, tanto aqui em cima como lá embaixo.

Pensava, então, nos possíveis liames com os quais se garantisse uma continuidade na História de Natividade, e na estruturação das formas de expressão das "culturas" que "rolavam", biunivocamente, nos dois sentidos, e em reciprocidade: serra e pé-da-serra se interpenetrando, através das suas variadas "ruínas".

Pretendia delas aproximar a observação de modo mais criterioso, e me perguntava quanto aos métodos de que eu poderia lançar mão, e que se baseassem unicamente nas condições com que diante delas eu me colocava: dispunha-me, então, a exercitar a intuição do "andejo" a vagar curioso e cheio de histórias na cabeça, por entre aqueles "sítios arqueológicos" que se abriam tão fartos à investigação e à pesquisa.

Ciente das minhas limitações quanto à especialidade da formação que uma tal empresa exigiria, sempre me afastei da idéia de vascular as "ruínas" da serra com outros recursos que não fossem os do meu olhar guiado pelas informações que me eram passadas pela própria cidade, enquanto com ela me relacionava das mais variadas formas.

De igual modo, esta "escolha metodológica" me parecia coerente com a identidade de "passeante" amador curioso e apaixonado com que me apresentava ao cruzar o átrio na "praia do meio", antes de ascender pelo caracol da curva, e me dirigir à "larga" desta lombada, para mim prenhe dos seus mistérios.

Fui assim, pouco a pouco, entruturando um modo de entabular diálogo com as "ruínas", segundo o qual as via com uma espécie de preocupação "semiológica", entendendo-as como um complexo sistema de sinais referenciais para uma leitura de Natividade: elas me apareciam organizadas no traçado de caminhos imaginários, como linhas de um caderno em que se inscreviam feito estranha caligrafia.

Muitas vezes tentei desenhar-lhes o contorno lógico que imaginava interligar cada uma delas, como quem cata fragmentos de escrita e tenta organizá-los no espaço, na tentativa de decifrar o seu sentido global.

Me convencia do desejo de realmente encará-las como linguagem inscrita no pergaminho petrificado da serra, pelos trieiros que se afastam "do caminho", à guisa de linhas marginais de um misterioso traçado, em que os blocos cestavados da canga empilhada, para além de representarem ruínas de arrimos, paredes, alicerces brotando ordenadamente do chão, entre a sebe e a relva, ou mesmo saltando para fora dos barrancos pudessem ser vistas em seus significados gráficos, como um alfabeto do tempo:

Natividade não tem passado, porque ainda não 'cabou de passar. O tempo é de lá prá trás, mas quando é fé, bate nas vistas, e é bem agora.

As "ruínas", então, poderiam ser vistas como um arranjo organizado de sinais, com significados cuja compreensão, buscada nas fontes orais de onde jorram "causos e mais causos", poderiam permitir a ousadia de visualizar-lhes um todo em que cada um destes segmentos eventuais - "estilhaços" - se relaciona.

Elaborando mentalmente e, depois, sobre o papel, a rota do meu próprio percurso, eu imaginava um mapa do velho "arraial do ouro", que se mostrava aos meus olhos, nestes passeios, como um alfabeto organizado, cujas inscrições eram providas de significados.

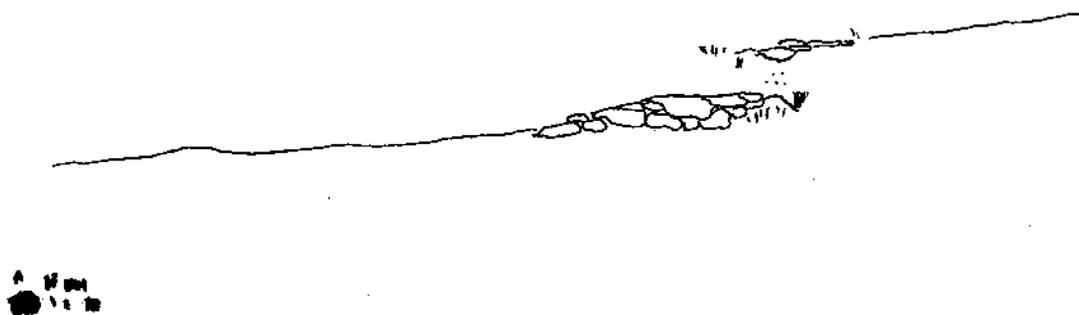
e o que há de ser, então, o que entra sem ser avisado no sonho desta gente? É pedra que rola.

O caminho sobre o qual recaía, então, pouco a pouco, a minha escolha intuitiva quanto ao método que satisfizesse os meus olhos, os meus pés e as reflexões que a vivência de Natividade me suscitavam, me afastavam, gradativamente, da tendência a buscar recursos com que poderia ter me forjado um arremedo de arqueólogo em campo de prospecção, e em tempo de "ruínas".

Limitava-me a olhar a serra, inspirando-me na observação dos seus perfis, tentando apreender-lhe "traços" com que pudesse alinhar estórias de "pedras rolando", daqui para lá e de lá para cá, apesar dos seus cansativos e inumeráveis espigões: para quem sobe, subidas; para quem desce, descidas.

Pedras, assim, são "dados" neste imenso taboleiro, cujo manuseio tem regras: um complicado jogo que "histórias de gente antiga" esboçam, insinuando-lhes sentido, significados, para além da mera aparência da canga imóvel e eterna, fixada entre barrancos deste caminho.

"Palimpsesto já quase tragado pela relva que o consome, mas que ainda faz saltar aos olhos a agudeza do seu desenho: quem sabe esferas concêntricas de um perdido caracol, a se locomover sem tempo, calado, pela rugosa canga dos arrimos nos barrancos marginais dos caminhos da serra.



Subindo:

Tortuoso labirinto ladrilhado em canga. Emaranhada teia do cipó. Rendada relva. A barba do pau, em véus, forma um do céu sobre a passagem. Malacaxeta e brilho. Apenas contemplando pedras.

Pés e passos:

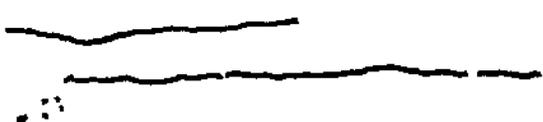
Cuidado, menino. Caminho de serra é tocaia de tapuio treteiro. Fica tudo invisível. Só uma trotadinha fina e a marca de um só, caminhando na areia. Vai ver, é um bando. Esse povo anda na mata feito menino que brinca no quintal. Põe assunto ... O filho de Dona Sinhá, um dia, andando assim, pela serra ...

Me afasto:

Zumbindo fino o vento agita as folhas. Só mato. Ninguém por perto. Nem marca. Vai ficando prá lá zoadada de gente. Só pedra. E o verde se esparrama, salpicando a quentura do chão. Maneiro aqui, com muita cor de planta. Uma porção. Carrega prá acolá, dá um tom à terra. Pau seco e cinza, é em seca. Parado o ar que espera. Aruá que na poeira não fica. Vem água da serra, é neblina que eleva. E sempre o sol que pica. E sempre o azul que traça. Neblina que baixa, e é o sol que raxa:

Mas e que tempo é esse? Socavão anda cheio de um "lilá" que é só o senhor vendo.

A CURVA INVISÍVEL ASSANHANDO
O JOELHO, OU NATIVIDADE QUE
LEVANTA A BARRA DA SAIA,
FINGINDO TIMIDEZ: METÁFORAS DO TEMPO.



E ESSE VENTO ASSANHADO
BALANGANDO
HÁ DE SER O QUÊ,
BURITI?
QUAL SENHA?

MOSTRANDO A CARA ASSANHA A RAMA: BURITI.

O velho Gonçalo, "Geralista", me dizia que onde tem buriti tem água. E me afirmava, com segurança, que "buriti" tem segredo, que esconde o tempo.

Ele me explicava, de manso, como quem desvenda um mistério que, por debaixo da secura do deserto, a areia fina que o recobre esconde tanta água que "é um poço só, de tão grande é".

Segundo o velho Gonçalo, a palmeira que agita, "balangando a rama ao vento, gosta de empinar a cabeleira prá cima, no fogo do sol", mas também se firma fundo, pelas raízes que penetram a aparente avidez do chão, "fincando os pés na água".

O buriti, assim, desvela pela simples presença das ramas que "balanga", as enormes coleções de água que, sob seus pés, os ermos "gerais" escondem. E mais: segundo aqui se diz: "o tempo mostra a cara pelas ramas da palmeira".

Quando penso nestas coisas que o velho Gonçalo me conta acerca da água que se esconde por debaixo do chão e que, no entanto, a presença altiva do buriti revela, me ocorre associá-las à solução apresentada por um outro velho, Seu Tapuio, para o desconforto que eu próprio sentia, conforme já falei, quanto à minha "visibilidade aparente", ao cruzar os espaços abertos da vida desta cidade.

E, assim, novamente, vejo-me a pensar em coisas como espaço e tempo, e as suas percepções na vida dos homens e das mulheres de Natividade, com quem me entretenho a observar, agora de longe, enquanto subo e me afasto, pelos desvãos e "ruínas" desta serra.



Fico sabendo de como o dia, realmente, amanhece por aqui, através das coisas que vejo e sinto, por um lado, - enquanto eu mesmo as experiencio -, e pelas coisas que me contam.

Assim é que me chegam as informações com que surpreendo Natividade, desde as primeiras horas do seu dia.



Quanto ao que me dizem, pelo mais comum, são "elas" que mais me contam.

Falam, por exemplo, com repetida freqüência, de um "tempo ainda escuro em antes do galo cantar". Ou que "foi bem na hora do galo e escurão tava lá fora". E, depois, reforçam: "peguei a gorja gritando o dia que já era de manhã, "ele" rompeu e eu dando trato a criação.

Mais: "acordei, pois, e a bem deste dia dei fé, não vi mais o galo no poleiro. Cantava, já o sol por nascer".

Por boca de um deles, ainda: "rompi em antes do galo, o sol nem rumado tinha, a mulher já parindo".

Também não é raro - ao contrário até -, de eu próprio testemunhar os movimentos da vida nativitana ainda sob a escuridão da noite, em vésperas de romper o dia, quando a minha jornada de trabalho se alonga para dentro da noite.

De minha parte, então, é comum perceber por aqui, nesta vivência de Natividade, enquanto seu médico, um tempo que bruxuleia lumes imprecisos de noite-dia, entre emergências e urgências, que é este "meu tempo de plantão": até mim chegam os restos da noite, as rebarbas da festa, as sobras sangrando, os retalhos abertos, as pressões que sobem e que descem - perderam o controle! - os vômitos, as tonteiras, os ossos de fora, quando, enfim, me parece que Natividade andou bebendo demais.

Aqui bem perto, nos Tucuns, é o "Baile" que come a noite solta pela cidade. O escuro trás o som do forró, as vozes, os risos. Pressinto a "Festa" nos Tucuns, onde todos se misturam (não, nem todos!), enquanto escoam intermináveis as horas no meu "tempo de plantão". É bem verdade que a percepção do "tempo no hospital", - sobretudo num hospital como este, em Natividade - é semelhante à do equilibrista ao percorrer uma corda-bamba: seguramente ele não saberia precisar que tempo é este que o leva de uma extremidade a outra, naquelas alturas, sobre o espaço aberto de um mundo vazio, não fossem os ofuscantes brilhos que o povoam de olhares volumosos, na platéia. No hospital, numa destas incomensuráveis e infindáveis noites de plantão, vigília e prontidão, a gente perde a noção de "quanto tempo terá se passado?" Ou: "em quanto tempo?"; e "de quanto em quanto tempo?"; durante quanto tempo?", e assim por diante.

E este tempo que Natividade, recoberta em breus e trevas, às custas esconde, se escondendo por aí, nos seus mais

recatados recônditos; ou este tempo em que ela foge para as suas "periferias", se afastando incógnita, acaba por se render, não raro, nas portas do hospital: silhuetas da noite.

Que horas são?

Vejo o dia nascer, misturado com tensão de espera, na expectativa da vida surgindo ou partindo, entre-dores: um outro tempo é este, medião entre as monótonas e por vezes, angustiantes evoluções de um trabalho de parto - de vida ou de morte -, que encurta a noite. Então, o tempo que se apresenta não se deixa medir, emiscuindo-se em nuanças imprecisas de claro-escuro: "será noite?" ou "será dia?"

Quando amanhece deste jeito, Natividade tem uma outra cara. Parindo de manhã, ou morrendo de madrugada. Misturando soluço e suspiro com vagido e grito, quando o dia chega, a cidade, enfim, puxa o fôlego, inspira fundo o ar da serra, solta um ar quente ou morno que atravessa as ruas e, quando pensam que ela desperta, em movimento, é quando ela relaxa e descansa, esparramada pelo chão.

A noite da cidade é sempre tão cansativa! É preciso que se mantenha sempre muito atenta. Ao contrário ninguém dorme.

QUEM É VOCÊ, AFINAL, CIDADE?

As mulheres que viram mães na madrugada deste tempo, mostram-nos, com alívio, que a noite acabou sobre a cidade: é luz, é dia.

Depois, descendo sozinho a ladeira que vem dos Tucuns e do Serrano, me sentindo igualmente "aliviado" - o cigarro, o luar, o clarão de prata na serra - acontece de eu ouvir o galo que canta, acordando o dia. Mas ainda é noite ...

Da casa em que eu moro, no entanto - quando o dia anterior sossegou com o fim da tarde e, no hospital, me deixaram em paz - meu sono é quebrado, invariavelmente, não tanto pela azáfama dos galinheiros da cidade - os seus clarins - quando os galos nos sacodem a todos com a sua algazarra matutina, mas é mais por conta de outros "despertadores" que soam.

Sei, assim, que ainda é muito cedo quando Tonho Padeiro passa, aos gritos. São as primeiras aparentes vozes a chamar a cidade - assim, ostensivamente - ao seu dia que começa, arrancando-a da sua longa noite que termina, ainda escuro.

Já são cinco horas? Talvez um pouco menos. Quem sabe um pouco mais. O que importa é que ainda a luz não se fez, e o escuro da parede do quarto respinga restos do sono que só a noite se tem.

Será ainda noite, então, quando Tonho Padeiro se anuncia? Certamente já não, pois que este arauto-padeiro "rompe" com o dia já prestes por banir da rua a escuridão. Clareia. Clareia. O sono ainda grudado no corpo da gente.

O dia, assim, vem na voz do homem que entrega o pão: trocadilhos quentes e composições cheirosas. Mas que, entretanto, nos chegam estridentes, pontuais. A gritaria de Tonho em seu ofício nos anuncia, pois, de casa em casa, que a noite acabou. É quase dia ...

Que horas serão?

É a "hora do padeiro" ...

Na longa noite da padaria, Tonho é um dos que batalham nos trabalhos da vigília - ofício de padeiro vara escuro, sovando pão - enquanto a cidade dorme. Depois, quando ela desperta e vai desvirar a vida neste pé-de-serra, é Tonho quem desaparece. Ele e os demais, que se mantiveram "vigiando escuro", na noite.

Agora, enquanto verceja o padeiro largando o pão, o moço cotuca o sono esparramado da sua dorminhoca freguesia, entre repentes e fofocas, no calor da ironia perfumada e quentinha que deperdura nas nossas portas ou larga nas nossas janelas.

Quando Tonho quieta, enfim, é porque já é quase rompido o dia. A cidade, no entanto, se mexe devagarinho.

Mas vai, "qu'inda tem do que sonhar, agora que Tonho quietou".

A posição do meu quarto, por contiguidade com outro cômodo ocupado por habituais nocteiros da noite que é dos homens e das mulheres - essa mesma noite que espalha forró no vento dos Tucuns e do Serrano, onde "eles" e "elas", misturados, "festam" - por uma das suas paredes laterais é fronteira à rua.

Minha janela, no entanto, abre-se para o terreiro, dando para o quintal dos fundos. Posso, assim, ouvir claramente quando o dia começa na direção dos limites do "espaço doméstico": Dinda Maria - a "mulher da casa" - no "ti-ti-ti" do trato da sua "boiadinha de frango e leitão", decide que já é hora de me acordar.

O dia de Dinda rompe primeiro.

Sinto, de manhã, o cheirinho bom do café caboclo da velha sertaneja.

É tempo ...

Antes, porém, quando Dinda ainda dorme, e quando ainda não me despertei para o aroma matutino do seu café novo, fresco e quentinho - coado no escuro - a praça, lá fora, entorpece de novo, no silêncio que Tonho deixou.

No meio das folhas secas tombadas no chão, ainda se escondem vestígios da noite.

Madrugada é assim: precisa limpar estes "restos" de ontem, antes que o dia chegue.

Quando a gente foi dormir, a cidade era um parágrafo só. A praça, já tarde - ou seria já cedo? - acabou ficando sozinha.

A madrugada sem luz, é este pedaço tão curto de tempo quando a praça, enfim, descansa.

Sabe-se que já serão as seis, ou quase, quando outro "despertador do dia" dispara, na pontualidade cíclica do seu ofício, também pré-matutino. A praça, cochilando calada, até que Zé Bito, que é o seu Zelador, chega trazendo-lhe de volta o seu dia.

O dia da praça começa logo cedo, ainda antes das primeiras luzes, e termina muito tarde, bem depois das últimas luzes. Éta praça que não tem sossego esta ...

Zé Bito é um desses anciãos da cidade. Calado. Matreiro. Velho funcionário da Prefeitura, a cujo encargo está o zelo das duas praças da cidade. Zé Bito é mais do que o seu jardineiro, uma vez que uma praça é muito mais do que as suas árvores, os seus gramados, ou as flores do seu jardim. Zé Bito, seguramente, sabe de sobra de quantas coisas se faz uma praça. Sim, ele sabe que uma praça se faz: as folhas, as flores, o gramado, as ramas de cada uma das suas árvores, os bancos e os caminhos que a percorrem, apenas servem para esconder a sua alma. Zé Bito aprendeu com a praça a perceber seu sopro, a sua alma. Por esta razão, com a praça apinhada nas horas mais cheias do dia, o velho desaparecia, para ressurgir nestas caladas de um tempo limítrofe entre noite e dia, quando a alma da praça saía do espelho das suas formas e vinha para perto de Zé Bito, confessar-lhe intimidades da noite e dele ouvir canções e lamentos.

Quando a seca é inscrita, a gente sempre vê o homem calado exercer a lentidão monótona do seu ofício, absorto, quase imperceptível: aguando aqui, ciscando ali, regando acolá.

A praça, às gargalhadas ou aos cochilos, às falas soltas ou aos silêncios derretidos de calor, por vezes soçobra em ondas apinhadas - é fim de tarde - por outras se recolhe em fímbrias mansas da sua eterna preguiça: parece até que ali não tem ninguém, tamanha modorra a envolve quando o sol vai a pino - a manhã acabou.

Às vezes eu a comparava a um cais, como se Natividade fosse uma "praia": nos trapiches dos bancos de pedra os barcos atracavam livres, descarregando ricas mercadorias, trocando, trocando.

Quando a luz da tarde ameaçava cambiar no limiar das penumbras do fim do dia - o crepúsculo na praça tem cheiro de sabonete e perfume de alfazema -, a praça outra vez se apinhava de gente agora bem banhada, e Zé Bito estava lá, outra vez, zelando.

À praça, Zé Bito trás o dia, de manhã, e o recolhe no fim da tarde, com o capricho metódico e pontual do seu ofício de zelador e gari de Natividade: talvez o que mais lhe compreenda a alma, vaidosa e coquete. A praça recebe de Zé Bito o verde com que se veste, de dia, e a penumbra de que se encobre, de noite.*

Todas as manhãs, então, é Tonho Padeiro sair e Zé Bito chegar. Seu ofício, como se viu, é cuidar que o dia não encontre a praça arreganhada no desleixo.

Serão as sete?

*A Praça da Prefeitura, como já me referi, mantém iluminada à Neon durante o percurso das noites da cidade. Como se um abajur se mantivesse aceso na escuridão do quarto ...

Seguramente não, que as portas do Correio se mantêm cerradas, e a carne ainda nem chegou do matadouro com o costumeiro burburinho que faz a pequena multidão de todas as manhãs no encontro marcado defronte o açougue e o mercado.

Mas, é certo, as "sete" rapidamente se aproximam. Tem cheiro bom no ar. Tem voz mansa no quintal. A mulher se apressa, "acoando pinto e tratando porco". Tem sussurro na cozinha e varreção no terreiro, misturando-se a batidas de panela e a roupa que estrala na táboa do tanque cheio de sabão, no alpendre dos fundos.

Zé Bito, por debaixo da janela, vassourando, canta seu murmúrio, cantilena eterna raspando folha seca contra o chão. O galo já não canta. Tonho Padeiro, enfim, calou.

Os tempos vão, assim, se misturando. Dinda, pela manhã, resmunga coisa que ninguém compreende. E tá que funga. Varrendo. Limpando. A rua. A praça. O quintal. Lamuriando um resmungo fino, como é fino o fio da água que escorre do bambú lavado, aberto, chegando da serra direto ao seu quintal.

"ÊTA BOIADINHA À TOA ..."

Natividade que se mexe, neste pé-de-serra, se espreguiça cá embaixo, boceja sonolenta. Acorda, mas não deperta de todo. Tem sono de pedra. Vira. Remexe. Vai passar o dia inteiro assim, "ociosa", se esparramando preguiçosa e "indolente" nos bancos da praça ...

Entretanto, agora me ocorre ao espreitar, cá de cima, a cidade sob as luzes da manhã rompendo-lhe a noite, na familiaridade dos seus ruídos matinais, um costume nativitano: quando Dinda me espanta da cozinha, logo cedo, lembrando-me que

"aqui não é lugar de homem", penso na tradição do "gole" de todas manhãs.

Ninguém sai de casa, deixando a privacidade doméstica para lançar-se à rua e misturar-se, "na rua", sem antes tomar um "gole de café". É o mesmo que começar o dia sem lavar a cara. É passar por cima de um importante momento ritual: é o "gole" que acaba por despertar, enfim, o homem.

No entanto, a mulher que acorda o homem para o seu dia, despertou primeiro - "em antes do galo cantar ..." - para os ofícios do seu dia que começa na axa da lenha que põe fogo a crepitar no jirau da cozinha perfumada de café.

Os movimentos da vida alteram-se nos tempos e nos espaços, nestas zonas de sombra em que a nitidez perde os seus contornos de claro e escuro. Talvez por isso se diga que, à noite, todos os gatos são pardos. Mas não são.



A propósito da presença "deles" e "delas" nos espaços aparentes da vida desta cidade, e retomando, uma vez mais, a analogia do espelho, penso, então, que a "invisibilidade delas", na praça, tem a sua imagem invertida por detrás do espelho: elas são "visíveis" nos escuros de quintais e de cozinhas, onde eles, por sua vez, não são tão facilmente percebidos. (Aliás, da mesma forma que "elas", na praça ...). A invisibilidade "deles", aí, nestes escuros, tem, igualmente, a sua imagem invertida, por detrás do espelho: na praça, onde

eles são mais facilmente percebidos, a observação de "ociosidade" com que aparecem aos olhos de GARDNER, o cronista inglês de que já falei, ainda pode ser lida através de imagens ainda mais profundas, mais para dentro, num mergulho de maiores inflexões. A "ociosidade" e a "indolência" na praça, reportam nosso olhar a uma outra direção: os conteúdos inaparentes do seu movimento na praça, expressam formas do universo mais global de que o "mundo da rua ou da praça" são apenas parte.

Falei anteriormente das fases por que passa o arrançamento das tramas que organizam a vida social de Natividade em torno do trabalho. Pude me referir aos ciclos históricos da produção, organizando-os em etapas distintas, e disse que o fazia apenas para efeito didático, para melhor clareza, uma vez que eles me parecem entrecruzados, mantendo-se, assim, da mesma forma, "misturados", ao longo dos tempos com que a vida vai-se construindo neste constante movimento de serra-pé-de-serra. Penso, assim, - e repito - que as aparências de antinomias que, à luz do dia, podem confundir a nossa visão com miragens de compartimentos extanques, separando homens e mulheres, seus espaços e seus tempos, qualificando-os, rotulando-os a partir do "ócio" e do "labor" - visíveis aqui, invisíveis ali - precisam ser revistas.

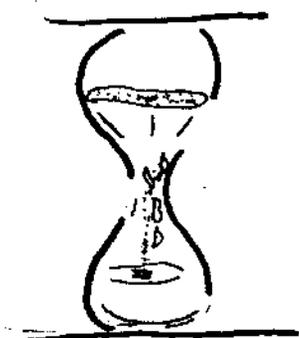
Acho imprescindível, então, provocar a incisão da luz do dia, um pouco mais intensamente, sobre o problema da "exclusividade" do "mundo delas", até agora às escuras, para permitir a percepção do borramento das fronteiras que parecem separá-las do "mundo deles", mas apenas parecem, uma vez que, tanto "eles" quanto "elas", estão constantemente presentes, circulando de um mundo a outro.

Esta justaposição permite que se ponha em cheque a idéia de que "mundo de homem é o trabalho" e que "mundo de mulher" é a família. Apesar do "labor" e da "ociosidade" apenas aparentes.

Por compreender que as noções de espaço socialmente construídas, e as noções de tempo, socialmente construídas, são interdependentes relacionadas, e que as amarrações dos papéis sociais, da mesma forma, nelas encontram fortes esteios, acho oportunas as suas superposições.

Devo me referir, mais adiante, então, aos processos por que passa a família em Natividade, quando o homem fica "invisível" e a mulher sobe à cena.

Antes, porém, mais um olhar sobre a cidade, nas primeiras horas do seu dia.



O único relógio publicamente visível na cidade está dependurado numa das agências bancárias, na Praça do Correio.

No entanto, as folhas que caem da árvore anciã indômita e eterna sobre a praça, marcam compassos que ocupam as horas do dia, entre os horários visíveis do zelo do gari: a quantidade de folhas mortas sobre o chão, nos intervalos do seu ofício, também podem denotar que tempo será este em que elas se amontoam, a exemplo de finos grãos de areia a escorrer de uma enorme ampulheta.

Pelo chão da praça, nas horas do seu dia, escoam folhas mortas no ritmo de um tempo sem fim.

Pela cidade se espalham esparsas, vetustas figuras dos potentes galhos de inumeráveis Jatobás. Esta árvore de portentosa nobreza é quase um símbolo nativitano, tal é a relação que com ela estabelece a gente da cidade.

O Jatobá é remédio prá quase tudo, de virtude que não acaba.

O fruto do Jatobá é uma baga de casca grossa e pesada que, com o tempo, no chão despenca. Por esta razão, não se deve construir debaixo das suas galhas. Diz-se, também, que o jatobá chama ventos, atrai raios, anuncia chuvas, denunciando, assim, as intempéries no ritmo harmônico da queda das suas bagas. Desta forma, os jatobás da cidade também sincronizam fases do tempo, chegando mesmo a tornar possível aos nativitanos - que sabem como compreendê-lo, - que prenunciem, através dele, os ciclos sazonais da vida: a chegada das "águas" e, com o seu fim, as "secas", o "estio".

Bem assim é a aruá do cerrado, flor que, ao cair no chão poeirento que caracteriza a longa estiagem, também é forte prenunciadora do "inverno" (estação chuvosa), dizendo que a "florada do caju se aproxima, que vai perfumar o vento, e que já se pode pressintir "no ar" o cheiro bom das chuvas que a sabiá, por sua vez, puxa pelo bico no seu canto sazonal.

Assim, não somente o relógio da agência bancária pontua tempos em Natividade. Conforme se viu, outras sinalizações possibilitam aos homens e às mulheres marcarem as suas vidas com intervalos precisos, percebendo o escoar dos seus ciclos em sinais visíveis na natureza ao seu redor, demarcando estações, separando o conjunto das atividades - e não apenas do trabalho -, dizendo quais delas são próprias quando e, enfim, permitindo-lhes perceber cada uma das fases do dia, dos meses e dos anos, com o que incorporam o conhecimento, - "deles" e "delas" -, de quando é tempo disto e quando será tempo daquilo.

O relógio da agência bancária, diante deste conhecimento que se repassa de uma geração a outra, pode mesmo ser encarado como uma novidade recente, como modernidade destes tempos de

agitação que se percebe como o "progresso" chegando à cidade. Os ponteiros disciplinadores do "relógio do banco", são adequadamente apropriados ao tipo de mercado financeiro que hoje movimenta a economia da cidade, de que a agência é espelho e referência, nesta nova Natividade em que as divisas do tempo se marcam, também, através das cercas da "Fazenda", onde o gado se multiplica e engorda, lota as carretas de uma nova derrama das sempre pepitas: o tempo do "ouro" escoia de outras "bateias" - o pasto, o curral, os "retiros de gerais", a "invernada" - mas, no caso das derramas que da FERRA frutificam em letras de valor bancário, são os ponteiros do "relógio do capital" que sinalizam as suas marcações.*

Mesmo assim, quando percebemos o amanhecer da cidade, e quando acompanhamos o seu dia até que, chegada a noite, ela tente outra vez fugir da avidez dos nossos olhos; enfim, quando tentamos apreender a vida da cidade a se movimentar, cá embaixo, neste pé-de-serra, notamos que o tempo das vidas das gentes e das suas culturas, não se disciplina num único compasso. Leva-nos mesmo a supor que, em muitos casos, este tempo "especial" com que se manifesta a vida - o das culturas - parece mesmo desconhecer o "tempo do relógio" que disciplina ainda que à distância, o "tempo do peão", quando em "tempo de fazenda".

Que dizer, então, do "ócio" do moço na praça, enquanto as folhas caem compassadas ao ritmo de um plangente "tic-tac" que faz sonora a indolência da cidade?

Natividade, enfim, assim tão desperta, parece dos homens que aparecem seus despertadores. A alvorada surpreende com luz

*Não são poucos os velhos de Natividade que não sabem ler o tempo através dos ponteiros de um relógio.

de sol o dia da "rua", onde "eles" são percebidos em suas ocupações "visíveis" nas praças, no comércio, nos bancos, mais do que "elas", cuja vasão é silenciosa e "invisível", mas candalosa na sutileza dos seus escuros.

O padeiro grita ao entregar o pão. O gari estridente esgoela seu varrer. O galo canta. E, assim, são "eles" que entregam o pão, que varrem a praça, que abatem o gado no matadouro, que abrem as portas do comércio, que administram as repartições, que burocratizam nos escritórios, que dirigem o ônibus que chega e parte, que movimentam as balsas do Manoel Alves. Enfim: são "eles" que transitam mundos aparentes da vida que aparece aos nossos olhos.

E são eles que pensam despertar a cidade de pedra ...

Noto, no entanto, que as casas de Natividade, em sua maioria, comunicam espaços de quintais pelo vão desmoronado dos adobes e por rasgos no arame das cercas - fronteiras rompidas - interpenetrando adjacências de terreiros - "lugar de mulheres" - que, assim, se comunicam.

Quando a mulher despertada "em antes do galo" acaba de cumprir com os rituais silentes dos seus ofícios matinais, ainda é escuro.

Crepita fogo do feijão

Já, já cozinha

Batuca quirela

Casca que casca

E óia a bóia, muié!

Caminha ...

Caminha ...

Avia porco

Tange pinto

Espia, dona

Acorda, gente

Acóde

O balde

O pano

"- Mulher, dá de beber teu
gole, vou romper que é dia!"

Espia cisco

Cata folha

Tem terreiro por varrer

Avia.

Suspira, dona!

Sinhá, sossega!

É dia ...

Pelo vão da cerca, Sá Dona espia: a companheira Sinhá que não sossega, suspira. Corta por ali, chega lá num pulo. É quase dia. Lá fora, a trempe crepita cozinhando roupa de patroa. Branca. O homem saiu. Sinhá que encontra Sá Dona sabe que o vão da cerca de arame rompido, ou que o muro de adobe desmanchando, as aproxima. Os seus quintais se estendem. Escuros que vão bem longe. Sem limites. Prá lá do rio. Até os confins do mundo ...

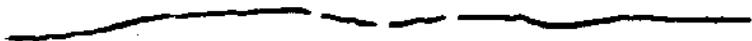
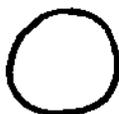
Quando, enfim, os ponteiros do único relógio publicamente visível da cidade anunciam as "oito", e quando, então, as portas do comércio, pontualmente se abrem, de há muito "elas" se foram para a beira dos "cór'gos", carregando coloridas trouxas na direção da sua "praia", depois de terem "espichado falação de borracha", na porte do mercado, com um cipó de carne enroscado no dedo.

Sob a luz do sol, um velho Jatobá.

No ônibus que encosta no ponto dos Tucuns, defronte o hospital, aportando Natividade e procedendo das Almas, o cobrador sorri ao retirante que chega, e anuncia:

A cidade é aqui, moço. Pode appear.

Não tendo havido atrasos - o que é raro, dado os atropelos deste caminho - "o carro encosta por aqui às nove".



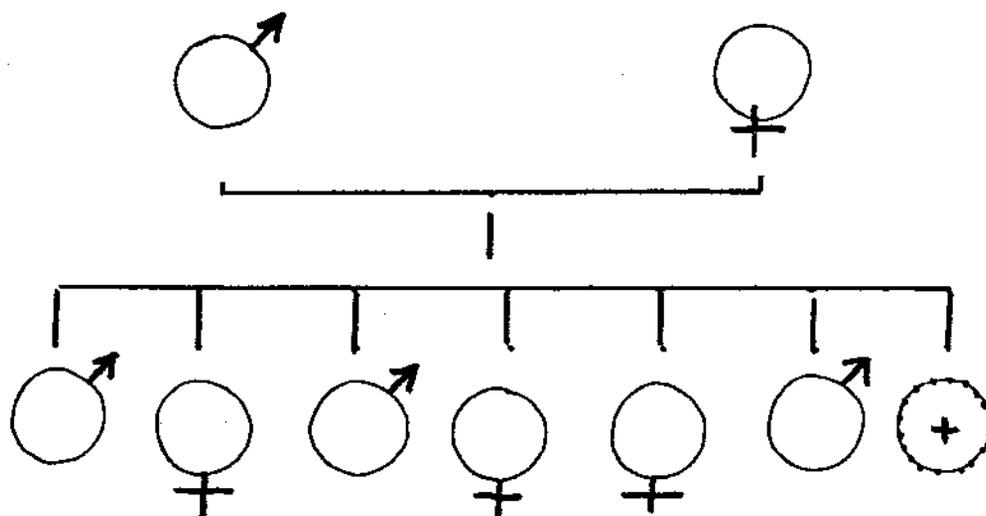
O "ESPAÇO DOMÉSTICO": TEMPO DE MULHER?

O (RE)-DESENHO DA (DES)-ESTRUTURA: FAMÍLIA E MUDANÇA

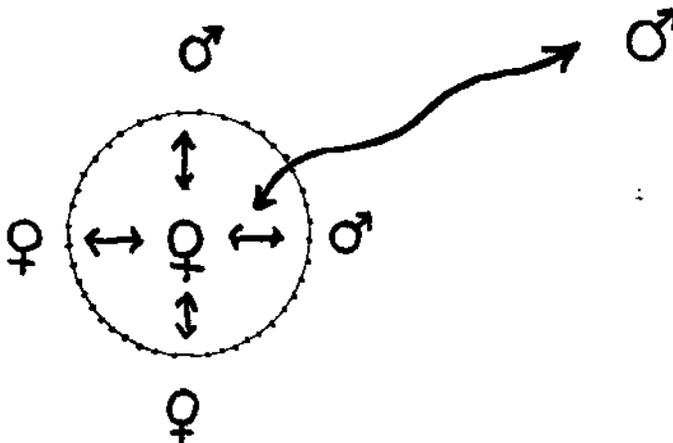
As modificações que vão sendo introduzidas na vida da Sociedade local, sobretudo como decorrência das transformações operadas no "mundo da Fazenda", como se viu, ajudam a melhor compreender o processo de mudanças por que passa a família, também em Natividade.

Vale ressaltar, então, uma vez ainda, que é sobretudo sob a influência de fatores decorrentes das rápidas transformações que se operam no universo do trabalho, - "a fazenda, agora, já não é mais a mesma, mudou" -, que a sociedade local, como um todo, se modifica.

A família, por sua vez, refletida nessa mesma e intensa dinâmica social, espelha, ela própria, rápidas transformações, no sentido de se inserir no interior do processo.



Num primeiro momento, por efeito do ventos que, do mundo do trabalho, batem sobre a sua estrutura, repercutindo nas várias "economias" postas em circulação, a família se "fragmenta". "Dispersa" os seus membros. Segundo alguns, ela se "deseestrutura".



Melhor seria dizer que, nessa etapa do seu processo, ela re-desenha o jogo das suas forças: a família, por seus membros, re-arranja os seus "recursos", re-organiza-se em suas possibilidades, procura dar respostas, na sua especificidade, aos estímulos que lhe provocam atualizações.

Acho que não seria incorreto afirmar que as "economias" do grupo familiar - mesmo aquelas em que circulam bens simbólicos, - percebendo arriscado a própria família em sua sobrevivência, embarcam no pretexto "desorganizador" e "desestruturante" da renda familiar ameaçada.

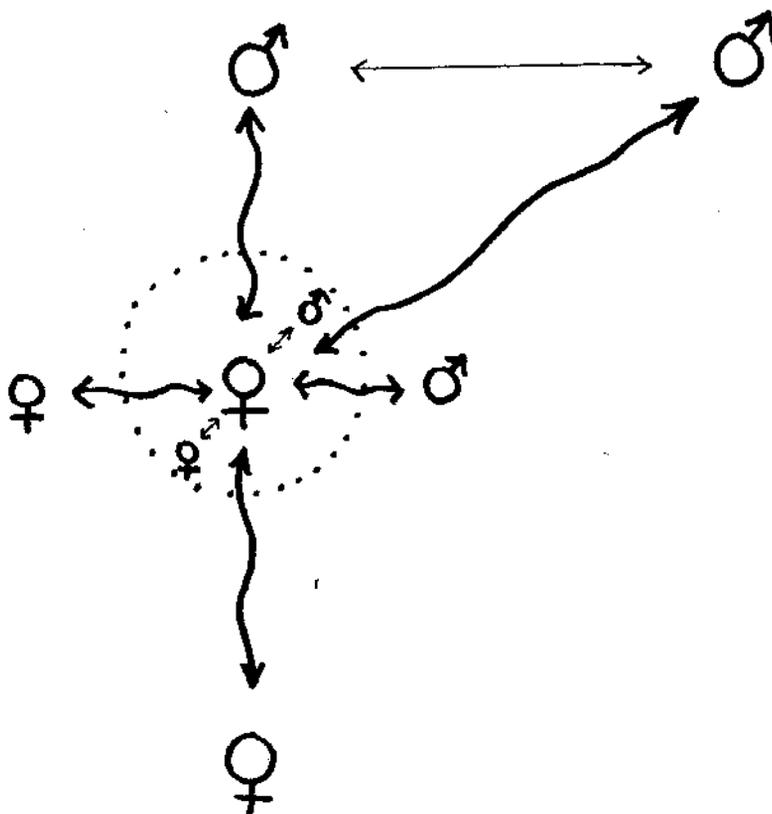
Penso, assim, que a "onda dispersante" que atinge a estrutura familiar "debilitada", não pode ser vista como um bloco monolítico e único. Ela engloba uma somatória de estímulos vários. Nela se enfeixando, a resultante desses estímulos cataliza a reação que aparece, na superfície, em tons caóticos e "de-formadores".

A família se espalha. A família se (re)-modela em seus novos espaços. Se des-figura. Figura novamente. Se re-desenha. A família, em seu movimento, se trans-forma. Se convulsiona,

ganhando novas dimensões. Se re-equilibra em torno dos seus novos e re-atualizados centros.

O primeiro a sair, em geral, é o "homem-marido". O "cônjuge" deixa o "lar". Ele "sai prô mundo e vai caçar um jeito de melhorar". A mulher é quem fica. Em torno dela, vão girar, re-orientadas, as tensões dessa família que, agora, se modifica, redefinindo-se pela e através da organização dos seus espaços. Ela, a mulher, continua referencial, se situando nos mesmos centros: é desse ponto "fixo", - porém em movimento, - que ela, enquanto indivíduo, vai experimentar as mudanças de agora.

Ela como que guarda o seu "posto". E é a partir daí que se vai redefinindo em seus papéis: a mulher, a mulher-esposa, a mulher-mãe, a mulher-companheira, enfim, esta mulher, enquanto ator social, interagindo na intimidade da dinâmica que modifica as fisionomias do grupo social a que ela pertence.



O "cônjuge", - o homem que "saiu prô mundo", - continua, a princípio, firmemente vinculado à família. Através da mulher. É através dela, que permanece no "seu" mundo, que passa a rede por onde circulam as informações "vitais" para o grupo familiar.

As notícias dele chegam até ela. E ela as repassa. Desde aqui. Daqui prá acolá. De lá prá cá. "Ele", - é assim que a "esposa" se refere ao "esposo" distante -, continua se comunicando com ela, mas é por uns tempos. De longe. À distancia, "quem sabe desse mundo de Deus?"

"Ele, assim mesmo - distante -, segue participando, esporadicamente, da "manutenção" da família, com os "reforços" que envia, de tempos em tempos: "Prás despesas, prô gasto, que é ela no entanto, quem administra.

Ele manda dizer que "passa dificuldades, ainda sem trabalho". Mas também insiste, - ainda insiste - em que "tem esperança de um dia melhorar". Continua afirmando que "um dia volta". E ela, por sua vez, vai "résistindo como pode".

É cada vez maior e mais vário o "peso" que sobre essa mulher recai. A "distância dele" vai ficando cada vez mais efetiva. "Ele" vai se tornando mais e mais ausente na concretude do mundo que, agora, parece ser exclusivo dela.

Essa mulher que, agora, "trabalha fora", subempregada "na rua", vive de "bicos". Passa a vender a outros, "fora de casa", os seus "serviços de mulher": lava e passa "prá fora" limpa casa toma conta de menino. É bordadeira. É doceira. É cozinheira (o "forno-e-fogão"). É rendeira, costureira, poteira. Sai de "bóia-fria" (já não tão raro em Natividade), e até já pensou, - "Que Deus me guarde da desonra", - em "tocar vida ..."

Não vejo porque se pensar que esse seja o único encadeamento possível para a realização do processo

"des-naturador" que atinge a família. Apenas quero frisar esta seqüência, não como encaminhamento obrigatório, mas como alternativa possível e que é comumente encontrada.

Diferentes vicinais do caminho, podem, entretanto, levar, também, ao mesmo rumo. O que estou querendo, assim, é salientar, no espaço desta reflexão, o aparecimento de uma categoria especial de sujeitos criada no bojo do processo que venho tentando descrever: trata-se da categoria da "mulher ausente".

MULHER DE MARIDO AUSENTE, "AUSENTE" É

Desde que "ele" sai, ela passa a ser chamada, pelos do seu grupo, de "ausente". Quando a falta da presença efetiva dele é percebida no meio dela como "ausência", de fato, ela, então, é reconhecida na condição de "mulher-ausente". É a saída do homem que é seu marido que lhe confere, socialmente, essa nova atribuição: "mulher-ausente", portanto, é aquela "esposa" cujo "marido" se "ausentou" de seu papel. Como se a condição de "mulher", nela, fosse conferida por "ele". Ela, então, já não é nem solteira nem viúva, mas também "não vive feito mulher casada, de marido em casa". Assim,

- "Fulana é viúva?"

- "Não, Fulana é ausente ..."

quer dizer: "Ela é mulher de marido que sumiu no mundo. É ausente".

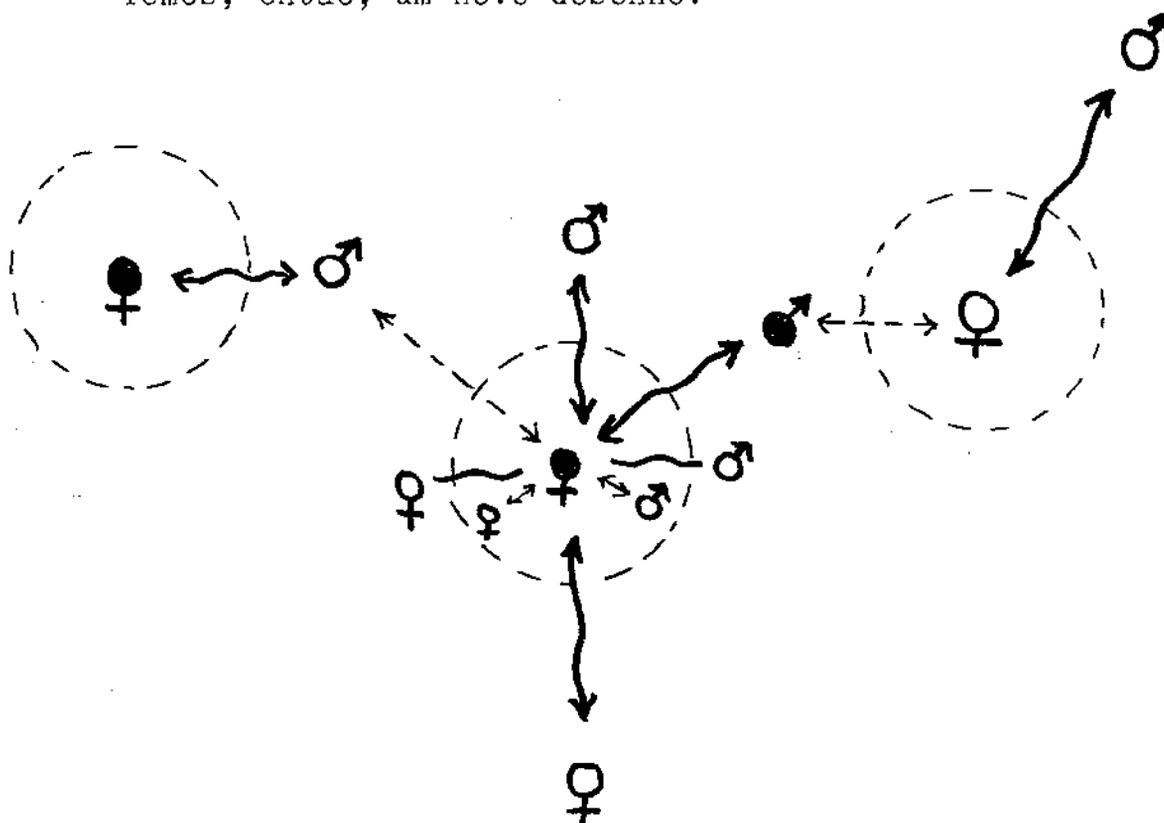
A dispersão do núcleo familiar da qual eu falava vai viver, então, um segundo momento do seu processo: já se completou - (ao menos em termos) -, a elaboração da saída do "homem-marido" e do "homem-pai". Já então são raras ou, quem sabe, nulas, as suas notícias. Mais raros ainda são os

"reforços" que, chegando dele, contribuem para a manutenção dos "gastos" da família. O grupo se prepara, agora, para mais uma mudança na sua configuração espacial. Avaliou as possibilidades de cada um. Refletiu sobre os riscos desse novo remanejamento. Arriscou-se, mesmo, a prever, alguns resultados. Pensou na sua "renda", cada vez menor. Analisou a distribuição dos "pesos" no "espaço" da balança. Acabou por se decidir: "-Sai Fulano, o mais velho, que tá em tempo de servir o governo. Vai primeiro. E vai, depois, Beltrana, prá trabalhar de doméstica, "na rua".

Mais tarde, é bastante provável que o que era soldado, vá procurar o pai, que "deve andar aí, por esses nortes, quem sabe dele?"; que a "doméstica" mande notícias, de vez em quando, "falando da vida lá na rua".

Tanto Fulano quanto Beltrana contribuem, assim com essa "ausente" que é a sua mãe, na circulação de coisas essenciais à vida da família: colaboram com as "economias" do grupo, e não deixam de colocar no circuito familiar as informações importantes à manutenção do seu "equilíbrio".

Temos, então, um novo desenho:



Afora a renda familiar preocupante - (essa é apenas uma das "economias" do "lar") - uma outra "economia familiar" está sendo, igualmente, re-estruturada: seria correto falar numa "economia afetiva"? A nova configuração espacial, - apenas para manter a mesma linguagem -, que assumem os elos das relações afetivas, ou seja, a "anatomia" da "emoção familiar", e o desenho dos canais através dos quais essa emoção circula (o seu arcabouço afetivo), está sendo retraçado, a esse tempo, nesse novo espaço em que a família em mudança se espraia.

Um outro momento: a mulher ainda sabe do "marido", mesmo que já não mais receba, - pelo menos não diretamente -, as suas notícias. Ainda que, enquanto mulher, "esteja ausente". Ainda que já não conte mais com o mais leve aceno da sua "presença" efetiva. Ainda que seja "pública" essa "sua" prolongada "ausência".

Da "mulher-mãe", entretanto não se desligam os filhos. Ainda que distantes. Apesar de ausentes. Ela lhes sabe próximos. Porque sente: "vivem de junto, e incomoda saber quando ei's não tá bem".

Sobre essa "mulher-ausente" tende a recair, assim, o peso das expectativas da família, este grupo social que se re-arruma no espaço. E que se-arranja no tempo.

Não será demasiado concluir que a "carga efetiva" convergida para esse pólo referencial, através de canais que, como se viu, o tempo vai abrindo no espaço dessa pequena grande constelação é, pois, considerável.

Dos filhos que ficaram, no caso que estou relatando a título de ilustração, tem "um na roça, trabalhando de empreiteiro, como tratorista em fazenda" e esse, ela pouco vê, ainda que esteja mais por perto. Ela conta que "ele pouco vem aqui". E quanto aos outros três, ela diz que "a menina trabalha de empregada e eu sou obrigada a largar os dois pequenos prá

aqui e prá ali, um mais o outro. Não dou conta ...".

É assim que, segundo me parece, vai se refazendo em torno dessa figura de mulher - "fixa em seu centro" - a "economia afetiva" do núcleo familiar em movimento de "dipersão".

Desgovernança, prá lidar com essa coisinha qualquer da vida de mulher. Assim que é o meu incômodo. Esse trem que vem de me doer, zuando na caixa da cabeça, c'ô agitação nas carnes, feito mocotó. Um perrengue só, esse meu viver. Uma fumaçona grossa, batendo direto nas vistas. Mais um bocado de corda, me prendendo o corpo no lugar de nervo. Um trem podre que me azeda por dentro, sobe e desce. Isso me acaba. Já lá vai tempo. Turvação no véu da idéia, e o pensamento que vai fugindo, até que tem uma horinha rápida que chega escapar. Então, a como é, não lembro.

Um dia, essa figura solitária de mulher "arruma um companheiro". Alguém que "tá por aqui mesmo, mas apenas de passagem". Com ele estabelece uma relação "sem compromisso", em que ela, mesmo assim, começa a depositar expectativas: as da sua "ausência" - quem sabe? - ou as da falta do companheiro, é mais certo. Apesar do "trato" de que tudo seja "passageiro", então, talvez por estas razões ela passe a agir como se desejasse uma permanência mais efetiva "dele" junto "dela". Por que? Seria bom para "ela" caso "ele" realmente ficasse? Por quê? Em que aliviaria, de fato, a tensão dos ombros dela a incerta permanência deste outro? Mesmo sem que este outro lhe acrescente apoio visível?

Neste caso, pelo que pude observar, quem deve "garantir" é ela. E ambos sabem disso. É assim que esse "ele" vai se

tornando, o seu "companheiro". Sempre como quem está apenas "de passagem". Por ela também. E "ela" acaba por se familiarizar com a transitoriedade das relações, no seio da "sua" família.

É muito provável que, lá longe, na sua "distância", o "homem-marido" dessa "mulher-ausente" esteja, também ele, só, "de passagem" na casa de uma outra, como ela, "ausente".

E a família, "deles" e "delas" acaba, desse modo, assumindo uma outra configuração, alastrando seu espaço neste seu outro tempo.

DO QUE ERA NUCLEAR AO QUE SERÁ DIFUSO

"Uma aguinha amarela, fedida, nojenta, supurando num olho d'água suja, esse meu corpo..."

Esse agitar das águas, no aparentemente limitado círculo das relações familiares, tem na mulher, por certo, um epicentro. Para ela convergem, em grande parte, as tensões e as expectativas dos sujeitos que circulam na esfera desse grupo em franco processo de mudanças, que é a família. No re-arrançamento da sua estrutura, ou seja, no caminho das suas transformações desde a configuração nuclear até a configuração difusa, a mulher como que aparece, centrada em seu ponto, "fixa": posição de convergência e dispersão, localizado, por sua vez, num campo de forças sociais bem mais amplo em que, também ela, age, inter-age, co-participa.

Assim é que, vistos com atenção e cuidado, os espaços plurais de quintais e de cozinhas, se revelam muito mais amplos do que possam aparentar no limitado e corriqueiro traçado dos seus débeis contornos, ou das suas fronteiras visíveis.

Pode-se perceber, então, para além do mero jogo de contrastes da dualidade claro-escuro (ou claro ou escuro), o espectro surpreendente das possíveis nuances desse complicado mundo: o mundo em que a mulher se movimenta, ocupando o seu lugar no desaguadouro das tensões familiares, o qual pode, por sua vez, ser movediço. Não deverá ser, por isso mesmo, cruzado às pressas, desavisadamente.

Desdobrado em mundos e, assim, "difuso", o "espaço doméstico", - território "exclusivo" de mulheres -, extrapola os seus próprios muros. É levado, por seus membros, para além das suas próprias fronteiras. Esbarra, por isso mesmo, em outros limites. Chega aos confins de outros tantos mundos.

Cozinhas e quintais saltam suas próprias cercas. Prolongam-se, invisíveis e indemarcáveis, na vida da cidade. Lá, onde a "gente de casa", cruza "gentes de outras casas", tecendo a trama das relações sociais de que, juntos, participam.

O "mundo da mulher", não se reduz ao que se convencionou chamar de "o espaço doméstico": da pedra ao poço, e do fogão à cama, passando pela tábua de lavar e pelo ferro em brasa, ou no "Poço da Lavadeiras", onde elas são francamente "visíveis", desde as primeiras luzes do dia que amanhece na cidade que é "delas" e que é "deles".

POR DETRÁS DO ESPELHO

Aquele solo, um "sudário imenso" ...

"... e, afirmava o velho Lúcio Coelho que, segundo alguns supersticiosos, de tão idoso, virava lubisome na quaresma, que a tintura da área se devia ao volume de sangue esguichado dos escravos pelo látigo dos seus algozes, o solo agindo, assim, como sudário imenso ... Ele afirmava, também, que os montes e montículos de quartzos leitosos na subida e no alto da serra, próximos dos desmontes que atestavam o sacrifício do africano, eram o suor e as lágrimas cristalizadas dos escravos seus irmãos. Sim, porque o suor e as lágrimas dos escravos são brancos".⁴²

ETNOCARTOGRAFIA: MAPEANDO "RUÍNAS"

Os "vestígios" do tempo da serra estão espalhados por toda parte, nos espaços da cidade. Natividade os "esconde", às vezes onde menos se espera: num desavisado beco, por exemplo, podem saltar aos nossos olhos, de repente, ladrilhos acantonados sob nossos pés, no chão que pisamos; num campo mais afastado, num meio de pasto, não é raro sermos surpreendidos pelo traçado retilíneo e firme com que a pedra lavrada em blocos bem acabados, uniformes, todos muito iguais, perfeitamente esquadrinhados e assentados, desprende do chão e da saroba os "restos" de um velho e abandonado muro, marcando a propriedade com os seus desmaios amarronados, aqui ou ali; por vezes a "canga" do antigo alicerce de alguma casa desaparecida, sabe-se lá quando - BACHELARD diria-nos restar-lhe o pensamento e o sonho - persiste insinuado, firme, emaranhando-se às grossas raízes com que um velho Jatobá se gruda ao chão; pode, ainda, reaparecer aos nossos olhos, em sinais evidentes do que poderia ter sido uma parede, e cujo "resquício" resistiu, ereto, eras e mais eras, parecendo, agora, ocultar-se no brinquedo deste estranho esconde-esconde em que nos entreolhamos sem saber quem descobriu quem, nos fundos de antigos quintais outrora indevárssáveis, hoje apenas desleixo baldio de uma periferia qualquer da cidade, nada mais.

Difícil traçar um perfil das "ruínas" que Natividade esparrama desmedida por aí, alhures e algures. Elas aparecem, como falei, nos lugares menos surpreendentes, e é por isso mesmo que mais surpreendem. É como encontrar, de repente, a "pista": aquele traçado aparentemente descohtínuo, pode compor um mapa que nos levaria à "mina do tesouro". Ou, quem sabe, àquele sítio primeiro da origem nativitana, de onde partem as

suas esferas urbanas, concêntricas ao ponto onde um caracól se esconde. Talvez ...

Segundo suponho, o manuseio da cartografia deve levar o indivíduo (profissional ou amante), a exercitar-se tanto na escrita dos signos cartográficos que compõem o desenho dos mapas, quanto na sua leitura. Penso que o sujeito que inscreve o traçado de uma determinada área geográfica, desenhando os seus relevos, a variedade dos seus acidentes, a distribuição e a mistura da vegetação, as variações do solo, talvez até mesmo as tendências de caracterização dos vários ecossistemas - incorporando mesmo a sua fauna - o faça baseado de dois modos: em primeiro lugar, a apreensão da área em estudo, pelos recursos do seu olhar que a capta, munido do equipamentos de apoio que lhe permite o instrumental tecnológico a seu dispor; e, em segundo lugar, - tudo isso não passa de suposições e de divagações que faço -, imagino que o cartógrafo se fundamente nos próprios códigos de representações e de significados que, ou são colocados na sua mão pelas sistematizações do conhecimento que é o próprio da sua especialização, ou que podem estar sendo criados por ele mesmo, à medida que se exercita, na prática. Ou seja: tanto mais este "fotógrafo da geografia" manuseia os seus próprios sistemas de significações, compreendendo-lhe os mais secretos códigos, tanto melhor ele inscreve sobre o desenho do seu mapa a realidade apreendida. Consequentemente, mais possibilidades de leitura ele poderá oferecer, posteriormente, a quantos possam recorrer às "tomadas" por ele feitas.

Uma vez apreendida a geografia que reteve sobre o foco das suas angulares e das suas panorâmicas, e uma vez "revelado o mapa", é o momento, então, de um segundo sujeito proceder à sua leitura, tentando apreender dos desenhos os seus significados. Coloca-se para este sujeito, então, o velho dilema da multiplicidade das interpretações possíveis que se

abre sobre um fato, sendo, agora, o emaranhado traçado de um mapa o fato que se quer interpretar.

É presente a necessidade de que se esteja de posse de alguma espécie de "chave" que decodifique aquele sistema simbólico de representações, em seus vários significados, para que se possa proceder a leitura: mediante esta ou aquela convenção, por exemplo, posso avaliar os tipos de vegetação que se distribuem nas áreas mais elevadas e nas menos elevadas; ou nas margens de quais rios ou córregos o terreno é mais propício ou menos propício às atividades da agricultura ou da pecuária, e assim por diante.

Mas, suponhamos que, uma vez concluído o trabalho do cartógrafo, restasse apenas o mapa, ainda que minuciosamente detalhado em seus caprichados desenhos, farto nas descrições gráficas dos elementos daquela topografia em especial, sem que, no entanto, se apresentassem as "pistas", as "sinalizações" convencionais, as "chaves" com que, enfim, qualquer leitor pudesse ter acesso ao manancial das suas leituras: como seria? De que forma proceder, assim desarmado, a interpretação desta "fotografia" de uma região que o leitor não dá conta, sequer, de localizá-la onde quer que seja, uma vez que o cartógrafo "apagou-lhe as pistas", "borrou-lhe os títulos", não deixou "vestígios" das convenções utilizadas, e nem sempre se baseou em esquemas universais de representação?

O leitor é tomado, subitamente, pela sua própria liberdade de escolha quanto aos caminhos por onde incursionar sua leitura: a inventiva do olhar sobre um mapa sem pistas, deve criar sua própria bússula, e descobrir no espaço em torno os "sinais" com que se iniciar na interpretação de um "arruinado" sistema de traços confusos, onde, enfim, poderá encontrar sentido com que orientar sua busca.

Quando o "tesouro" é um caracol, então, o observador tem aumentadas as suas expectativas quanto à riqueza dos detalhes que este obscuro mapa deverá conter para que possa lhe servir de valia: em que lugares estranhos um caracol se esconde?

Me ocorre, ainda, uma outra situação: como seria para um indivíduo, perdido numa região erma e deserta, de posse apenas de um velho "mapa da mina" - sem que ele estivesse, necessariamente, procurando a "mina" - ao tentar sair, utilizando-se daquele carcomido pergaminho, da sensação de desorientação espacial e de perda dos referenciais de rumo? Como seria, então, localizar-se, agora, no espaço, servindo-se de um instrumento de orientação que, além de estar desprovido das "pistas sinalizadoras", tivesse sido concebido para ser manuseado num outro tempo?

São gritantes as diferenças entre os procedimentos de leitura dos mapas antigos e dos mapas modernos. Porque eles não diferem apenas na forma. Diferem, sobretudo, nos seus significados.

Enquanto me afasto de Natividade, ao pé-da-serra, vou me aproximando do Arraial lá de cima. Pressinto seus "vestígios", a caminho, enquanto reflito a observar suas ruínas, tentando desvendar-lhe os códigos.

Tanto para frente (e para o alto), como para trás (e para baixo), o meu olhar percorre curvas ariscas misturando mapas: o antigo se confunde no moderno ...

Imagino, a subir, que qualquer arremedo de especulação turística - a mais primitiva - poderia, aqui em Natividade, traçar alternativas de rotas e de "tournées" aprazíveis de incursões pelos desvãos do passado desta cidade, com maior eficiência do que eu. Entretanto, cabe ressaltar, não é esta a minha intenção. O que pretendo é demonstrar a vertigem da rosa destes ventos, com a minha bússola avariando rotas de carcomidos mapas.

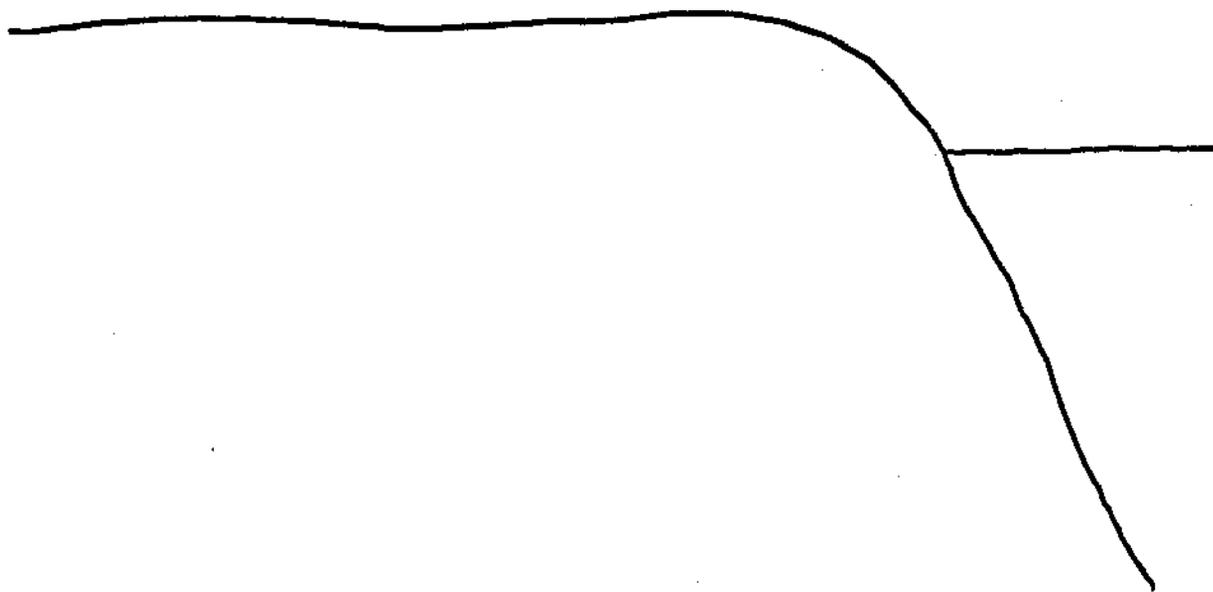
É a propósito se dizer que o presente etnográfico tanto mais se caracteriza, quanto mais revela na etnografia o seu esforço em codificar a leitura de "sinais" oriundos de um passado, que tanto pode ser temporal quanto geográfico, nos seus significados presentes, permitindo que se estabeleçam relações atuais do sistema em estudo, com elementos do presente.

Assim, - repito -, ao cruzar estas "ruínas", faço-o munido deste esforço etnográfico que poderá me abrir a visão para uma melhor compreensão de Natividade, hoje: da serra ao pé-da-serra.

E é deste modo que percebo, então, subjacente ao mapa da cidade salpicado por suas "ruínas", uma outra sorte delas - talvez o seu movimento especular, invertido - cujos caminhos são menos perceptíveis aos olhos do observador, porque se inscrevem no terreno fugidio dos sonhos: imagens esquivas, desertoras, que se movimentam sobre a pedra deste imenso tabuleiro.



"Com efeito, e isso é muito interessante, os Baruya têm uma quarta forma de passado para designar tudo aquilo que se passa ao longo da noite. Para eles o espírito de cada um deixa, no curso da noite, o corpo, e vaga percorrendo o território da tribo. De manhã, esse espírito deve retornar ao corpo. Do contrário, o indivíduo é um morto-vivo, alguma coisa que se mexe, que se desloca, mas que, efetivamente, já não é mais intrinsecamente humano".⁴³



UM TEMPO ANCESTRAL

Daqui de cima, enquanto se ascende, pode-se ouvir compassadas badaladas de um sino repicando longe, à distância, infinito como um lamento. Mas já não mais se ouve o couro espichado rangendo plangente o toque surdo de antigos tambores. A serra se cala.

E eu fico pensando ...

Quem visse a cidade, assim vestida, de véus e de fitas, caminhando piedosa e contrita aos pés da Santa na procissão da padroeira, no dia da sua grande festa, apenas imaginaria que Natividade é, fervorosamente, inteirinha católica. Mesmo se alguns se mantêm à espreita nas margens da rua por onde passa o cortejo, encabeçado pelas filhas mais moças de tradicionais famílias Nativitanas.

E ressalvaria esta primeira impressão, quando olhar convergisse para um conjunto de práticas desvinculadas da Igreja Oficial, às expensas de agências religiosas informais, para, então, afirmar a existência de nuances de um "catolicismo popular" - por onde a observação enveredaria - para, enfim, desembocar análises quanto ao comportamento religioso dos nativitanos na conclusão de que ele parece estar bastante próximo daquelas formas tradicionais de "expressão de fé", característica dos chamados "meios populares".

Ao contrário, porém - talvez por influência dos dados que, aos poucos, ia reunindo sobre o passado desta cidade e, porque não dizer, em função de uma certa direção dada ao meu "olhar" - eu imaginava encontrar neste pé-de-serra um tecido aparente, embora silencioso, de reminiscências religiosas africanas, mais ou menos organizadas em cultos e em "macumbas",

compondo uma trama que tornasse evidente, por este filão das práticas religiosas (tradicionais), a ligação de Natividade aos seus ancestrais - negros escravizados no alto da serra.

Imaginava, assim, encontrar uma rede visivelmente armada de expressões desta natureza, a beber a "seiva da fé" nas fontes preferenciais de "terreiros" organizados e institucionalmente constituídos, como soe acontecer nas "periferias" ...

Devo admitir que tal era a minha suposição e, talvez, a minha inconfessada expectativa. É possível, então, que eu tivesse a minha emoção nela arraigada, quando me pús a observar intuitivamente a cidade, enquanto perambulava os seus espaços, certo de que deveria estar sempre aberto às possibilidades que pudessem conduzir minha pesquisa até esta "porta-de-entrada". Eu imaginava, assim, poder embrenhar através dela pelo tecido social que, fatalmente, me conduziria ao caminho da serra e das suas "ruínas", permitindo-me interpretá-las ...

Natividade, no entanto, segundo pude constatar, e bem ao contrário do que eu pudesse prever, não tem um "terreiro" que seja. Nenhuma "casa" organizada de "culto" que figure formas do que chamamos de "cultos afro-brasileiros". Não se encontra por lá nenhuma expressão aberta das "macumbas" que convencionalmente imaginamos. Não se ouvem tambores. Não se percebem ritos que possam lembrar, ao menos de longe, uma "roda de santo". Nenhum couro ronca "toques de chamada". Natividade não reconhece "pais" ou "mães-de-santo" entre os seus filhos. E hoje posso afirmar que, ao tempo em que cheguei na cidade, as expressões rituais do candomblé - não apenas quanto à terminologia, mas quanto às formas - eram desconhecidas em Natividade.

Quando, no entanto, a minha busca parecia mais incisiva e, assim, persistia aos olhos da cidade, as pessoas, em geral,

se mostravam francamente esquivas. Em algumas ocasiões, lembro-me que respondiam às minhas indagações a respeito, com sorrisos que semelhavam a ironia e o desconcerto. E me olhavam. E me observavam. E eu passei a percebê-las atentas à minha "curiosidade". Era esta percepção que me fazia persistir no caminho.

Alguns meses após a minha chegada, e eu já me movimentava com mais familiaridade pelas intimidades da cidade, sendo mesmo recebido de modo afável e descontraído. Pude, assim, ir constantando, aos poucos, que a devoção contrita com que Natividade aparecia em público, na procissão da padroeira, por exemplo, não a impedia de compor - até com uma certa harmonia nas formas - com uma série de comportamentos subjacentes às manifestações mais aparentes da sua religiosidade. Ainda que tais comportamentos pudessem ser tomados como sendo incompatíveis com a fé tão devotamente expressa enquanto caminhava, sob o doce e meigo olhar da Mãe de Deus.

Eu andava à cata, como disse, de um pretexto que me levasse ao emaranhado das "ruínas", como quem busca num enovelado o fio da meada. Tentava apreender do alfabeto petrificado de "escombros" espalhados pela cidade, o seu segredo, a sua "chave". Precisava de "pistas" com que me orientar neste complicado "mapa antigo", no rumo do cerne - (histórico, sem dúvida) -, onde um caracol se escondia: elo e ponte de ligação do pé-da-serra à serra.

Ao invés de encontrar este fio - segundo inicialmente supunha - nas manifestações expressas do comportamento religioso da cidade, fui encontrá-lo por outras vias, a meu ver surpreendentes.

Para apresentar a primeira delas, transcrevo NOTAS:

Por uns tempos eu me limitei a apenas ouvir, repetidas vezes e, depois, atraído pelo desejo de desvendar o "mistério", eu mesmo passei a observar um fato que me pareceu curioso demais, e que constatei ser corriqueiro em Natividade: é bastante comum e frequente a cidade amanhecer revirada, esburacada, o chão aberto em ocos de terra mexida, escavada, às vezes até mesmo demolida, ora aqui, ora ali, sem que isso, no entanto, represente surpresa ou motivo de espanto para quem passe por estes "sítios devastados". Segundo pude notar, mais tarde, alguns destes lugares "mexidos", são mais preferidos do que outros para estas misteriosas (para mim, a princípio), escavações: as redondezas da velha Igreja do Rosário dos Negros - inconclusa e inacabada - que o tempo deixou transformar-se por inteira, até ficar (a)-"ruinada". É comum as suas paredes cobertas pela hera das eras amanhecerem, vez por outra, com os sinais evidentes de afoitas picaretas, apesar da vigilância das "irmãs", cuja casa divide o terreno com a velha construção em "ruínas": lugar que abrigou e abriga tantos sonhos, aquele! Outros lugares em que se observa a repetição frequente das "escavações noturnas": a região das "praias", nas proximidades do matadouro; a chácara da "Ave-Maria", nos Tucuns - que parece ter abrigado a maior senzala deste pé-de-serra-; o largo da matriz e os arredores do cemitério, são exemplos. Sem falar nos "trieiros" da serra, onde se concentra a maior área de traços remissivos do passado nativitano: quantas visões evoca! Quando procurei conhecer as causas destas sorradeiras incursões de silenciosos notívagos - eles jamais deixam qualquer espécie de vestígio - fiquei sabendo que elas estão sempre associadas às histórias que na cidade se contam com acentuada frequência, acerca de um "tempo de noite", povoado de "visões", de "assombrações" e de "visage". Segundo se costuma afirmar por aqui, Natividade, na verdade, tem dois tempos: "um pelo dia e outro pela noite". As

"escavações" com que a cidade é vasculhada, frequentemente, por seus ambulantes noturnos, estão sempre relacionadas a alguma "visão": alguém andou sendo recomendado a procurar aqueles sítios, e escavar fundo um buraco na terra ou na pedra, até encontrar o que em sonho lhe foi prometido. Pode colher uma série de relatos destes sonhos, que informam o sentido destas "escavações". Registrei-os, com pormenores que detalham e ambientam a "visão". É possível notar que determinadas características ligam estes fatos entre si. Algumas delas: - As histórias sempre se referem à "visão" de "gente antiga", falando através dos sonhos. Trata-se, no entanto, de uma "visão" e não de um sonho. - Essa "gente antiga", em geral, tem alguma ligação com um "tempo antigo", que, segundo relatos, "não é cá debaixo, é lá de cima", ou esse povo vem é da "Cidade Antiga" ...* - As histórias se referem à "visão de um negro" ou ao "vulto de uma negra", chegando, algumas delas, a descrever o tipo deste negro ou desta negra, em que destacam, sobretudo, o olhar. ("incendiado feito como que tá pegando fogo"). - Quando a "visão" comunica uma ordem ou um pedido que resulta em benefício do "dono do sonho", ele fica preso ao compromisso de pesado sigilo: caso alguém chegue mesmo a suspeitar da ação do "sonhador" a mandado da "visão", e o "encanto quebra". - Os "mandados", em geral, estão associados à promessa de algum "pote de ouro", ou de "uma tesoura de ouro", ainda um "tijolo de ouro", etc. Enfim: no mais das vezes, a história gira em torno de quantidades de ouro escondido em algum lugar. (No caso das "visões" que resultam nas "escavações a que me refiro. Há, no entanto, um sem-número delas cujos temas variam, guardando, assim mesmo, as características anteriormente citadas). - A "visão" se

*As "ruínas" da "cidade-escrava", no alto da serra.

dissipa com a quebra do sigilo, e no caso de alguém surpreender a ação do "mandado", mesmo que não seja do tipo das "escavações" a que estou me referindo: toda a ação, qualquer que seja, comandado por uma "visão", deve ser cercada do mais absoluto segredo para quem vai executá-la. Portanto, repetindo: as histórias que envolvem "terra mexida" nos sítios da cidade, falam de "visões" que acontecem nos sonhos da gente deste pé-de-serra, em que eles são orientados no sentido de determinadas "ações", em troca de algum benefício aparente, por "gente antiga" do "alto da serra", sempre negros - homens ou mulheres-, que ameaçam não retornar ou "quebrar o encanto", caso o sigilo seja rompido. Ainda que ninguém confesse o "seu" segredo, - com o que se "quebraria o encanto" que, porventura pudesse ter, - essas "histórias de gente antiga, lá do alto", se repassam, no entanto, na praça, em compridas conversas debaixo de uma árvore anciã, escoando em folhas mortas as horas lentas do dia.

EXCERTO DE ENTREVISTA: Noite no pé da serra, é quando o tempo se vira do avesso e quase dá prá pegar nestas histórias que gente antiga conta. Que aqui mesmo, o tempo é de duas bandas, quando é pelo dia é de um jeito, quando é pela noite é de um outro. Quem é do entendimento sabe, não arenga. Jatobá não fala pelo dia que jatobá é aquele que pela noite escuta. E vento rolando bafo quente no escuro, é igual vento rolando na luz do dia? A pois que não. Noite aqui é cheia dos encantos. Sunta bem co'essa fala branca da lua: quem pensa que pedra lá de cima não rola mais cá prá baixo, há de estar por aí, no risco de tropicar na caladona do tempo - é, que o tempo pára - 'caba sofre golpe por distraído. Pensa que é uma coisa, vai ver é uma outra. Vê bem que história é essa aí tudo que anda por boca em boca, cochichado em pé-de-ouvido que é prá não dar nas vistas nem de quem fala e nem de quem escuta. Sunta prá ver de que lavra é. Quem é que entra sem ser chamado no sonho

dessa gente? Tem homem aí que engole cana com bagaço, mas numa coisa dessa se arrepiá, escondido de medo. Garra naquilo e fica de juízo mole. É. Se não é que o tempo segue, então que será? Cabra que torna é prova que pedra rola de riba-serra, de oito, de garimpo. Ainda fala. Fala sim. Só tem que agora é pela noite, por vulto de sonho. Gente que só de ouvir contar se soube, quando vê até faz caso que não viu. Não crê. Eu bem já vi, dou fé. Lugar de maldição, isso sim que é. Negócio bom é por aqui mesmo que emperra, não vai, não adianta nem Senhor Fulano tentar que não vai. Rama de pau por os caminhos da noite, aí prá dentro nesses trieiro de serra, fica só resmungando lamento molesto. Dor de alma. Coisa que o céu não há de perdoar. É ente vagando por aí, nos escuro, caçando tempo e jeito de encorpar. Encanto que arriba cá no chão coisa lá de cima, que o tempo ainda não passou e nem sei se passará. Pois por aqui se dá coisa arretada de susto, prá arrepiar até os canto do juízo. Tempo do avesso esse, que rebenta nas visão. Quando bate nas fraqueza, endoída. Pega, endoída. Então é bem assim: de dia é um, de noite é outro.⁴⁴

"ENCOSTO" E "SOMBRA" NA CONSULTA

Parece, então, que uma delicada trama de ténues fios é tecida, silenciosamente, em Natividade, num "tempo de noite": como a teia de aranha, caprichosa, estas "histórias de gente antiga" são armadas no "sonho dessa gente", de maneira harmônica, compostas entre si, guardando uma lógica segundo a qual se pode perceber, nelas, as expressões de um tempo da cidade que se situa num outro contexto: o tempo da serra.

Dito de outra forma, esta linguagem de sonho e "sombras", expressa nas falas das "visões", compõem uma realidade mítica que remete, a todo tempo, a Natividade do

presente à Natividade do passado, e vice-versa, permitindo que, através dos mitos - "essas histórias" - apaguem-se fronteiras de tempo e de espaço com que se poderia distanciá-las. Através do sonho, ficam estabelecidos, prontamente, rápidos atalhos que realimentam o circuito serra-pé-da-serra pelos seus dois sentidos. Assim, "essas histórias" refazem de modo atual os lugares abandonados da "velha cidade escrava", voltando a se povoar a serra, os seus espaços, as suas "ruínas", com os seus negros - homens e mulheres de olhares intensos, fagulhando "mandados de ouro". Da mesma forma, os mitos marcam lugares da cidade, sinalizando em Natividade a pele escura do seu mapa, com indicativos de "áreas de assombração": espaços lúgubres que deverão ser evitados em certas horas, sobretudo no "tempo de noite". Exemplo deste "mapeamento de sombras" é o caminho dos "poções", os arredores da "Ave-Maria", o sítio da "pedra arrependida", as imediações do cemitério, e um certo lugar nos Tucuns.

Associado a este "mundo dos sonhos" e com este "tempo revirado do avesso reventado de visão" existem, ainda, os casos (clínicos) de "sombraamentos": é uma das "emergências de plantão". São repetidos em Natividade. Muitas vezes, então, fui chamado para atender pessoas em situações de "urgência" que configuravam quadros bem característicos, mas cujos familiares já me recebiam com as suas impressões bastante firmadas a respeito: "é um 'passamento'", ou ainda "ele tá espiritado"; mais, "fraquejou de visão e o miolo virou".

Estes "pacientes", em geral, se apresentavam extremamente pálidos, com as extremidades frias, sudorese intensa, pulso fino e lento, bradicárdicos e hipotensos, pouco ou nada reagindo a estimulações, isolados, incomunicáveis e, aparentemente sem orientação". À primeira vista se pensaria em algo semelhante a um estado de choque.

Em geral, nestas ocasiões, lembrando-me de "histórias de gente antiga", e dos sinais de "terra mexida" com que, por vezes, a cidade amanhecia, eu procurava me afastar da tendência a encarar estes "passamentos" e "encostos" como expressão de "doença", buscando outras formas de compreendê-los. Assim, é interessante, por exemplo, observar as terminologias com que se designam estes fatos - "passamento", "encosto", "encantamento"; ou "fulano tá pegado de visão", "tomada de vulto", etc. -, como indicativas da associação com um plano místico de vivência, para onde é possível, pelo sonho, "se passar", ou de onde é possível que algum "ente" provenha e nos "encoste".

Eu procurava, então, como dizia - evitar a tendência a interpretar os "sinais" destes "espiritados" à luz da convenção médico-psiquiátrica, exclusivamente. Preferia, sempre, encarar à luz das velas, sob penumbra, a contundência do mistério. Buscava outras formas de compreender estes "fatos" e, assim, poder intervir de modo a poder aliviar o paciente do seu sofrimento manifesto. Cercava-me, pois, de cuidados. Mantinha reservas. Procurava, sob a luz frouxa do candeeiro, raciocinar clinicamente. Examinava. E recordava das sinalizações dos mitos que Natividade me ensinava. Eles me davam "pistas" de como proceder em tais situações. E devo dizer que resultava. Subjacente a estas leituras, então, não me furtava o olhar da clínica esgueirando penumbra feito coruja. Mas era um raio híbrido que permanecia.

O TEMPO DÁ MEDO NELE*

Déco Bitó acabou me dizendo um dia, tempos depois, que ele sofria mesmo era do seu trabalho. Da vida de retireiro. A

*Entrevista realizada com E.B., casado, 32 anos, do Córrego da Pedra Branca; profissão: vaqueiro; Q.P.: "Quando é boca da noite aquela negra sempre me aparece no vão da porta e o trem me acocha sombrado". - Impotência sexual e fobias ao escuro. Exame físico geral: "nada digno de nota". Estado Geral bom.

vaqueirícia, só ela, já dava conta, - segundo ele, - de explicar aquela "perrengueira". Nem sabia mesmo "prá que procurar conselho de doutor", se ele próprio era perfeitamente capaz de perceber, "naquele rosário", a ponta do mal que lhe tirava o sossego nessa "lida de viver". O tempo se abria, bem ali nas suas barbas, sem mistérios maiores que aqueles com os quais se achava há tanto familiarizado. Desde quando? Desde sempre. A lembrança ia se embrenhando rápida lá prá dentro, por cima de um chapadão enorme que encobria uma banda inteira do mundo. Gerais.

O homem não para - me dizia - na horinha do seu "incômodo". Nem podia, assim com a "cabeça atiçada". E buscava o ponto exato das imagens: "- Foi lá, faz tanto tempo, de um jeito que ainda posso me lembrar. Não é coisa de largar prá trás, à toa. A gente esquece mesmo só quando o trem não tem serventia. Mas como é que há de ser na memória? Das coisas que a gente passou? Ah, se fica. Umás prá pinicar feito saudade de tempo bom. Outras prá mostrar bem no jeito que se deu e não repetir caminho que dá em precipício. Como é que um homem pode largar prá lá pedaço que é dele? Não pode. A gente só fica inteirado quando dá conta de entender o que vai dos causos que a vida foi aprontando, por aí, e nós do meio dela. E tá alí um trem dos mais custosos. Por que tem umas passagens que a gente nem não quer dar por vistas. Ah, disse não lembro, Já esqueci. Mas e era eu? Lembro sim, não esqueci e era eu mesmo".

Déco Bitó vem pouco por aqui. Vaqueiro de retiro, passa muito tempo sem saber o que é e como anda a "vida da rua". Entra ano, sai ano, o que tem de passar é por lá mesmo que acontece. Quase sempre o mesmo. Sabe do que ainda prá si não se deu, por ter visto no seu vizinho se dar:

"-E, a mais que, do ocorrido sempre se fala, mesmo se é légua muita entre boca de um e pé do ouvido de outro. Notícia voa por cima de morro, caminha por debaixo de chuva, não espanta com trovão, nem receia lumeeira de corisco. Mesmo quem não quer saber, fica sabendo de trem é de botar em roda de cochicho, que é prá ninguém deixar de por assunto. Não é conhecedor da vida de por aqui quem diz que o de falar é serventia só de mulher". Déco Bitó me conta que sabe das coisas da "rua", apesar de vir pouco por aqui. E continua: "- Não dou mais conta de dormir, faz tempo. Dá em mim quando é boca da noite. E o sono esparrama juízo na vigia, eu espantado. Enviezo o traço da espinha, a boca ringindo de estalar os dentes, e daí que pega aparecer a fumaça da visão por dentro da cabeça. Engastaio todo na tremura, prá resistir se o trem me acocha. E é a mais que, então, eu fico bambo, sonhando com coisa acordado. É visão. Eu sei que é visão e dou por fé". Fala do que sempre viveu em tempo de vaqueiragem: "Lá prá dentro a vida tem mesmo uma outra cara mas, vai ver, no final é tudo o mesmo. Quem é daqui não vive de trabalhar correria de criação desde quando o sol ainda nem é, até quando o sol já não é mais, eu bem sei. Mas medo aqui também existe. E vai ver tem até dos grandes. Só que é trem de rua, lá é trem de mato".

O TIPO:

Um jeito manso. Um modo calado. As palavras se articulam lentas e pausadas no articular da frase. Amplidão do gesto emitindo calma a imagem, a idéia. Paciente cinzelar do sentido neste contar história:

"- Será que dá de entender? Esforço assim prá chegar no ponto, faz tempo me acompanha nesse rondar do assunto. É porque me custa arrancar a raiz prá acabar co'a praga. Sabe lá se é praga ... Quando o trem é tão invocado que assusta, é preciso suntar bem. Até virar do avesso, se preciso for. Sempre há de encontrar história quem procura saber de medo. Ando caçando o meu entendimento".

Fui me habituando, aos poucos, a perceber por aqui, entre os "chegantes", de tempo em tempo, aqueles que vinham do sertão e aqueles que eram dos Gerais. É diferente: "Povo de vereda a gente logo vê. Pega o jeito do chão". Entrava nas fibras do corpo de Deco Bitó a amplidão do espaço do seu mundo: tempo marcado em rama de palmeira; vento fino sempre amansando de acordo o gesto. Dança das mãos. Levura dos pés. E o corpo:

Ando espichado, sungando a cabeça assustado bem prá riba do mundo, que é prá vista alcançar o que for de ver do outro lado das coisas. A gente encontra por aí. Quando é qualquer um que encosta sozinho no oco do mundo e vive ali, de caça e pensamento, - habitua a reconhecer: em carne e olho.

Déco Bitó é retireiro de sertão. Mulato vaqueiro morador de TAIPO batido por vento de gerais, desde sempre "peão de boiada".

- O caso é que escapou de mim o jeito de ter sensação no xodó de mulher. Custoso falar. Mas sei que é por conta da visão que tenho. Medo que aí em vem da vida é coisa de buscar entendimento. Tem muito tempo. Tasana estranheza a me pegar num tipo de escuro, em casa. Aquele nervo impressionado. E é qualquer uma besteira que já pega tremer. Não

é sempre, mas, quando tasana cochado, já pus assunto que é sempre noite. Um vento fofado zua dentro da cabeça, feito pinicação. Comichando os miolos, por dentro. Vai come a idéia todinha. Pau podre formigado. Fico sem palpíte. Nada sucede prá valia do incômodo. E pode que a mulher chegue com qualquer um tipo de chá que não sinto proveito.

Entremeando o esforço de cada linha, o gesto lento apóia as idéias. Impossível perceber quando o apenas ver, ou o tão-somente ouvir, não se misturam na emoção que circula. O entendimento começa do sentir. Apreender da palavra a fagulha. Correr com ela. Atear o fogo. A gente quase não fala quando em roda da fogueira. Só as chamas dançam:

- Tropeçar em palavra, numa hora dessas é perigoso. Pode que a gente se queime pelo dito. Mas é bem assim que sucede. Lá prá dentro, perdido no chapadão, é so gado que a gente vê. Sempre foi assim. Agora dou fé. Vida em lugar aberto em cima do mundo, o homem é só ele e mais ninguém. O tempo passa. Vê que o resto vai ficando prá lá. É assim que ele perde o jeito. Até o falar com gente. Ganha talo e coragem por dentro da corda dos nervos. Enfrenta cada perigo bravo que chega arrepiar. Mas, lá no fundo, é sempre um molequinho acanhado. Cala prá dentro da idéia, prôs cantos da alma, vai se enchendo de segredo. E mais: uns medo bobo que até parece ocupação de menino. Tem segredo de retiro que não dá prá largar debaixo do travesseiro.

ANTECEDENTES:

- Conversa assim, desse modo, atija o tempo, esperta lembrança na memória. É o mesmo que ver. Já lá vai longe que eu fui menino retireiro. Lembro bem que pulava fora do couro espichado cedido no peso de sono tanto que por ali passou. O meu, de manhã, era de um tanto que só vendo. Largar prá trás a coberta, era trem dos mais custosos. Cheiro bom aquele de sono. Rompia a custo prá dentro da noite quase virando em dia. Ficava parado no vão da porta, abrindo a boca e esfregando a chispinha no canto das vistas. Mãe falava que era prá lavar bem - aquele água fria gelando a cara - que preguiça dana garrar na remela. Mas sempre ficava um resto no canto dos olhos. Assim a jornada começava. Sempre molengando na lembrança da cama, só pedindo prá voltar. A rapinha da remela ficava até a hora de pegar de volta o sono, debaixo de um pé de pau, lá prá lá. Quando a gente acorda enviezado no dia. pode que esperte no correr da lida, mas a moleza fica pregada na vista. De sair olhando lerdo. Bem assim que eu ia. Êta menino, mãe dizia. E eu nunca pensava que preguiça era sujeira. Por mim, nem lavar não lavava.

- Quando era pelo dia, que a luz comia solta de riba da serra, esquentava sol, eu já tinha pulado no mundo. Escurão em antes, lá prá dentro onde só Deus anda, era tempo de sair, rompendo trieiro. A casa sumindo escurona no mais longe que é de ver. Andava que andava. Saltando pedra em água de passagem, equilibrando pinguela, pensando que a casa da gente é sempre assim, no escuro. Porque o que eu sei da vida mesmo, é o que aprendi enfiado naquele caladão de retiro, no meio de criação. Essa amarração do tempo no trato e zelo de quase nada sendo meu. Só os pensamentos, quando não desgovernam o ciso em maldição que não é mais vida, só um trem atolado em modo de viver. Assim que passa. Quase dia, é hora de sair. Quase noite, é

hora de voltar. Ficar em casa, é o mesmo que dormir. Isso quando a idéia ajeita no sono prô corpo descansar. Só ando com prazo de quietar no escuro, mas é sem pregar as vistas. Sempre cansado. Acordo sem remela de preguiça que lavar. Ando sempre com sono.

O TEMPO:

- O tempo esse que passa em redor da casa, mistura gosto com desgosto, saúde com doença, noite com dia, homem com mulher, gente com bicho. Enrodilhado na vida, faz quem é novo ficar velho. bota no quintal menino e mais menino. Engrossa a boiada. Inverna parecendo que o mundo vai acabar. Põe verde no campo. Água prá correr no vão das pedras. Depois seca tudo. Pinta com poeira. Esturrica. Definha. Entorta. Vai marcando aqui. Fala o que pode e deixa. Vai marcando acolá. Fala o que não pode e tira. Entra era, sai era... Morre um e nasce outro. Prá lá é campo. Prá aqui é quintal. Quando a hora é posta de ser, cada trem vira no que deve ... Tão bom quando a gente escuta a sabiá cantar sem prazo o canto de fora de tempo. Acontece. Passarinho não tem obrigação de fazer chover, tem?

O ESPAÇO:

- Retiro é lugar onde vaqueiro vive o que tem de viver. Um tanto. De tudo. Em casa é lugar da serventia. Vaqueiro dorme. Faz que esquece das lidas de vaqueirícia. Banhar no cór'go, zuar c'os meninos, olhar mais a mulher prá vida e ficar pensando junto sem muito que falar. O mais das vezes é que fica um prá lá, outro prá cá, num prazo de esperar que vingue o tempo em sonho bom. Já quase não. Penso que

é a raiva que me desgoverna o trato. Fico por saber de onde vem. Aperta, aperta, o canto daquela porta bambeia, fico pingando. Tenho que sair. Forcejando a soleira, empurro, empurro. Até descarrego lá prá trás, escondido, e esse mal não passa. Os meninos dorme. A mulher não. Parece que a casa e tudo põe medo na gente junto. Vai ficando cada vez mais pouco o meu palpite de homem no usar de mulher. Penso que o dela também. Um cocoruto na beira da cama. É ela. Penso que tem medo de mim. Não sente. É coisa que nós nem não fala ... Ou será que anda sabendo da zuada de sombração passeando nas minhas carnes em forma de mulher?

- Então, prá lá do pátio da casa, mais seis léguas de burra é o retiro. De menino, é a pé que corta atalho, inventa caminho pelo meio do cerrado, lá prá dentro. Conheço feito a palma da mão. Pudera, Jatobá na divisa: um mundo é prá lá, um outro mundo é prá cá.

A VIDA:

- Prá cá, no mato, tem piqui no jeito, espera paca. Monta no jirau e fica, quieta, se o trem é caça que aí em vem. Cata cajú em antes das águas, malina estrepolia. Fui espigando sem dar fé que a vida foi passando. Ainda lembro do jeito de montar um esconderijo: trança a palha do sapê, abre o olho da buriti e torce; ranca o pau, finca a ponta dos galhos, vai e cobre: tá pronta a casa que nenhum vivente há de encontrar. Prá cá do jatobá tem água fria, não dá papo. Tem coco de macaúba, pitomba, araquá. Menino corre por de atrás. Aí tem um tanto de tatú, marreca, socó, capivara e jaburu. Faz corda de tucum bem grossa. Tira as palhas pela pele. Lava no ponto de ficar bem alvinha. Pega, fia no gambito que uma corda assim, sempre é bom. Pelo chão tem piaçava, coco de catulé. É por onde anda arara vermelha de fogo nos encontros, a calindé.

Prá lá do jatobá que ficou longe, é um outro mundo: tá tudo escuro a uma hora dessas em roda da casa. E escuro me põe medo. É quando a visão aparece, pelo vão da porta. Sinto bem é lá longe, prá dentro de Gerais. Costume ...



OS "EQUIPAMENTOS MÍTICOS"

Retomando: eu dizia, anteriormente, que nos meus primeiros tempos de Natividade eu imaginava que o filão a partir do qual se poderia chegar à "chave" com que decodificar os significados das "ruínas" evidentes nos espaços e nos tempos da cidade, - a sua calegrafia de pedra - poderia estar na expressão das suas práticas religiosas. Falei também que, surpreendentemente para mim, tal não aconteceu. Ao menos não na forma como eu o supunha. Eu comentava ainda, a este respeito, que este filão esperado, se mostrou aos meus olhos por outras vias. Estava, então, até este momento, mostrando a primeira delas, ou seja: o arranjo noturno de um mundo de "visões" articuladas (ou articulando-se) em torno de "histórias de gente antiga" - um "tempo de noite" e um "espaço lá de cima" - suficientes para evidenciarem uma linguagem que só Natividade e as suas práticas tornam compreensíveis: Roland Barthes afirma que "o mito é uma linguagem".

Portanto, como se viu, a primeira via com que Natividade presente neste meu relato fala do seu passado, é a linguagem mítica das suas tantas "histórias" (é claro que a expressão mítica da cidade não se esgota nestas histórias. Como disse, é a primeira via presente neste relato que ora faço).

A segunda via, cuja compreensão também permite articular estes significados escondidos com que se armam o imaginário e as representações em Natividade, fui encontrando, aos poucos, a partir de observações de consultório.

A utilização e o emprego de objetos rituais com propriedades e indicações tanto curativas quanto preventivas, é uma prática usual em Natividade. Passei a notar que, muitas vezes, era procurado por pessoas com queixas que podiam me levar a compor quadros clínicos compatíveis com as suspeitas de algumas patologias corriqueiras no dia-dia do consultório, que já haviam lançado mão de recursos terapêuticos oriundos de estranhas "medicinas". O que não as impedia de me procurarem. E o que nos permitia uma aproximação mais efetiva: em torno do objeto se construía uma identidade, uma fala a ambos compreensível. Não raro, então, percebia que algumas pessoas se apresentavam à consulta, inicialmente com reservas, mais tarde não, usando verdadeiros apetrechos de combate aos "incômodos". Por exemplo: certos tipos de embiras e cipós trançados; tiras coloridas de panos amarradas em nós, deixando pontas com estranhos objetos colocadas sob as roupas, protegidas de olhares curiosos; colares de sementes, as mais variadas, as mais coloridas, pendurando dentes de animais, pelos, chifres, cazulos, pedaços de ossos, espinhas, espinhos; pequenos pacotinhos de pano, suspensos por palha trançada, dos quais, se o conteúdo é ignorado em função da proteção do tecido, os aromas são rapidamente perceptíveis: cheiro bom de sabe-se lá que planta enfeitando pescoços, pulsos ou tornozelos de pacientes que me procuravam. A pesquisa acabava nos envolvendo. Eu ficava "curioso". Eles também. A gente continuaria cruzando falas nas falas da pesquisa.

Trata-se de um verdadeiro artesanato de utensílios terapêuticos. Adornos medicinais. Enfeites mágicos.

São os "ESTILHAÇOS".

As reflexões que venho fazendo neste percurso de pé-da-serra à serra, mais o sentido e a pragmaticidade presentes no termo, me parecem suficientes para elucidar as

razões da minha escolha ao empregá-lo, por metáfora, na identificação destes "insumos médicos".

As "lascas" que, assim, me chegavam ao consultório, passaram a me possibilitar, conforme já disse, uma outra via de acesso à compreensão de Natividade, a sua vida, os seus percalços. Enquanto subia desvãos de estrada, por vezes me sentindo perdido entre pedras, me punha a pensar nas imagens rápidas, cada vez mais aceleradas, das espirais concêntricas das conchas de um caracol: onde estaria.

Passei a me dedicar com afinco à cata de "estilhaços". Em pouco tempo éramos uma rede de alguns "curiosos", misturando fios, e cheiros, e plantas, e bichos, e pós, e pedras, e paus, e pelos, e palhas, com muita reza e assim por diante.

Da mesma forma como o tempo na cidade se arranja de "duas bandas", permitindo, no entanto, que a noite vaze no dia, a frequência do uso destes instrumentais de cura, bem como o caráter reservado da sua manipulação, me faziam suspeitar da existência de um sistema de práticas articuladas em torno de um conhecimento cuja manutenção, baseada em agências e em agentes que o disseminavam, controladamente, me permitiam dizer que, em Natividade, se estruturara com o tempo uma "medicina" em especial. Os "estilhaços" eram o seu reflexo. Ao redor dela se organizavam conhecimentos específicos quanto à concepção de corpo, por exemplo, quanto ao emprego das "misturas" de elementos da natureza, tanto vegetais, quanto animais ou minerais, etc. Este aspecto em particular da descrição dos "estilhaços", mereceria, pela sua riqueza, atenção mais demorada, fixando mais pormenorizadamente a exuberância dos seus detalhes. A limitação imposta pelo texto, no entanto, pede concisão e síntese.

Os "Estilhaços" compreendem vários tipos de objetos com indicação de cura, o que possibilita a sua classificação em

categorias que levam em conta a forma da sua apresentação: "patuás", "embrulhos", "colares", "munhequeiras", "estirados"; particularidades ligadas ao seu preparo (diante do portador): "nós rezados", "encantado", "encantado feito", "encantado posto"; e uma terceira categoria, ainda a título de exemplo, seriam aqueles "estilhaços" que se identificam por propriedades intrínsecas dos elementos que utilizam: "cheiros", "óleos", "lamas", etc.

Simplificando, trata-se de colares, tranças, pulseiras, tornozeleiras, etc., confeccionadas mediante o emprego dos mais variados elementos (da natureza), que se misturam.

Cheiro ruim de bicho que acaba na mata, como é? É mistura de bicho que acaba, com pau e com pedra, com fogo e com água.

Caracteriza-os terem em comum a "virtude" - ou a força - ligada a procedimentos rituais - tanto na sua preparação como no seu uso - quando a linguagem mítica também veicula as explicações quanto às origens e às causas do "incômodo" para o qual o "estilhaço" é especialmente feito (só se usa uma ocasião e é individual, pessoal). Assim, a "reza", muitas vezes, é a descrição das propriedades inerentes à mistura empregada que, segundo se acredita, será de "valia" para este ou aquele "mal".

Não há dúvida que estes utensílios terapêuticos organizam os seus sentidos em torno de uma "medicina especial". Através dela, e do seu conhecimento próprio, a cidade diz de si, estabelece ou organiza as relações com o meio, manipula "doenças". Por seu intermédio, os mitos percorrem caminhos que acabam passando pelo meu consultório.

Em função dos seus mitos - e porque eles mesmos o são - chamei estes "estilhaços" de equipamentos míticos.*

Transcrevo "notas" que podem ilustrar o exposto.

1 - A EMBIRA DO PAU DE CORONHA

É a força do cipó que espanta o mal prá fora do corpo ...

"Povo estuciano esses antigo assim me falou que prá esse mal é bom amarrar a embira do pau de coronha nas juntas do pé e na munheca da mão. Mas tem que 'marrar em cruz: munheca de um lado e curvejão de outro. Bota a embira da coronha, que é um pau fedido, e fala que desse jeito a planta sozinha puxa o incômodo. Sem reza nem benzeção nem nada. É a força do cipó que espanta o mal prá fora do corpo. Tira a casca assim, lá do pau: uma estirinha bem fina lascada no tronco da palha. 'Marra em cruz pegado no braço e nas pernas quando ataca 'Doença do Ar' ... aquele mal que entorta e mata uma banda do corpo".

2 - TIRADA DE ALGODÃO

"Serventia é prá vomitação ... Qualquer um pode 'tirar', basta só conhecer algumas reza, que isso é negócio de simpatia ... É algodão mesmo, desses que a gente mesmo planta e a gente mesmo colhe. Tira e torce a tira pelo contrário, depois de fiada a linha, assim que faz e vai dizendo as reza. A

*O acervo: muitas destas peças são perecíveis, por sua natureza. Pela ação do tempo se deterioram. Sua composição é orgânica. São "lascas" vivas de Natividade. Foram por mim organizadas em vitrines, catalogadas com a sua identificação original, cujo fichamento anexa os discursos que lhe são correspondentes. Palimpsestos que ainda permitirão novas leituras. Um áudio-visual captou-lhe imagens coloridas: os "Estilhaços" brincam ao som da música e das suas próprias falas. É um registro perene de "sinais" que apenas parecem mortos. São vida.

'tirada' é feita pelas avessa, com a mão esquerda, só é de valor quando a 'tirada' sai pela esquerda: segura uma ponta com a mão direita e vai assim torcendo o algodão com a mão esquerda até formar esse cordão. Depois tem que caçar uma mulher parida, que tá amamentando menino, dá de beber o leite prô doente, molha a 'tirada' no leite, mas não precisa ser muito molhada não, contudo que dá prá misturar bem ela no leite, e depois 'marra as tiras em cruz: uma no 'piador', outra nos pulso e outra no pescoço. Quando o 'incômodo' para, que a vomitação cessa, põe prá lá as 'tiras'. A 'tirada' tem essa serventia pelo uso de uma vez, e é prá aquela pessoa, não vai prestar prá outra. Pode até guardar, mas sabe que presteza de outra vez é só mesmo 'tirando' uma nova. 'Tirada de Algodão' é coisa das mais antigas. Aprendi isso mas não sei como é, deve ser que é dos antigos, de estuciano. O povo mais velho, porque não tinha recurso, esses recurso de hoje, vivia sem conhecer médico, sem saber de hospital. Não é como agora: os modernos, qualquer uma coisinha à toa tá aí, com essa conversa de 'doutor, doutor'. Não sei como aprendi. De mãe. Só sei mesmo que no sertão é assim: quando é fé, na hora da precisão, quem é de estar por perto vai ver tá fazendo coisa que nem sabe donde 'rumou. Cata lá na lembrança dessas ciência de antigo: leite de pau, água de folha, chá de planta, banho de raiz, fumaça de cheiro. As 'Tirada de Algodão' é seguro que tem que vir daí também".

3 - REZA DE MULHER MAIS FORÇA DE PLANTA

... prá não deixar o menino subir na sombra.

"M., de 28 anos, chegou ao hospital em 'pródromos de trabalho de parto, evoluindo normalmente a dinâmica, de modo a não inspirar maiores preocupações. Andou pelo corredor,

conversando animadamente com um e com outro. Mostrava-se tranquila e calma. Era aquele o seu terceiro parto: múltipara com história de gestações normais, bem como com relação aos seus partos anteriores (um domiciliar e um hospitalar), sem distócias de história, e o transcurso daquela gravidez sem outros sinais (clínicos) que não os esperados (pelo médico). Na entrada do período expulsivo, no entanto, tendo tido rutura espontânea de bolsa, as contrações fortes, longas e repetidas a intervalos a contento para um parto "fácil" pelas vias normais, já que os demais dados da dinâmica inspiravam este prognóstico, com a dilatação fisiológica do colo se processando, frequência cardíaca fetal nos seus limites, etc., enfim, previa-se um "parto feliz", quando, de repente, como por encanto, tudo se complicou. M. foi subitamente tomada de extrema agitação. Ficou visivelmente transtornada de angústia e de pavor, sem que houvesse para isso uma causa aparente. Suava intensamente. Entre soluços e gritos, chingava. Taquicardia. Minha e dela. Taquipnéia. Idem. Suas palavras eram cada vez mais agressivas, e a relação comigo, até ali amigável e confiante, tornou-se estranhamente ameaçadora. Levantou-se e pôs-se a andar pela sala, falando em fugir gritava aos ventos dizendo que a mantinha presa. Tentei acalmá-la num tempo que nos pareceu eterno. Com palavras. Com atitudes. Com gestos. Enfim, penso que com o que podia. Mas o envolvimento com a situação - devo confessar - chegou a ponto de me arriscar na calma com que deveria me conduzir. Eu não conseguia entender tão súbita transformação, e logo numa hora como aquela. Ela se tornava violenta. Dizia não querer mais aquele filho, e que não o deixaria nascer. Fechava fortemente as pernas. Quando no leito, se encolhia. Curvava o dorso comprimindo-se, reduzida a soluços. Parecia buscar posições eficazes com que estancar o fluxo das ondas de parto. Com choro gritava esturros de pavor e

medo. Nada a dissuadia. Aquela mulher parecia decidida em seu desespero. Contorcia-se. Punhos cerrados. Tensa. Agitada. Mordia os lábios. Eu a via azular numa estranha névoa de pavor e ódio. Como um animal ferido. Diante do hospital, pode-se imaginar, reuniam-se pessoas curiosas, amedrontadas, atraídas pelos gritos, certamente ansiosas pelo que pudesse estar ocorrendo. Pedi, então, que alguém chamasse as irmãs, quase a ponto de me reconhecer (calado), impotente frente à situação. Mas não podia. Quem sabe juntos resolveríamos. E, em último caso, viria a alternativa de sedação e a prescrição justificável de parto cirúrgico. Tomara que ainda desse tempo de encaminhar medidas que resultassem. Se até ali as coisas estavam controladas, eu temia o pior. Natividade é sertão. Antes, porém, que chegassem as irmãs, o caso, outra vez, muda de rumo. A parturiente aos gritos. Me avisaram que Dinda estava lá fora, por ali, na multidão tensa que guardava. Pedi que ela entrasse. As duas mulheres ficaram a sós por um tempo que não sei precisar. Um átimo? Uma eternidade? A garimpeira de Gerais, 'aparadeira' de fama em Natividade, aposentada por si mesma do "ofício de segurar menino", quando, enfim, saiu, saiu confiante num sorriso maroto. Pouco mais tarde o menino nascia, de parto normal e de uma mãe serena. Não saberia dizer exatamente o que se passou entre as duas mulheres. Dinda ao sair, havia deixado amarrado sobre a barriga da "companheira", uma "embira de buriti" por ela mesma trançada, com um galho seco de arruda amarrada: "- Reza de mulher, mais força da planta, e embira forte da palmeira prá não deixar o menino subir na sombra ..."

RETOMANDO: NO RITMO DA SUBIDA, ME AFASTO

... e é tão cheia de história esta serra.

Lá adiante, um outro dia, mais alto, quando já não mais me doíam tanto as pernas, tive que parar de suor. De tanto. A estrada da "Larga" dá num lugar bom de escorregar no sonho. Ficava pensando. Só pensando em tanta história. A cidade lá embaixo, calada pela distância, ficava cada vez mais quieta no silêncio da serra, povoada pelas suas imagens, pelas suas toscas "ruínas". Sentado, olhava Natividade se desenhando um mapa enfumaçado de calor, escondida no pé da serra. Como se levantasse a barra da saia acenava, fingindo, no entanto, timidez. Mas eu sabia algumas coisas lá de baixo. Daqui de cima via melhor: despencando em curva, assanhando - os joelhos de ferro à mostra - a água da serra descia em canos seculares na direção da cidade ladeira abaixo. Natividade sedenta sorria para o reservatório escavado na bruta, colhendo, sem cessar, o suco das minas. Sempre que eu bebia daquela água - mesmo em casa, lá embaixo -, me parecia sorver um sumo de pedra: a água de Natividade é direta, "tirada na hora"; não se contém nas caixas de baldeação com que tratamos com as nossas "misturas" a qualidade das nossas águas, e onde invertemos o curso dos nossos rios nas paradas de abastecimentos em que os despoluímos. Em Natividade a água vem aos saltos para dentro das casas, direto do "miolo do mundo". Vem correndo pelo vão do pau, em pequenos cursos talhados na rocha, como artérias que se reúnem num enorme coração, lá em cima, que as projeta, depois, na sístole gigantesca de um mergulho, para dentro destes canos seculares que agora contemplo, sentado ao lado do seu reservatório natural. Aqui é "poço do moinho". Sempre achei que

era possível sentir, na cidade, o pulso das suas artérias. Observando ali o seu pulso, então, não me restava dúvida: as águas de Natividade pulsam o coração da serra.

Ao lado do reservatório natural que abastece a cidade, a mais longa das quedas. Outras há, cachoeiras muitas por aqui se encontram, a cada passo do rolar das águas, seus saltos, sobressaltos, seus canto-marulhos. Mas aquela cachoeira é sem igual: despenca seus véus em líquidos e vapores, arrumando, lá em cima, a grinalda com que coroa a serra. Daqui de cima parece que vejo melhor a cidade. E ela não me vê entre os cristais fragmentados, brilhantes, que a cachoeira asperge no ar úmido deste "oco de mundo", batido pelo sol. Do patamar mais lá de cima - onde a grinalda se ajeita -, a água se derrama, escorre, canta. Me sinto pouco, assim com a serra por detrás, ainda mais crescida em mais alturas tantas. Me sinto tanto, assim sentado aconchegado neste colo quente. Assistindo quieto o manso rolar das águas, rolando histórias da serra para a sedenta cidade a seus pés, procuro distinguir lá em baixo, vendo daqui de cima, as suas formas, os seus volumes. Natividade quase desaparece na imensidão solitária dos espaços gerais. A cidade é um aglomerado manso, uniformemente contido e controlado pelo meu olhar que a vê, através do espelho imenso que são os olhos desta pedra. A cidade me emociona. Natividade me encanta. Talvez pelo feitiço da sua serra.

DIVAGANDO TRAÇOS: NATIVIDADE NA CARA DA GENTE

Muitas vezes a cidade se revela em traços mais marcantes da sua intimidade - aquele perfil mais secreto, mais escondido - em traços marcantes de alguns dos seus "filhos" que, assim, por ela "tocados" de modo mais especial, desvelam

da cidade o encanto, nos traços marcantes das suas próprias personalidades.

Comumente se diz que as cidades têm os seus "tipos característicos": aqueles típicos (arquetípicos) que, no paradoxo dos seus comportamentos (paradoxais), de costumes muitas vezes aparentemente deslocados, marginais, ou mesmo "aberrantes" - quem sabe se por sua originalidade "chocante", incomum - acabam chamando os seus con-cidadinos - por estes mesmos traços grotescos, exóticos - a traços peculiares da cidade que é deles.

Em Goiás Velho, por exemplo, conheci um "tipo" da cidade: uma mulher que se chamava Maria Branquinha. Era uma das "loucas" da velha Vila Boa. Quem não a conhecia? Maria Branquinha frequentava as casas da cidade, reportando-se aos seus mais longínquos fatos, por uma linguagem aparentemente desconexa, confusa, e liberava o "escândalo"¹ pelas ruas dos vilaboenses com as falas da sua "loucura". E repetia, assim, incansavelmente, numa eterna cantilena, o seu velho rosário de histórias de "louca", que desfiava por becos e ruas, como se a cidade lhe pertencesse. Maria Branquinha entrava nas casas pelos seus fundos, com a mesma familiaridade com que cruzava suas praças e seus becos. Presenciei cenas "chocantes" da "exótica" Maria Branquinha, a "louca" de Goiás Velho. Inúmeras vezes assisti atento o seu lamento contínuo, com que louvava em épicos os tópicos da origem da Vila, demonstrando a todos o quanto, por direito e herança, aquela cidade lhe pertencia. Maria Branquinha morava numa velha garagem, tecia tapetes, e vivia às expensas do Bispo de Goiás, que lhe provia o necessário das suas precisões, o que ela recebia, não como "favor do Tomás", mas como coisa natural, já que tudo lá era dela. Interessante era atentar para a lógica do seu discurso, no contraponto da história de Goiás, da antiga Vila Boa. Por

detrás da sua "fala de louca", se percebia, no entanto, um secreto sentido, razão pela qual Maria Branquinha não era apenas tolerada em Goiás velho, mas, porque necessária, era aceita.

Natividade também entalha seus "tipos" em alguns típicos nativitanos que, por seus "hábitos estranhos" revelam arquétipos com que a cidade amalgama seus segredos.

O "LOUCO"

M., por exemplo, é um deles. Qualquer "chegante" que aborde estas "praias", de imediato cruzará com ele pelas ruas, pela serra, no meio da mata. É voz corrente que não se deve levar M. a sério, porque se trata de um "louco". Diz-se que a sua "locura" vem de um profundo trauma que aparece na sua história de vida. M., segundo se fala dele, teria sido violentado, ainda menino ou rapaz, quando, numa viagem para fora da cidade, teria sofrido agressões físicas do tipo sexual. M. percorre Natividade várias vezes ao dia, falando alto, - no mais das vezes sua fala semelha um interminável monólogo sem pé nem cabeça - dirigindo-se a invisíveis interlocutores. Outras vezes M. se dirige abertamente às pessoas que encontra, quando, a seu modo, repete incansavelmente traços desta história que não é apenas sua. Compõe, então, um discurso em que diz da violência e da hipocrisia que Natividade esconde sob a aparência dos seus costumes. Nestas ocasiões, é comum dizer-se que M. "está atacado", e que será melhor "não dar confiança". E a cidade parece jamais ouvir o que dela ele está sempre falando, sobretudo quando está mais "atacado". A primeira vez que conversei com M. foi no caminho da serra, num recanto

escondido, na beira de um dos seus tantos "poços". Ele é assíduo aos passeios pela serra. Desde logo me acolheu, embora a princípio com uma certa estranheza. Diziam-se que costumava inventar histórias, e que saía pelas ruas contando versões bizarras e escandalosas de fatos que presenciava ou mesmo dos quais participava. Foi M., no entanto, quem, pela primeira vez, e a partir dela se seguiram outras, me apresentou um caminho pela serra que poderia me levar ao "esconderijo especular" do caracol que eu perseguia. M. conhece a Serra da Natividade como a palma da sua mão. É capaz de falar de cada um dos seus segredos. Talvez seja por isso que ele anda sempre só e calado, quando na serra, e tão ostensivo e falante quando na "rua". Sempre reservei ouvidos e especial atenção às falas de M., sobretudo quando se punha a descrever traçados do confuso mapa das sombras escravas das pedras e das "ruínas" de que a sua cidade está cheia. Muitas vezes o acompanhei, quando estava "atacado", - ouvindo-o - a cruzar Natividade e a dizer-lhe impropérios, repetindo a cantilena dos seus próprios "traumas", ou seja, falando dos seus "traços", identificando o seu "tipo". Identificando-se - eu pensava - tornava público o privado. O dele e o de Natividade também.

O "GAZUA"

O termo "GAZUA", por explicação do léxico,¹ quer dizer "chave falsa; ferro curvo com que se pode abrir fechaduras". Me utilizo aqui do termo para identificar um outro "tipo" nativitano. Trata-se, portanto, de um epíteto, um cognome, de um apelido com que se identifica no meu texto um sujeito, um "ator" que exercita importante papel nas tramas sociais do

drama nativitano: Gazua é uma "chave" das mais privadas portas da cidade.* No fundo todos o temem. E a razão do temor que por ele nutrem, são as coisas que deles ele sabe. Gazua vive de vasculhar os fundilhos da vida da cidade. Vira-a pelo seu avesso. De dia e de noite. Não importa que tempo seja. Gazua anda no escuro, exerga nas sombras feito coruja. Há quem diga que Gazua não dorme, só para ver quem entra que horas na casa de quem, como entra e a que horas sai. Aí, então, sim, ele dorme satisfeito, de posse de mais segredos sobre a sua cidade. Gazua, segundo dizem dele, coleciona fofocas, sabe da vida de Deus e do mundo. E que é bom evitar-lhe a língua, andando às boas na sua vizinhança. O saber de Gazua lhe confere um poder sobre Natividade, que lhe permite seguir bisbilhotando. E com que maestria bisbilhota. Gazua trafica segredos. Anda com eles ao alcance do mínimo comentário: toma lá, dá cá. E segue cruzando n'atividade vendo o que pode ver, e pescando de quem viu o que ele mesmo não pode surpreender. Circula o "colunista" do pé-de-serra, fazendo circular a notícia do que não se pode falar mas que, no entanto, é preciso que se saiba. Gazua não

*Os estudos de GLUCKMANN sobre a fofoca e o escândalo, demonstram que estes importantes fenômenos sociais e culturais, operam, no sentido de manter a coesão do grupo, constituindo-se, assim, em uma das garantias da vida social. Então, nas palavras daquele autor, "a fofoca e mesmo o escândalo têm importantes virtudes positivas. Ambos claramente mantêm a unidade, a moral e os valores dos grupos sociais". A operacionalização deste fenômenos, no entanto, no interior das relações sociais e culturais, enquanto instrumentos do seu dinamismo, implicam em regras e em normas bem definidas, cujas transgressões implicam em punições e sanções. Assim, não é qualquer um que participa nos "níveis centrais" do circuito de fofoca. O "direito a fofocar" é decorrente de efetiva "pertença" ao grupo. Em outras palavras, é um atestado de que não se é visto como estrangeiro. O conhecimento das redes de fofoca e a compreensão do "jargão" dos fofoqueiros, é facilitador da pesquisa das tramas sociais e culturais de um grupo. Gluckmann destaca, ainda, a qualidade do "ócio" inerente aos "grupos de fofoca" e expressa a relação do ócio do grupo com o ócio do fofoqueiro, dizendo não ser ociosa a fofoca, embora grupo possa sê-lo. Palavras de Gluckmann: "quanto mais ociosas as criaturas, tanto menos ociosa é a fofoca". Ou seja: quanto mais os fofoqueiros se puserem a construir cada vez mais caprichadas fofocas tanto mais a fofoca produzirá os seus resultados na dinâmica da vida social e cultural. O autor mostra, ainda, o escândalo, estreitamente ligado à fofoca,

frequenta passeios de serra. Ao menos nunca o vi, eu que sou assíduo a eles. Ou será que ele anda por lá "feito tapuio treteiro"? Talvez o seu afastamento da serra se deva ao fato de que a agitação das praças e das ruas o absorva a tal ponto que não possa, nunca, deixar de estar atento. Vez por outra, no entanto, Gazua desaparece ...

M., por sua vez, não se detém nas praças nem pára nas esquinas. Não frequenta os bares da cidade nem nunca ouvi falar que tivesse estado envolvido com "histórias de zona". M. não se mistura aos homens na "praia dos homens", tampouco participa de "intriga de mulher". Sei que trabalha de "biscateiro", prestando serviços esporádicos, aqui e ali, mais frequentemente nas fazendas da "vizinhança". Como disse, M. é assíduo frequentador da serra.

Certa vez, eu estava "dando um tempo na praça". Vagabundamente sentado defronte o correio, debaixo da "árvore anciã". Moro numa casa ao lado. Era fim de tarde, "boca da noite". A praça estava normalmente ocupada, embora ainda aquém dos limites da sua capacidade. Conversava com Gazua, que me falava das "coisas desse tempo de política". Ele era candidato a vereador ou pretendente a. Segundo afirmava, só tinha razões para se sentir seguro. Casado, tem uma filha de uns doze ou

enquanto estratégia de superação do conflito: a fofoca o identificou, imiscuiu-se no processo, estimulando-o, e agora o faz chegar no instante em que a tensão interna se torna evidente. Diz Gluckmann: "Fazer escândalo é uma das principais maneiras pela qual a separação do grupo se expressa, mesmo que seja também a principal maneira pela qual as lutas internas são travadas. Esta combinação de funções do escândalo torna a hostilidade em si mesma, num modo pelo qual a tribo permanece unida". Penso que estas reflexões são de fundamental importância para a compreensão da vida da cidade, da qual, o "ócio" na praça é um sinal apenas aparente. A fofoca, o escândalo e as suas redes de intrigas, provocações, disputas, percorrem Natividade nos seus mais insuspeitados mundos. Gazua é capaz de penetrar o segredo de qualquer fechadura. E conta-nos como é o que se esconde por detrás da porta, para lá dos nossos olhos.

treze anos. Um dos "forasteiros" da cidade, que mora nos Tucuns há já um bom tempo - tempo suficiente demais para que Gazua possa saber dele o necessário para alertar que se trata de um "tipo estranho", cuja casa de dois cômodos é cheia de véus de filó vermelho, e onde ele queima certa "fumaças de cheiro" - é falado, também, por outras vias, por outras línguas que não a de Gazua. Comenta-se na cidade que este homem "estranho" e "diferente", já "galo de São Roque" de velho que é, não tendo família, "é mulherengo sobejo da lábia fina". Já ouvira falar que o homem andava às voltas da filha moça de Gazua, "chamegando a menina" às escondidas do pai. Alguns chegavam a afirmar que os dois até já moravam juntos, "naquela casa das mais estranhas". Pois nesta tarde calma da praça - sem outra novidade que não fossem as folhas mortas pingando no chão - o "remereme" foi subitamente interrompido pelos "brados" da mulher de Gazua que, apavorada e acompanhada de outras mulheres, procurava pelo marido aos prantos: "o desgraçado roubou nossa filha. Viram os dois quando atravessaram o rio". Um homem velho daquele namorando com uma menina decente, de boa família, onde já se viu? Vi a fofoca que a cidade há tempo arrumava, transformar-se no seu escândalo. E logo com a filha de Gazua. Agora sim. A confusão que se armou, misturou padre com polícia, Dona Fulana com Sinhá Beltrana, lavadeira com zeladora de capela, colocando a periferia no centro e o centro na periferia. O caso virou notícia. Muitos dias se falou nisso, sem parar, até por boca de menino, na "praia do meio", quanto mais na praça, no bar de D., no restaurante de dona A., na oficina de O., no hotel de dona S., em saídas das missas da tarde, nas rodas de calçadas e por detrás do balcão do armazém ou na padaria. Gazua, por sua vez, andou sumido. Dias depois, com a calma na praça, o casal reaparece, tendo atravessado de volta o rio, e entrando sem susto na casa do ex-"galo de São Roque". Ele e a sua jovem companheira. Não se falou mais nisso.

O "CURADOR"

Impossível falar em Natividade sem se referir ao velho N. É outro "tipo" típico da cidade. Quando o conheci, ele ainda morava num desvão de serra, no sopé da saída da Chapada, para cima dos Tucuns. Dele não se fala bem, mas também não chega a ser mal o que dele dizem, apesar da exuberância de alguns dos "traços" que a cidade lhe confere:

Aquele homem
Feiticeiro e rezador
De dia todo é homem
E de noite é lobisome curador.

Alguns chegam mesmo a afirmar que o velho N. "tem parte com coisa do cão". E que, se ele sabe das "medicinas das plantas", também "mexe em trem fedido de dar medo". À casa do velho N., no entanto, acorrem clientes não só de Natividade, mas de lugares distantes, de outras regiões: "vem povo da Bahia, do Maranhão, do Pará, de Goiânia e até de São Paulo, tanta fama o velho tem". Não é "raizeiro", pelo que contam. Ou não apenas, pois é certo que "sabe das plantas" o segredo. Não é "rezador", ainda que reze "olho ruim", "ofendidura de cobra" e um tanto de "doença brava" que "não dá alívio por mão de doutor". Diz-se que "é um homem que sabe". O velho N. sempre me chamou a atenção. Curiosa é a forma como percorre a cidade, sempre muito apressado, andando passos ligeiros, falando alto e gesticulando a amplidão dos seus pequenos braços fortes. Segredo que se conta para ele lá em cima, na "casa do morro", é o mesmo que ele anda comentando alto, cá na rua, se acaso encontra com a pessoa no seu caminho: "sossega, moço, que já vi aquele negócio, mas tá difícil. Tô tentando saber, mas a mulher

não dorme, só vive acordada parecendo que é 'sombração, e se ela não dormir como é que dá de ir no sono dela?" Quem sabe do que se trata, se é segredo, cora, como eu mesmo corei quando, um dia, a título de testá-lo (era o que eu me dizia), experimentei-o na decifração de um fato que me importava entender. Me falavam que o velho N. era capaz de dar notícias de quem está longe, e eu, de posse de algumas notícias, já de antemão, sem que, no entanto ele soubesse, pedi-lhe que investigasse. As palavras do velho que transcrevi acima foram dirigidas a mim, em plena luz do dia, quando nos cruzamos na rua, cada qual às voltas com a sua manhã. A resposta correspondia. Quando fui procurá-lo, dias depois, em sua casa - foi quando começamos a nos aproximar mais intensamente - eu andava curioso com outro dos "traços" do seu comportamento "exótico", talvez da suas mais atraentes características: o velho N., que quase nunca andava só, estava sempre acompanhado por um pequeno grupo de meninos, os quais, segundo minhas observações, guardavam algumas semelhanças entre si. Eram todos meninos do lugar, cujas famílias não faziam nenhuma objeção em que morassem com o velho - até mesmo ao contrário -, devendo as suas idades variarem numa faixa dos oito aos treze anos, talvez no máximo quinze. Viviam com ele na casa de taipa e palha, chão batido, caprichosamente cruzada de bambús, amarrada por cipós, incrustada num patamar de serra, no meio da vegetação exuberante, naquele sopé a cujo acesso obrigava um caminho íngrime de degraus lascados na pedra. A sensação que se tinha ao subir, era a de que se deixava para trás o mundo. Ali era um outro espaço, quem sabe um outro tempo. A "taipa" me excitava a "curiosidade", e eu me perguntava se não seria coisa da minha cabeça ver ali coisas que, de fato, não existiam. O que seria? Nas primeiras vezes, eu me demorei pouco, e não porque o quizesse. A acolhida franca mostrava, no entanto,

limites, aos quais eu cedia, às vezes sem perceber. Eu não me demorava além do tempo necessário que, como disse, não era eu quem media. Neste tempo, eu havia me aproximado mais de um dos meninos que, mais tarde, me prestaria valiosas informações acerca daquele pequeno mundo. A casa dispõe de vários cômodos, muito amplos e arejados, sem outros móveis que não bancos ao longo das paredes, e, na sala, uma mesa ao canto. Não me recordo de outros enfeites que não fossem peles de animais, chifres, penas coloridas de aves, e o adorno do próprio trançado da taquara e da palha nas cumeeiras e nos encontros da cobertura com as paredes. No mais, pareceria tratar-se de uma oca. O ambiente por lá é sempre de muita calma. É dos lugares mais frescos que conheci em Natividade. Os meninos ou brincam ou trabalham, e são sempre receptivos a quem quer que chegue. O clima é cordial, ameno, amigável. Fui sendo sempre mais bem-vindo. Esperado até. Sempre mais. Gradativamente se instalou a confiança. Aos poucos fui percebendo que os meninos assumem importante papel na vida daquela casa. Um dia o velho me falou que era com eles que trabalhava. E que o fazia enquanto dormiam: "a gente só pode transportar com sono de menino. Quem anda é anjo. Adulto não presta prá isso". Com o tempo aquela casa me abriu mais as suas portas. E eu comecei a perceber nela as características de uma verdadeira escola, em que as formas do aprender misturam arte e brincadeira, disciplina e afeto. Muito do que pude apreender dos "estilhaços" que hoje tenho comigo, apreendi naquela "taipa". Natividade passa por ela. Com ares de feitiço e de magia ...

O "REZADOR"

A casa do velho F. fica praticamente no centro da cidade. É um homem respeitável, quase um "santo", não fossem algumas das fronteiras onde vão tocar as suas práticas. Se-lhe atribuem conhecimentos empíricos de terapêuticas que, - a cidade acata - ele manipula com reconhecida experiência e sabedoria. Assôciada, ainda, à sabedoria do velho F. e à sua respeitabilidade de "rezador", corre a fama que extrapola Natividade bem longe, e que é a responsável pelo desembarque de tantos "chegantes" à cidade, todos os dias, sabe-se lá de que mundos: a eficácia das suas "garrafadas".

Percebe-se entre os que mais comumente o frequentam, uma clientela que se distingue daquela que costuma acorrer à 'taipa' do velho N., sobretudo pela sua estratificação social e econômica na cidade. Mundos diferentes tangenciam os mundos de cada um destes dois velhos (médicos), no seio da mesma Natividade a que ambos pertencem.

O velho F. é um homem calmo, comedido, sereno, ancião mais que septuagenário, é respeitado na cidade - como disse - não apenas pelo "poder" das suas "garrafadas", como também pelo alcance dos seus acertados conselhos. A sua "prática médica" é compatível com as tradições da cidade. Mesmo quando se diz saber, discretamente, entre ouvidos, que o velho F. tem acesso a "esse mundo de espírito". Comenta-se, então, que "ele é rezador", sim, mas "trabalha na boa fé de Deus". Há mesmo quem diga que se trata de um "ministro de Cristo".

O velho F. raramente é visto nas ruas da cidade. Trabalha muito. É grande a demanda que lhe acorre, todos os dias. O velho N., ao contrário, é frequentemente visto e percebido na "rua". Também trabalha muito. É grande a demanda

que lhe acontece, sobretudo de noite. Natividade nutre por ambos atenção e respeito, com uma certa dose de admirado temor. A cidade fala de ambos, com falas que, por vezes, aparentam se contrapor, a um reconhecendo e a outro parecendo negar: balanço de aparentes contrários que se complementam, em arriscada harmonia.

São estes "tipos", que, sob a "escolha" do meu "olhar", permitem, segundo me parece, pensar nas aparentes antinômias com que a cidade revela seus "traços": tempo e espaço, noite e dia, homem e mulher, serra e pé-da-serra, a casa e a "rua", o "retiro" e o "curral", os "sertões" e os "gerais". E assim por diante. Categorias que cruzam a diversidade das formas com que Natividade se deixa flagar pela "curiosidade" do meu texto.

São flagrantes. Momentos. Instantâneos. Tensões que Natividade esconde, por sob o "equilíbrio" que ela mesma engendra. Penso que pode estar aí a causa das aparentes distorções - desfoques da sua imagem -, com que, por vezes, se revelam alguns dos seus "instantâneos", quando este "equilíbrio tenso" se manifesta em sobressaltos, colocando em questão o caráter extanque destas dualidades. O que poderia eliminar as sombras de algumas das suas "doenças". Porque, como se viu, sob a luz, elas talvez des-apareçam ...

É QUASE TEMPO DE DESCER ...

Daqui vejo o Manoel Alves rasgando a terra vermelha, lá longe. Reverbera o sol do sertão na superfície espelhada. Mais que manso. A distância, no entanto, me impede de ouvir o seu resmungado lamento. A travessia. Balsa e balseiro. O tréc-tréc das correntes. Manobra que manobra. Com força e com calma. Vejo. Lá longe a mata responde em écos o marulhar compassado das águas no casco. Parece que não aporta. Tão distante a margem. O rio. O sol. As saias coloridas das mulheres. O rio. O olhar. A cobiça e o desdém. O balanço do rio embalando a modorra do passageiro. Quando a gente perde a balsa ...

A estrada que do rio sai é um afluente seco de poeira e pedra. Rebola suas curvas. Levanta fumaça. Alinha suas retas, em poucos quilômetros de suspirada expectativa, desde as barrancas da passagem até o primeiro sinal de casas. Trecho bom. A gente começa a folgar no alívio da última curva. É ali. Começa o aglomerado. A cidade chegou.

Fico aqui pensando, com o olhar atento tentando apreender limites: é uma cidade que acaba ou é uma cidade que começa? Estamos chegando? Ou estamos saindo? De um lado, para quem chega, é o aglomerado esboço de uma cidade que começa. Ensaio da "urbe", ou seja, periferias. Do outro lado, para quem sai, é o fragmentado desmaio de uma cidade que termina. Resquícios. Indícios. Ou seja: periferias. Tanto para quem entra quanto para quem sai.

Assim, daqui de cima, vejo a amplidão do Planalto espremendo contra a dureza da rocha um pequeno emaranhado de ruas, becos, praças, construções, desmaiada arquitetura de formas. Casarios e casebres. Tanto faz. O mundo empurra um mapa lá embaixo desenhado contra a busca do meu olhar. Indistintos

"traços". Os que avançam. Os que recuam. Tanto faz. Sul e norte giram, abrindo saídas e fechando entradas. Transitar é preciso ...

A velha igreja em ruínas dorme no centro de Natividade. As "ruínas" não. Vigiam um sono de séculos. Pedras sagradas de sombras, elas inscrevem passado. E não se protegem da ambição dos machados ou do atrevimento das picaretas noturnas que, numa estranha devoção, vasculham seu secreto brilho metal. A canga se fende. Mas as paredes perduram ...

O cemitério é aquela mancha calma que agora se esparrama ante os meus olhos o seu borrão de lembranças. Bento Garimpeiro está enterrado ali. Passou pela "casa de saúde", "acidentado da idéia". De tanto vagar, morreu. Lembro bem do enterro. Fui um dos seus coveiros de última hora. Dinda e eu suas únicas testemunhas de óbito consumido pelo ventre da terra. Mãe. Cova rasgada a golpes de picareta. Terra emprestada. Me vejo lá: espantado com a expressão do amigo Bento, enrolado na cobertura de ocasião, aninhado, sorrindo dos cinco palmos. Não careceu dos sete. Justa medida além dos "encontros": Bento era osso. Recostou o crânio pelado e ficou, sem esperar parente que não vinha, não tinha. Dinda me disse que "o pé anda catando a cova, mas quando é chegado, cova aberta não pode ficar esperando pé". Pois ali bateu. Sem bateia, sem nada. Bento. Na Festa da Padroeira. Morte que fala de ouro. No dia da Natividade da Mãe de Deus.

Daqui a pouco é hora da "caçada", do encontro, das calçadas. Depois do "banho de poço", é "falar borracha", é "acudir preguiça", é tomar cerveja e seguir no rumo dos Tucuns: o "baile", a "mulherada", o riso, a festa, a dança, a briga, a "treta", a "gambira de ocasião", os amigos, os companheiros, os "outros" e as "outras". Daqui a um pouco é ver: mulher ralhando menino na praça se sujando tudo de novo. Zé Bito lá, grimpendo.

E as mães ralhando. O velho cochilando, enquanto a cara da praça se transforma: auto-falante, novena e forró põem povo na rua. Fofoca aqui, fofoca ali. A vida circula esferas que giram. O mundo se desmonta de tontura. O mundo se recria. Estrela é que não vai faltar para encobrir os restos da festa. E nem para espionar. É sertão. Aqui tudo começa em briga. E aqui tudo acaba em paz.

Lá em cima a velha "Cidade Escrava" se prepara prestes a despertar seu sono. Quando lá embaixo é noite, aqui é dia. E é quando o tempo pára: o galo canta despertando da sombra os vultos, que já é hora de descer. Tem serviço. É hora de "cabra" trabalhar ...

Vi poucas vezes a cidade da escuridão da serra. Brilha. Luz aqui não se paga. O que não impede que Natividade mantenha às escuras seus becos. Para que corujas os cruzem.

Na "Ave-Maria" o vento bate cadência de morro em folha de jatobá e mangueira. Lugar de maldição. Uma espécie de zona proibida, quando a noite vem. Visões. Vozes, Mandados. E o andar apressado de algum sonâmbulo no rumo da velha igreja onde a canga vigia. Amanhã tem surpresa de terra mexida na porta das freiras. "Ente vaga solto por debaixo daquela sombrona escura". E é prá lá que rola a serra, desafiando o tempo na vida da cidade.

Quando Dinda me aconselhava, preocupada, a descer da serra "em antes de escurecer", era porque, segundo ela, há um determinado momento em que "o tempo pára". E insistindo me dizia que, "naquela hora até a água deixa de rolar, cessa". Pedia que eu reparasse bem. "É nessa hora de esmaecer até pedra, que o tempo descansa, e ninguém não pode ver. É perigoso não tornar".

Aí prá dentro tem um lugar de uma gargantona funda que é poucos que viu. Uma lapa fria da água bem alvinha, escorrendo por aquela bocona. Tem uma hora que fica um escurão medonho, do ar cansado. Pega pesa e entrava na carne. De chupar até a alma. Se for nesse tempo, um que entra lá não sai mais. Já viu isso? É quando o tempo descansa. Até água dorme. O cór'go pára. Não é nem de ver, parece um mistério. Se ficar lá dentro, a bocona come ele, mastiga. Quem fica lá nessa hora, não volta mais. Some. A grotta pega engole. Fica lá esmagado no meio do escuro. Quando é por uma hora dessa, tem que voltar, em antes que o tempo pare. Essa lapa é onde o tempo dorme.

Dinda ainda me dizia já haver perdido a conta do tanto de menino que, em Natividade, nasceu pelas suas mãos. Agora não queria saber mais. Se aposentara. O que não a impedia de me repetir, com insistência, que eu deveria "virar a cara pró outro lado na hora que menino tá nascendo". Por que seria? Dinda me falava que "o bafo da mãe-do-corpo na cara da gente, naquela hora, é coisa que não faz bem".

Refletia. Quanto à existência de um "bafo da mãe-do-corpo, - e "naquela hora" - eu conseguia encontrar uma "lógica". Me dizia. Pela própria fisiologia do parto. Pelas características mecânicas do período expulsivo. A cabeça do feto insinuada no "canal-do-parto", na entrada escura do túnel - a luz lá fora - me fazia crer que deveria acontecer um deslocamento da coluna de ar ali retida: o "bafo" é o ar com cheiro "das águas"? Mas e por que razão, então, este "bafo" haveria de me fazer mal?

Descia pensando nas coisas estranhas deste pé-de-serra: "O ar cansado pega pesa e entrava a carne". De qualquer forma, sempre era hora de descer. E descia cheio de "histórias" na cabeça, divagando a olhar "ruínas": "... e é quando o tempo

pára". Descendo. Resistindo a nascer. Querendo "subir na sombra", pensava partos, cavernas, gargantas e canais escuros. E ia descendo.

Talvez fosse isso: seria preciso virar a cara, porque "naquela hora o tempo pára". Quase escurecendo, transpunha a ponte entre-metáforas: a "água parada", - uma "aguinha amarela" - o canal escuro, profundo, e um menino por nascer ...

Aquela "mulher-cabra" tinha razão: "mal de cabra é só mão de cabra que cura". Pensava, assim mesmo, nas aparências da sua "queixa", ou na queixa de suas "aparências".

Uma aguinha amarela, fedida, nojenta,
supurando num olho d'água suja, esse meu
corpo.

Assim, enquanto descia, não olhava para trás. Virava a cara, com a cidade pela frente, e ia de encontro às suas lembranças, a serra por detrás. Escuros. Quintais. Casas e periferias. Natividade me reportava aos espaços das suas mulheres "invisíveis", com aquela estranha mulher me passeando pela cabeça.

Natividade ...

Cabras ...

Enfim, quando o sol baixou sobre a cidade, por detrás da serra, pombos arrulharam no lusco-fusco da penumbra dos quintais. Cheiro bom de cozinha. Bafo quente dos fornos e dos fogões. Choro de menino. E os pombos, anunciando o fim da tarde. Dizendo que o dia morria. Zé e Izabel cruzaram a praça,

no seu passeio vespertino: poema apaixonado e prenehe deste sentimento tão humano que é o querer bem. "Identidades". Izabel é cega. Zé é coxo. Ela o ampara. Ele a guia. São eles que me dizem ser possível caminhar nesta mistura de noite e dia. E que, enfim, um caracol não se esconde. Anda no meio das pedras.

Eu me sinto agora aconchegado, percebendo, afinal, que Natividade é desse jeito: "cabra".



11
12
13
14

POST-FACTIO: CABRAS

"A imagem poética nova - uma simples imagem! - torna-se assim, simplesmente, uma origem absoluta, uma origem de consciência. Nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta. A consciência de maravilhamento diante desse mundo criado pelo poeta abre-se com toda ingenuidade".⁴⁵

Eis posto que eu vi contar nesse mesmo pé de serra, e que escutei foi por boca de gente antiga o que se deu por aqui ainda por pouco prazo, não de muitas eras, o que se passou com uma mulher por nome Conegundas. Andou por aqui, enfumaçada que parecia que passava uma névoa nas vistas feito cascavel, de tanto que já tinha vivido. O olho assim, meio enviezado. E tão forte que é de medida que, se ela pedisse alguma coisa a alguém e fosse negada, o povo falava que botava mau em cima da pessoa que era prá pegar no ato. Velha preta curraleira de muitas eras sofras, um modo grosso de corpo, olho baixo e pesada no tipo. Era ver e desconfiar que andava por ali alguma coisa, por causa da parecença. Era de assunto que sabia dessa porqueiragem de feitiço e bruxaria. Pois que mataram a já velha no rondar do tempo, só pelo caso das ciências que dava em trem que ninguém mais sabia. Tem aí até hoje uma pedra de atalho no rumo da serra que ficou por testemunho do que viu. Tá sempre suando uma aguinha escura, quente. Tem quem fala que é água de virtude, boa de curar incômodo. Pois é mesmo o puro suor da negra. Lugar de maldição aquele. Prá acordar das maldades. Foi ali mesmo que ela apanhou de porrete na mão de feitor até morrer, a pobre. Essa Conegunda era mulher cabra. E de muita fama que ainda tem quem conta.*

É, tem delas que acaba volta cavalada em vivo. Feito entre ruim de atormentar a idéia e esparramar o juízo. Encosto assim, quando é de cabra que torna, só mesmo o KAMBA - palavra

*A "respeitabilidade da benzedeira a que se refere BARTHES em "Elementos de Semiologia", não parece se aplicar às categorias socialmente percebidas como dotadas de "poderes", mas que são classificadas como "más" e possuidoras de "conhecimentos" abomináveis. A "intenção classificatória", que é intrínseca dos sistemas sociais, volta - se contra elas.

do segredo -, tem poder de livramento. É porque acomoda tempo com tempo, pega estranha vivo de novo na carne como quer, mas do jeito de for. Cabra quando é do tipo que volta, vaga solto no mundo de gente, até que é hora posta de encorpar. A gente logo vê: barriga de mulher que vai parir cabra não tem descanso igual das outras, não. Ou bem quando já é parida e quem dá fé não viu, é só esperar peteco e dos mais custoso.

Esse lugar aqui tem muito dessas coisas ... Quem pensa que pedra lá de cima não rola mais cá prá baixo, há de estar por aí, no risco de tropicar na caladona do tempo, sofrer golpe distraído, pensar que é uma coisa vai ver é outra. Cabra que torna é prova que pedra ainda rola. Sunta bem história que anda por aqui, de boca em boca, cochichando em pé de ouvido, prá ver quem é que entra sem ser chamado no sonho desta gente. Se não é que o tempo segue, então o que será?

Quando elas encorpa em homem, eles fica assim, de um jeito estranho. É que elas volta com força de mulher em corpo de homem. E essa fêmea, quizumba da mata, cabeça velha de luta antiga, fica andando descabreada pelo corpo do macho. Vai dos pés até a cabeça, revira os miolos, bota neles um jeito estranhado de pensar. Torna circeia da cabeça até os pés, põe uma levura no rijo das carnes que desacomoda o bruto, amansa o corpo, dá vigor na ponta dos dedos, na palma da planta prá andar firme no passo de cultivo brando. Acaba que bota neles um jeito de andar pelo mundo. Quem vai dar fé naqueles modos se o homem não se atipa nem no tempo e nem no jeito que é prá ser? Fica por aí, sozinho, pensando pelos pés, andando pela cabeça.

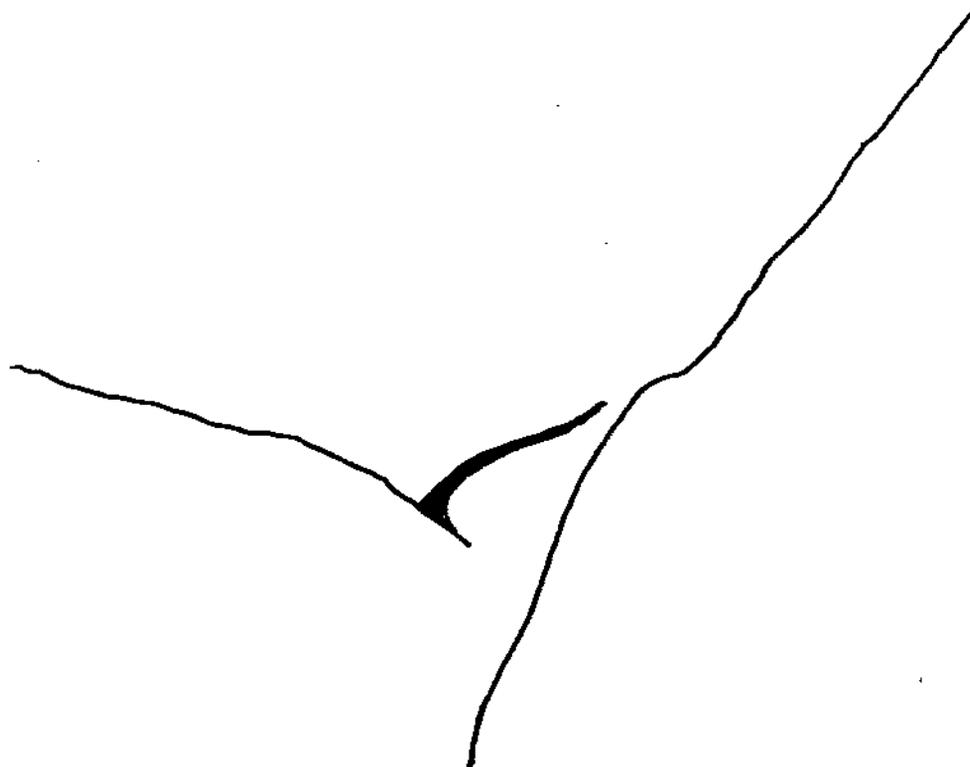
Bruxas, magas, feiticeiras e macumbeiras: "essa gente de quizumba"-, não parece gozar de tal "respeitabilidade" ainda que temidas por suas "estranhas naturezas". Para elas ainda se ergue a sanha das novas fogueiras, apesar da demanda que a elas ocorre, fortuita e indiscriminadamente, em momentos de infortúnios.

Quando bola a Kamba e elas encorpa em mulher, elas também fica assim, de modo estranho. Tem uns que diz que aquilo de mulher só tem a aparência ... É que elas volta encarnada com força de homem em corpo de mulher. E a virtude do poder de macho que ela roubou da casa de senhor - coisa de fustigar mundo em pé de luta -, fica andando pelo corpo da mulher. Vai dos pés até a cabeça, revira por dentro o tutano, desencarrega os miolos, bota nelas um jeito de pensar em desaprumo. Põe uma força de bicho bravo na ponta dos dedos, estira e encanta a fibra das carnes, desafia a palma da planta, desembesta o costume numa força nova de andar. Quem vai dar fé nos modos se a mulher não se atipa de cedo no capricho do uso que é do direito prá ser? Elas fica por aí: um desatino forte de pensar pela cabeça delas mesmo, e de não parar mais em roda de fogão ou em beirada de cór'go. Danação de andar com os pés no mundo. Tem um cão que segure desenfreio de tição?

Cabra tem feitura é desse estilo mesmo. É bem assim nesse modelo que o tempo arruma no segredo essa iguala de gente, homem ou mulher tanto faz. É Kamba, esse povo Cabra que tem a raiz da vida pelo avesso ... Um pé-de-vento amarrado na alma. Prá conhecer, tem que ver bem: já tá preso o traço na marca do olho. Quem sabe, vai logo dizendo sumido prá dentro: é cabra. Quando olha pró outro, se for que é do mesmo guiso, vai logo dando fé: feito eu, dou conhecimento. Daí que cala. É prá falar uma outra fala. Só cabra dá compreensão na PALAVRA que outro cabra diz. E, é mais das vez nem não precisa falar e o entendimento vem. E ninguém mais dá assunto. É por isso que cabra malina, às vezes até sem saber, bota medo e assusta até sem querer. É pela força daquela virtude da PALAVRA: jeito de pensar, jeito de andar. Vai botando esse medo. O povo não feiçoa cabra é por conta disso. Ninguém gosta de engolir espanto sem o menos um gritinho. Justo por esse assunto que vai

por parte do "imundo" sem ser, e o povo chega a escurraçar cabra, tanto dos home como das mulher. Pode ver aí o punhado de mão tremendo apertando em mira cega essa gente. E isso é safadagem, porque um dia 'caba acerta. E cabra morre sem saber por que, por mão de gente que mata sem saber por que. Vai ver é tudo medo. De uma banda e de outra, daqui prá acolá. Porque também tem desse povo em qualidade certa no jeito de ser, que bota medo em cabra. Quem dá fé dos dois lados não se assusta. Sabe do modo como é. Pensa no prumo do que vê e vai no rûmo do que pensa. Não fica arengado, mais ainda é que cala ... Cabra é desse jeito.

Divina, a que endoidou de barriga, passou o tempo desgovernada sem posse da pessoa. Quase morreu em tempo de parir. Não sabia da história das eras, e já não dava mais conta de lutar com as visões que tinha. Um dia sumiu no rumo dos Gerais ... E foi com tempo que chegou no fim de mundo onde o velho já esperava por ela. Do jeito que era prá ser se deu, e a menina foi saltando prá fora feito um caroço.



À GUISA DE ARREIMATE

Do que foi visto, é possível depreender uma relativização do diagnóstico clínico, quando se pretende olhar a "doença" iluminada por um fecho híbrido em que o espéctro mescla a apreensão que a medicina faz, com a leitura que a antropologia permite.

Assim, retomando a "queixa principal" da mulher "estranha" que me procurou no consultório, apresentando colada à sua "estranha identidade" a insinuação de um "estranho mal", cuja "cura" ela reservava à intervenção de mãos que lhe fôsem "familiares" - "mãos de cabra" -, solicitando-me, no entanto, intervir na aparência do seu "incômodo" através dos recursos terapêuticos ao alcance das minhas mãos e por mim compreensíveis, pode-se apurar que:

- 1- O diagnóstico da "doença" baseado apenas numa "queixa principal", e numa história "clínica", ainda que possa resultar na eficácia de procedimentos terapêuticos considerados adequados, é, ainda assim, limitado à superfície que, sob a "queixa", esconde as profundezas de raízes que escapam à circunscrita leitura da clínica, quando se considera a possibilidade de que o "incômodo" possa traduzir as falas do complexo cultural expresso nas "estranhezas" de uma identidade social imperceptível ao olhar médico, e apenas compreensível à luz da cosmologia em que ela - a "doença" -, organiza os seus códigos;
- 2- A relativização do diagnóstico que o olhar antropológico concita, permite ao médico tentar a compreensão das falas da "doença" - as suas metáforas-, remetendo-o ao universo da cultura, em

cujo seio os sinais e os sintomas que a compõem se acrescem de outros sentidos, desnudando-lhe outros conteúdos;

3- A intervenção terapêutica apontada pelo conhecimento organizado e sistematizado na forma do diagnóstico clínico, fruto das incursões do olhar médico em torno da "doença", pode ser facilitadora à reorganização de desarranjos de natureza cultural que, por ventura, as falas do "incômodo" aparente bem podem estar querendo expressar;

4- A distinção franca entre a "queixa principal", tomada como revelação aparente de um "fenômeno patológico" de maior abrangência, e o verdadeiro "mal", cujo complexo escapa aos limites da intervenção médica, distinção esta que se apresenta abertamente já nas primeiras falas da "mulher cabra", tornam evidentes para o médico a exigência de atenções e de cuidados especiais no momento de intervir sobre as "queixas" do seu paciente, com o risco de incorrer, segundo já me referi, no que poderia representar uma ordem de iatrogênese cujas conseqüências seriam imprevisíveis, por tocarem no terreno movediço em que as tramas da vida compõem as intrincadas redes da cultura.

**UMA AGUINHA AMARELA, FEDIDA, NOJENTA,
SUPURANDO NUM OLHO D'ÁGUA SUJA, ESSE
MEU CORPO**

O diagnóstico de uma leocorréia - corrimento vaginal pelo geral de odor fétido, de aspecto leitoso e de coloração por vezes amarelada, conseqüente a infecções em grande parte devidas a etiologias micóticas - é bastante corriqueiro nas clínicas ginecológica e obstétrica. São, no entanto, relativamente simples as escolhas quanto à intervenção terapêutica, e não deve apresentar maiores complicações o diagnóstico diferencial. É comum que se prescrevam, concomitantemente à eleição de drogas, medidas que visam a correção de prováveis desequilíbrios entre elementos de natureza bioquímica, presentes no arranjo anátomo-fisiológico das genitálias. Ou seja, a intervenção médica deve levar em conta a necessidade de se "limpar", por assim dizer, o chamado canal de parto, e de "desobstruí-lo", com a eliminação de agentes patogênicos e das suas conseqüências. Desta forma, a atenção médica poderá resultar eficaz, mesmo se limitada à superficialidade da "doença" diagnosticada pelos procedimentos habituais da clínica. A leocorréia - ou o "corrimento" -, será curada mediante a prescrição de drogas comprovadamente eficazes, testadas em ensaios clínicos e farmacológicos. Mas e quando ela se associa a um outro "mal", cujo complexo de causas extrapola as explicações fisiopatológicas suficientes para garantir ao médico segurança na sua prescrição, conforme descrevi?

É possível que se estabeleçam paralelos entre a "mulher-cabra" e o seu "corrimento", a natureza aparente da sua "queixa principal", e a natureza profunda do seu apenas

insinuado "mal de cabra", com as metáforas apresentadas ao longo do texto, quando foram relatados alguns dos mitos de Natividade, permitindo que os liames evidentes nestes paralelos possam me auxiliar agora, nos arremates desta conclusão.

Por exemplo.

- O tempo que pára, num certo instante, recolhendo-se para dentro da gruta, cessa o movimento e descansa, não se aconselhando permanecer, nesta hora, no "canal da água", porque é quando ele, o tempo dorme ... São imagens que poderiam ser colocadas num outro contexto - o do trabalho de parto -, para dizer, pela metáfora a dinâmica acelerada das estruturas que intervêm na fisiologia do nascer - a sua mecânica - quando o feto deixa o útero e percorre o canal escuro da vagina que o levará à luz.
- A existência de um "bafo" do "canal do parto", neste mesmo instante, quando é preciso que se volte o rosto para o lado, dele se protegendo ... É um momento em que, para o nascituro, o tempo pára. De acordo com o jargão médico, será necessário, depois, "ressussitá-lo", ou "reanimá-lo".
- Imagens escuras de quintais e de terreiros, supurando agulhas fedidas, nojentas, contra o pano de fundo de coloridos varais, ou seja, algumas das estruturas de alguns desses mitos, em Natividade, mais esses "fundos de casa" a partir de onde se alastram os espaços plurais dos territórios domésticos, podem compor com falas de mulher, especialmente as desta "mulher-cabra", nas formas aparentes de sua "queixa".

Na verdade a "cabra" que me procurou me solicitava intervenção "higienista", anterior àquela, "curativa", que, posteriormente, se daria por ocasião do seu parto -, e por

"mãos de cabra", a fim de que o seu "mal" fosse definitivamente "tratado" com a "palavra", recolocando, para esta mulher, os segredos da cosmologia que lhe torna compreensível não apenas o seu "mal" - "mal de cabra" -, mas, mais do que isso, a sua própria identidade.

Não fosse, entretanto, eu ter arremetido tão diferentes dados sobre a mesa, repetindo inumeráveis arranjos e intermináveis leituras, e estaria aqui dizendo, agora, que um "corrimento fétido" é uma leocorréia e nada mais, resguardando-me de outros diagnósticos diferenciais que não os da Propedêutica Médica.

Conforme falei nas metáforas do Prólogo à Introdução, como um convite à leitura desse texto, me interessava sequestrar o espéctro concentrado na ação de atores sociais no palco das suas representações - a oficialidade -, e lançar fugáz um facho sobre a escuridão da platéia, roubando-lhe o instantâneo. A imagem das margens em que "cabras" se movimentam, exercendo os seus papéis, será sempre fugidia e célebre. Como um sonho.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- ¹⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural.
- ¹⁶ VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benim e a Bahia de Todos os Santos.
- ¹⁷ Ryard de Laval, colhido na mesma obra (Verger).
- ¹⁸ BERQUÓ, Elza. Fatores estatísticos e dinâmicos (mortalidade e fecundidade). In: _____. Dinâmica da população.
- ¹⁹ BITÓ geralista. Extrato de entrevista.
- ²⁰ MALINOWSKI, Bronislau. Argonautas do Pacífico Ocidental. Tema, método e objetivo desta pesquisa.
- ²¹ _____.
- ²² LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural.
- ²³ MALINOWSKI, Bronislau. Aula inaugural.
- ²⁴ MILLS, C.W. Do artesanato intelectual. In: _____. A imaginação sociológica.
- ²⁵ GEERTZ, Clifford. Notas sobre a briga de galos Balinesa. In: _____. A interpretação das culturas.
- ²⁶ PRITCHARD, E.E.E. Os Nuer.
- ²⁷ _____.
- ²⁸ MAUSS, Marcel. Essaie sur le don.
- ²⁹ KOFES, Sueli. O diagnóstico na armadilha na diferença.
- ³⁰ TURNER, Victor. o processo ritual.

- 31 LEVI-STRAUSS, Claude. Aula inaugural.
- 32 GEERTZ, Clifford. Notas sobre a briga de galos Balinesa. In: _____. A interpretação das culturas.
- 33 LEVI-STRAUSS, Claude.
- 34 _____.
- 35 ENTREVISTA.
- 36 KOFES, Sueli. O diagnóstico na armadilha de diferença.
- 37 LEVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos.
- 38 CARREL, Lewis. Alice no país das maravilhas.
- 39 _____. Um chá muito maluco. In: CARROL, Lewis. Alice no país das maravilhas.
- 40 BERQUÓ, Elza. Índice de masculinidade.
- 41 ENTREVISTA com A.P.M. de 30 anos, vaqueiro em Natividade, Goiás.
- 42 TEIXEIRA, Maximiano da Matta. Outras estórias de Goiás - terra, lendas e gente.
- 43 TEMPS mytique, temps historique, temps quotidien chez Les Baruya de Nouvelle - Guiné. In: TEMPS libres, colloques temps et societes.
- 44 ENTREVISTA com E.B., 74 anos, Natividade.
- 45 BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio.

ANEXOS

A N E X O S:

- Em Natividade, o Trabalho
- O Perfil Fundiário, Hoje
- Rendimento Médio Mensal

SETORES DE ATIVIDADE DE DEPENDÊNCIA E CONDIÇÃO DE ATIVIDADE
EM NATIVIDADE, O TRABALHO N' ATIVIDADE

SETOR DE ATIVIDADE	PESSOAS MAIORES DE 10 ANOS		%
Atividades de Agropecuária, de Extração Vegetal e Pesca	Economicamente Ativas	3.194	31,68
	Não Economicamente Ativas	4.671	46,33
Indústria da Construção	Economicamente Ativas	123	1,22
	Não Economicamente Ativas	149	1,48
Comércio de Mercadorias	Economicamente Ativas	142	1,41
	Não Economicamente Ativas	256	2,54
Prestação de Serviços	Economicamente Ativas	190	1,88
	Não Economicamente Ativas	107	1,06
Procurando Trabalho	Economicamente Ativas	104	1,03
	Não Economicamente Ativas	24	0,24
"PESSOAS EM CONDIÇÕES INATIVAS"		1.122	11,13
T O T A L		10.082	100

O PERFIL FUNDIÁRIO, HOJE
A TERRA: "Grupos de Área Total"
Distribuição e Posse, segundo o Censo ...

Classificação da Propriedade por tamanho	TAMANHO DAS PROPRIEDADES	NÚMERO DAS PROPRIEDADES	% SOBRE O NÚMERO DE PROPRIEDADES	TOTAL
PEQUENA	2 a 5 he	1 propr. c/2 he	2,02%	2 he
	5 a 10 he	7 propriedades		35 he
	10 a 20 he	21 propriedades		291 he
MÉDIA	20 a 50 he	143 propriedades	38,74%	5.987 he
	50 a 100 he	188 propriedades		16.167 he
	100 a 200 he	225 propriedades		33.130 he
GRANDE	200 a 500 he	416 propriedades	57,56%	137.786 he
	500 a 1.000 he	170 propriedades		131.813 he
	1.000 a 2.000 he	149 propriedades		201.251 he
	2.000 a 5.000 he	91 propriedades		279.575 he
	5.000 a 10.000 he	23 propriedades	1,67%	166.564 he
	10.000 a 100.000 he	1 propriedade		17.424 he
T O T A L		1.435 propriedades	100%	990.025 he

RENDIMENTO MÉDIO MENSAL, EM NATIVIDADE
CONSIDERANDO INDIVÍDUOS ECONOMICAMENTE ATIVOS, MAIORES DE 10 ANOS

RENDIMENTO MÉDIO MENSAL	Nº DE INDIVÍDUOS	PORCENTAGEM SOBRE TOTAL DE SUJEITOS ECONOMICAMENTE ATIVOS
Até 1/4 salário	348	3,27%
1/4 a 1/2 salário	1.323	12,44%
1/2 a 1 salário	1.372	12,91%
1 a 1 1/2 salários	619	5,82%
1 1/2 a 2 salários	136	1,28%
2 a 3 salários	158	1,49%
3 a 5 salários	83	0,78%
5 a 10 salários	46	0,43%
10 a 20 salários	21	0,20%
20 salários	0	0%
S/RENDIMENTO	6.524	61,37%
T O T A L	10.630	100%

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BACHELARD, G. A poética do devaneio. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 1988. 205 p.
- 2 _____. A poética do espaço. Trad. de Antônio da Costa Leal Lúcia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca. 176 p.
- 3 BARTHES, R. O mito hoje. In: _____. Mitologias. Trad. de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 7.ed. São Paulo, Ed. Bertrand Brasil-DIFEL, 1987. p.129-78.
- 4 BERQUÓ, E.S. Fatores estatísticos e dinâmicos (mortalidade e fecundidade). In: SANTOS, Jair L.F. et al. Dinâmica da população; teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo, T.A. Queiroz Ed., 1980. p.21-85.
- 5 CASTIGLIONI, A. História de la medicina. Barcelona, Salvati, 1941. 906 p.
- 6 EVANS-PRITCHARD, E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 316 p.
- 7 _____. Os Nuer; uma descrição e modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo, Perspectiva, 1978. 276 p.
- 8 FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Organização e Tradução de Roberto Machado. 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- 9 _____. O nascimento da clínica. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977. 241 p.
- 10 GARDNER, G. Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos 1836-1841. São Paulo, Ed.Nacional, 1942. 467 p.

- 11 GEERTZ, C. Um jogo absorvente; notas sobre a briga de Galos Balinesa. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. cap.9, p.278-321.
- 12 GLUCKMAN, M. Gossip and scandal. Currente Anthropology, 4(3):307-16, June, 1963.
- 13 _____. O material etnográfico na antropologia social. In: GUIMARÃES, A.Z., org. Desvendando máscaras sociais. Trad. de Luiz Fernando Dias Duarte. s.l., Francisco Alves, 1975.
- 14 KOFES, S. O diagnóstico na armadilha da diferença. s.n.t.
- 15 KUNIYOSHI, Y.S. & RODERJAN, C.V. Vegetação; formações florestais do Brasil. Curitiba, 1987. 19 p. mimeogr.
- 16 LÉVI-STRAUSS, C. O feiticeiro e sua magia. In: Antropologia estrutural. Trad. de Chaim Samuel Katz & Eginardo Pires. 2.ed. Rio de Janeiro, Biblioteca Tempo Brasileiro, 1985. p.193-213.
- 17 _____. A eficácia simbólica. In: Antropologia estrutural. Trad. de Chaim Samuel Katz & Eginardo Pires. 2.ed. Rio de Janeiro, Biblioteca Tempo Brasileiro, 1985. p.215-235.
- 18 _____. Tristes trópicos. Lisboa, Edições 70, 1986. 415 p.
- 19 MALINOWSKI, B. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: Argonautas do pacífico ocidental. 3.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1984. 424 p.
- 20 MATTA, R. A. O ofício de etnólogo, ou com ter anthropological blues. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, s.d. 19 p. datilogr.
- 21 POHL, J.E. Viagem no interior do Brasil empreendida nos anos de 1817 a 1821. Trad. do Instituto Nacional do Livro da Edição de Viena-1837. Rio de Janeiro, INL, 1951.
- 22 SODRÉ, M. A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro, CODECRI, 1983. 215 p.
- 23 SONTAG, S. A doença como metáfora. Trad. de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro, Graal, 1984. 108 p.

- 24 RODRIGUES, N. Procedências africanas dos negros brasileiros. In: Os africanos no Brasil. São Paulo, Ed.Nacional, 1982. p.13-37.
- 25 ROMERO, S. Estudos sobre a poesia popular do Brasil, Rio 1888. In: RODRIGUES, N. Os africanos no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1982.
- 26 TEMPS Libre, 4. Paris, Temps Libre-Denoel, 1981. 155 p.
- 27 THOMPSON, E.P. Time, work-discipline and industrial capitalism. Past and Present, (38):56-97, Dec. 1967.
- 28 TURNER, V.W. Planos de classificação em um ritual da vida e da Morte. Morgan e a religião. In: O processo ritual; estrutura e antiestrutura. Trad. de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974. p.13-60.
- 29 VELSEN, J.V. The extended - case method and situation analysis. s.n.t. mimeogr.
- 30 VERGER, P. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX. 3.ed. Trad. Tasso Gadzanis. São Paulo, Corrupio, 1987. 718 p.
- 31 VIEIRA, R. Semiologia médica. 11.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1968. t.1.
- 32 MILLS, C.W. Do artesanato intelectual. In: A imaginação sociológica. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, |1965|. p.211-43.